A QUEDA D'UM ANJO

ROMANCE

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

LISBOA
LIVRARIA DE CAMPOS JUNIOR — **EDITOR**
37 — Rua Augusta — 81
1866

DEDICATORIA

ILL.^mo E EX.^mo SR. ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

Meu amigo.

Volto a offerecer-lhe uma das minhas bagatelas. Chamo assim, para me fingir modesto, bagatelas a umas coisas que eu reputo no maximo valor. Se não fossem ellas, naturalmente eu não chegaria a grangear a estima de V. Ex.ª, que m'as tem lido, e alguma vez louvado. Já V. Ex.ª, antes de me conhecer, quiz encravar a roda do meu infortunio, roda com que eu estou sempre brincando como as creanças com os seus arcos. Que tinha eu feito para commover a bemquerença do meu prestante amigo? Tinha feito uns livros futilissimos, á imitação d'este que lhe offereço.

Não é esta boa opportunidade de eu vir com a minha oblação de pobre a V. Ex.ª Lembra-me a sentença do nosso Diogo de Teive:

Donat cum egenus diviti
Retia videtur tendere.

Os praguentos hão de querer ver aquellas *rêdes,* por que não sabem que V. Ex.ª já me constituiu, ha muito, no dever de eterna e profunda gratidão.

Lessa da Palmeira 27 de setembro de 1865.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

I

O heroe do conto

Calisto Eloy de Silos e Benevides de Barbuda, morgado da Agra de Freimas, tem hoje quarenta e nove annos, por ter nascido em 1815, na aldeia de Caçarelhos, termo de Miranda.

Seu pae, tambem Calisto, era cavalleiro fidalgo com filhamento, e decimo sexto varão dos Barbudas da Agra. Sua mãe, D. Basilissa Escolastica, procedia dos Silos, altas dignidades da egreja, commendatarios, sangue limpo, já bom sangue no tempo do senhor rei D. Affonso I, fundador de Miranda.

Fez seus estudos de latinidade no seminario bracharense o filho unico do morgado da Agra de Freimas, destinando-se a doutoramento *in utroque jure.*

Porém, como quer que o pae lhe fallecesse, e a mãe contrariasse a projectada formatura, em razão de ficar sosinha no solar de Caçarelhos, Calisto, como bom filho, renunciou á carreira das lettras, deu-se ao governo da casa algum tanto, e muito á leitura da copiosa livraria, parte de seus avós paternos, e a maior dos doutores em canones, conegos, desembargadores do ecclesiastico, cathedraticos, chantres, arcediagos e bispos, parentella illustrissima de sua mãe.

Casou o morgado, ao tocar pelos vinte annos, com sua segunda prima D. Theodora Barbuda de Figueirôa, morgada de Travanca, senhora de raro aviso, e muito apontada em amanho de casa, e ignorante mais que o necessario para ter juizo.

Unidos os dois morgadios, ficou sendo a casa de Calisto a maior da comarca; e, com o rodar de dez annos, prosperou a olho, tendo grande parte n'este incremento a parcimonia a que o morgado circumscreveu seus prazeres, e, por sobre isto, o genio cainho e apertado de D. Theodora.

Remenda teu panno, chegar-te-ha ao anno, dizia a morgada de Travanca; e, afferrada ao seu adagio predilecto, remendava sempre, e sergia com perfeição justamente admirada entre a familia, e fallada como exemplo na área de quatro leguas, ou mais.

Em quanto ella recortava o fundilho ou apanhava a malha rôta da piuga, o marido lia até noite velha, e adormecia sobre os in-folios, e acordava a pedir contas á memoria das riquezas confiadas.

Os livros de Calisto Eloy eram chronicões, historias ecclesiasticas, biographias de varões preclaros, corographias, legislação antiga, foraes, memorias da academia real da historia portugueza, cathalogos de reis, numismatica, genealogias, annaes, poemas de cunho velho, etc.

Respeito a idiomas estranhos, dos vivos conhecia o francez muito pela rama; porém, o latim fallava-o como lingua propria, e interpretava correntemente o grego.

Memoria prompta, e cultivada com aturado e insano estudo, não podia saír-se com menos de um erudito em historia antiga, e repositorio de noticias miudas sobre factos e pessôas de Portugal.

Consultavam-n'o os sabios transmontanos como juiz indeclinavel em decifrar cipos e inscripções, em restabelecer épocas e successos controvertidos por authores contradictorios.

Sobre castas e linhagens, coisa que elle tirasse a limpo, não dava péga a duvida nenhuma. Ia elle desenterrar geração já sepultada ha setecentos annos, e provar que, na era de 1201, D. Fuas Mendo casára com a filha de um mesteiral, e D. Dorzia se havia sujado casando mofinamente com um pagem da lança de seu irmão D. Payo Ramires.

Farpeados pela viperina lingua d'elle, os fidalgos provincianos retaliavam quanto podiam a prosapia dos Benevides, propalando que n'aquella familia se gerára um clerigo grande femieiro, beberrão e lambaz, a quem

o santo arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres, uma vez, perguntára que nome havia; e, como quer que o padre respondesse *Onofre de Benevides*, o arcebispo accudira dizendo: Melhor vos acertará com o nome, segundo a vida que fazeis, quem vos chamará de *Bene bibis* e *male vivis*.» [1] O remoque, talvez por ser de santo, era medianamente engraçado e pouco para affligir; assim mesmo Calisto Eloy, á conta d'esta injuria dos fidalgos comarcãos, tanto lhes esgravatou nas gerações, que descobriu radicalmente serem quasi todas de má casta.

É superfluo dizer-se a qual doutrinação politica pendia o animo do morgado da Agra de Freimas. Estava com a decisão das côrtes de Lamego. Fizera-se n'ellas, e cuidava ter assistido, em 1145, áquelle congresso mythologico, e ter conclamado com Gonçalo Mendes da Maya, o Lidador, e com Lourenço Viegas, o Espadeiro: *Nos liberi summus, rex noster liber est.* [2] Todavia, se assim fossem todos os doutrinarios politicos, a gente apodrecia na mais refestelada paz, e supina ignorancia do andamento da humanidade.

Calisto Eloy de Silos e Benevides de Barbuda queria que se venerasse o passado, a moral antiga como o monumento antigo, as leis de João das Regras e Martim d'Ocem, como o mosteiro da Batalha, as or-

[1] *Bebes bem* e *vives mal.* Fr. Luiz de Sousa confirma este caso, algures, na *Vida do arcebispo de Braga.*

[2] *Nós e nosso rei somos livres, etc.*

denações manuelinas como o convento dos Jeronymos.

O mal que d'aqui surdia ao genero humano, a fallar verdade, era nenhum. Este bom fidalgo, se lhe tirassem o sestro de esmiuçar desdouros nas gerações das familias patriciatas, era inoffensiva creatura. D'este senão, a causa foi um chamado *Livro-negro*, que herdára de seu tio avô Marcos de Barbuda Tenazes de Lacerda Falcão, genealogico pavoroso, o qual gastára sessenta dos oitenta annos vividos, a colligir borrões, travessias, mancebias, adulterios, coitos damnados, e incestos de muitas familias n'aquellas satanicas costaneiras, denominadas *Livro-negro das linhagens de Portugal.*

Em summa, Calisto era legitimista quieto, calado, e incapaz de impecer a roda do progresso, com tanto que elle não lhe entrasse em casa, nem o quizesse levar comsigo.

Prova cabal de sua tolerancia foi elle acceitar em 1840 a presidencia municipal de Miranda. Na primeira sessão camararia fallou de feitio e geito, que os ouvintes cuidavam estar escutando um alcaide do seculo XV levantado do seu jazigo da cathedral. Queria elle que se restaurassem as leis do foral dado a Miranda pelo monarcha fundador. Este requerimento gelou de espanto os vereadores; d'estes, os que poderam degelar-se, riram na cara do seu presidente, e emendaram a galhofa dizendo que a humanidade havia já caminhado sete seculos depois que Miranda tivera foral.

—Pois se caminhou, replicou o presidente, não caminhou direita. Os homens são sempre os mesmos e quejandos; as leis devem ser sempre as mesmas.

— Mas . . . retorquiu a opposição illustrada, o regimen municipal expirou em 1211, sr. presidente! V. ex.ª não ignora que ha hoje um codigo de leis communs de todo o territorio portuguez, e que desde Affonso II se estatuiram leis geraes. V. ex.ª de certo leu isto . . .

— Li, atalhou Calisto de Barbuda, mas reprovo!

—Pois seria util e racional que v. ex.ª approvasse.

—Util a quem? perguntou o presidente.

—Ao municipio, responderam.

— Approvem os srs. vereadores, e façam obra por essas leis, que eu despeço-me d'isto. Tenho o governo de minha casa, onde sou rei e govêrno, segundo os foraes da antiga honra portugueza.

Disse; saiu; e nunca mais voltou á camara.

II

Dois candidatos

Desde o qual incidente, o morgado, convicto da podridão dos vereadores em particular, e da humanidade em geral, prometteu a onze retratos, que tinha de onze avós, pintados indignamente, nunca mais tocar o cancro social com suas mãos impollutas.

N'este proposito, nem ao menos consentiu que o vigario lhe mandasse o *Periodico dos Pobres* do Porto de que era assignante emparceirado com mais quatro reitores limitrophes, e o mestre escola e o boticario.

Um dia, porém, quando elle saia da festividade de S. Sebastião, cujo mordomo era, deteve-se no adro, onde o rodearam os mais graudos lavradores da sua

freguezia e das visinhas. N'outro grupo, fallava-se do sermão, e da constancia do santo capitão das guardas do barbaro Diocleciano, e da desmoralisação do imperio.

Estas puchadas reflexões era o boticario que as expendia, coadjuvado pelo mestre de primeiras lettras, sujeito que sabia mais historia romana do que é permittido a um professor da preciosa e capitalissima sciencia de ler, contar e escrever, pelo que o sabio vinha a grangear para a humanidade a sciencia, e para elle nove vintens e meio por dia. E comia o sabio estes nove vintens e meio quotidianos, e ensinava os rapazes, e sobejava-lhe tempo para ler historia! Podéra!... Os governos davam-lhe férias grandes ao estomago, em proveito do espirito. Se elle andasse bem nutrido e succado de tripa, não aprendia nem ensinava coisa de monta. Que a pobresa é o estimulo das maiores façanhas da intelligencia. *Paupertas impulit audax* [1]. Isto que o Horacio faminto dizia de si, accomodam-no os regedores da coisa publica aos professores de primeiras lettras; porém, outros muitos versos do Horacio farto, esses tomam-os elles para seu uso.

Estava, pois, o mestre-escola, de parceria com o boticario, a castigar a perversidade dos imperadores romanos, por amor do martyr S. Sebastião, que, segunda vez, acabava de ser fréchado no panegyrico.

[1] L. II, Epist. II, v. 51.

N'esto comenos, abeirou-se d'elles Calisto Eloy, e para logo se callaram as duas capacidades, em referencia ao Salomão da terra.

—Que dizem vocemecês?—perguntou Calisto benignamente. Continuem... Parece que fallavam do santo.

—É verdade, sr. morgado—accudiu o boticario, ajustando os collarinhos percucientes ao lóbulo das orelhas, escarlates do atrito da gomma.—Fallavamos na malvadez dos imperadores pagãos.

—Sim!—disse Calisto, com proeminencia declamatoria,—sim! Horrorosos tempos aquelles foram! Mas os tempos actuaes não se differençam tanto dos antigos, que possamos, em consciencia e sciencia, encarecer o presente e praguejar o passado. Diocleciano era pagão, cego á luz da graça: os crimes d'elle hão de ser contrapesados, e descontados, na balança divina, com a ignorancia do delinquente. Ai, porém, dos que prevaricaram fechando olhos á luz da notoria verdade, afim de se fingirem cegos! Ai dos impios, cujas entranhas estão afistuladas de herpes! No grande dia, funestissima ha de ser a sentença d'elles, novos Caligulas, novos Tiberios, e Dioclecianos novos!

Relanceou o pharmaceutico uma olhadella esguelhada ao professor, o qual, abanando tres vezes e de compasso a cabeça, dava assim a perceber que abundava na admiração do seu amigo e consocio erudito em historia romana.

Obrigado ás orelhas do auditorio attento, Calisto, em toada de Ezequiel, continuou:

—Portugal está alagado pela onda da corrupção, que subverteu a Roma imperial! Os costumes de nossos maiores são mettidos a riso! As leis antigas, que eram o baluarte das antigas virtudes, dizem os sycophantas modernos, que já não servem á humanidade, a qual, em consequencia de ter mais sete seculos, se emancipou da tutela das leis. (Allusão hervada aos vereadores de Miranda, que discreparam do intento restaurador do foral dado por D. Affonso. Vinham a ser sycophantas os collegas municipalenses.) *Credite, posteri!*—exclamou Calisto Eloy com enfase, nobilitando a postura.

O latim não lh'o entenderam, salvo o mestre-escola, que antes de ser sargento de milicias, havia sido donato no convento dominicano de Villa-Real.

E repetiu: *Credite, posteri!*

N'esta occasião, saiu da egreja a sr.ª D. Theodora Figueirôa, e disse ao esposo:

—Vem d'ahi, Calisto. Vamos jantar, que é uma hora, e já lá vae o padre prégador para casa.

Enguliu o morgado tres phrases de polpa, que lhe inflavam os bocios, e foi ao jantar, sacrificando-se á regularidade das suas horas inalteraveis de repasto.

Ficaram o boticario e o professor de primeiras lettras, e mais os lavradores, ruminando as palavras do fidalgo, e glosando-as de notas illustrativas, ao alcance das capacidades.

Um dos mais graves e anciãos lavradores, regedor, ensaiador e ponto nos entremezes do entrudo exclamou:

—Aquillo é que dava um deputado ás direitas! Um homem assim, se fosse a Lisboa fallar ao rei, as contribuições haviam de acabar!

—Isso não, perdoará vocemecê, tio José do Cruzeiro,—observou o mestre-escola—os impostos é necessario pagal-os. Sem impostos, não haveria rei nem professores de instrucção primaria (observem a modestia da gradação!) nem tropa, nem anatomia nacional.

O mestre-escola havia lido, repetidas vezes no *Periodico dos Pobres*, as palavras *autonomia nacional*. Falhou-lhe d'esta feita a memoria, lapso que não destoou em nenhumas orelhas, exceptuadas as do boticario, que resmungou:

—Anatomia nacional!

—Que é?!—perguntou ao pharmaceutico um estudante de clerigo.

—Parece-me que é asneira!—respondeu o outro com certa indecisão.

Proseguiu, concluindo, o mestre-escola:

—E, portanto os tributos, tio José do Cruzeiro, são necessarios ao estado como a agua aos milhos. Ora, agora, que ha muito quem bebe o suor do povo, isso ha; e aquelles, que deviam ser bem pagos, são os que menos comem da fazenda nacional. Aqui estou eu, que sou um funccionario indispensavel á pa-

tria, e receberia cento e noventa réis por dia, se não trouxesse rebatidos seis recibos a trinta e seis por cento, de modo que venho a receber seis e cinco! Que paiz!... O senhor morgado disse bem: estamos chegados aos tempos dos Diocleciano e Caligulas!

O auditorio já vacillava em decidir qual dos dois era mais talhado para ir fallar ao rei a Lisbõa, se Calisto, se o mestre-escola.

III

O demonio parlamentar descobre o anjo

Fermentou na mente dos principaes lavradores e parochos das freguezias do circulo eleitoral a idéa de levar ao parlamento o morgado da Agra de Freimas.

Os deputados eleitos até áquelle anno no circulo de Calisto Eloy, eram coisas que os constituintes realmente não tinham enviado ao congresso legislativo. Pela maior parte, os representantes dos mirandenses tinham sido uns rapazes bem fallantes, areopagitas do café Marrare, gente conhecida pela figura desde o botequim até S. Carlos, e affeita a beber na Castalia, quando, para encher a veia, não preferia antes beber da garrafeira do Matta, ou outro que tal ecónomo dos apollineos dons.

Em geral, aquella mocidade esperançosa, eleita por Miranda e outros sertões lusitanos, não sabia topographicamente em que parte demoravam os povos seus comittentes, nem entendia que os aborigenes das serranias tivessem mais necessidades que fazerem-se representar, obrigados pelo regimen da constituição. Se algum influente eleitoral, prelibando as delicias do habito de Christo, obrigára a urna e o senso commum a gemer nos apertos do doloroso parto do paralta lisboeta, o tal influente considerava-se idóneo para escrever ao deputado incumbindo-lhe trabalhar na nomeação d'um vigario chamôrro, ou outra coisa, que foi denominação de bando politico, em tempo que a politica não sabia sequer dar-se nomes decentes. Pois o deputado não respondia á carta do influente, nem o requerente sabia onde procural-o, fóra do Marrare.

Por muitos factos d'esta natureza conspiraram os influentes do circulo de Miranda contra os delegados do governo; e a idéa de eleger o morgado foi recebida enthusiasticamente por todos aquelles que o ouviram fallar no adro da egreja, e por quantos houveram noticias da sua parlenda.

O partido, que o mestre-escola ganhára de eloquente assalto, cedeu ao imperio das rasoaveis conveniencias, e conglobou-se na maioria. A verbosidade, porém, do professor não ficou despremiada, sendo nomeado secretario da junta de parochia.

Resistiu Calisto de Barbuda tenazmente ás solici-

tações dos lavradores, que o procuraram com o mestre-escola á frente, facto que muito honra este desinteresseiro e reportado funccionario. N'este encontro, o professor excedeu o juizo avantajado que elle propriamente fazia de sua vocação oratoria. Mostrou as fauces do abysmo escancaradas para tragarem Portugal, se os sabios e virtuosos não acudissem a salvar a patria moribunda. Calisto Eloy, enternecido até ás lagrimas pela sorte da terra de D. João I, voltou-se para a esposa, e disse, como o agricultor Cincinnatus:

—Aceito o jugo! Assás receio, mulher, que os nossos campos sejam mal cultivados este anno...

Estavam proximas as eleições.

A authoridade, assim que soube da resolução do morgado da Agra, preveniu o governo da inutilidade da lucta. Não obstante, o ministro do reino redobrou instancias e promessas, no intuito de vingar a candidatura de um poeta de Lisboa, mancebo de muitas promessas ao futuro, que tinha escripto revistas de espectaculos, e recitava versos d'elle ao piano, cuja falta ou demasia de syllabas a bulha dos sonoros martellos disfarçava. Redarguiu o administrador do concelho ao governador civil, que pedia sua demissão para não soffrer a inevitavel e desairosa derrota.

Quiz assim mesmo o governo alliciar no circulo algum proprietario, que contraminasse a influencia do candidato legitimista, fazendo-se eleger. Alguns lavradores, menos afferrados á candidatura de Ca-

listo, lembraram á authoridade o professor de instrucção primaria, estropeando phrases dos discursos d'elle, proferidos na botica. O administrador riu-se, e mandou-os bugiar, como parvoinhos que eram.

Por derradeiro, o governador civil fez saber ao ministerio que os povos de Vimioso, Alcanissas e Miranda se haviam levantado com selvagem independencia e tinham fugido com a urna para os desfiladeiros das suas serras. Pelo conseguinte, não pôde ser proposto o poeta, que beliscado na sua vaidade assanhou-se contra o governo, escrevendo umas feras objurgatorias, as quaes, se tivessem grammatica á proporção do fel, o governo havia de pôr as mãos na cabeça e demittir-se.

Á excepção de uma lista, o morgado da Agra de Freimas teve-as todas. A que não tinha o nome sympathico aos eleitores, votava em Braz Lobato, professor de instrucção primaria, secretario da junta de parochia, e ex-sargento das milicias de Mirandella. Parece que votára em si o mestre-escola. A final, maculou a alvura do nobilissimo desprendimento com que perorara em pró da eleição de Calisto! Fragilidade humana!

Principiou, desde logo, o morgado eleito a refrescar a memoria com as suas leituras de historia grega e romana; era isto entroixar sciencia e enfreixar flores para o parlamento. Depois, releu a legislação dos bons tempos de Portugal, afim de restaurar os costumes desbaratados, fazendo remoçar as leis, que haviam sido o tabernaculo da moral humana guarda-

do pelo temor de Deus. Tosquenejou muitas noites sobre os bacamartes pulvéreos; e, desde que a manhã raiava até horas de almoço, ia á margem do Douro, que lhe lambia a ourela da quinta, declamar, como Demosthenes nas ribas maritimas, ao stridor de uma açude e das rodas de duas azenhas. Os moleiros, que o viam bracejar, e lhe ouviam o vozeamento, benziam-se, pensando que o sabio treslêra, ou coisa má lhe entrara no corpo. A sr.ª D. Theodora Figueirôa, vendo o marido assim tresnoitado, seguia-o ás vezes, de madrugada, espreitava-o de um cabeço sobranceiro ao rio, e benzia-se tambem, dizendo: «Dão-me com o homem doido!»

Chegou o tempo de partir para a capital.

O deputado mandou adiante por almocreve duas cargas de livros, nenhum dos quaes tinha menos de cento e cincoenta annos.

Seguia-se, na conducta dos machos portadores, uma carga de persunto e orelheira, substancia quotidiana da alimentação de Calisto Eloy.

Depois, outra carga de ancoretas de vinho velho, e na entrecarga uma garrafeira com duas duzias de garrafas de vinho, que competia antiguidade com a fundação da companhia.

A guarda-roupa do procurador dos povos era modesta, salvo o chapéo armado, calção de tafetá e espadim, com que elle, na qualidade de fidalgo cavalleiro, costumava contribuir para a magestade das procissões de Miranda, pegando ao pallio.

A pessoa de Calisto Eloy de Silos e Benevides de Barbuda foi em liteira, e chegou a Lisboa ao decimo quinto dia de jornada, trabalhada de perigos, superiores á descripção de que somos capaz.

De proposito, saltamos por cima dos pormenores da partida, para não descrever o quadro lastimoso do apartamento de Calisto e Theodora.

O apartamento de Theodora e Calisto era titulo para dois capitulos de lagrimas.

IV

Asneiras da erudição

Por fins de janeiro, chegou Benevides de Barbuda a Lisboa, e alugou casa no bairro de Alfama, por lhe terem dito que, n'aquella porção da Lisboa antiga, a cada esquina havia um monumento á espera de archeologo competente.

Ao cabo de tres dias, Calisto mudou-se para rua mais limpa, suppondo que os lamaçaes de Alfama haviam tragado os monumentos, lamaçaes em que elle desastradamenle escorregára, e d'onde saíra mal-limpo, e assoviado por marujos e collarejas, seus visinhos mais chegados. Mau agouro! A primeira chimera de Calisto, seu tanto ou quanto scientifica, atascara-se na lama d'aquella parte de Lisboa, que devia de ser a *inclita Ulissea* de Luiz de Camões!

O deputado, sem embargo de ir habitar o quarto andar de uma casa lavada de ares e muito desafogada na rua da Procissão, quiz-lhe parecer que a atmosphera da capital não cheirava bem.

Abriu um dos seus livros velhos, intitulado *Do sitio de Lisboa* etc. por Luiz Mendes de Vasconcellos, e leu:

«...E assim, de todo o territorio de Lisboa, pa-«rece que da terra, fontes e rios, respiram suavis-«simos vapores, amigos da natureza humana; por-«que é coisa certissima que a benignidade dos ares «d'este sitio, não só é por natureza deleitosa, pelo seu «temperamento, mas de grandissimo proveito para al-«gumas doenças, etc...»

Calisto Eloy fechou o livro, e disse de si para comsigo, tomando uma vez de rapé:

— O meu classico não podia mentir. Este mau cheiro é desconcerto da minha membrana pituitaria.

E alcatroou segunda vez, as ventas com uma pitada desinfectante.

Pareceu-lhe tambem pesada e salôbra a agua.

Recorreu ao seu classico Luiz Mendes, no artigo *agua*, e leu que o chafariz de El-Rei dava uma lympha gostosa e de suave quentura, a qual limpava a garganta de toda a roquidão, e afinava as vozes, *e assim*, dizia o classico, *não errará quem disser que ella é causa das boas vozes que em Lisboa docemente ouvimos cantar; e tambem dos bons carões que conservam as mulheres.*

Em quanto aos bons carões das mulheres, Calisto, que, de um relancear honesto de olhos, observára os rostos pallidos e esgrouviados de algumas senhoras de Lisboa, não podendo arguir de fallacia o dizer de Luiz Mendes, attribuiu á degeneração dos costumes e raças o descarnado e amarellido das caras; no tocante á suavidade das vozes, ficou indeciso, não querendo desmentir o seiscentista, nem formar conceito por uns grunhidos de cantaróla barbara com que os vendilhões pregoavam os comestiveis.

Todavia, como a agua do chafariz de El-Rei aclarava o orgão vocal, e Calisto, á força de berrar ao pé da açuda e azenhas, estava um tanto rouco, mandou buscar um barril d'aquella salutifera agua, que o Mendes de Vasconcellos compára á das fontes camenas. Bebeu á tripa fôrra o deputado, e teve uma dôr de barriga precursora de febres quartãs. Valeu-se ainda do seu classico, e por conta d'elle mandou buscar á Pimenteira outro barril de agua, a qual, diz o citado author, *se busca para os doentes de febres*.

O velho criado e enfermeiro, quando viu o seu amo encharcado e cada vez peior, foi de moto proprio em cata do cirurgião, o qual deu o morgado rijo e fero em quinze dias com algumas beberagens quinadas.

Desde então, Calisto Eloy não bebeu senão vinho, e melhorou da garganta e do espirito, um tanto quebrantado, recitando, a cada garrafa que abria, o pro-

verbio da sagrada escriptura: — *Vinum bonum lætificat cor hominis.* [1]

Não obstante, o descredito do seu classico deveras lhe doeu, mormente pelo tom de mofa com que o cirurgião enxovalhou as cãs do honrado e lusitanissimo escriptor Luiz Mendes.

Apenas convalescido, Calisto abriu outro livro da mesma edade, escripto por identico motivo, para averiguar se o author do *Sitio de Lisboa* claudicára como patranheiro em materia de chafarizes.

O bacamarte consultado era a *Fundação, antiguidades* e *grandezas da muito insigne cidade de Lisboa,* etc., escripto pelo capitão Luiz Marinho de Azevedo.

— Cá está! — exclamou Barbuda em soliloquio — cá está explicada a minha dôr de barriga! era destemperança do figado.

O deputado acabava de ler o seguinte periodo de Luiz Marinho:

«Encareceu Plinio muito a agua, que vinha a Roma «da fonte Marcia, e Vitruvio a das fontes Camenas, «porque nasciam quentes e eram saborosas no gosto, «sendo por esta causa muito sadias e proveitosas «para conservar saude. E posto que (*sic*) Luiz Men«des de Vasconcellos queira que por estas proprie«dades tenha a agua do chafariz d'El-Rei as mesmas qualidades; a experiencia mostra que, sendo suave

1 O bom vinho alegra o coração do homem.

no gosto, o não é nos effeitos, porque lhe attribuem os medicos a destemperança do figado, que muitas pessoas padecem, e de que procedem varias enfermidades.»

—Fie-se lá a gente!—monologou o deputado.—É preciso cuidado com os classicos a respeito da agua de Lisboa.

E, proseguindo na leitura, encontrou confirmada a maravilha de se afinarem as vozes com o uso da agua do chafariz d'El-Rei, por estes termos:

«É causa dos boas vozes dos musicos naturaes de «Lisboa, ou que n'ella moraram, que tanto lustram «em sua real capella, e na da corte de Madrid [1], «conventos e egrejas cathedraes d'este reino e do de «Castella: excellencia que tambem se acha nas mu«lheres, cuja feminina voz enleva os sentidos, como «se experimenta ouvindo cantar as religiosas dos mos«teiros d'esta cidade, em que mais parece se ouvem «córos de anjos que vozes humanas.»

Á primeira vez que saiu, andou Calisto em demanda dos conventos de freiras, e das festividades de cada um. Disseram-lhe, em face de um repertorio, que a mais proxima festa era, no domingo immediato, em Santa Joanna. Foi Calisto á festa para ouvir cantar as freiras. Não lhe pareceu cantoria o que ouviu: eram tres narizes roufinhando destoantes. Calisto saiu do templo, foi ao palratorio, chamou a

[1] Marinho escreveu no periodo da usurpação dos Filippes.

madre-porteira, e disse-lhe, com a sua candura de bom homem, que recommendasse ás senhoras cantoras a agua do chafariz d'El-Rei. A madre ficou passada do disparate, e voltou-lhe as costas.

Como quer que o morgado da Agra de Freimas não fosse homem que estudasse as materias perfunctoriamente, quiz esquadrinhar a respeito de aguas toda a substancia d'este importante elemento.

Decepções sobre decepções!

Quando morára na Alfama, observára elle que, n'aquelle bairro, as mulheres eram sardentas, rôxo-terra, e crespas de pelle. Pois o classico Marinho saía-lhe com este desmentido aos seus proprios olhos:

«Tem mais outra propriedade occulta a agua do «chafariz (d'El-Rei) que é conservar os rostos das mu-«lheres, que com ella se lavam, em uma alvura en-«graçada, e côr natural tão encarnada, que não ne-«cessita de unturas, nem confecções, com que ellas «se envelhecem antes de tempo: *o que se vê claramente na vantagem que as de Alfama levam ás dos «outros bairros no carão, rosto mimoso, e côr que «logo se conhece por natural;* e, se bastára isto, «por desengano ás que as usam postiças, não fôra «pequeno o fructo, que se tirára de ler este para-«grapho, havendo quem lh'o recitasse.»

Calisto Eloy certamente não iria recitar o paragrapho a nenhuma senhora pallida e magra, depois da incivil resposta, que lhe deu a porteira de Santa

Joanna, e mais ainda com a desconfiança em que o puzeram os bons authores da sua predilecção.

Parece, porém, que elle andava aporfiado em afogar o seu recto juizo nas aguas de Lisboa. Lêra o deputado que tambem o *chafariz dos cavallos da rua Nova* tinha prodigiosas virtudes em cura de molestias d'olhos. Procurou a rua Nova, que o terramoto de 1755 sotterrára; procurou o chafariz, que segundo elle, devia de estar na rua dos Capellistas ou Algibebes successoras d'aquella rua. Ninguem lhe dava conta do *chafariz dos cavallos;* e alguns logistas interrogados suppuzeram que o provinciano não podia beber em fonte que não tivesse aquella applicação. [1]

[1] Duarte Nunes de Leão ainda viu os cavalleiros de bronze cujos cavallos deram o nome ao chafariz. Historiando o reinado de D. Fernando, e a invasão de castelhanos em Lisboa, escreve a pag. 205 e seguintes, dà primeira parte da chronica dos reis:

«... E ardeu toda a rua nova, e a freguezia da Madanella e de S. Gião e toda a judaria com a melhor parte da cidade. E para memoria daquelle grande incendio, tomarão hũas fermosas portas da alfandega da cidade para levarem a Castella quando se fossem. E assi quiserão levar hũs cavalleiros de bronze, mui bem feitos, q̃ stavã no chafariz, a que ficou o nome dos cavallos por cuja bocca sahia aquella grossa agua. Mas os cidadãos prevenirão nisso, e os guardarão q̃ lh'os não tomassem, por ser cousa publica, e q̃ sendo levado o terião por affronta. Estes cavallos que... por aquella differença q̃ os antigos tiverão sobre elles os houveram de conservar os governadores da cidade, nestes dias proximos, como poucos curiosos de antiguidades, mandaram sem proposito tirar, donde tantos tempos estiveram.»

O erudito respondia aos chacoteadores.

—Pois saibam que se perdeu um mirifico chafariz! Resam os meus livros que as saluberrimas aguas d'esta fonte perdida tinham a propriedade occulta de engordar as cavalgaduras que bebiam d'ella; e acrescenta Marinho d'Azevedo, textualissimas palavras: *e quando ella faz tão conhecidos effeitos nos animaes, os fizera nos corpos humanos, se a beberam em sua fonte.*

Um bacharel, que ouvira as lastimas de Calisto, disse a um visinho a meia-voz:

—Este homem parece que tem uma cavalgadura magra no corpo!

Com estas zombarias é que em Portugal os sabios são premiados... Se Calisto fosse um parvo, o governo dava-lhe um subsidio até elle achar o chafariz dos cavallos.

V

Estreia parlamentar de Calisto

Antes de apresentar-se na sala das sessões, Calisto Eloy de Barbuda leu o *Regimento interno da camara dos deputados*, juntamente com um collega transmontano, o abbade de Estevães, sujeito de annos, e doutrina monarchico-absolutos.

O morgado de Agra embicou logo na fórma do juramento, e disse que não jurava sem aspar as palavras que o obrigavam a ser inviolavelmente fiel á carta constitucional. O abbade quiz amaciar-lhe a rigidez de espiritos, absolvendo-o do perjurio, que não era serio, porque já de si o juramento era irrisorio e mera brincadeira de nenhum peso na balança da justiça divina.

E allegava o clerigo esclarecido que os representantes da nação, com quanto jurassem fidelidade á religião-catholica-apostolica romana, eram aliás atheus; jurando fidelidade ao rei, injuriavam-n'o nas gazetas; jurando fidelidade á nação, avexavam-n'a de tributos, e alguns a queriam fundir na Hespanha. Comedia e comedoria! exclamava o abbade. Se os deixarmos a elles jurar e mentir á sua vontade, a monarchia portugueza d'aqui a pouco não terá mais realidade no mappamundi que a ilha Berataria do Miguel Cervantes, ou as ilhas beatas do poeta Alceu!

A respeito das ilhas beatas do poeta Alceu, saiu-se Calisto de Barbuda com uma despropositada torrente de citações, em que a paciencia do padre esteve a pique. Era perigoso dar-lhe azo ás ejecções da sciencia velha, que não havia abafar-lhe as valvulas ejaculatorias.

O sabio, lá na sua terra, nunca tivera auditorio digno; escutava-se a si proprio; admirava-se e applaudia-se com perdoavel, senão legitima vaidade; faltava-lhe, porém, alguma coisa, a qual coisa era o abbade de Estevães.

Este clerigo, bem que tivesse exercido as funcções desembargatorias na relação ecclesiastica de Braga, era menos lettrado que o antiquario de Caçarelhos, mas um tanto mais illustrado em critica da historia. Por delicadesa, fingia engulir ás araras que o morgado lhe ministrava guizadas pelo monge de Alcobaça Bernardo de Brito, por Fernão Mendes e Mi-

guel Leitão d'Andrade, e centenares de outros escrevedores de polpa, que mentiram «mais do que permitte a força humana.»

Convencido da irresponsabilidade seria do juramento parlamentar, foi Calisto Eloy de Silos empossar-se da sua cadeira na representação nacional. Porém, proferido o juramento, e antes de sentar-se, não teve mão de si, e disse:

— Sr. presidente!

O abbade de Estevães ainda ciciou um *cio*, como quem lembrava ao collega que o *Regimento* lhe tolhia o dom da palavra assim abrupta n'aquelle acto; mas o presidente, como esperasse alguma extraordinaria reflexão, deixou violar o artigo 30.º do titulo e ouviu-o.

Continuou Calisto:

—Sr. presidente! Nos primordios da humanidade, a boa fé dispensava os juramentos: hoje em dia, para tudo se faz mister jurar, porque a boa fé desappareceu *velut umbra* da face da terra. Se bem me recordo, os casos de juramentos mais antigos lêem-se nas sagradas escripturas. Abrahão jurou ao rei de Sodoma e ao rei Abimelech; Elieser a Abrahão; e Jacob a Labão...

O presidente, como o riso andasse já contagioso na sala e galerias, observou:

—O sr. deputado está fóra das prescripções do regimento. Peço licença para o convidar a sentar-se do lado que lhe convier.

—Eu concluo em duas palavras, tornou Calisto, conformando-me com o regimento, e mais ainda com o jurisconsulto Struvius, o qual no seu *jurisprudencia civilis syntagma*, diz que não deve exigir-se o juramento quando póde temer-se o perjurio. Preceito de mui remontada moralidade; sr. presidente! Preceito, cujo despreso, é a causa efficiente das apostasias que deshonram, dos sacrilegios que condemnam a alma, e estampam na testa dos precitos lemma de opprobrio indelevel. Disse.

E foi sentar-se, flauteando cromathicamente uma pitada, á beira do seu amigo abbade de Estevães.

A maior parte dos legisladores estava como indecisa entre rir-se ou espantar-se do aprumo com que o transmontano, atando facilmente as phrases, atirava á cara dos legisladores um murro indirecto. Tres brados lhe haviam victoriado o cabeçalho do discurso: eram expansões de deputados legitimistas, que entre si se ficaram victoriando de terem um homem bastante audaz, se necessario fosse, para fallar ao imperante como João Mendes Cicioso fallara a El-Rei D. Manuel.

—Fallou á portugueza, sr. morgado; mas extemporaneamente—murmurou-lhe o abbade de Estevães.

—A verdade é de todas as horas, abbade—redarguiu Calisto—mal de nós se havemos de esperar que ella caia a talho de fouce!... Deixem-me ir assim, que os meus constituintes assim me querem, Catão e Cicero, Hortensio e Demosthenes não falla-

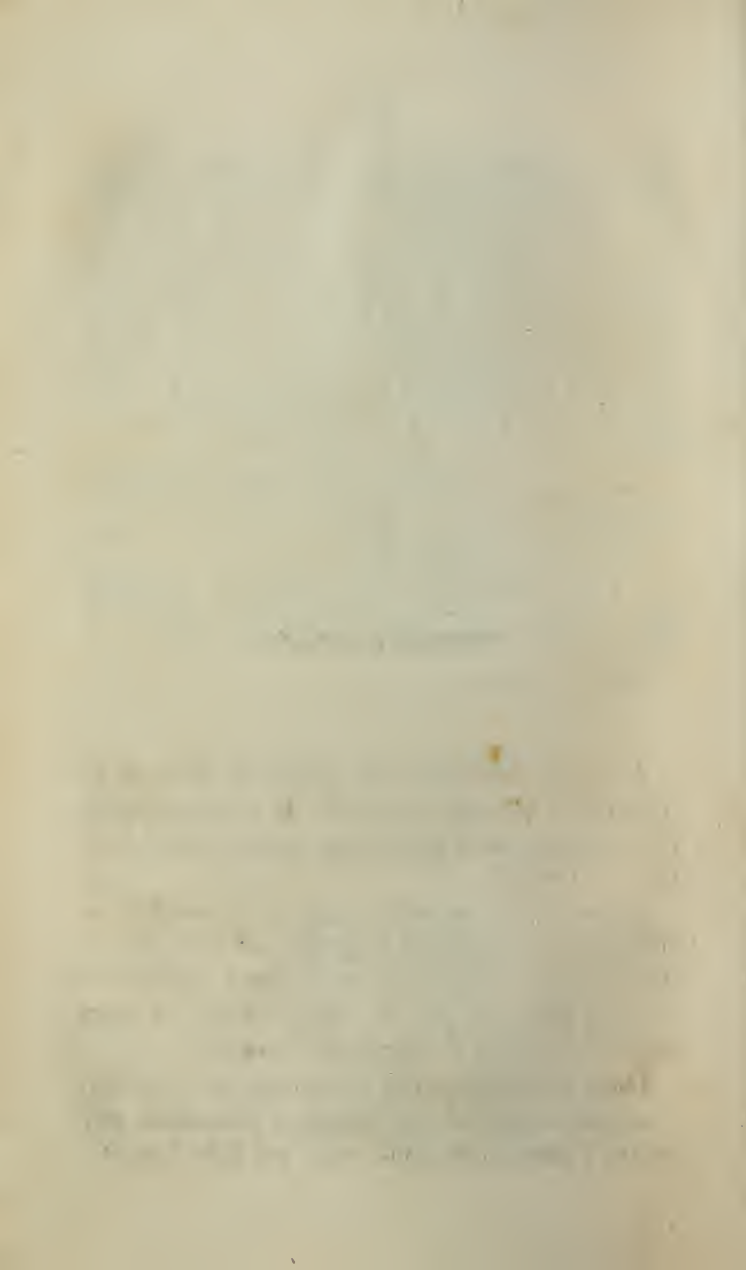
vam pelo regimento. O conselheiro que disse a Affonso IV «senão procuremos outro rei» não pediu licença a presidente algum, nem viu no regimento se era hora de lh'o dizer. Eu li de tento e vagar o regimento, amigo abbade; e a mim me quiz parecer que tudo aquillo é um modo, o mais cerimonioso, de fazer callar aquelles cujos dizeres desagradam á presidencia, por via de regra, mancommunada com o governo.

—*Prudentia in omnibus*, diz o sabio—retorquiu o abbade. [1]

O morgado accudiu logo:

—*Estote prudentes, sicut serpentes et simplices sicut columbæ*, disse Jesus, o sabio dos sabios. [2]

[1] Prudencia em tudo.

[2] Sede prudentes como as serpentes, e simplices como as pombas. *S. Matt. c.* x. *v.* 16.

VI

Virtuosas parvoiçadas

A estreia parlamentar de Calisto de Barbuda fez hyperbolico estrondo nos salões da aristocracia, legitimista, que abriu suas portas ao esperançoso Berryer de Portugal.

Algum tempo se andou furtando o morgado ás solicitadas apresentações. Impediam-n'o o natural acanhamento de provinciano, e o affecto entranhado aos seus classicos, que lhe eram o deleite das horas feriadas do dia, e dos serões do inverno.

Como á força, fôra elle uma noite, ao theatro lyrico, em companhia do abbade de Estevães, que amava a musica pelo muito amor que tinha á guitar-

ra, delicias da sua mocidade, e consoladora da velhice, já saudosa do tempo em que o coração lhe gemia nos bordões do instrumento apaixonado.

Calisto inteirou-se do enredo da opera, e assistiu em convulsões ao espectaculo, que era a *Lucrecia Borgia.* Saiu da platéa frio de horror e protestou, em presença de Deus e do abbade, nunca mais contribuir com oito tostões para a exposição das chagas asquerosas da humanidade. Rompeu-lhe então do imo peito esta exclamação sentida: *Amici,* noctem *perdidi!* Melhor me fôra estar lendo o meu Euripides e Seneca, o tragico! Medéa não mata os filhos cantando, como a scelerada Lucrecia! As devassidões postas em musica, dão bem a entender que geração esta é! Brinca-se com o crime, abafando-se os gemidos da humanidade com o stridor das trompas e dos zabumbas. É um tripudio isto, amigo abbade! Quem sae do seio da natureza rude, e de repente se acha á lavareda d'estes focos das grandes cidades, é que atina com a providencial phylosophia d'estas tramoias de theatros!

Assanhou o abbade de Estevães o azedume do fidalgo, dizendo-lhe que o estado subsidiava o theatro de S. Carlos com vinte contos de réis annuaes. Calisto fez pé atraz, e exclamou:

—*Obstupui!...* O abbade zomba!... O *estado!...* o meu collega disse o estado!

—Sim o thesouro . . . confirmou o clerigo.

—A res publica? o dinheiro da nação?

—Certamente: pois de quem hade ser o dinheiro, senão da nação?

—Pois eu e os meus constituintes estamos pagando para estas cantilenas do theatro de Lisboa!

—Vinte contos de réis.

Calisto Eloy correu a mão pela fronte humedecida de suor civico, e sentou-se nas escadas da egreja de S. Roque, por que ao espanto, colera e dôr d'alma seguiram-se-lhes caimbras nas pernas. Minutos depois, ergueu-se taciturno, despediu-se do abbade, e foi para casa.

Os alvores da primeira manhã acharam-no passeando e declamando na estreita saleta do seu aposento. Via-se-lhe no rosto a pallidez dos Fabricios.

Ás onze horas entrou na camara. Dir-se-hia que entrava Cicero a delatar a conjuração de Catilina. Deu nos olhos dos seus tres correligionarios que entre si disseram:

—Calisto vae fazer alguma interpellação de grande alcance!

Acabava de sentar-se quando um deputado do Porto se ergueu, e disse:

—Sr. presidente. Muito a meu pezar, e talvez da camara, volto de novo a expender as razões já tres vezes inutilmente expendidas sobre o dever, e justiça com que o Porto reclama um subsidio para o seu theatro lyrico. Sr. presidente...

—Peço a palavra! bradou Calisto Eloy, erguendo-se inteiriço e fulminante—Peço a palavra!

O representante do Porto expendeu a quarta edição peorada das suas idéas, sobre o dever e justiça, com que o theatro de S. João reclamava subsidio, e sentou-se.

—Tem a palavra o sr. Calisto Eloy de Silos e Benevides de Barbuda, disse o presidente.

O morgado da Agra escorvou-se de rapé, trombeteou a pitada, e orou d'este theor:

—Sr. presidente. Em Grecia e Roma as festas annuaes eram solemnisadas com espectaculos. Os cidadãos timbravam em se dispenderem aporfiadamente para o maior realce das representações theatraes. Na Grecia, o archonte eponymo, a cargo de quem o estado delegava as despezas das representações, esmava o dispendio de cada uma em dois talentos, 3:250$000 réis, pouco mais ou menos da nossa moeda. Este dispendio faziam-no espontaneamente os ricos; e se era o thesouro nacional, que adiantava as despezas, a concorrencia convidava pelo preço diminutissimo do *theorikon* ou entrada, que correspondia ao vintem da nossa moeda. E de Pericles em diante, sr. presidente, tomou o estado á sua conta o pagamento das entradas dos pobres. Entre os romanos, eram os poderosos, como Lepido e Pompeu, e, ao diante, os imperadores, que sustentavam do seu bolsinho as representações theatraes. Os imperios opulentos, sr. presidente, os imperios, que digeriam a substancia do universo, os imperios que edificavam theatros para trinta mil espectadores, não impunham

aos povos a obrigação de se privarem do necessario para abrilhantarem Athenas ou Roma, com luxuosas superfluidades. Os serranos das provincias do Lacio não eram constrangidos a pagarem as delicias dos patricios romanos. Estes, sr. presidente, quando queriam divertir-se em espectaculos theatraes, pagavam-os, e regalavam a gente pobre em vez de a obrigarem a entrar no erario com o estipendio dos actores. *(Sussurro e alguns* «apoiados» *provocados pelo sussurro.)*

Sr. presidente—continuou o orador, tomando rapé com a soffreguidão de quem teme que o raio inspirativo se arrefente—sr. presidente! Eu tenho o desgosto de ter nascido n'um paiz, em que o mestre-escola ganha cento e noventa réis por dia, e as cantarinas, segundo me dizem, ganham trinta e quarenta moedas por noite. Eu sou de um paiz, sr. presidente, em que se pede ao povo o subsidio litterario para pagar com elle as tramoias da Lucrecia Borgia. Eu sou de um paiz, pobrissimo, em que a veia da nação exangue soffre cada anno a sangria de algumas duzias de contos para sustentar comediantes, farcistas, funambulos e dansarinas impudicas! Sr. presidente, v. ex.ª sorriu-se, vejo que a camara está sorrindo, e eu ouso dizer a v. ex.ª e aos meus collegas, como o poeta mantuano: *sunt lacrimæ rerum.* Aqui é o ponto de se carpirem por seus filhos aquelles, que se cuidam muito avantajados em civilisação a seus avós. Aqui é o ponto de nos alem-

brarmos dos israelitas livres, que sorriam em Jerusalem, e choravam depois escravos ás margens do rio estranho. Depois será o declamarmos com o epico:

> Em Babylonia, sobre os rios, quando
> De ti, Sião sagrada, nos lembramos,
> Alli com gran saudade nos sentamos
> O bem perdido, miseros, chorando.
>
> Os instrumentos musicos deixando

Peço á camara que repare nos tres versos, que completam a quadra e a prophecia:

> Os instrumentos musicos deixando
> Nos estranhos salgueiros penduramos,

Hic, sr. presidente:

> Quando aos cantares que já em ti cantamos
> Nos estavam imigos incitando.

Nos *cantares*, sr. presidente, é que bate o ponto do meu discurso. *(Hilaridade: susurro nas galerias: o presidente tange a campainha).*

O *orador:*—Sr. presidente! que me não queiram persuadir de que estou em casa de orates! Que é isto? Que bailar d'ebrios é este em volta de Portugal moribundo? Como podem rir-se os enviados do

povo, quando um enviado do povo exclama: Não tireis á nação o que ella vos não póde dar, governos! Não espremais o ubre da vacca faminta, que ordenhareis sangue! Não queiraes converter os clamores do povo em cantorias de theatro! Não vades pedir ao lavrador quebrado de trabalho os ratinhados cobres das suas economias, para regalos da capital, em quanto elle se priva do aprezigo de uma sardinha, por que não tem uma pogeia com que compral-a.

E vinte contos e trinta contos de subsidios que moralidade fomentam, que lampadas accendem nos altares da civilisação? Eu peço á camara que leia attentamente o discurso theologico do padre Ignacio de Camargo, lente no real collegio de Salamanca, ácerca dos theatros. Não menos fervorosamente peço a v. ex.ª e ás camaras que leiam as mirificas paginas do nosso oratoriano Manuel Bernardes, sobre representações theatraes. O que são comedias? Responda por mim o eminente moralista, e mais que todos vernaculissimo escriptor: «Os assumptos das comedias pela maior parte são impuros cheios de lascivos amores, de galanteios profanos, de papeis amorosos, de rondas, passeios, musicas, dadivas, visitas, solicitações torpes, finezas loúcas, empenhos desatinados, chimeras, emprezas impossiveis, que as solicita ordinariamente um criado, uma mulher terceira, uma chave, um jardim, uma porta falsa, um descuido do pae, ou do irmão, ou do marido da dama, e tudo isto costuma parar em uma communicação deshonesta,

em um incesto, ou em um adulterio, em que ha muitos lances torpes, louvores lisongeiros da formosura, expressões affectadas de amor, promessas de constancia, competencias de affectos, temores, ciumes. suspeitas, sustos, desesperações, e em summa, uma gentilica idolatria, ajustada pontualmente ás infames leis de Venus e Cupido, e aos torpes documentos de Ovidio no livro de *Arte amandi.*»

Vozes da galeria: Muito bem! Bravo! (Espirram as risadas de varios sujeitos. Gargalhada compacta).

O orador: Sr. presidente! Eu irei contar aos povos, que me aqui mandaram, as gargalhadas com que fui recebido no seio da representação nacional, por que ousei dizer que um paiz carregado de dividas não instaura divertimentos attentatorios dos bons costumes com o dinheiro da nação. Irei dizer aos meus constituintes que se desfaçam das arrecadas e cordões de suas mulheres e filhas, para enfeitarem as gargantas despeitoradas das Lucrecias Borgias que custam quarenta libras por noite!

Sr. presidente, nossos avós, os coevos d'el-rei D. Maunel e D. João III, tiveram theatros. Era no tempo em que as frotas da India rompiam Téjo acima carregadas de oiro. O Plauto portuguez deliciava os paços dos reis, e os pateos e tablados do povo. Quando se abriu o erario para locupletar o alto engenho de Gil Vicente? Quando foi necessario ir mundo fóra em cata de gritadores que vendem tão caro o ar dos pulmões vibrado no mechanismo da garganta?

Uma voz: Fez-se a civilisação depois.

O orador: E a pobreza tambem. A civilisação que canta e dança, em quanto tres partes do paiz choram. A civilisação dos civilisados que dizem: *Coronemus nos rosis antequam marcessant*[1]. A civilisação do perdulario irrisorio, que traja de luzente lemiste no exterior, e aconchêga da pelle uma camisa surrada e fetida. Magnifica civilisação! Não sei de selvagens que nol-a possam invejar, e queiram cambiar comnosco a sua selvatiqueza!

Sr. presidente gosem nas boas horas os sátrapas da capital os deleites da sua civilisação theatral. Dispendam-se, arruinem-se, doudejem com essas ficções e visualidades, que relembram factos de alto escandalo que não deviam ser vistos á luz da civilisação, que o meu illustre collega preconisa. Se gostam, não serei eu, homem de outros tempos e gostos, quem lhes impugne a racionalidade de seus passatempos. O que eu requeiro, em nome da justiça e da pobreza do paiz, é que se não sizem os povos provinciaes para manutenção dos divertimentos de Lisboa. O que eu contesto é o direito de me fazerem pagar a mim e aos meus visinhos as notas garganteadas dos ganha-pães, que não tem na sua terra officio honesto em que vivam com seriedade e utilidade commum. O que eu sobretudo lamento, sr. presidente, é o silencic desapprovador dos meus collegas. Sou eu só:

[1] Coroemo-nos de rosas em quanto ellas não fenecem.

serei eu só o vencido. Não importa! *Victis honos!* [1]
As pequenas coisas tratam-n'as os pequenos: *Parvum parva decent.* Eu abro mão das glorias promettidas ao nobre collega, que, pouco ha, pediu subsidio para o theatro do Porto. Dêem-lh'o. Desenrolem a onda aurifera do Pactolo do nosso thesouro até Braga. Quem pede subsidio para o theatro bracharense? A equidade reclama-o. O meu circulo tambem quer um theatro. Theatro e subsidio para todo o logarejo onde morar um contribuinte. Estamos em vida ficticia como paiz independente. Somos como o sapateiro, que se veste de principe no entrudo. Pois bem! Comedia geral! Seja Portugal um theatro desde Monção ao cabo da Roca! Peço uma companhia italiana para a minha terra. Os meus constituintes querem provar o sabor das delicias que tem estipendiadas em Lisboa. Se eu não posso, sr. presidente, levar-lhes a boa nova de que vão ter estradas que os liguem á sua nação, seja-me permittida a gloria de lhes levar a Lucrecia Borgia, a incestuosa e envenenadora Lucrecia, que os ha de edificar e converter á civilisação. Disse.

Algumas vozes por entre frouxos de riso: Muito bem! Bravissimo!

Eram as ironias dos sublimes engenhos, que, ás vezes, não sabem como hão de havel-as com espiritos selvaticos do desplante montezinho de Calisto de Barbuda.

[1] Gloria aos vencidos.

VII

Figura, vestido, e outras coisas do homem

Assim que os personagens dos romances começam a ganhar a estima ou aversão de quem lê, vem logo ao leitor a vontade de compor a physionomia do personagem plasticamente. Se o narrador lhe dá o bosquejo, a imaginativa do leitor aperfeiçoa o que sae muito em sombra e confuso no informe debuxo do romancista. Porém, se o descuido ou proposito deixa ao alvedrio de quem lê imaginar as qualidades corporaes de um sujeito importante como Calisto Eloy, bem póde ser que a intuição engenhosa do leitor adivinhe mais depressa e ao certo a figura do homem, que se lh'a descrevessem com abundancia de relevos e rara habilidade no estampal-os na phantasia estranha.

Não devo ater-me á imaginação do leitor n'este grave caso. Calisto Eloy não é a figura que pensam. Estou a adivinhar que o inquadraram já em molde grotesco, e lhe deram a edade que costuma authorisar, mórmente no congresso dos legisladores, os desconcertos do espirito, exemplificados pelo deputado por Miranda. Dei eu azo á falsa apreciação, por não antecipar o esboço do personagem. Acudo pelos creditos do personagem.

Calisto Eloy, n'aquelle tempo, orçava por quarenta e quatro annos. Não era desageitado de sua pessoa. Tinha poucas carnes, e compleição, como dizem, afidalgada. A sensivel e dessimetrica saliencia do abdomen devia-se ao uso destemperado da carne de porco e outros alimentos intumecentes. Pés e mãos justificavam a raça que as gerações vieram adelgaçando de carnes. Tinha o nariz algum tanto estragado das invasões do rapé e torceduras do lenço de algodão vermelho. A dilatação das ventas e o escarlate das cartilagens não eram assim mesmo coisa de repulsão. Estes narizes, se não se prestam á poesia lyrica, inculcam a seriedade de seus donos, o que é melhor. Eram assim os narizes de José Liberato Freire de Carvalho e de Silvestre Pinheiro. Quasi todos os estadistas de 1820 se condecoravam com a rubidez nazal. Não sei que ha n'isto indicativo de estudo, gravidade e meditação; mas ha o quer que seja.

As restantes feições de Calisto Eloy de Silos eram

regulares, a não querermos encarecer a alta e brunida fronte, que poderia servir de rotulo a um talento abalisado, se o inimigo da Lucrecia Borgia não fosse, a meu ver, capacidade eminente, viciada pela educação e tradições de familia. Excedia a estatura meã, e era direito de pernas. No tronco havia tal qual inclinação, que denunciava o arqueamento da espinha por effeito da incansavel leitura, e minguado exercicio.

O que certamente o desairava era o traje. Calisto Eloy vestia de briche da Gollegã, e dos alfaiates de Miranda. A gola e portinholas da casaca eram serias de mais para estes tempos em que um homem se veste hoje á moda, e d'aqui a um mez corre o perigo de sair ridiculamente entrajado. Não se sabe a razão por que o morgado da Agra se affeiçoara ás calças rematando em polainas abotoadas de madreperola. Vestira assim umas pantalonas em 1833, quando se matrimoniou com D. Theodora. Ou por que a esposa gostasse do feitio das calças, ou porque a moda se mantivesse, mantida pelo fidalgo, na comarca de Miranda, o certo é que desde aquella época todas as pantalonas de Calisto foram talhadas pelas primeiras, e a abotoadura sempre aproveitada.

Ora, isto em Lisboa fez uma rasoavel impressão, especialmente no espirito observador dos gaiatos. Um d'estes desbragados ousou chamar gebo ao legislador; e outro levou a gandaice ao extremo de planear-lhe um assalto ao chapéo.

Fartas vezes o advertira o abbade de Estevães da necessidade de reformar o vestido, e entrajar-se conforme o costume. Calisto respondia que não tinha que intender em costumes, que não fossem, em lusitanissima phrase, ruins costumes. Em quanto a vestiduras, dizia que o estofo das suas era portuguez como elle, e o feitio d'ellas era o que mais se approximava das usanças dos seus maiores, os quaes andavam mais apontados no trajar do espirito que nas galanices do corpo. Salvo o abbade, ninguem se atrevia a contrarial-o, desde que a um joven deputado, que lhe observou o archaismo do trajo perguntou se elle era o alfaiate da camara, ou se as modas tinham fiscal subsidiado no parlamento.

Aconteceu ainda que outro deputado lhe analysasse galhofeiramente as botas aguçadas no bico. Sabia Calisto Eloy que este deputado era filho de um sujeito de Espozende que começara sua vida fazendo botas. Assim, pois, que o chocarreiro subiu da analyse das botas para a das polainas da calça, teve mão d'elle, dizendo-lhe: «agora, alto ahi! Em quanto o senhor escarneceu o feitio das minhas botas, estava no seu officio e no seu direito. Das botas acima, não. É o caso de eu lhe dizer como Apelles ao sapateiro, que lhe censurava a pintura: *ne sutor ultra crepidam;* o que em linguagem quer dizer: «não analyse o sapateiro acima da chinela.» Os circumstantes e a victima fizeram-se da côr do nariz de Calisto.

Estas passagens, significativas do salgado espirito

do provinciano, sobre-doiravam a reputação que o trazia nas boas graças da fidalguia realista.

Sabia Calisto, como profundo genealogico, que existia illustrissima parentela sua em Lisboa; porém, pesavam graves motivos para que elle não quizesse recordar parentesco remoto com tal gente. Era o grão caso que, nos tempos do mestre d'Aviz estava na côrte um Martim Annes de Barbuda, da casa de Agra de Freimas, o qual conjurára com o Mestre na façanha do assassino do conde Andeiro. Até aqui havia muito para que o honrado portuguez se desvanecesse de tal parente. Martim Annes, todavia temeroso ou arrependido depois do feito, passou-se a Leonor Telles, e com ella e sua familia se foi a Hespanha, onde morreu, desprezado e amaldiçoado dos portuguezes. Na época de D. Duarte, os descendentes de Martim voltaram ao reino, e conseguiram perdão e posse dos seus haveres confiscados para a corôa. Eis aqui a razão do odio de Calisto á raça do máo portuguez.

Estava elle, um dia, folheando a reformação das leis de 1760 por Diogo de Pina, no intento de cravejar de erudição um projecto de lei sumptuaria, quando lhe annunciaram a visita do conde do Reguengo. Calisto estremeceu, e disse de si comsigo: «Vens ver o que eram e o que são os legitimos Barbudas de Agra de Freimas... Sê bem vindo!»

Entrou o conde, e disse com alegre alvoroço:

—Venho apertar nos braços um parente, que me

honra tanto com a intelligencia, quanto seus avós me honraram com a lança.

Calisto permaneceu immovel na cadeira, e, tirando os oculos de prata, disse:

—Falta saber se meus avós se honraram dos avós de v. ex.ª

—Eu sou o conde do Reguengo—disse o outro, attonito.

—Já sei. O conde do Reguengo é o decimo sexto varão de Martim Annes de Barbuda?

—Sou eu mesmo.

Calisto ergueu-se, montou os oculos, foi mui depausa e a passo mesurado á estante dos seus livros, e tirou um in-folio. Voltou a sentar-se, mandou sentar o conde, abriu o livro e disse:

—Esta é a chronica dos reis, escripta por Duarte Nunes de Leão, e mandada publicar por D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa. Abro a pagina vinte e tres, e peço ao excellentissimo conde do Reguengo que leia.

O conde recebeu entre mãos a chronica, e leu o seguinte desde o paragrapho indigitado por Calisto:
«As razões que ao Mestre moviam a apressar sua ida
«para fóra de Portugal, era conhecer a condição da Rai-
«nha, que, além do natural das mulheres, que é se-
«rem vingativas, ella o era mais que todas; mas, como
«mulher de grandes espiritos, e astuta que era, onde
«maior odio tinha, alli mostrava mais benevolencia,
«pelo que o Mestre tinha por mui suspeita a mostra de

«amizade que lhe fazia, e se temia mais d'ella, e tanto
«cria que lhe tinha maior odio, quanto mais affei-
«çoada era ella ao conde João Fernandes, de quem
«elle a apartou. Ajuntava-se a isto ter ella mandado
«chamar a El-Rei de Castella. Pelo que, sendo ella
«Rainha, e tendo o favor d'El-Rei presente, não con-
«fiava o Mestre que sua vida estava segura, pois em
«vida d'El-Rei D. Fernando, não sendo aggravada
«d'elle, o fez prender e o faria matar. Além d'isto,
«(as seguintes palavras estavam sublinhadas na chro-
«nica e emendadas com um *proh dolor!* da letra de
«Calisto) muitos dos que se a elle chegaram o dei-
«xavam, e se passavam á Rainha, como fez Vasco
«Porcalho, e Martim Annes de Barbuda, commen-
«dadores de sua ordem, e Garcia Peres Craveiro de
«Alcantara, que para elle se viera.»

O conde entregou a chronica, e disse n'um tom de abborrido e confuso:

—E então?

—É v. ex.ª da progenie d'esse Barbuda infamado na pagina eterna de Duarte Nunes?

—Sou—respondeu ufanamente.

—Pois vá em paz, que eu não procedo d'esses Barbudas. Eu sou o decimo sexto varão de Gonçalo Pero de Barbuda, que morreu em Aljubarrota, na ala dos namorados. Gonçalo era irmão de Martim: mas, ao entrar na batalha, pediu a D. João I que lhe legitimasse um filho natural, para que, no caso d'elle perecer, os filhos do irmão trêdo lhe não manchassem o

solar. Gonçalo, morreu e D. João I cumpriu a vontade do portuguez de lei.

—O que d'ahi infiro—disse sarcasticamente o conde—é que v. ex.ª procede de um filho natural.

—A mãe do filho natural era abbadessa de Vairão, da familia dos Alvins—redarguiu triumphantemente Calisto.

—Coito damnado!—retorquiu o conde.

—Discutamos esses pontos graves—voltou serenamente o morgado da Agra, tomando rapé.—A decima segunda avó de v. ex.ª, Jeronyma Talha, era judia de Cezimbra, e esteve como covilheira dos sobrinhos de um Heitor de Barbuda com quem casou. Sua tresavó enviuvou sem filhos e casou com um filho do capellão. D'este matrimonio nasceu seu avô Luiz de Almeida de Barbuda, que foi o primeiro conde do Reguengo. Reconciliemo-nos, sr. conde, em quanto ao sangue de coito damnado, se v. ex.ª quer emparelhar o filho do padre com a abbadessa de Vairão, tia da mulher de Nuno Alvares Pereira por Alvins.

O conde ergueu-se accendido em raiva, e disse:

—No que não podemos emparelhar, sr. Calisto, é na tolice. Vou-me embora, com a vergonha de ter aqui vindo.

—Não vá, acudiu Calisto Eloy, que eu é que me hei de forrar á vergonha de dizer que v. ex.ª veiu cá.

E, passando a penna de ferro na pagina da chronica, rasgou a linha que dizia *Martim Annes de Barbuda.*

VIII

Faz rir o parlamento

Andava o animo de Calisto Eloy martellado pelo desejo de pôr cobro ao luxo da gente de Lisboa, sendo grande parte n'este intento o haverem-lhe os dois pisa-verdes do parlamento mettido a riso a sua casaca de briche. Impugnavam-lhe a idéa o abbade de Estevães, e outros correligionarios cordatos, mais entrados do espirito do seculo, e convencidos da inutilidade de atravessar represas á torrente caudal da indole de cada época. O deputado de Miranda respondia que viera de sua terra a cauterisar as chagas do corpo social, e não a cobril-as de pachos e lenimentos palliativos em respeito á sensibilidade dos doentes. Rebelde ás admoestações sisudas de amigos,

que lhe receavam alguma queda mortal no conceito da camara, Calisto, provocado por um debate sobre importação e direitos de objectos de luxo, pediu a palavra, e o mesmo foi alvorotar alegremente a camara, desejosa de ouvil-o.

Concedida a palavra, e feito o silencio da curiosidade na sala, ergueu-se o morgado da Agra, e orou d'este feitio:

—Sr. presidente! Os conselheiros dos antigos reis de Portugal, homens de claro juizo e sciencia bastante, cortavam os abusos do luxo com pragmaticas, quando os vassallos se desmandavam em trajos, regalos e ostentações ruinosas do individuo, e, portanto, da cidade. O senhor rei D. Sebastião, que santa memoria haja, promulgou justas e rigorosas leis sobre o uso das sedas. E, n'aquelle tempo, sr. presidente, Portugal ainda se banqueteava com a baixella d'oiro do Pegu: ainda as paredes das salas nobres estavam colgadas de gualdamecins e razes da Persia. Era o Portugal, já não robusto nem enthusiasta; mas ainda sopitado das embriagadoras delicias dos reinados de D. Manuel e D. João III.

Nas Ordenações Filippinas, liv. 5.° t. 82, § 4.°, e seguintes, foram incluidas as principaes leis da reformação da justiça de 27 de julho de 1582.

Lá se vê quão salutar era a vara ferrea da lei no castigo dos contumazes em proveito da communidade. *(Um deputado boceja contagiosamente: outros bocejam; e o presidente de ministros adormece).*

Vejamos a pena dos infractores: o peão perdia o vestido defezo, e pagava da cadeia quinze cruzados; e o nobre pagava da cadeia mais quinze cruzados que o plebeu. Note a camara que as reformas liberaes não complanaram tanto a egualdade entre poderoso e fraco. Bradam por ahi os ignaros contra os privilegios e exempções da fidalguia dos tempos ominosos. Estes democratas, se acontece de cairem nas presas da justiça, gritam pelo codigo das egualdades, e então experimentam o que vae da bonita redacção da lei á execução d'ella. Recolho-me ao assumpto, sr. presidente....

Um deputado: Faz bem.

O orador: Não me lisongea o beneplacito do collega. Recolho-me ao assumpto, sr. presidente. Lastimo este luxo que vejo em Lisboa! Por toda a parte, oiro, pedrarias, sedas, veludos, pompas, vaidades! Parece que toda esta gente voltou hontem da India nas naus que trouxeram as parias do Oriente! Essas ruas estrondeiam de carroagens, calechas e berlindas, como se cada dia se estivesse commemorando a passagem do cabo tormentorio ou o descobrimento da terra de Santa Cruz, atirando ás rebatinhas os thesouros que de lá nos vem. Por entre estas soberbas carroças...

Um deputado: Carroças são de lixo.

O orador: E bem póde ser que seja lixo o que vae n'ellas... Por entre estas soberbas carroças, sr. presidente, vejo eu passar mal arrimados ás pare-

des, e temerosos de serem esmagados, uns homens de aspecto melancholico, e mal entrajados. N'estes cuido eu vêr D. João de Castro, que empenhou as barbas, e tem duas arvores em Cintra; Duarte Pacheco, que vae entrar no hospital; e Luiz de Camões que vem de comer as sopas dos frades de S. Domingos. Cada época tem centenares d'estas illustres victimas.

Um deputado: Vê coisas magnificas!

O orador: E tambem vejo o dedo do propheta escrevendo na parede o lemma d'aquelle devasso festim... *(Pausa. O orador conserva o braço em postura sculptural, apontando á parede. O presidente accorda estrumunhado, com a risada do ministro da fazenda).* O que eu vejo? quer o illustre deputado saber o que eu vejo? É a industria agricola de Portugal devorada pelas fabricas do estrangeiro; é o braço do artifice nacional alugado á escravidão do Brazil, porque a patria não lhe dá fabricas; é o funccionario publico prevaricado, corrupto e ladrão, porque os ordenados lhe não abastam ao luxo em que se desbarata; é o julgador dos vicios e crimes sociaes transigindo com os criminosos ricos, para poder correr parelhas com elles em regalias; é a mulher de baixa condição prostituida, para poder realçar pelos ornatos sua belleza; é a alluvião de homens inhabeis, que rompe contra os reposteiros das secretarias pedindo empregos, e conjurando nas revoluções se lh'os não dão. O que eu

vejo, sr. presidente, são sete abysmos, e á bocca de cada um o rotulo dos sete peccados capitaes que assolaram Babylonia, Cartago, Thebas, Roma, Tyro, etc. É o luxo, sr. presidente!

Um deputado do Porto:—Peço a palavra.

O orador continuando:

—De que desconhecida lua choveu ouro sobre estes paraltas enluvados e encalamistrados que pejam os theatros, praças, e botequins de Lisboa? Foi para estes tempos que um sabio e claro varão d'outro seculo escreveu: «Desde o bico do pé até á «cabeça anda um d'estes cavalheiros bizarros (ou qual- «quer d'estes bizarros ainda que não sejam cavalhei- «ros) armado de vaidade e de estudos de sua com- «postura, que são captiveiros de espirito, corrupções «dos costumes, da republica, e despezas da sua fa- «zenda, ou talvez da fazenda que não é sua.»

Aqui é que bate o ponto: *da fazenda que não é sua*. Á custa de quem se vestem estes Narcisos e Adonis? Que incognitos veios de ouro exploram? Qual é sua arte, se não devo antes perguntar quaes sejam suas manhas ou ronhas? Que sabe a policia d'elles?

E eu já vi, sr. presidente, andarem as senhorias e excellencias, as pobres esfarrapadinhas, por meio d'estes peralvilhos, que saem de casa do alfayate com o fôro grande e o desaforo maior. Que desbarato e corruptela é esta dos tratamentos em Lisboa? Abandalha-se tudo para passar a rasoira por

sobre um lamaçal plano? Isso é congruente; mas então tapem lá o rôto cofre das graças, que a toda hora nos está despejando corôas e veneras, cruzes e mais cruzes, cruzes onde a honra de Portugal geme cravejada! Fechem lá esses decretos de permanente carnaval, que nos trazem sempre acotovellados com mascaras, que eram hontem os nossos fornecedores de bacalhau, e hoje nos não conhecem a nós, receiosos de que os conheçamos a elles!

Sr. presidente! v. ex.ª conhece a pragmatica do Sr. D. João v, ácerca de tratamentos. Eu tenho de a ler ámanhã a um tendeiro, que me vendeu figos de comadre, por que o homem se offendeu de receber um *vossemecê*, que eu longanimamente lhe dei. O alvará resa assim: «Que «aos viscondes e barões, «aos officiaes da minha casa, e aos das casas das «rainhas, e princezas d'estes reinos; aos gentis-ho-«mens das camaras dos infantes; aos filhos e filhas «legitimos dos grandes, dos viscondes e barões... «como tambem aos moços fidalgos... se dê o trata-«mento de senhoria.»

Senhoria aos ministros no estrangeiro; senhoria aos governadores das praças; reitor da universidade; senhorias ás dignidades prelaciaes e civis; sr. presidente, falta uma senhoria legal para o homem, que me vendeu os figos. Creêmos esta senhoria, para alliviarmos de escrupulos os que lh'a derem a medo. Legislemos a podridão dos tratamentos nobilitarios. Atiremos ao esterquilinio com esta moeda refece.

Isto já não vale nada, não prova nada, não estrema coisa nenhuma. Latissima licença de condecorar-se a gentalha! Se algum mesteiral, uma vez, praticar feito nobre, que lhe conquiste justo galardão, havemos de honral-o chamando-lhe homem do povo, d'aquella raça de povo, que D. Diniz e D. João I amaram cordialmente.

Desviei-me algum tanto, sr. presidente. Vou chegar-me á questão, e concluir, porque a hora me não permitte delongas, nem a camara terá a benevolencia de m'as tolerar.

Invoco a attenção dos representantes do paiz para a mortal peçonha, que vae cancerando o machinismo vital da nossa independencia. Rédeas ao luxo! Tranquem-se as alfandegas ás drogas estrangeiras. Carreguem-se de direitos as mercadorias, que incitam o appetite e prevertem as condições melhormente morigeradas. Vistamo-nos do que podemos colher de nossas possessões, e do estofo, que nossas fabricas podem dar. Sigam-se as leis velhas do ultimo rei da dynastia de Aviz. Coimem-se e castiguem-se os que venderem tecidos estrangeiros e os que os puzerem em obra.

Um deputado: Como redigirá o illustre deputado similhante absurdo de lei?

O orador: Como redigirei? Facilmente. Como D. João II legislou a respeito das mulas dos frades. Ora aconteceu que os frades teimaram em cavalgar mulas. Que fez então o estomagado rei? Deu sentença

de morte aos ferradores, que ferrassem as mulas dos frades. E o caso foi que os desmontou.

Conclui, sr. presidente.

O presidente: Fica reservada para ámanhã a palavra ao sr. dr. Liborio de Meirelles, e está fechada a sessão.

O dr. Liborio de Meirelles era o deputado portuense, que pedira a palavra, durante o discurso de Calisto Eloy.

—Que sairá d'aquelle arganaz?—perguntou o morgado de Agra ao abbade de Estevães.

—Dizem que é moço de muita sabedoria, e que já escreveu livros.

Calisto sorriu-se e disse:

Estou bem aviado, se elle escreveu livros!

IX

O doutor do Porto

O dr. Liborio de Meirelles, sujeito de trinta e dois annos, cara honesta, e posturas contemplativas, reunia os predicados que nos outros paizes ou passam despercebidos, ou são solemnisados pela irrisão publica; mas, em Portugal, taes predicados alçam o homem ao cume da escala politica, e dão-lhe escolta de absurdos propicios até onde o parvo laureado quer guindar-se.

Esta pessoa madrugou aos dezoito annos escrevendo poemas satyricos contra os titulares portuenses, não porque elle se pejasse de vel-os em sua plana, mas porque lhe fugiram d'ella. O progenitor de Liborio era um tendeiro, que entrara na estrada

5

franca da fortuna prospera, creando de sua cabeça, para uso de gallegos e carretões madrugadores, um mixto saboroso e alcalino de licores, que ainda hoje sustentam o credito e primasia. Afóra isto, inventara o pae do dr. a aguardente de nabos.

Liborio foi menos feliz que o pae, no genero a que se dedicou. Os seus poemas viveram alguns dias afagados pela calumnia, como a belleza das collarejas lisongeada pelo rosto derrancado dos libertinos. Depois, o filho do tendeiro, graças á baixesa de sua posição social, antes de grangear o odio dos insultados, já tinha caido no desprezo d'elles.

Impellido pelo couce do pégaso, Liborio já não podia retroceder. Foi para Coimbra: fez-se examinar em latim, e foi reprovado. Desde este funesto dia de sua vida, Liborio começou a dizer que era sabio em latim; e, por vingança dos examinadores, traduziu um poema latino com tanta claresa e fidelidade, que o poema original ficou sendo muito mais intelligivel aos ignorantes de latim, do que a versão com que a memoria de Lucrecio fôra ultrajada.

Formou-se e doutorou-se Liborio, sem impedimento de uns *rr* que, alguma vez, lhe acalcanharam o orgulho. Em seguida foi visitar a Europa; e, de volta aos lares, achou-se no regaço da estupida fortuna que o beijou, na fronte, e lhe disse: «este anhelito de meus beiços côa-te fogo ao cerebro! Amo-te, porque careço de ti. Eu sou a Circe dos gregos: bestifico tudo que toco, e em ti delego o condão de

radiares tua bestidade ao cerebro de quem embarrar por ti. Proponho-me transfigurar, não já em cochinos, mas em mais nobres alimarias, os regedores da coisa publica de Portugal. Tu, dilecto, vae caminho da gloria. Hoje és deputado; d'aqui a pouco serás ministro.»

De feito, Liborio estava deputado, á mesma hora em que o fidalgo da Agra de Freimas era fadado a ser um dia verberado no parlamento pelo filho do inventor da aguardente de nabos.

Calisto entrou á sala, e, digamol-o com espanto de sua fleuma, ia tranquillo e até contente, sem embargo de lhe haverem dito alguns collegas quão funesto era o contendor que a sua má sorte e imprudencia lhe deparara.

O dr. Liborio, dada a palavra, ergueu-se com ademanes não vulgares, alisou os bigodes, encravou na orbita esquerda um vidro sem grau, e disse:

—Sr. presidente, discorri cêrca d'anno por estranhas plagas. Fui-me mundo fóra com o meu bordão e concha de romeiro do progredimento social. Bebi a tragos nas enchentes de mel hybleú que desborda dos mananciaes da civilisação. Vi muito, vi tudo, que me abraseavam sedes de aprender, fomes de Ugolino que rompe seus ferros, e se defronta com lautos estendaes de loirejantes iguarias. Que deliquios de exultação me tomavam alma! como eu me sentia a tragar luz e humanidade por aquelles climas onde o supremo architecto chove inventos a frouxo e a

flux! Vi muito, e vi tudo, sr. presidente. Encheu-se-me o peito de anhelos pela sorte da patria, e d'amores muito seus d'ella, como de filho que do imo das entranhas lhe quer. Volvi-me no rumo do ninho meu; e mal se enrubesceram os horisontes d'esta minha e tão nossa terra de fragrancias e idyllios, assim me coou as fibras do seio um como filtro de melancholia, que me subia aos olhos exsudando lagrimas.

(Calisto Eloy, em perigo de rebentar, *ri-se. Parte da camara ciciou-lhe um* SIO *prolongado. Calisto accommoda-se e desconfia que a maior parte da camara é tola).*

O *orador:* É que eu, sr. presidente, muito a dentro d'alma sentia uns rebates de presagio. Locustas de excruciantissimos toxicos, que me estavam empeçonhando esperanças, enleios, arrobos e dulcissimas chimeras de ainda ver florejarem os agros da patria, estrellarem-se estes céos plumbeos e rasgarem-se os horisontes á onda fecundante d'este uberrimo torrão. Doeu-me alma, choraram-me olhos, e comprehendi a angustia virgiliana do hemestichio: *pulcia linquimus arva. (Muitos apoiados.)*

Pois que, sr. presidente? Cançariam maguas a quem se lhe antolhasse ter de ainda ouvir n'esta casa voz de homem, de homem nado do ventre d'este seculo, de homem que aqui entrou a verter no gasolifacio do templo do eterno Christo da eterna liberdade, a drachma ou o talento, a mialha uo o thesouro

de sua dedicação, repito, sr. presidente, quem deixára de estillar bagas de pranto, ao aportar em chão portuguez com o presagio de que, alguma hora, havia de ouvir n'este *sancta-sanctorum* das luzes, blasphemias contra o luxo, que é a arteria, a órta do corpo industrial? Quem quizera, por tal preço, dizer ás nações cultas: «eu sou d'aquelle céo, nasci n'aquelle jardim de magas, onde Camões poetou glorias para invejas do mundo? Sou da terra dos laranjaes onde suspirou Bernardim? Sou da raça dos bravos que perpetuavam Aljubarrota, Badajoz, Valverde? *(Apoiados prolongados.)* Na minha terra... (quem quererá já dizer!) nasceram Gamas, nasceram Cabraes, e Castros, e Albuquerques, Nunes e Regras? Quem sr. presidente?

(Calisto pede a palavra.)

O *orador:* Que é o luxo? Perguntae ao selvatico das florestas invias o que é o seu *hamac*, e ao europeu o que é o seu almadraque de plumas, tão grato e flacido ás evoluções corporeas. Perguntae ás bellas europeas que lhes faz a grinalda de brilhantes, e ás bellas da Florida que prazer lhes insinuam os vitreos adornos de variegadas côres. Oh! o luxo! o luxo, senhores, é marco miliario de civilisação, a pomba que se volita da arca, e se vae espanejando de azas por céos e terras além, recobrada dos pavores primeiros, e saltitando de franca em franca. Oh! que rejubilos de coração para quem fadado lhe foi de cima o entender e amar, que o comprehender

é amar, na phrase incisiva e galharda de Victor Hugo!

Sr. presidente! O coração da França, o encephalo, o grande nervo da França é o luxo. E eu estive na França, sr. presidente, fui lá para me reverberarem nos cristaes d'alma os lumes d'aquella perla d'Offir! Ai! a França! Quando nos entreluzem os zimborios da moderna Babylonia, «*a esperança remonta-se-nos em rasgado vôo para tudo mais vasto, mais copioso, mais opulento, a espirar vida e bem para o alto, para o largo e de muita benção, a branquear-nos a casinha da serra, a florir-nos o pomar da veiga, a dar-nos canções e alegrias no artifice.*» [1]

O luxo, sr. presidente, é o espantalho dos animos sandios e cainhos.

O *deputado Calisto:* Seja pelo amor de Deus!

O *orador:* Pois seja, e muito que lhe preste ao collega, que mister se lhe faz perdão de Deus pelas blasphemias economicas que ejaculou, sem dar de olhos na civilisação, matrona prestimosa, que toda se desentranha em blandicias e florinhas de viço e olor para opulentos e desremediados.

O *deputado Calisto*: Isso que diz em vernaculo?

O *orador*: Que me não falle á mão, se lhe sobranceio o intellecto. Affigura-se-me, sr. presidente, que tenho pela frente sombra, e sombra de que não ha

[1] O orador forrageou os elegantes dizeres, que vão sublinhados, na feracissima seara de um livro do sr. dr. A. Ayres de Gouveia Osorio, intitulado: «*A reforma das prisões.*»

temermo-n'os. Não sei, á bofé, com quem me esgrimo. Propugnar por artes, pôr peito a defender industrias, ruir os cancêlos das fabricas, bafejar incentivos á imaginativa do artifice, emfim e derradeiramente, encarecer a utilidade do luxo, isto me está assetteando o animo temeroso de desfechar injuria ao progresso, á idéa, ao *fiat*, á humanidade! Para que me estou aqui afadigando e derramando, sr. presidente se só mumias podem sair-me com esgares, de encontro ao civilisador principio? *(Muitos apoiados.)*

Corre-me obrigação de silencio. Já de contricto me recolho, e da offensa á luz me penitencio; que eu me estive a espancar trevas que, em que pese a pávidos agoireiros, já não hão de espessar-se em derredor do sol esplendorosissimo.

E, pois, antevejo que não ha mais dizer, sem entibiar-me a nota de repetições, aqui ponho fecho. [1]

O orador foi comprimentado.

O *presidente:* Tem a palavra o nobre deputado Calisto Eloy de Silos de Benevides de Barbuda.

—Sr. presidente!—disse Calisto—Eu entendi quasi nada, porque o sr. deputado dr. Liborio não fallou portuguez de gente *(riso nas galerias.)* As laranjas, espremidas de mais, dão sumo azedo, que corta a lingua. O sr. deputado fez do seu idioma laranja aze-

[1] Esta chave de oiro do peregrino discurso foi tambem roubada dos thesouros do sr. dr. Ayres de Gouveia, ministro da justiça. Pag. 150, 2.º vol. da *Reforma das prisões*.

da. Se a linguagem portugueza fosse aquillo que eu acabo de ouvir, devia de estar no vocabulario da lingua bunda. Parece me que os obreiros da torre de Babel, quando Deus os puniu do atrevimento impio, fallaram d'aquelle feitio! *(Ordem! ordem!)*

O *orador:* Ordem, srs. deputados, peço eu para a lingua portugueza! Peço-a em nome dos illustres finados Luiz de Sousa, Barros, Couto, e quantos, no dia do juizo, se hão de filar á perna do sr. dr. Liborio.

O *presidente:* Peço ao illustre deputado que se abstenha de usar phrases não parlamentares.

O *orador:* Tomo a liberdade de perguntar a v. ex.ª se as locuções repolhudas do illustre collega são parlamentares; e, se o são, peço ainda a mercê de se me dizer onde se estudam aquellas farfalhices. (Vozes: *(Ordem! ordem!)*

O *orador:* Quando aquelle senhor me chamou *sandio*, não foi violada a ordem? *(Apoiados)*. Ora pois: eu não quero desordens. Vou pacificamente responder ao sr. deputado, como souber e podér. Estou a desconfiar que a minha linguagem secca e desornadá rasparà nos ouvidos da camara, que ainda agora se deleitou com a rethorica florida do sr. deputado do Porto. Sou homem das serras. Creeime por lá no tracto facil e chão dos velhos escriptores: aprendi coisa de nada, ou pouquissimo. A mim, todavia, me quer parecer que o fallar gente palavras do uso commum é coisa util para nos entendermos

todos aqui, e para que o paiz nos entenda. Do menospreço d'esta utilidade resulta não poder eu aperceber-me de razões para cabalmente responder aos argumentos do discreteador mancebo. Percebi, a longes, pouquinhas idéas; porém, querendo Deus, hei de, se me ajudar a paciencia com que estudei o idioma de Thucydides, decifrar os dizeres de s. ex.ª no «*Diario das Camaras.*» *(Riso)*.

O illustre deputado quer que o luxo indique a riqueza das nações. Isto é o que eu entendi do seu arrasoamento. Em França viu s. ex.ª mosquitos por cordas. Pois, sr. presidente, eu li que, em França, onde o luxo é maior, ahi é menor, em proporção, o numero dos individuos ricos. (Vozes: *apoiado!)* Este caso, se é verdadeiro, corta pela haste as flores todas dos jardins oratorios do sr. dr. Liborio. Que mais disse s. ex.ª? Faça-me a graça de m'o achanar na linguagem caseira com que o diria á sua familia em *pratica como do lar,* consoante phrase a D. Francisco Manuel de Mello na *Carta de Guia.*

O *dr. Liborio de Meirelles:* Não velei as armas do raciocinio para me ir á liça da absurdeza. Melhores fadas me fadaram; e não me estou aqui sabbatinando como em pleitos de bancos escolares. (Vozes: *Muito bem.)*

O orador: Muito bem o que?... Vae-me parecendo historia isto, sr. presidente!... Eu queria-me entender com o sr. deputado, afim de tirarmos algum proveito d'este debate; mas s. ex.ª, pelos modos por

me vêr assim minguado de affeites poeticos, acoima-me de absurdidade, e despreza-me!... Valha-me Deus! Se o sr. dr. Liborio me não lançasse da sua presença com tamanho desamor, havia de perguntar-lhe por que foram Athenas e Roma bem morigeradas quando pobres, e corrompidas quando ricas e luxuosas? Havia de perguntar-lhe que artes e sciencias progrediram entre os sybaritas e lydios, povos que a mais elevado gráo de luxo subiram? Havia da perguntar-lhe por que foi que os persas acaudilhados por Ciro cortados de vida aspera e privada do necessario, subjugaram as nações opulentas? Havia de perguntar-lhe porque foram os persas, logo que se deram ás delicias do luxo, vencidos pelos lacedemonios?

A suprema verdade, sr. presidente, a verdade que os arrebiques da rhetorica não seduzem, é que á medida quo os imperios antigos se locupletavam, o luxo ia de foz em fóra, e os costumes a destragarem-se gradualmente, e o pulso da independencia a quebrantar-se, e os cimentos das nações a estremecerem. Depois, era o cair do Egypto, da Persia, da Grecia e Roma.

Até aqui a historia, sr. presidente; d'aqui em diante o sr. dr. Liborio de Meirelles, o moço poeta, que foi a França, e achou desmentidos Xonophonte e Thucidydes, Livio e Tacito, Plutarcho e Flavio.

O sr. dr., a meu juizo, é sujeito de grande imaginativa. Bonita coisa é idear fabulações em acade-

mia de poetas; porém, n'esta casa, onde a nação nos manda depurar a verdade dos fallaciosos ornatos com que a mentira se arrea, mister é que sejamos sinceros. Já o insigne author dos *Apologos dialogaes* disse que a *imaginação era curral do conselho, onde, por não ter portas, todo o animal tinha entrada.* Bom é tambem que os moços muito imaginativos se não pavoneem até ao philaucioso sobrecenho de passarem alvará de sandeus á gente que raciocina mais porque imagina menos. É permittido aos versistas poetarem em prosa; mas as liberdades poeticas não ajustam bem nos debates circumspectos da res publica.

Vou concluir, sr. presidente, votando contra a proposta do illustre collega, que propoz a reducção dos direitos aduaneiros das sedas, e pedindo ao sr. dr. Liborio, que, se outra vez me der a honra de imbicar com este pobre homem lá das montanhas da raia, haja por bem de se expressar em linguagem correntia. Não sou homem de salvas e rodeios: digo as coisas á moda velha. Quero-me portuguez com os do sujeito, verbo e caso no seu competente logar. E, se assim não fôr, ir-me-hei com aquellas palavras que ouviu Arsenio: *Fuje*, *quiesce*, *et tace*; «foge, socega, e não falles.»

Sentou-se Calisto Eloy. Alguns deputados anciãos do partido liberal foram cumprimental-o; e outros, que se pejaram de imitar os velhos, encararam no rustico provinciano com cortezia e tal qual venera-

ção. Calisto Eloy ganhára consideração na camara e no paiz.

Os deputados governamentaes acercaram-se d'elle, convidando-o em termos delicados a aceitar, no banquete do progresso, o logar que a sua intelligencia reclamava. Os deputados opposicionistas conjuravam-no a não levantar mão de sobre os projectos depredadores com que a facção governamental andava cavando novas voragens ao paiz.

O morgado da Agra respondia que estava descontente de gregos e troyanos, e acrescentava:

—Não sei, por ora, de qual dos lados da camara se falla peor a lingua patria. Tenho ouvido os quinhentistas á la moda, e os galliparlas. Todos ressabem á hervilhaca; uns estão gafados de francezias, outros tresandam nos seus dizeres o bafio que os bons seiscentistas regeitaram. Carecem de cunho nacional estes homens. O máo portuguez principia a sel-o, desde que mareia a pureza de sua lingua. Dêem-me portuguezes de lingua, e eu me bandearei com elles, como com portuguezes de coração. Com aquelle dr. Liborio do Porto nem para o céo. Tenho medo que Deus o não entenda, e nos ponha ambos fóra de cambulhada.

X

O coração do homem

Entremos no coração de Calisto Eloy.

Cuidava o leitor que não tinhamos que entender com aquella entranha do homem? Estou que a julgaram inviolavel ás suspeitas da historia em acto de tanto alcance na biographia d'este personagem!

Já se disse que orçava pelos quarenta e quatro o morgado. N'aquella edade, se ha fibras virginaes no coração, eram as d'elle.

Casára com sua prima Theodora, menina estimabilissima por virtudes, mas mais feia do que pede a razão que seja uma senhora honesta. A noiva deixou-se ir pela mão do pae á casa do esposo. Não ia alegre nem triste. Tanto se lhe dava casar com o

primo Calisto como com o primo Leonardo. Logo que o pae lhe consentiu que levasse para Caçarelhos umas tres duzias de gallinhas e parrecos, que ella creara, não lhe ficou na casa natal coisa para sérias saudades.

Encontrou marido ao pintar. Coraram ambos ao mesmo tempo, quando o bulicio das festas nupciaes se aquietou e a mãe do noivo lhes disse: «Meninos, cada môcho a seu soito» phrase amenissima que em pouco e depressa exprime a muita poesia de toda aquella familia.

Calisto, ao outro dia da primeira noite de esposo, por volta das sete horas da manhã, já estava a ler a *Viagem á terra santa*, por frei Pantaleão de Aveiro; e, á mesma hora a noiva andava de pé sobre um catre de pau preto rendilhado, com uma bassoira de giesta, a limpar teias de aranha do tecto.

Almoçaram, e foram visitar o pae e o sogro, em cuja casa jantaram. Durante a visita, a sr.ª D. Theodora esteve a ensinar uma criada a engommar as camisas do pae; e Calisto, como descóbrisse n'um armario um tratado de alveitaria de 1610, levou-o de um folego, e tirou apontamentos, visto que o sogro se tratava por aquelle tratado, diminuindo as doses das drogas. Não sei quem lhe dissera a elle que o sr. D, João IV, nas doenças graves, se medicava com um veterinario.

Ora, d'este começo de amores infiram v. ex.ªs o restante d'aquella doce vida!

Theodora tomou a cargo os cuidados domesticos

de sua sogra, e muitos do tracto com caseiros, vendo que o marido, tirante as horas de comer, não saia da livraria, onde a mulher, como amavel sombra, o ia visitar, e olhando com desdem sobre os infolios, dizia-lhe:

—Ó homem, ainda não acabaste de ler estes missaes?

—Isto não são missaes, rapariga. Não estejas a profanar os meus classicos.

A esposa não entendia isto, e pedia-lhe que lhe lêsse pela vigesima vez as *Sete partidas de D. Pedro*. E o bom marido lia-lhe pela vigesima vez as *Sete partidas*, porque estavam escriptas em portuguez de lei. Vida para invejar! paraiso em que Deus se esqueceu de mandar o anjo do montante de fogo vedar a entrada!

Discorreram annos, sem que o morgado tivesse de perguntar á sua consciencia a explicação do minimo alvoroto de sangue na presença de mulher estranha. Andava por feiras, quando a mulher o mandava comprar utensilios agricolas; pernoitava por diversas casas da provincia, famosas pela belleza das donas, e contava-lhes casos mirificos de suas leituras, se acontecia não achar livro velho, que lhe deliciasse o serão.

Da maior, e talvez unica dôr litteraria da sua vida, fui eu causa. Calisto, pernoitando em não sei que solar de damas dadas á leitura amena, pediu algum livro, e deram-lhe um romance meu. Consta-me que

deixou o volume com as margens annotadas de gallicismos e nodoas de toda a casta. Imaginem quantas punhaladas eu dei n'aquelle lusitanissimo coração!

Afóra este incidente, as boninas da vida campestre floriam immarcessiveis para o homem de bem, raro exemplo de compostura; salvo quando lhe beliscavam a estirpe que, então, como já disse, retaliava descaridosamente, e revelava a quebra contingente de todo homem imperfeito de sua natureza. Isto creou-lhe inimigos; mas detrahidores de sua fidelidade marital nenhum tentou infamar-lhe o bom nome. Das virtudes conjugaes de Theodora até me treme a penna sómente de escrever isto para encarecel-as! Duvide-se da pureza das onze mil virgens, antes de maliciar suspeitas d'aquella matrona, em tudo romana, do puro estofo das Cornelias, Poncias e Arrias.

Com esta pureza de vida entrara em Lisboa o morgado da Agra.

Ahi está um como Daniel á beira da fornalha. Ahi está o homem-anjo! Quarenta e quatro annos immaculados! Um coração que, se algumas imagens tem gravadas, são as dos frontispicios apparatosos de alguma edição princeps, d'algum Elsevir annotado por Grenobio.

XI

Santas ousadias!

Natural coisa é que este sujeito, intangivel ás caricias do amor, seja severo e intolerante com as fragilidades do coração.

Aconteceu-lhe frequentar, uma noite por outra, a sala d'um antigo desembargador do paço, que era pae de duas galantes senhoras, uma casada e outra solteira.

Soou aos ouvidos de Calisto Eloy, que uma das illustres damas innodoava sua gentileza e prosapia, violando os deveres de esposa. Fez-lhe sangrar o coração honrado tão funesta nova, e communicou elle o seu espanto e dôr ao collega abbade. O abbade

desfechou-lhe na cara uma estrallada de riso civilisado, e disse-lhe:

—Ora o morgado tem coisas! V. ex.ª parece que caiu, ha pouco, de algum planeta! Olhe que Lisboa não é Miranda, meu amigo. Se o morgado tem de espantar-se por cada caso d'estes que chegar ao seu conhecimento, a sua vida na capital tem de ser um permanente ponto de admiração!... Deixe correr o mundo...

—Que remedio!—atalhou o morgado—mas o que eu farei é sacudir o pó dos meus botins á porta das casas, cuja desordem de costumes me escandalisa. Não voltarei a casa do desembargador Sarmento.

—Faça v. ex.ª o que quizer; porém, consinta que eu reprove similhante procedimento, por duas razões; seja a primeira, que o desembargador e a familia receberam o sr. morgado com cordeal affecto; segunda razão, é que v. ex.ª já não está em edade de perder a sua virtude seduzida por máos exemplos. Faça como eu: lamente as miserias dos homens, e viva com elles, sem participar-lhes dos defeitos; porque, meu nobre amigo, se a gente vae a regeitar as relações das familias, justa ou injustamente abocanhadas pela maledicencia, a poucos passos não temos quem nos receba.

—Eu tenho os meus livros, accudiu Calisto.

—E os seus livros, as suas chronicas, os seus classicos gregos e latinos não lhe contam enormes desmoralisações? V. ex.ª, que leu a vida romana em

Tacito, e Apuleio, e no Festim de Trimalicão de Petronio...

—De qual Petronio?—interrompeu o morgado. Foram doze os Petronios em Roma, e todos escreveram com mais ou menos despejo.

—Pois melhor. Se v. ex.ª leu doze, eu li um, que era o ecónomo, ou arbitro dos prazeres de Nero, e este me bastou para edificação do meu espirito. Pois se o meu amigo póde ler sem horror as infamias das saturnaes, e os mysterios da deusa Bona, e quejandas protervias dos antigos tempos, como póde espantar-se do que ouve dizer da filha do desembargador Sarmento, que a final de contas, póde estar innocente do crime que lhe assacam?! Não a vê v. ex.ª filha cuidadosa, mãe estremecida, e esposa honesta na apparencia? Já a ouviu defender theses da moral do adulterio? Que lhe importa a v. ex.ª o que se passa lá na vida privada da mulher?

Calisto deteve-se breves instantes com a resposta, e disse:

—Acho-lhe razão, sr. abbade, não tanto pelo que disse, como pelo que não disse. As pessoas de vida impolluta devem acercar-se d'aquellas que prevaricam. Lá vem uma hora em que o conselho é taboa salvadora... Quem sabe se eu terei predestinação de desviar aquella senhora do caminho máo!?...

—É verdade—assentiu o abbade;—mas é justo e urbano que v. ex.ª não vá interrogal-a sobre coisas do fôro intimo.

—Não me ensine as leis da cortezia, abbade—replicou algum tanto affrontado o fidalgo da Agra.—Eu não me fiz em alcatifas de salas; mas aprendi a policia e trato humano nas lições de galãs afamados como D. Francisco Manuel. E, demais d'isso, meu caro sr. abbade, não me peça Deus conta de minha soberba, se lhe eu digo que o bom sangue como que já tem congeniaes e infusas em si as regras da urbanidade cortezã. Não se fazem mister directorios de civilidade a sujeitos, que herdam com a fidalguia a indole de avoengos palacianos, feitos nas côrtes, e affeitos a sentarem-se na ourella dos thronos.

—Não ponho duvida n'isso;—obtemperou o abbade, e accrescentou com malicia e bem rebuçada ironia—alguns fidalgos muito mal-creados que tenho topado, em quanto a mim, não lhes faltou a herança de polidez; foram elles que propriamente derrancaram sua indole, até se fazerem plebe grosseira e ignobil.

—Acertadamente—disse o morgado.

—Eu ensinar cortezia a v. ex.ª!—insistiu o deputado bracharense.—A minha observação tendia a moderar os impulsos descomedidos da sua justa censura aos máos costumes da sr.ª D. Catharina Sarmento. *Noli esse multum justum,* diz o Ecclesiastico. [1] Bem fidalgos e policiados eram S. Domingos de Gusmão, S. Francisco de Borgia, e Santo Ignacio de Loyola,

[1] Não sejas por demasia justo.

todavia, bem sabe v. ex.ª com que exempção e santa descortezia elles invectivavam as corruptelas da mais elevada sociedade, em rosto dos proprios delinquentes.

— Mas eu não sou apostolo — acudiu Calisto. — Conheço que já não vim a tempo, nem a missão me condecora.

Assim mesmo, sem desaire das pessoas, hei de pôr a pontaria aos vicios, e, se poder, influirei pensamentos de emenda ao animo dos viciosos.

N'uma das seguintes noites, foi Calisto ao chá do desembargador Sarmento. Achou mais abatido e melancholico o antigo magistrado. Estiveram conversando á puridade sobre o desgosto que revia á face do hospedeiro ancião. Crê-se que Sarmento lhe dissera que sua filha Catharina, depois de haver casado por paixão, com cedo se desaviera da vontade do marido, e este da estima d'ella; de modo que raro dia deixavam de altercar e renhir por motivos insignificantes. D'isto resultava a tristeza constante do velho, acrescentada agora com ter-lhe dito alguem que sua filha andava infamada pela voz publica.

— Ferro penetrante — exclamou o desembargador — que me traspassou este corpo já fraco, e pendido á campa.

Calisto apertou-o nos braços e clamou:

— Amigo e senhor meu! A desgraça não derrete o aço dos peitos fortes. Tenha-se v. exª arrimado ao bordão de sua honra, que não hão de adversidades der-

ribal-o. Aqui me ponho de seu lado, com a fortaleza da amizade, para, como filho de v. ex.ª e irmão da sr.ª D. Catharina, minha senhora, tirar a limpo da sugidade da calumnia, se o é, a virtude d'ella, e o contentamento de v. ex.ª Aqui vem de molde o repetir as palavras affectivas do meu dilecto Heitor Pinto, no tractado da *Tribulação:* «O que eu queria é que a boceta de vossas angustias estivesse depositada em minhas entranhas, e que os meus bens fossem vossos, e os vossos males fossem meus.»

Ouvido isto, o desembargador commoveu-se até ás lagrimas, e disse com mui entranhado affecto:

Quem me dera assim um marido para a minha Adelaide, que n'esta casa reinaria o socego da virtude! Agora vejo que lá nos escondrijos dos mattos da provincia se refugiaram as reliquias da honra portugueza! Ditosa senhora a que avassallou tão honesta alma!

D'ahi a pouco, o morgado da Agra, buscando azo de estar apartado com Catharina a um canto da sala, e praticando sobre livros perigosos, rompeu elle n'esta pergunta:

—A sr.ª D. Catharina já leu Homero?

—É romance? disse ella.

—Romance ou fabulario de alta moral lhe havemos de chamar; não já romances d'uns que, de oitiva o sei, por ahi impestam a sociedade. Na Iliada de Homero achei dois pares de casados; um é Paris, que se matrimoniou com Helena; o outro é Ulysses, que se casou com Penelope. Os primeiros, cubiço-

sos e voluptuarios, cobriram a Grecia de calamidades; os segundos, prudentes e discretos, foram o modelo do thalamo ditoso.

Fez Calisto uma longa pausa, e proseguiu, interpollando os dizeres com algumas pitadas, que solemnisavam a gravidade das fallas.

—Ninguem devera casar sem muito lêr e sem applaudir aquelles preceitos do casamento, escriptos pelo eminentissimo Plutarcho.

—Não conheço, disse a dama... Li *Le mariage*, de Balzac.

—Não sei quem é: deve ser francez.

—Pois não leu?

—Eu não leio francez. Não me chega o meu tempo para tirar aguas sujas de poços infectos. Plutarcho é oraculo n'esta materia. Um pensamento lhe li que me chegou á medula, e que ainda agora em Lisboa me saiu explicado. Diz elle algures. «Não «podem as mulheres convencer-se de que Pasiphae, «bem que esposa d'um rei, se enamorasse apaixo«nadamente de um touro; ao passo que estão ven«do, sem espanto, mulheres que menospresam ma«ridos benemeritos e honrados, e se dedicam a ho«mens bestificados pela libertinagem.» Asseveram-me os pilotos peritos n'estes mares verdes e aparcellados da capital, que ha d'isto muito por aqui.

—É possivel... balbuciou D. Catharina.

—E porque não ha de ser, se algumas senhoras conheço eu casadas, tornou Calisto, que andam com

os braços nus fóra das alcovas do seu leito nupcial!...

—E isso que tem?—atalhou a dama—é a moda...

—A moda, que franqueia as portas aos ruins desejos, ás cogitações viciosas, aos affrontamentos, ao pudor. Aquella filha de Pytagoras, a quem encareceram o feitio do braço, respondeu: «Bello é; mas não para ser visto». Na Andromacha de Euripedes, Hermion exclama: «Infelicitei-me, consentindo que de mim se achegassem mulheres preversas.» Quantas damas de hoje em dia poderão dizer, e na consciencia o estarão dizendo: Consenti, para minha desgraça, que preversos homens convisinhassem de mim!...

—Mas onde quer v. ex.ª chegar com o seu discurso? interrompeu a filha do desembargador.

—Á razão da sr.ª D. Catharina, minha senhora.

—Como assim?! quem o auctorisa...

—As lagrimas de seu ex.^{mo} pae.

—Veja lá, sr. Barbuda, que se não equivocasse com as lagrimas de meu pae... A minha reputação e costumes repellem similhantes allusões, se o são.

—Peores do que estas, sr.ª D. Catharina, minha senhora, peores referencias do que estas lhe faz a voz do mundo.

—A mim?

—Á fé! que sim! Dou-lhe em penhor da verdade a minha honra.

—Mas—interrogou irada e rubra de despeito a dama—que ousadia a de v. ex.ª fallar assim a uma senhora, que apenas conhece!... Olhe que essas liberdades de provincia não se usam cá em Lisboa.

—Não se moleste assim, minha senhora—tornou Calisto.—Respeito tanto v. ex.ª quanto estimo seu venerando pae. O atrevimento é grande, maior será a magnanimidade de v. ex.ª em perdoar-m'o. Lagrimas de velho e de pae dão estranho ousio. Desgraças sobranceiras incutem alentos destemidos nas mais fracas almas. No proposito de conjurar a tormenta, que se encapella e ameaça de sossobrar a felicidade de uma familia illustre, é que eu, sr.ª D. Catharina, me affoitei a ser o advogado espontaneo do bem de todos.

—Agradeço o zelo; mas agradecera-lhe mais a discrição—disse D. Catharina; e, retirando-se, fez uma ceremoniosa mesura a Calisto.

—Não voltou mais á sala a dama. O desembargador não desfitava olhos de Calisto Eloy, que se assentou meditativo no mais assombrado do recinto.

Erguera-se do voltarete o abbade de Estevães, e abeirou-se d'elle, dizendo:

—Desconfiei que v. ex.ª estava missionando a dama... Amolleceu-a?

Calisto ergueu a fronte, enclavinhou os dedos das mãos sobre o peito consternado, e murmurou:

—Agora acabo de entender o meu padre Manuel Bernardes.

E repetiu em tom cavo:

....«Converto minha attenção, e temor a ti ó Lis-
«boa, Lisboa, considerando o que em ti passa. Me-
«do me fazem tuas corrupções tão graves e tão de-
«vassas, que já o lançar-t'as em rosto, não seja nos
«zelosos falta de prudencia, senão obra de magua.»

Depois, suspirou, e cheirou rapé.

X

O anjo custodio

Santa audacia! Bizarra indole de antigo cavalleiro, que abriga no peito a generosidade com que os heroes dos Lobeiras, Barros, e Moraes se lançavam ás aventurosas lides, no intento de corrigir vicios e indireitar as tortuosidades da humana maldade!

Não desanimou Calisto Eloy, tão desabridamente rebatido por D. Catharina Sarmento.

Averiguou quem fosse o galan d'aquella cega dama, e facilmente lh'o nomearam. Era um gentil moço, ouzeiro e vezeiro de similhantes baldas, enfatuado d'ellas, e respondendo por si com sabre ou flo-

rete, quando gente intromettida em vidas alheias lhe fallava á mão.

O informador do morgado esplanou diffusamente as qualidades do sujeito, relatando as victimas, e os acutilados na defeza d'ellas.

Occorreu á memoria de Calisto aquella apostolica e heroica intrepidez de fr. Bartholomeu dos Martyres, quando foi a defrontar-se com um criminoso e façanhudo balío, que promettia engulir o arcebispo de Braga, e o collegio dos cardeaes com o proprio papa, se necessario fosse! Grande coisa é ter lido os bons classicos, se desejamos saber a lingua portugueza, e crear alentos para atacar velhacos!

Ahi vae o esforçado Calisto Eloy de Silos em demanda de D. Bruno de Mascarenhas. Um escudeiro annuncia ao fidalgo um ratazana.

—Quem é um ratazana?—pergunta D. Bruno.

É um sujeitorio, diz o criado, vestido ratonamente, e não diz o nome, porque v. ex.ª o não conhece.

—Que quer elle?

—Fallar com v. ex.ª

Vae perguntar-lhe quem é, d'onde vem, e que quer.

Interrogou o criado com máo semblante o morgado.

Calisto escreveu n'uma pagina rasgada da carteira, e perguntou ao criado se sabia lêr. Disse que não o interrogado.

—Pois entrega esse papel a s. ex.ª

D. Bruno leu, meditou algum espaço, e perguntou:

—Sabes se em casa do desembargador Sarmento ha algum criado chamado Custodio?

—Não, senhor, não havia até hontem; só se entrou hoje.

—Esse homem que ahi está dá ares de criado?

—Não, senhor: é assim um jarreta vestido á antiga, com uma gravata que parece um colete.

—Manda-o entrar para aqui.

D Bruno releu a linha escripta a lapis, e disse entre si:

—Que Custodio é este!?

N'isto, assomou Calisto Eloy.

Bruno de Mascarenhas adiantou-se a recebel-o, e disse-lhe maravilhado.

—Eu já tive a honra de comprimentar v. ex.ª no escriptorio da *Nação*. V. ex.ª é o sr. Calisto Eloy de Barbuda.

—Sou, e agora me recordo que já tive o prazer de o encontrar...

—Mas v. ex.ª n'este bilhete diz que é Custodio! —tornou Bruno.

—Custodio, que é sinonymo de anjo-da-guarda, ou anjo-custodio da ex.ma sr.ª D. Catharina Sarmento.

Abriu o moço a bôcca, e disse:

—Ah... agora é que eu entendi... Mas... queira v. ex.ª sentar-se... Eu não sei que allusão possa ser esta... que... a respeito de...

Calisto sentou-se, estendeu o braço direito com a

mão aberta, e atalhou o enleio de Bruno, dizendo solemnemente:

—Vou fallar.

E, apoz curta pausa, relanceou discretamente os olhos á porta, como quem receia ser ouvido.

—Póde v. ex.ª fallar, que eu fechó a porta, disse o confuso Mascarenhas.

—O sr. Bruno de Mascarenhas—proseguiu o morgado—é solteiro. Cedo ou tarde ha de ser casado, por que é varão de preclarissima linhagem, e duas forças invenciveis hão de compellil-o a propagar-se: o sentimento congenito da especie, e a gloria, que vangloria não é, da prosecução da raça.

(Este exordio abrupto invencilhou os espiritos de D. Bruno, os quaes eram pouco entendidos em estylo garrafal.)

Façamos de conta—proseguiu Calisto—que v. ex.ª é hoje, como será, volvidos mezes ou annos, casado com uma dama egual em sangue, de honrada fama, acatada do conceito geral, dama emfim, na qual v. ex.ª empregou suas complacencias todas. Á boa dita de esposo succede-lhe a prosperidade de pae. Vê v. ex.ª em redor de si umas alegres creancinhas, que o beijam e o furtam com graciosas blandicias ás graves cogitações dos negocios, e aos aborrimentos que salteam as existencias mais descuidadas e desprendidas. A mãe dos filhinhos de v. ex.ª é o cofre de oiro: as creanças são as joias inestimaveis que v. ex.ª lá encontrou e lá encerra.

A mãe é a flôr, os filhos são o fructo. V. ex.ª arde de amores d'elles e d'ella. Por que a sua familia é não sómente a sua alegria domestica, senão que lhe é fóra de casa um pregão da honestidade e honra que vae n'ella.

De repente, quando v. ex.ª está meditando nos jubilos da velhice, com seus filhos já homens, com sua esposa laureada pelas cans sem macula, de repente, digo, ha um amigo em lagrimas, ou um inimigo secretamente satisfeito, que, lhe diz: «Tua mulher deshonra-te; essas creanças, que tu affagas, e para quem estás multiplicando os teus haveres, podem não ser teus filhos, por que tua mulher prevaricou.» Pergunto eu ao ex.mo Bruno de Mascarenhas: a sua agonia, n'essa hora de atroz revelação, como hão de expressal-a os que a não sentiram ainda?

—Não sei...—respondeu Bruno—Só, no caso de se darem as circumstancias que v. ex.ª diz, é que se póde responder.

—Todavia, o seu entendimento e coração, já antes da experiencia, podem antever qual deva ser a agonia do marido deshonrado pela ignominia de sua mulher...

—Sim...

—Até aqui a hypothese em v. ex.ª: agora o exemplo em Duarte de Malafaya, marido de D. Catharina Sarmento. Duarte era rico, e dos mais fidalgos; por excesso de amor casou com D. Catharina, filha

de um nobilissimo cavalheiro, porém magistrado empobrecido pelos desconcertos da politica. Duarte entrou n'aquella casa, restaurou a decencia antiga, e encostou ao seio as cans do magistrado octogenario, assegurando-lhe o socego e contentamentos dos annos ultimos da vida.

Decorridos cinco annos, Duarte tem cinco filhos. São anjos que descem a povoar o paraiso d'aquella ditosa familia. Brincam á volta de sua mãe, e como que lhe estão dando os alegres emboras da felicidade que elle está gosando, e lhe augura a elles.

É n'este ensejo que o inferno se abre aos pés d'esta familia honrada e ditosa. Surge das tenebrosas agonias um homem que despedaça ás mãos os laços humanos e divinos da santa união do velho, da filha, do genro, e dos netos. Ora, o homem que os assaltou no seu eden, foi o sr. D. Bruno de Mascarenhas.

—Eu!...—exclamou o moço com artificial espanto.

—V. ex.ª Vejo-o admirado, não sei se da minha affoitesa, se da responsabilidade que lhe pesa, sr. D. Bruno!

—Mas que houve em casa do Sarmento?—perguntou alvoroçado o fidalgo.

—O que eu antes de hontem vi foi a face do ancião lavada de lagrimas. O que eu vi hontem á noite foi Duarte de Malafaya fitar os olhos nas creancinhas, e escondel-os para que o não vissem chorar.

O que hoje verei em casa do desembargador Sarmento, se v. ex.ª o não presagia... Não temos tempo para conjecturas: a chaga deve ser cauterisada já, para não ser gangrena ámanhã. Quer v. ex.ª ajudar-me a conjurar a nuvem negra que vae rasgar-se em torrentes de desgraças?

D. Bruno reflectiu dois segundos, como se houvesse pejo de responder, no primeiro instante:

—Da melhor vontade. Eu desisto d'estas relações, para evitar desgostos serios á sr.ª D. Catharina.

—Falla-me um honrado portuguez, que tem o appellido dos Mascarenhas? perguntou com solemnidade o Barbuda.

—Juro pela honra de meus avós.

—Que vae fazer v. ex.ª?—tornou Calisto.

—Antecipo um passeio que mais tarde tencionava fazer á Europa. Parto no paquete de ámanhã para França.

—Sem dizer, nem fazer saber á sr.ª D. Catharina que esteve aqui um amigo do desembargador Sarmento...

—Nada direi sr. Barbuda.

—Aperto-lhe e beijo esta mão. Agradeço-lh'o em nome dos cinco filhos de Duarte de Malafaya, ou dos cinco anjos que lhe chamam pae.

—E saíu com os olhos marejados.

D. Bruno cumpriu a promessa com tanta pontualidade como o faria um sujeito de menos fidalgos

brios, se lhe dissessem: «Afasta-te, se não queres o encargo de amparar uma familia, cujo esteio estás quebrando.»

É coisa que pouquissimo custa, em condições analogas, o ser pontual. Ás vezes, até se vinga fama de prudente e ajuizado.

Como quer que fosse Calisto Eloy foi d'alli em direitura á poltrona do magistrado, e disse-lhe:

—Cobre animo, amigo e senhor meu. O inimigo levantou o cerco. A maledicencia descaridosa, se não mudar de juizo, esquece-se.

Seguiu-se a narrativa do acontecido, e as alegrias do ancião interpolladas de agradecidas lagrimas.

XIII

Regeneração

Ó coração sensivel! ó peccadora Catharina, que vaes agora expiar o teu crime nas agonias da saudade! Aquelle Calisto, cuidando que te salvava, matou-te!

Não foi tanto quanto diz a apostrophe; mas, de feito, Catharina, quando recebeu de Bruno de Mascarenhas uma carta saturada de sãs doutrinas e reflexões, como as faria S. Francisco de Salles a mad. du Chantal, entendeu de si para comsigo que devia morrer de despeito e raiva. O fugitivo escrevia-lhe pouco antes de embarcar-se. Não referia o dialogo com Calisto; dava porém como certa uma tempestade a prumo das cabeças d'elles delinquentes.

«Irei, dizia elle, morrer longe da mulher que amo, para lhe não sacrificar os creditos e os filhos. Se souberes que eu morri, recompensa-me esta virtude rara, dizendo em tua consciencia que eu te amei, como já ninguem ama sobre a face da terra.»

Depois, seguiam-se na carta os conselhos ajustados á felicidade da vida. Expunha as consequencias funestas das paixões. E terminava dizendo que as lagrimas o não deixavam continuar.

Que dama resistiria, depois d'isto, á morte?

Encerrou-se a filha do desembargador, no intento de providenciar em artigo de morte, e entrouxar para a eternidade.

N'estas cogitações a surprehendeu a mana Adelaide, mostrando-lhe uma carta de um certo Vasco da Cunha, que escrevia desde muito, e honestamente á menina solteira, no proposito de casamento. Este Vasco, de boa linhagem, conhecia Bruno, e via com desprazer os amores da dama, que havia de ser sua cunhada. Eventualmente soubera elle do embarque do Mascarenhas. Pessoas que o viram a bordo, referiram-lhe que o sujeito, perguntado ácerca dos amores de Catharina Malafaya, respondera fatuamente que se ia escapando a um aguaceiro de escandalos, com que elle não queria brincar, por que a mulher, enthusiasta e apaixonada mais que o necessario, seria capaz de o fazer assumir as funcções de marido não canonico.

Pouco mais ou menos, era d'aquella amavel con-

textura o periodo que D. Adelaide leu a sua irmã lagrimosa.

D. Catharina levantou-se com fidalgos brios, chamou pelos filhos, abraçou-se n'elles, e disse á irmã:

— Estou bem! Deus me perdoará, rogado por estes innocentes. Meu amado marido, como eu te quero hoje! como eu sinto o teu coração a consolar-me n'estes remorsos!...

Ora, eu não tenho a caridade de crêr nos remorsos de D. Catharina; mas piamente acredito que a mulher se estava sentindo mais amiga do marido, fineza que elle devia agradecer-lhe com as suas mais melifluas caricias.

E veiu logo a succeder que o esposo, surprehendido pela extremosa ternura da senhora, estranhou o caso, e requereu brandamente a explicação da improvisa mudança. Catharina, imaginosa como todas as pessoas que amam muito, explicou, entre alegre e lagrimante, que a final se convencera de que o seu Duarte a não trahia: suspeita de tanta força para ella, que podéra empeçonhar, com as serpes do ciume, a felicidade de duas almas, ligadas por paixão.

Duarte ficou lisongeado e satisfeito. Seguiu-se confessar elle tambem as suas vagas desconfianças emquanto á lealdade da esposa. Aqui é que foi a scena, digna de mais conspicuo narrador. A offendida senhora pregou os olhos no firmamento de madeira, espreitou por elle o azul do empyreo, com a dupla vista que dá a angustia, e murmurou:

—Céos! que injustiça!

Era dôr que lhe encolhia os folípos das lagrimas. Não arranjou a chorar. Caíu de golpe na poltrona de mais capacidade e flacidez para quedas d'aquella natureza! e, tapando a face com as mãos alvissimas, balbuciou, desentallando-se dos suspiros:

—Oh! que infeliz! que infeliz!

Duarte inclinou-se com os labios ao colo de Catharina, e disse affectuosamente:

—Perdoemos um ao outro. Estes ciumes reciprocos dizem que nos amavamos por egual.

Não queria a magoada senhora perdoar; porém, como lhe faltasse fôlego de despejo para sustentar a scena, envergonhou-se de si mesma, e teve dó do marido, a quem ella, e pae, e irmã, deviam a decencia, estado, representação e sociabilidade com as primeiras familias de Lisboa.

Instantes foram estes de consciencia rehabilitada, que poderam muito com ella no decurso da vida, e promettem ser-lhe amparo até ao fim.

É-me pequeno o peito para o prazer que sinto, relatando este caso, que é unico dos meus apontamentos, em egualdade de circumstancias. Ainda ha gente boa e de muitissima virtude: isto é que é verdade.

O fautor d'este successo, com que a gente se consola, foi, sem debate, Calisto Eloy, aquelle anjo!

Com que delicias d'alma contemplava elle a restaurada ventura d'aquelles casados, e o jubilo do

desembargador! E os agradecimentos do ancião, que bem lhe faziam ao peito honrado! E os affectos de Catharina, que de todo ignorava ter sido elle o agente do seu socego; porém muito lhe queria pelo tom grosseiro, mas paternal com que lhe admoestára a culpa!

Afóra o desembargador, uma pessoa unica sabia que o morgado tinha sido o conciliador engenhoso da paz da familia: era Adelaide. Esta menina vivera receosa de que o seu Vasco, rapaz timbroso, a não quizesse esposar, fazendo-a cumplice dos desvios da irmã. Agora, já mais esperançada na realisação do casamento, via com olhos agradecidos o bom provinciano, e attendia-o com os disvelos de extremosa amiga. A isto a incitava o pae, que frequentes vezes lhe dizia:

—Se este honrado fidalgo fosse solteiro, e podesses amal-o, filha, que prazer o nosso se...

—Oh! papá...—atalhava quasi sempre a menina—pois eu havia de casar com elle?...

—Por que não? Honra, riqueza, sciencia e nobreza... que mais querias tu, filha?—perguntava o pae.

Adelaide sorria-se, e murmurava de si comsigo.

—Ainda bem que elle é casado, senão eu tinha que vêr com a jarrêta da creatura!...

No entanto, a reconhecida senhora, no auge da sua gratidão, jogava a sueca emparceirada com Calisto de Barbuda, e ensinou-lhe a jogar as damas, prenda em que o morgado revelou uma inhabilidade que excede todo o encarecimento.

XIV

Tentação! Amor! Poesia!

Eis que, a subitas, do coração de Calisto resalta a primeira faisca de amor!

Conheço que este desastre não se devia contar sem grandes prologos. Sei que o leitor ficou passado com esta noticia. Grita que a inverosimilhança é flagrante. Não póde de boamente consentir que se lhe desfigure a sisuda physionomia moral do marido de D. Theodora Figueirôa. Quer que se limpe da fronte d'este homem o stigma de um pensamento adultero. Honrados desejos!

Mas eu não posso! Queria e não posso! Tenho aqui á minha beira o demonio da verdade, inseparavel do historiador sincero, o demonio da verdade

que não censentiu ao sr. Alexandre Herculano dizer que Affonso Henriques viu coisas extraordinarias no céo do campo de Ourique, e a mim me não deixa dizer que Calisto Eloy não adulterou em pensamento! Estes são os ossos malditos do officio; esta é a condemnação dos infelizes artifices que edificam para a posteridade, e exploram nas cavernas do coração humano os cimentos da sua obra.

Ai! Se Calisto Eloy foi de repente assalteado do dragão do amor, como hei de eu inventar preludios e antecedencias que a natureza não usou com elle!? Se o homem, espantado, a si mesmo se interrogava, e dizia: «isto que é?!» como hei de eu dizer ao leitor o que foi aquillo?!

O que elle sabia e eu sei é que, estando Calisto de Barbuda a jogar a sueca de parceiro com Adelaide, a razão de cruzado novo a partida, a menina passou a sua bolsinha de filagrana para a mão do parceiro, e disse-lhe:

—Administre-me o meu thesouro, sr. morgado. Tenho ahi o meu dote.

—Pois sejam todos muito boas testemunhas da quantia que recebo da ex.ma sr.a D. Adelaide, minha senhora;—disse Calisto, esvasiando a bolsinha.

Com as moedas de prata e oiro, que a bolsa continha, saíu um pequeno coração de oiro esmaltado com iniciaes.

Ah!—acudiu Adelaide pressurosa—isto não!..—E retirou sofregamente o coraçãosinho.

Algum dos circumstantes disse:

—Então o sr. morgado não serve para administrar corações?!

—Serve para os dominar com a sua bondade, e enchel-os de affectuosa estima—respondeu com adoravel graça a menina.

Foi n'este instante que o morgado da Agra de Freimas sentiu no lado esquerdo do peito, entre a quarta e quinta costella, um calor de ventosa, acompanhado de vibrações electricas, e vaporações calidas, que lhe passaram á espinha dorsal, e d'aqui ao cerebêlo, e pouco depois a toda a cabeça, purpureando-lhe as maçãs de ambas as faces com o rubor mais virginal.

D'isto não deu tento Adelaide nem a outra gente.

Duas enfermidades ha ahi, cujos symptomas não descobrem as pessoas inexpertas; uma é o amor, a outra é a tenia. Os symptomas do amor, em muitos individuos enfermos, confundem-se com os symptomas do idiotismo. É mister muito acume de vista e longa pratica para descriminal-os. Passa o mesmo com a tenia, lombriga por excellencia. O aspecto morbido das victimas d'aquelle parasita, que é para os intestinos baixos o que o amor é para os intestinos altos, confunde-se com os symptomas de graves achaques, desde o hidrotorax até á espinhela caída.

E aqui está que Calisto Eloy—ia me esquecendo dizel-o—tambem sentiu a queda da espinhela, sensação esquisita de vacuo e despêgo, que a gente experimenta, uma pollegada e tres linhas acima do es-

lomago, quando o amor ou o susto nos leva de assalto repentinamente.

Sem embargo da concumitancia de tantas enfermidades, Calisto de Barbuda èmbaralhou as cartas, passou-as á esquerda, e jogou a primeira partida com tamanha incuria e desacerto, que Adelaide, no acto do pagamento da aposta observou ao parceiro que era preciso administrar com mais zelo o dote da sua amiga.

E ajuntou:

—V. ex.ª esteve a compor algum bello discurso para a camara...

O morgado cacarejou um sorriso, e mais nada.

Proseguiu o jogo. Calisto deu provas de supina bestidade em quatro partidas de sueca. Adelaide, dissimulando a má sombra do fastio com que estava jogando, aturou até ao fim a partida, com grande desfalque do seu peculio.

Tinha-se feito uma atmosphera nova em redor dos pulmões de Calisto. A loquacidade, embrechada de sentenças e latinismos, com que elle costumava aligeirar as palestras dos eruditos amigos do desembargador, desamparou-o n'aquella noite. Isto causou extranhesa e cuidados ao amoravel Sarmento, que presava Calisto como a filho.

A partida acabou taciturna e triste.

Fechado em seu gabinete de estudo, o morgado da Agra, sentou-se á banca, apanhou entre dois dedos o beiço superior, e esteve assim meditabundo

largo espaço. Depois, ergueu-se para dar largas ao coração que pulava, e andou passeando com desusada agilidade e aprumo de corpo. Parou diante da livraria, tirou d'entre os poetas classicos o dilecto Antonio Ferreira, sentou-se, abriu á sorte, e leu, declamando os dois quartetos do soneto v;

> Dos mais fermosos olhos, mais fermoso
> Rosto, qu'entre nós ha, do mais divino
> Lume, mais branca neve, oiro mais fino,
> Mais doce fala, riso mais gracioso:
>
> D'um Angelico ar, de um amoroso
> Meneo, de um spirito peregrino
> S'acendeu em mim o fogo, de qu'indino
> Me sinto, e tanto mais assi ditoso.

Repetiu, fez pausa, suspirou, e declamou ainda o primeiro verso do terceto:

> Não cabe em mim tal bemaventurança!

N'isto, a imagem de sua prima e esposa D. Theodora Figueirôa, trazida alli por decreto do alto, antepoz-se-lhe aos olhos enleados na imagem de Adelaide. Calisto estremeceu de puro pejo de sua fraqueza, e lançou mão da ultima carta que recebêra de sua saudosa mulher. Resava assim, escripta por mão de uma filha do boticario de Caçarelhos, com orthographia mais imaginosa que a minha:

«Meu amado Calisto. Cá soube pelo mestre-escóla
«que tens botado algumas fallas nas côrtes, e que
«tens muita sabedoria. O sr. abbade já cá veiu ler-
«me um pedaço do teu dito, e oxalá que seja para
«bem da religião. Olha se botas abaixo as decimas,
«que é o mais necessario. Aqui veiu um padre de
«Miranda para tu o despachares para abbade; e o re-
«gedor tambem quer que tu lhe arranjes um habi-
«to de Christo para elle, e uma pensão para a tia
«Josepha, que é viuva de um sargento de milicias
«de Mirandella. Assim que arranjares isso, manda
«para cá.

«Saberás que mandei trocar os bois barrosãos á
«feira dos onze, e comprei vaccas de cria. Os seva-
«dos não saíram de boa casta, e acho que será bom
«trocal-os na feira dos dezenove. A porca russa teve
«dez leitões hontem de madrugada. E, com isto,
«olha se isso lá acaba depressa, que eu ando por
«cá triste e acabrunhada de saudades. Na semana
«que passou andei mal das reins, e muito despe-
«gada do peito. Hoje vou vêr medir seis carros de
«centeio, que vão para a feira, por isso não te en-
«fado mais. D'esta tua mulher muito amiga, *Theo-*
«*dora.*»

Por mais que recolhesse o espirito vagabundo, Calisto não dava tento d'estes dizeres de Theodora, encantadores de simplicidade e boa governança de casa. Arrumou a carta, re-abriu o seu Antonio Ferreira, e leu no soneto XXXIII:

Eu vi em vossos olhos novo lume,
Qu'apartando dos meus a nevoa escura,
Viram outra escondida fermosura,
Fóra da sorte e do geral costume...

Deitou-se por deshoras, e dormitou sobresaltado. Ante-manhã espertou com as alvoradas de uns pintassilgos e calhandras, que lhe cantavam amorosamente na alma. Eram as alegrias do primeiro amor, aquelles momentos de céo, visita dos anjos, que todo coração hospedou na infancia, na virilidade, ou já na decadencia da vida. Saíu alegre do leito, e leu algumas lyricas de Camões e Filintho Elysio.

Nunca em sua vida poetára Calisto Eloy de Silos. O amor não lhe havia dado o beliscão suavissimo, que por vezes, abre torrentes de metro da veia ignorada. Eis que o corisco da inspiração lhe vulcanisa o peito. Levanta machinalmente a mão á fronte, como a palpar a excrescencia febril que todo o poeta apalpa no conflicto sublimado do estro. Senta-se: pega da penna, e o coração distilla por ella este fragmento de madrigal, que, a meu vêr, foi o ultimo que o sincero amor suggeriu em peito portuguez:

Senhora de grão primor,
Meu amor,
Formosissima deidade,
Arde meu peito em saudade,
Quem fui hontem, não sou hoje;
Minha alegria me foge,
Se vos olho.

Já captivo em vós me acôlho,
Havei de mìm piedade;
Sêde minha divindade;
Não leveis a mal que eu chore
Com tanto que vos adore
Gentil e nobre menina
Como Camões a Cath'rina
E como Ovidio a Corinna.

Posto isto, o morgado da Agra relanceou os olhos com desdem para o taboleiro do almoço, e com muita repugnancia, consentiu ao appetite que se desjuasse com uma linguiça assada, almoço que elle alternava com um salpicão frito.

Depois quando se estava vestindo, olhou para a casaca de briche e para as pantalonas apolainadas, e teve engulho d'esta fatiota. Vestiu-se, saíu apressado, e entrou no estabelecimento do sr. Nunes na rua dos Algibebes. Aqui o vestiram o mais desgraciosamente que puderam, com um farto paletó de panno côr de rato, e umas calças de xadrez cinzento, e colete azul, de rebuço, com botões de coralinas falsas. No Chiado abjurou um chapéo de molas de merino, e comprou outro de castor, á ingleza. Cumpria-lhe vestir as primeiras luvas de sua vida. No vestil-as arrostou com difficuldades, que venceu, rompendo a primeira luva de meio a meio. Disse-lhe a luveira que não introduzisse os cinco dedos ao mesmo tempo, e ajudou-o na ardua empreza.

Dois mancebos galhofeiros, que estavam na loja,

riram indelicadamente da inexperiencia do sujeito desconhecido. Um d'elles, confiado na inepcia tolerante do provinciano, ou supposto brazileiro, disse, a meia voz, ao outro:

—Quatro pés nunca vestiram luvas.

Calisto encarou n'elles com sorriso minacissimo, e disse á luveira:

—As luvas são boa coisa para a gente não dar bofetadas com as mãos.

Os joviaes sujeitos olharam-se com ar consultivo, sobre o despique digno da affronta, e tacitamente concordaram em se irem embora.

Ao meio dia, entrou o morgado na camara, e fez sensação. As calças de xadrez eram uma das grandes desgraças, que a providencia, por intermedio do sr. Nunes aljubêta mandára a este mundo. Como se a substancia não fosse já um crime de leso gosto e lesa seriedade, ainda por cima as pernas caíam sobre as botas em feitio de boca de sino.

A camara afogou o riso, salvo o dr. Liborio do Porto, que tirou de dentro esta facecia puchada á fieira do costumado estylo:

—Guapamente intrajado vem mestre Calisto! Faz-se mister saber que rolos de pragmaticas lhe impendem entre as botinas e as pantalonas. Certo, que o urso se pule e lustra. Bom seria que o cerebro se lhe vestisse de roupagens novas e hodiernos afeites!...

Foram festejados estes apódos pelos tolos mais convisinhos do dr. Liborio.

Calisto houve noticia da zombaria do doutor: a intriga politica não perdeu lanço de acirrar o morgado contra Liborio, que era governamental.

N'esta sessão fôra dada ao deputado portuense a palavra, na discussão de uma proposta de lei sobre cadeias. O morgado, assim que lh'o disseram, aguardou opportunidade de desforrar-se da chacota.

Ai da patria, quando os talentos parlamentares se incanzinam n'estas pugnas inglorias!

XV

Ecce iterum Crispinus...

Corrido um quarto de hora, fez-se na camara o silencio da subterranea Pompea. É que o dr. Liborio ia fallar.

—Sr. presidente, e senhores deputados da nação portugueza!—disse elle—*Vem-nos agora sob a mão assumpto, até aqui pretermittido.* [1] Pelo que toca e friza com cadeias patrias, direi os cinco stygmas que um estylista de folego esculpiu nos frontaes d'esses antros:

INJUSTIÇA!

[1] Palavras e phrases sublinhadas são plagiatos. O dr. Liborio tinha vasta leitura da *Reforma das Cadeias* do insigne escriptor, A. Ayres de Gouveia, ministro da justiça, ao fazer d'esta nota (20 de março de 1865, meia-noite).

IMMORALIDADE!

IMMUNDICIE!

INSULTO!

INFERNO!

Inferno, sr. presidente, inferno dantesco, inferno theologico em que ha o ranger de dentes, *stridor dentium!*

Que é da civilisação d'esta miserrima e tão coitada terra? Quem nos lampeja verdade n'esta escureza em que nos estorcemos? Ai! *A verdade ainda não matiza de rosicler a alvorada do novo dia.* As idéas entre nós estão como *flores palpitantes no gomo nascente.* Eu me esquivo, sr. presidente, *o lavor de historiar as successivas phases que tem percorrido os methodos do aprisoamento.* Urge primeiro pregoar a brados que se faz mister funda cauterisação na lei. O direito não se estudou ainda em Portugal. Pois que é o direito? *No seu todo synthetico e como corpo doutrinal, o direito é a sciencia da condicionalidade ao fim do homem.* Consoante vige e viça o nosso direito de punir, sr. presidente, *o juiz é o delegado de Deus, o carrasco o substituto do anjo S. Miguel.* [1]

Calisto Eloy pediu a palavra. O orador proseguiu:

—Sr. presidente, n'este paiz não se attende ás bossas. Os legisladores não estudam o crime com o

[1] Já se disse que os primores sublinhados são despejadamente forrageados no livro do sr. dr. Ayres de Gouveia.

compasso sobre um craneo esbrugado. *Se fordes a Windsor Castle e vos metterdes de gôrra com os guardas que mostram o castello, ouvireis que um dos filhos da rainha tem uma irresistivel tendencia para a rapina: é uma pêga humana.* Uma pêga humana, rapacissima, a mais não! Sr. presidente, *do nosso rei D. Miguel se conta, que já mancebo saído da puericia, se entretinha a maltratar animaes, chegando um dia a ser encontrado arrancando as tripas a uma gallinha viva com um sacarolhas.* [1]

—*Vozes:* Á ordem! Á ordem!

—*O orador:* Pois em que me transviei da ordem?

—*Uma voz:* Não se diz no seio da representação nacional: *o nosso rei D. Miguel.*

—*O orador:* Eu referi o caso com as expressões em que o acho narrado n'um livro mirifico e sobre-excellente do sr. dr. Ayres de Gouveia.

—*Uma voz:* Pois não faça obra por inepcias do dr. Ayres de Gouveia.

—*O orador:* Retiro a dessoante phrase, que impensada destilei do labio, e ao ponto me revêrto. Sem a sciencia de Porta e de Blumenbache toda a penalidade saírá vêsga, bestial, e infernalissima. É natural, sr. presidente, que o sentimento se corrompa, assim como o *calculo se empedra, e arraiga o*

[1] *A Reforma das Cadeias*, part. I, pag. 26.

cancro nas entranhas, e o coração se ossifica, e o hydrocephalo se gera, ainda nos mais solicitos em hygiene:

Posto isto, sr. presidente, cumpre dividir os sexos, pelo que diz respeito ao calibre do castigo. Eu citarei com quanta emphase me cabe n'alma, algumas linhas do joven explendido de verbo, que auspicia e promette o primeiro criminalista d'esta terra. Fallo de Ayres de Gouveia, e n'elle me estribo. O douto viajeiro diz: «O individuo, para quem a lei «legisla, e a quem tem em vista, é o homem *(vir)*, «não a mulher *(mulier)*, desde os vinte e um an«nos, ou época do predominio racional, até aos ses«senta, ou principio do periodo debilitante, no es«tado generico, ou que constitue a generalidade de «ser homem, não descendo sequer ás gradações «principaes, que tornam o *homo* homem, o genero «especie.» [1]

É certo, sr. presidente, que a *femina toca o requinte da depravação, e chega a effeituar horrores cuja narração é de si para gelar ardencias de sangue, para infundir pavor em peitos equanimes,* porem, o mobil dos crimes seus d'ellas é outro: *as faculdades da mulher agitam-se perturbadas*; *é um periodo de evolução*, e não ha ahi *arcar com evidencia.*

Que farte me hei despendido em razões que superabundam no caso em que me empenho, de par-

[1] *Ibid.*, pag. 47.

çaria com Victor Hugo, e com quejandas lumieiras que esplendem na vanguarda d'esta caravana da humanidade, que se vae demandando a Meca da perfectibilidade. Faça-se a lei, restaure-se a justiça, e depois crie-se a penitencia, regimente-se o criminoso *aprisoado!* Aos que já metteram rêlha e adubo no torrão do novo plantio, d'aqui me desentranho *em louvores e muitos e francos e perennes.*

Sr. presidente! Em quanto a cadeias, estamos no mesmo *pé de idéas da inquisição!* Que esterquilinios! que protervia! Eu quero, com o dr. Ayres, que *todo o preso seja de todo barbeado semanalmente, lave rosto e mãos duas vezes por dia, e tenha o cabello da cabeça cortado á escovinha.* Eu quero, com o doutor supracitado, que elle não fume, nem beba bebida fermentada. *Agua em abundancia,* e mais nada potavel. Não quero que os presos se conversem, porque, no dizer do insigue patricio meu, e abalisado humanista, *das cadeias saem delineamentos de assaltos, e assassinatos de homens que sabem ricos.*

Lastimado isto, sr. presidente, um preso descomedido entre os de mais, é *qual febricitante despedido do leito que como setta voada do arco, exaspera em barulho os males de toda a enfermaria.*

Eu quero que o preso funcionne intellectivamente, e de lavores corporaes se não desquite. O homem sem instrucção *obra instinctivamente, obra egoistamente, obra scepticamente,* se lhe escaceia religião.

Ao preso *lide-lhe a mão na tarefa, sim; mas lide-lhe tambem a cabeça na idéa. Inclinando rasoamento* para isto, em todas as cadeias europeas lustram sciencias, pulem saber, e se amenisam instinctos. Veja-se o que diz o nunca de sobra invocado Ayres, honra e joia da cidade de Sá de Menezes, d'Andrade Caminha, de Garrett, cidade onde me eu rejubilo de haver vagido nas faixas infantis. É mister que se entranhe o sacerdote no cancro das masmorras; mas o sacerdote *atilado de engenho e todo impeccavel de costumes;* e não padres cuja *uncção sacrosanta se lhes convertesse no corpo em lascivos amavios.* Quem sabe ahi *joeirar o optimo para capellães de prisões?*

Depois quer-se *um director*, *olho e norma. E tão boas partes se lhes requerem, que ainda scismando talhal-o um composto de virtudes, o não viriamos delinear senão escorço.*

Deu a hora, sr. presidente. A materia é tal e tão rica, e para tamanho cavar n'ella, que se me confrange alma de lhe não dar largas. Aqui me fico, e do imo peito espido brado de louvor, que louvaminha não é, ao illustre membro d'esta camara que mandou para a mesa a proposta da reformação das cadeias. Bençãos lhe chovam, que assim, com valida mão, emborca a froixo urnas de balsamos sobre a esqualidez da mais ascosa ulcera da humanidade. (Prolongados applausos. *O orador foi comprimentado por pessoas graves, que tinham estado a rir-se.)*

Calisto Eloy contemplou-o com a fixidez de me-

dico, que estuda os symptomas da demencia nos olhos do enfermo. Depois, voltando-se contra o abbade de Estevães, disse:

—Eu queria ver como este dr. Liborio tem a cabeça por dentro.

E rythmando o compasso com os dedos na tampa da caixa declamou:

Quantos folgam fallar a prisca lingua
Qual Egas, qual fallou Fuas Roupinho,
Qual esse conde antigo, que levára
A villa de Condeixa por compadre!
Mas como a fallam? Poem sua méestria
Em palavras sediças, termos velhos
Termos de saibo e mofo, que arrepiam
Os cabellos da gente...
Que dizes d'isto?
Como chamas a estes ?.....
Que eu não acerto a dar-lhe um nome proprio.
Que bem quadre a tão rancidos guedelhas?
Quando estas coisas desvairadas vejo
Dão-me engulhos de riso, ou já bocejos,
Como arrepiques certos de gran fome! [1]

[1] Antonio Ribeiro dos Santos. 1.º vol., p. 186.—A. *Alexis*

XVI

Quantum mutatus!...

À noite, no salão do desembargador Sarmento, soube-se que o morgado da Agra havia de orar no dia seguinte. Entre as pessoas alvoraçadas com a noticia, a mais empenhada em ouvil-o era D. Adelaide. Ao encontro de Calisto Eloy saiu ella pedindo-lhe com requebrada doçura, tres entradas na galeria das senhoras, para ella, irmã e pae.

— Já sou considerado senhora, amigo Barbuda! —ajuntou o velho—São as tristes honras da ancianidade!... E lá vou, lá vamos ouvil-o. Ha seis mezes que não saí de casa, nem sairia para ouvir o proprio Berryer ou Montalembert.

— Beijo-lhe as mãos pela cortezia, meu benigno

amigo—disse Calisto; porém olhe que ha de chorar o tempo malbaratado. Eu não vou discorrer, nem cogitei ainda no que direi. Pedi a palavra, quando uma brava sandice me esfusiou nos tympanos, e estorcegou os nervos. Soou-me lá que o carrasco estava substituindo o anjo S. Miguel!... Ó meu caro desembargador, eu entro a desconfiar que a besta do apocalipse já tem tres pés bem ferrados no parlamento! Quando lá metter o quarto pé, a gente escorreita é posta fóra da sala a couces. Peço a vv. ex.as perdão do pleismo do termo—disse Calisto voltando-se para as damas, que estavam examinando com espanto as transfiguradas vestes do morgado.—A boa policia, continuou elle, perde-se com a paciencia. Hei grão medo de volver-me ás minhas serras mais rudo do que vim.

—Está-se desmentindo v. ex.a—acudiu D. Catharina graciosamente—com os trages cidadãos que apresenta hoje! Cuidavamos que havia jurado nunca reformar a sua *toilette* de 1820!

Calisto sorriu contrafeito, e sentiu-se algum tanto molestado no seu pundonor e seriedade. Como a causa da mudança do vestido era pouco menos de irrisoria, o homem foi logo castigado pela propria consciencia. A si lhe quiz parecer que era já ante si proprio, outro sujeito, e que os estranhos lhe liam no rosto o desaire inquietador. Então lhe foi desabafo o coração. Soccorreu-se d'elle para contradizer as reprimendas do juizo; e o coração, coadju-

vado pelas maneiras e ditos affectuosos de Adelaide despontara as ferroadas do juizo.

Os visitantes habituaes do desembargador e as senhoras da casa notaram certa mudança nos modos e linguagem de Calisto. Dir-se-ia que o paletó e as pantalonas lhe tolhiam a liberdade dos movimentos, e aquella assim rude, que sympathica espontaneidade da expressão.

Authorisados philosophos e christãos disseram que o vestido actua imperiosamente sobre o moral do individuo. Nas paginas immorredouras de fr. Luiz de Sousa está confirmado isto. «É nossa natureza muito amiga de si (diz o historiador do santo arcebispo) e experiencia nos ensina que não ha nenhuma tão mortificada, que deixe de mostrar algum alvoroço para uma peça de vestido novo. Alegra e estima-se ou seja pela novidade ou pela honra, e gasalhado que recebe o corpo. Até os pensamentos e as esperanças renova um vestido novo.» [1]

O adoravel dominicano, pelo que diz da alegria

[1] É egual o sentir do padre Manuel Bernardes. Diz assim: «Adverte que as varias disposições e accidentes que tocam ao nosso corpo, pegam o seu modo tambem ao espirito... Diversa feição e actualidade tem o espirito de quem vae montado em um formoso cavallo, e o do que vae em um despresivel jumento. Se o teu vestido fôr pobre e roto, repara que o espirito recebe d'aqui alguma disposição differente da que tem quando o vestido é novo e asseado: e assim nas mais cousas. (LUZ E CALOR. *Silva de varios dictames espirituaes.*)

que influe no animo um vestido em folha, enganou-se a respeito de Calisto Eloy. O homem dava ar de quebranto e melancholia, salvo se o jubilo se lhe introvertera ao coração. Creio que era isto. Era o amor abscondito a magoal-o docemente. E a não ser o amor, o que poderia ser senão as calças de xadrez? De feito, o amor quando é serio, põe ás canhas o mais pespontado espirito, e o mais mazorral tambem. O amoroso de grande loquella, volve-se parvoinho em presença da sua amada; o sandeu tem inspirações e raptos, que seriam influxo do céo, se não soubessemos, que o demonio tentador costuma incubar-se e parvoejar eloquentemente no corpo d'estes palermas.

Calisto Eloy pagou o tributo dos espiritos esclarecidos. Umas eloquentes simplezas, com que elle costumava alegrar o auditorio; as maximas joviaes de Supico e outras com que elle intermeava a conversação; as gargalhadas provincianas, as liberdades desmaliciosas, o ar de familia com que elle se fazia bemquerer e desculpar de alguma demasia menos urbana do que permitte a convenção das salas: tudo isto, que lhe ia tão bem ao morgado, se demudou em recolhimento cogitativo, sombra triste e acanhada parvolez.

N'esta noite, concorreu á partida do desembargador aquelle Vasco da Cunha, galanteador de Adelaide, mancebo bem composto de sua pessoa, sisudo, e muito catholico. Este fidalgo, representante dos melhores Cunhas, mencionados na «Historia Genealo-

gica da Casa Real» e no «Villas-boas além do brilho herdado, estava-se gosando de lustre propriamente seu, figurando sempre nos annuncios pios em que os fieis eram convidados a assistir a tal festividade religiosa, ou convocando assembléas de irmandades, para o fim de consultas attinentes á maior pompa do culto divino. Dito isto, dispensa o leitor que se annumerem outras virtudes a facto só por si tão significativo. As outras virtudes hão de vir apparecendo naturalmente.

Alguem disse a Calisto Eloy que o circumspecto Vasco da Cunha não era estranho ao coração de Adelaide. Esta nova sobresaltou o peito do morgado, sem comtudo, lhe innevoar os olhos do discreto juizo, a ponto de se dar em espectaculo de risivel ciume. Reparou no porte de ambos; e tão graves e cerimoniosos os viu durante a partida, que não achou razão para os crer enamorados bem que, n'esta noite, Adelaide jogasse o voltarete com Vasco da Cunha, e seu cunhado Duarte Malafaya.

Ás onze horas, Calisto Eloy retirou-se taciturno e contristado.

A só com a sua consciencia, e debaixo do olhar severo dos seus livros, o marido de D. Theodora Figueirôa reflectiu conturbado na transformação do seu modo de viver e sentir. Gritou-lhe a razão que fizesse pé atraz no caminho que o levava á ladeira de algum abysmo, ou ás fauces voracissimas do amor que tão illustres victimas tinha ingulido. A memoria,

alliada da razão, abriu-lhe os fastos desgraçados do coração humano, desde o perdimento de Troia até á extincção do imperio godo nas Hespanhas. Viu desfilarem, uma por uma, todas as mulheres fataes, desde Dalila até Florinda, a forçada do conde Julião; e, no couce de todas, a phantasia febril da insomnia afigurou-lhe Adelaide.

Aos quarenta e quatro annos a razão póde muito, se o coração já está enervado e enfraquecido de luctas e quedas; todavia, a razão dos quarenta e quatro annos é ainda frouxa e transigente, se o coração começa a amar tão a deshoras. Não se calculam as miserias e parvoiçadas d'esta serodia mocidade!

Não obstante, Calisto, pouco antes de adormecer por volta das quatro da manhã, protestára esquecer Adelaide, perguntando a si proprio se seria crime amal-a como os paladinos dos tempos heroicos amaram incognitamente grandes damas, sem mais logro de seus amores que adorarem-n'as? Com isto queria elle responder á imagem plangente de Theodora, que o estava arguindo.

Pobre senhora! áquella hora já ella andaria a pé, a moirejar pela cosinha, a fim de mandar almoçados para a lavoura os servos, e cuidar dos leitões.

Ai! maridos, maridos! Quando a Providencia vos enviar mulheres d'este raro cunho, encostae a face ao regaço d'ellas, e não queiraes saber como é que o inimigo de Deus enfeita as suas cumplices na perdição da humanidade!

XVII

In Liborium

Estavam cheias as galerias da camara.

Entre as mais formosas, extremava-se a filha do desembargador Sarmento. A pedido de Calisto Eloy, fôra o abbade de Estevães levar as entradas ao magistrado, e offerecer-se a conduzir as senhoras á galeria.

O vistoso coreto das damas exornavam-n'o, talvez mais que a formosura, algumas senhoras doutas enfrascadas em politica, amoraveis Cormenins, que aquilatavam o merito dos oradores com incontrastavel rectidão de juizo e apurado gosto. Lisboa tem dezenas d'estas senhoras Cormenins.

Não direi que o renome de Calisto attrahisse as damas illustradas: era grande parte n'este concur-

so femeal a esperança de rirem. A nomeada do provinciano, bem que favorecida quanto a dotes intellectuaes, cobrára fama de coisa extravagante e impropria d'esta geração.

Entrou Calisto na sala um pouco mais tarde que o costume, porque fôra vestir-se de calça mais cordata em côr e feitio. Não me acoimem de archivista de insignificancias. Este pormenor das calças prende mui intimamente com o cataclismo que passa no coração de Barbuda. Aquella alma vae-se transformando á proporção da roupa. Assim como o leitor, á medida que o amor lhe fosse avassalando o peito, escreveria paginas intimas, ou ainda peor, cartas corruptoras á mulher querida, Calisto, em vez d'isso, muda de calças.

As damas, que o esperavam vestido conforme a fama lh'o pintára, desgostaram-se de vêl-o trajado no vulgar desgracioso, do commum dos representantes do paiz.

Apenas Calisto Eloy se assentou, entrou-se na ordem do dia, e logo o presidente lhe deu a palavra.

Cessou o reboliço e fallario d'aquella feira veneranda, assim que o deputado por Miranda, começou d'este theor:

—Sr. presidente! Muito ha que se foi d'este mundo o unico sujeito, de que me eu lembro, capaz de entender o sr. dr. Liborio, e capaz de fallar portuguez digno de s. ex.ª Era o chorado defuncto um personagem que foi uma vez consultar o dr. Manuel

Mendes Enchundia, ácerca d'aquella famigerada casa que elle tinha na ilha do Pico, com um passadiço para o Baltico. V. ex.ª e a camara, podem refrescar a memoria, lendo aquelle pedaço de estylo, que presagiou estas farfalharias de hoje.

Sr. presidente, a mim faz-me tristeza contemplar a ribaldaria, com que os belfurinheiros de missangas e lantejoulas adornam a lingua de Camões, despojando-a dos seus adereços diamantinos. A pobresinha, trajada por mãos de gente ignara, anda por aqui a negacear-nos o riso como moura de auto, ou anjo de procissão de aldeia. Se acerta de lhe pagarem os farrapinhos broslados de folha de Flandres em algum silvedo, a mesquinha fica núa, e nós a córarmos de vergonha por amor d'ella.

É forçoso, sr. presidente, que a linguagem castiça vá com a patria a pique?

Á hora final da terra de D. Manuel, não haverá quem lavre um protesto em portuguez de João Pinto Ribeiro, contra os Iskariotas, Juliões, Vasconcellos e Mouras, que nos vendem?

Vozes: Á ordem!

O orador: É contra o regimento d'esta casa, repetir o que está dito na historia, sr. presidente?

O presidente: Sem offensa de particulares.

O orador: Authorisa-me portanto, v. ex.ª a crer que n'esta casa está Iskariotas, e o bispo Julião, e Miguel de Vasconcellos, e...

Vozes: À ordem!

O orador: Pois então eu calo-me, se offendo estes personagens a quem me não apresentaram, ainda bem! As minhas intenções são inoffensivas, no entanto, desconsola-me a camaradagem. Se eu soubesse que estava aqui similhante gente, não vinha cá, palavra de homem de bem!

O dr. Liborio: Mais prestimoso fôra ao cosmos, se o sr. Calisto estanceasse no agro do seu covil a lidar com a fereza dos javalis.

O orador: Não percebi o dito bordalengo: faça favor de explicar-se.

O dr. Liborio: Já disse que não desço.

O orador: Se não desce, cairá de mais alto. Refiro a v. ex.ª a fabula da aguia e do kágado, na linguagem lidima e chan de D. Francisco Manuel de Mello. É o *Relogio da Aldeia,* que falla no dialogo dos *Relogios fallantes:* «...Lembra-me agora o que vi succeder a um kágado com uma aguia, lá em certa lagoa da minha aldeia: veiu a aguia, e de repente o levantou nas unhas, não com pequena inveja das rãs, e de outros kágados, que o viam ir subindo, vendo-se elles ficar tão inferiores a seu parceiro. Julgavam por gran fortuna que um animal tão para pouco, fosse assim sublimado á vista de seus eguaes. Quando n'isto, eis que vemos que, retirada a aguia com sua presa a uma serra, não fazia mais que levantar o triste animal, e deixal-o cair nas pedras vivas, até que quebrando-lhe as conchas com que se defendia...» não

me lembra bem se D. Francisco Manuel diz que a aguia lhe comeu o miolo.

Se o sybillino collega figura na moralidade d'este conto, offerece-se-me cuidar que não é a aguia.

(Pausa do orador: riso das galerias.)

Sabido, pois, sr. presidente, que as citações historicas fazem repugnancias ao regimento e á ordem, abjuro e exorciso os demonios incubos e succubos da historia, pelo que rogo a v. ex.ª muito rogado que me descoime de desordeiro.

Direi de Quintiliano, se este nome não desconcerta a ordem. Trata-se de oradores, e de estylos viciosos. Diz este mestre dos rethoricos que «ha um natural prazer em escutar qualquer que falla, ainda que seja um pedante, e d'aqui aquelles circulos que a cada hora vemos nas praças á roda dos charlatães» N'esta nossa edade, Quintiliano redivivo diria: «nas praças e nos parlamentos.»

Vozes: Á ordem?

O orador: Pois tambem Quintiliano?!

Bem me quer parecer que rarissimas vezes o admittem aqui a elle!...

O presidente: Lembro ao nobre deputado, que a camara não é aula de rethorica.

O orador: Assim devo presumil-o, vendo que todos a professam com dignidade, exceptuado eu, que me não desdoiro, em confessar que sou o discipulo unico e máo de tantos mestres. Eu direi a v. ex.ª qual eloquencia considero necessaria n'esta casa da

nação: é a eloquencia que a nação entenda. A arte de bem fallar, *ars béne dicendi,* é o estudo da clareza no exprimir a idéa. Os affectos, as galas da linguagem, que lhe tolhem o mostrar-se e dar-se a conhecer dos rudos, não é arte, é tramoya, não é luz, é escuridade. Os meus constituintes mandaram-me aqui fallar das necessidades d'elles em termos taes que por elles v. ex.ª e a camara lh'as conheçam, ponderem, e remedeiem.

Sou da velha clientela de Quintiliano, sr. presidente. Com elle entendo que por de mais se enganam aquelles que alcunham de popular o estylo vicioso e corrupto, qual é o saltitante, o agudo, o inchado, e o pueril, que o mestre denomina *prædulce dicendi genus*, todo affectação menineira de florinhas, broslados de pechisbeque, recamos de fitas como em bandeirolas de arraial.

Eis-me já de força inclinado á substancia do discurso do sr. dr. Liborio. Primeiro me cumpre declarar que não sei pelo claro a quem me dirijo. Ha dias me regalei de ler o succoso livro de um doutor grande lettrado que escreveu da *Reforma das Cadeias*. Achei-o lusitanissimo na palavra; mas hebraico na locução. Tem elle de bom e singular que tanto se percebe lendo-o da esquerda para a direita como da direita para a esquerda. Soou-me que o sr. dr. Liborio, amador do que é bom, se identificára com o livro, e aformosentára o seu discurso com muitas louçainhas d'aquelle thesouro.

Não sei, pois, se me debato com o sr. dr. Ayres, se com o sr. dr. Liborio. *Se me debato,* desavisadamente disse! O discurso não dá péga a debates que não sejam philologicos. Estes não vem aqui de molde. Rethorica, grammatica e logica, se alguem quizer tratal-a n'este predio, entretenha-se lá em baixo no pateo com o porteiro, ou com as viuvas e orphãos, que pedem pão com a logica da desgraça, e com a rethorica das lagrimas: grammatica não sei eu se a fome a respeita: parece-me que não, por que na representação nacional ha famintos que a não exercitam primorosamente. *(Murmurio e agitação na direita. Applausos na galeria. Um* «bravo» *estridulo do desembargador Sarmento. Um cautelleiro dá palmas na galeria popular. A tolice é contagiosa. O presidente sacode a campainha. Restabelece-se o silencio. Calisto Eloy tabaqueia da caixa do radioso abbade de Estevães.)*

O presidente: Relembro, já com magoa, ao sr. deputado que se abstenha de divagações alheias do debate.

O orador: De maneira, sr. presidente, que v. ex.ª quer á fina força, subjugar as minhas pobres idéas em *aprisoamento,* como disse gentilmente o illustre collega!

Pois assim sou esbulhado de um sacratissimo direito? É então certo, como disse o sr. dr. Liborio, que não ha direito em Portugal? V. ex.ª, sem o querer, está sendo, na phrase ingrata do illustre

deputado, o *substituto do anjo S. Miguel! (Riso)* Oh! V. ex.ª não será algoz do pensamento, já de si tão inlanguido que não é mister matal-o: basta deixal-o morrer... Callar-me-hei, se estou magoando v. ex.ª

Vozes: Falle! falle!

O *orador:* O illustre collega referiu o que vem contado no livro do sr. dr. Ayres de Gouveia: *que o nosso rei D. Miguel já mancebo, saido da puericia se entretinha a maltratar animaes, chegando um dia a ser encontrado, arrancando as tripas a uma gallinha com um sacarolhas.* É pasmoso, sr. presidente, que os dois doutores, protestando pela legitimidade do seu rei, um no livro, outro no discurso, refiram a sanguinaria historia do sacarolhas nos intestinos da deploravel gallinha! Eu suei quando ouvi este canibalismo, suei de afflicção, sr. presidente, figurando-me o desgosto da ave!

Protesto, sr. presidente, protesto contra a suja aleivosia cuspida na sombra de um principe ausente, indefeso e respeitavel como todos os desgraçados. Que historia villã é esta? Quem contou ao sr. dr. Ayres o caso infando do sacarolhas nas tripas da gallinha?! Em que soalheiro de antigos lacaios de Queluz ou Alfeite ouviram os refundidores da justiça estas anedoctas hediondas, e mais torpes no squalôr de recontal-as?

E, depois, sr. presidente, que me diz v. ex.ª e a camara áquelle filho da rainha da Grã-Bretanha,

que é um rapinante: *uma pêga humana!* Que musa de tamancos! *uma pêga humana!* Que imagem! que allegoria tão ignobil, e extractado do vocabulario da ralé!...

Em desconto d'estas repugnantes noticias, fez-nos o sr. doutor o bom serviço de nos dizer que homem em latim é *vir*, e mulher é *mulier*, e que, em alguns casos, *homo* tambem é homem. Ficamos inteirados e agradecidos. Uma lição de linguagens latinas para nos advertir que a lei não legisla para a mulher!... Teremos ainda de assistir á repetição do concilio em que havemos de averiguar se a mulher é da especie humana? Se os srs. drs. Ayres ou Liborio, alguma vez, dirigirem os negocios judiciarios e ecclesiasticos em Portugal, receio que os legisladores excluam a mulher das penas codificadas, e que os bispos lusitanos as excluam da especie humana!... E peior será se algum d'estes ministros, no intento de punil-as, as classificam nas aves, e nomeadamente nas gallinhas! O horror dos sacarolhas, sr. presidente, não me desaperta o animo!

Porque não ha de ser castigada a mulher por egual com o homem? Resposta séria á pergunta que tresanda a paradoxo: «Porque, no delicto, as faculdades da mulher agitam-se perturbadas; é um periodo de evolução.» A mulher, que mata, por ciume é que mata; a mulher, que propina venenos, por ciume é que despedaça as entranhas da victima. Isto é crime, ao que parece; crime, porém, de *fa-*

culdades que se agitam perturbadas, e periodo de evolução. Se o termo fosse parlamentar, eu diria *farelorio!*

Quem ha de enristar armas de argumentação contra estes odres de vento?

O que eu melhor entendi, graças á linguagem correntia e pedestre da arenga, foi que o illustre collega, avençado com o sr. dr. Ayres, querem *que todo o preso seja de todo barbeado semanalmente, lave rosto e mãos duas vezes por dia, e tenha o cabello cortado á escovinha, e beba agua com abundancia, e não beba bebidas fermentadas, nem fume.*

N'este projecto de lei a pequice corre parelhas com a crueldade. Que o preso lave a cara duas vezes por dia, isso bom é que elle o faça, se tiver a cara suja; mas obrigal-o a lavatorios superfluos, é risivel puerilidade, juizo pouco aceiado que precisa tambem de barrela.

Privar do uso do tabaco o preso que tem o habito de fumar inveterado, é requisito de deshumanidade que sobreleva á pena de prisão perpetua ou degredo por toda a vida. Tirem o cigarro ao preso; mas pendurem logo o padecente, que elle ha de agradecer-lhe o beneficio.

Estes reformadores de cadeias, sr. presidente, parece que tem d'olho apertar mais as cordas que amarram o condemnado á sentença; picar-lhe as veias, e desangral-o gota a gota, na intenção de o regenerar e rehabilitar! Optima rehabilitação! humanissi-

mos legisladores! Querem que o preso se regenere hydropaticamente. Mandam-n'o lavar a cara duas vezes por dia. *Agua em abundancia,* conclamam os dois doutores. Fazem elles o favor de dar ao preso agua em abundancia; mas descontam n'esta magnanimidade prohibindo-os de fallarem aos companheiros de infortunio, com o formidavel argumento de que *sáem das cadeias delineamentos de assaltos, e assassinatos de homens que sabem ricos!...*

«Delineamentos de assassinatos»! Que é isto? *Assassinato* é coisa que me não cheira a idioma de Bernardes e Barros. Seja o que fôr, é coisa horrivel que sáe das cadeias com seus delineamentos, contra homens que os *presos sabem ricos.* Aqui, sr. presidente, n'este *sabem ricos,* quem soffre o *assassinato* é a grammatica. O atticismo d'esta phrase é grego de mais para ouvidos lusitanos.

O que é um preso descomedido, sr. presidente? Dil-o-hei? *Vox faucibus hæsit!...*

É febricitante despedido do leito, que, como setta voada do arco, exaspera em barulho os males de toda a enfermaria. Que se ha de fazer a um patife que é setta voada do arco? Faz-se-lhe lavar a cara terceira vez!

Que desperdicio de poesia para descrever um preso bulhento!

Setta voada do arco! Que infladas necedades assopram estes estylistas de má morte!

Inclinando rasoamento (peço venia para me tam-

bem enriquecer com esta locução do sr. dr. Ayres) inclinando rasoamento a pôr fecho n'este palanfrorio com que dilapido o precioso tempo da camara, sou a dizer, sr. presidente, que a melhor reforma das cadeias será aquella que legislar melhor cama, melhor alimento, e mais christã caridade para o preso. Impugno os systemas de reforma que disparam em accrescentamento de flagelação sobre o encarcerado. Visto que Jesus Christo, ou seus discipulos, nos ensinam como obra de misericordia visitar os presos, conversal-os humanamente, amaciar-lhes pela convivencia a ferocia dos costumes, não venham cá estes civilisadores aventar a soledade aos ferrolhos, o insulamento do preso, aquelle terrivel *vœ soli!* que exacerba o rancor, e os instinctos enfurecidos do delinquente.

Tenho dito, sr. presidente. Não redarguo ao mais do discurso, porque não percebi. Sou um lavrador lá de cima, e não adivinhador de enygmas. *Davus sum, non OEdipus.*

O orador foi comprimentado por alguns provincianos velhos.

XVIII

Vae cair o anjo!

A respeito do ultimo discurso de Calisto Eloy, as gazetas governamentaes estamparam que a sala da representação nacional nunca tinha sido testimunha de insolencias de tamanha rudesa e tão audaciosa ignorancia. Os jornaes da opposição liberal disseram que o representante de Miranda, á parte as demasias escolares do seu discurso, déra uma util, bem que severissima lição, aos meninos que jogueteam com o paiz, indo ao sanctuario das leis bailar em acro-batismos de linguagem, que seriam irrisorios em palestra de estudantes de selecta segunda.

Em casa do desembargador é que o morgado deslumbrou o renome dos fulminadores de catilinarias e filippicas. A numerosa roda do fidalgo legitimista

encarava com venerabundo assombro em Calisto Eloy. As raças godas, que o não conheciam, concorreram a dar-lhe os emboras a casa de Sarmento. Sangue dos Affonsos e Joões não se dedignava de inventar em Calisto um primo. Todos queriam ter nas arterias sangue de Barbudas. E elle, o genealogico por excellencia, modestamente contradictava o empenho de alguns parentes honorarios; bem que, de si para si, e para alguns amigos, se ufanava de não carecer de tal parentella para egualar-se barba por barba com os mais antigos titulares em limpeza de sangue. As expressões laudatorias que mais calaram no animo de Calisto Eloy disse-as Adelaide. A menina, confessando sua surpresa no parlamento, foi sincera. Não o julgava tão denodado e destemido em face de gente nova, que parecia acovardar-se diante da coragem de um provinciano algum tanto achamboado. Disse ella á mana Catharina que a fronte de Calisto parecia allumiada, e no todo das feições e ademanes se revelava certa nobreza e garbo, que o faziam parecer mais novo.

E era assim. Os quarenta e quatro annos do morgado, vividos na aldeia, e no resguardo da bibliotheca, viçavam ainda frescura de mocidade. A reforma do trajar fôra grande parte n'isto. A casaca antiga, e o restante da roupa trazida de Miranda, tolhiam-lhe a elegancia das posturas e movimentos, nos primeiros discursos.

Cicero e Demosthenes, se entrassem de frak, no

forum ou na ágora, desdouravam os mais luzentes relevos de suas esculpturaes orações. A estatuaria do orador pende grandemente do alfaiate. Vistam Casal Ribeiro ou Latino Coelho, Thomaz Ribeiro ou Rebello da Silva, Vieira de Castro ou Fontes, de casaca de brixe e gravata sepulchral da mandibula inferior: hão de vêr que as perolas desabotoadas d'aquellas bocas de oiro se transformam em graniso glacial no coração dos ouvintes.

—Eu estava encantada de ouvil-o, sr. Barbuda—disse Adelaide.—Tem uma voz muito sã e argentina. Gostei de vêr a presença de espirito de v. ex.ª, quando se levantou aquella algazarra contra as suas ironias. Lembrou-me então que prazer sentiria sua senhora, se o escutasse!

—Minha prima Theodora de certo me não attendia—observou o morgado.—Em quanto eu fallasse, estaria ella pensando no governo da casa, e na calacice dos criados. Eu já disse a v. ex.ª que minha prima Theodora entendeu no summo rigor da expressão a palavra «casamento». *Casamento* deriva de *casa.* Senhora de casa e para casa é que ella é. E eu assim a acceitei e assim a préso.

—Mas o coração...—atalhou Adelaide.

—O coração, minha senhora, ninguem lá nos disse que era necessario á felicidade domestica. Tanto sabia eu o que era coração, como aquella creancinha, que sua ex.ma mana tem nos braços, sabe o que é sensação do fogo. Ora veja como ella está estenden-

do as mãosinhas inexperientes para a chamma das velas... Se as tocar, que dôr não sentirá ella?

—Então, volveu a filha do magistrado, hei de crêr que v. ex.ª ainda ignora o que seja coração... o que seja amor?

—Se ignoro o que seja...—balbuciou Calisto.—Sabe v. ex.ª—proseguiu elle, reanimado, apoz longa pausa—sabe v. ex.ª que no paraizo existiu uma celestial ignorancia, até ao momento em que na arvore da sciencia tocou Eva?

—Sim... E Adão tambem tocou...

—Depois, minha senhora. Mas não discutamos a primasia: tocaram ambos, e eu comprehendo que deviam ambos peccar. Maior crime sería a resistencia a Eva que a Deus. Perdoe-me o céo a blasphemia!... A que hei de eu comparar nos nossos tempos, e n'este instante, a arvore da sciencia, da sciencia do coração?!... Comparo-a a v. ex.ª

—A mim?! que idéa!

—A v. ex.ª Eu contemplei-a, e... aprendi!... Hoje sei o que é coração: agora começo a estudar a maneira de o matar ao passo que elle vae nascendo.

Calisto levantou-se, agradecendo á Providencia a chegada de um ancião respeitavel que se aproximava d'elle a cortejal-o.

Adelaide quedou pensativa. Reflectiu, e considerou-se molestada e mescabada no respeito que devia ás suas virtudes um homem casado.

Receiosa de ajuizar mal, por equivoca intelligen-

cia do que ouvira, buscou azo de provocar explicações de Calisto Eloy. Como o ensejo lhe não saisse de molde, consultou a irmã, referindo-lhe o supposto galanteio do morgado. D. Catharina dissuadiu-a de pedir esclarecimentos, aconselhando-a a simular que o não entendêra.

Pouco antes de terminada a partida, um moço legitimista recitou um poemeto dedicado ao nascimento do terceiro filho do sr. D. Miguel de Bragança. Perguntou alguem a Calisto se conversava alguma hora com as musas, ou se, á maneira de Cicero, escrevia o desgracioso:

Ó fortunatam natam, me consule, Romam.

Disse o morgado relanceando os olhos a Adelaide, que o seu primeiro parto metrico apenas tinha de vida quarenta e oito horas, e tão aleijado saíra, que elle se envergonhava de o offerecer ao apadrinhamento de pessoas authorisadas.

Instaram damas e cavalheiros pela amostra da obra prima, que certamente o era, attenta a modestia do poeta.

—São versos, disse elle, que se poderiam mostrar aos quinze annos, e que seriam derisão e lastima aos quarenta e quatro.

Objectaram as damas argumentando que o homem de quarenta e quatro annos devia receber as inspirações dos vinte, porque no vigor da edade é que o coração fulgura em toda a sua luz.

Tregeitou Calisto uns esgaros de satisfação ridicula. Eram os percursores de alguma enorme necedade.

Embora resistisse á exposição da sua estreada musa, não se conteve que, despedindo-se de cada uma das senhoras da casa, disse, á puridade, a D. Adelaide:

—V. ex.ª verá as trovas que só Deus viu, e ninguem mais verá no mundo.

D. Adelaide ficou embaçada. Seria aggravar as meninas de dezoito annos, e educadas como a filha do desembargador, e amantes como ellas de um compromettido esposo, estar eu aqui a definir a entranhada zanga que lhe fez no espirito d'ella o despropósito de Calisto. A estima affectuosa que lhe ella ganhára, por amor d'aquella cavalheirosa acção, por onde a paz domestica se restaurára, não teve força de rebater o tedio e o odio do tom mysterioso do provinciano.

Em quanto ella confiava da irmã o despeito e aversão com que a deixaram as ultimas palavras de Calisto Eloy, estava elle no seu gabinete retocando e peorando aquellas linhas rimadas, a cuja rebentação assistiu o leitor com piedosa tristeza.

XIX

Ó mulheres!...

Seguiram-se horas de insomnia. O juizo dava-lhe tratos amarissimos ao coração. O homem sentava-se na cama, e remechia-se inquieto como se o escarneo o estivesse picando d'entre a palha do enxergão.

Os intervalos lucidos eram-lhe intervalos do inferno. Os axiomas classicos sobre o amor caiam-lhe na memoria como chuva de dardos. Quem mais o suppliciou foi o seu mestre e amigo D. Amador Arraiz. Este santo bispo apresentou-se-lhe em visão, com D. Theodora Figueirôa ao lado, e disse-lhe as palavras do capitulo XLV dos *Dialogos:* «Em a lei de Christo a fidelidade que deve a mulher ao marido, essa mesma deve o marido á mulher; e, se as leis

civis dão mais poder aos maridos que ás mulheres, não é para as offender e maltratar, nem para um ter mór jurisdição sobre si que o outro.»

Seguiram-se outras visões de não somenos pavor. Ahi pela madrugada, Calisto Eloy amodorrou-se em roncado dormir; mas a fada que lhe abrira os thesouros virgineos do coração, a esbelta Adelaide bateu-lhe com as azas brancas nas palpebras, e o homem acordou estremunhado a desgrudar os olhos, que se haviam fechado com duas lagrimas, as primeiras que o amor lhe esponjára do seio, e cristalisára nos cilios, como diria o dr. Liborio. Então foi o trabalharem-n'o umas cogitações tão sandias, que seriam imperdoaveis, se não estivessem na tresloucada natureza de todo homem que ama.

Entrou a inventariar as alterações que devia fazer no substancial e accidental da sua personalidade.

O uso do meio grosso pareceu-lhe incompativel com um galan. Aquelles sibilos da pitada, bem que denotassem espiritos cogitantes e gravidade de juizo, deviam de toar ingratamente nos ouvidos de Adelaide. De mais d'isso, a saraivada de bagos de rapé que elle sacudia dos sorvedouros nasaes, algumas vezes obrigava as damas a formarem sobre os olhos com os dedos um antemural sanitario contra as insuflações immundas do sabio. Deliberou, portanto, immolar as delicias pituitarias.

Viu-se no espelho de barbear, modesto utensilio do estojo de bezerro, e conveio no deslavado pro-

saismo da sua cara clerical. Resolveu deixar pera e meia barba, como transição para o bigode, que devia ir-lhe bem na tez um tanto moreno-pallida.

Como o estudo lhe havia extenuado os olhos, e por amor d'isso usava oculos de prata quando lia, adoptou a luneta de oiro com molas pensis.

N'este proposito, saiu a delinear as reformas capillares; fez alinhar as bases de uma cabelleira, que trouxera escadeada da provincia; e consentiu que lhe encalamistrassem dois topes rebeldes ao ferro.

Depois, quando a ancia de uma pitada começava a importunal-o, fez provisão de charutos, e fumou o primeiro com afflictivas caretas, e engulhos de estomago.

Colheu informações dos alfaiates de melhor fama, e foi ao Keil encommendar duas andainas de fato. O artista offereceu-lhe os figurinos; e, como lhe fallasse francez, Calisto suppoz que o attencioso alfaiate lhe dava a conhecer os retratos de alguns sujeitos illustres da França. Corrido do engano, depois de lêr as indicações das *toilettes,* saiu d'alli a procurar mestre de linguas, e a comprar diccionarios e guias de conversação.

Se o leitor, mais perseguido da fortuna esquerda, nunca passou por lances analogos, não se tenha em conta de desgraçado.

Quem tivesse conhecido, um mez antes, Calisto Eloy de Silos e Benevides de Barbuda, devia choral-o, quando o viu entrar n'um café a pedir agua

para combater os vomitos provocados pelo charuto!

Irá perder-se aquella alma tão portugueza, aquelle exemplar marido, aquelle sacerdote e glorificador dos classicos lusitanos?

O amor abrirá no pavimento da camara um alçapão, onde se afunda aquelle grande brilhante, desluzido, mas promettedor de refulgente lume?

Di meliora piis!

Ó Lisboa!...

Ó mulheres!...

XX

Proh dolor!...

Adelaide, temerosa de algum imprevisto accidente, que a desmerecesse no conceito de Vasco, por causa do morgado da Agra, relatou ao pae o dialogo da antevespera, e a promessa da poesia para a noite seguinte.

O desembargador duvidou do entendimento da filha, antes de acreditar na insania do seu melhor amigo. Como havia de crer elle no intento deshonesto de um homem que lhe emergira a outra filha da voragem? E, crendo, como se comportaria em lanço de tanto melindre?

Meditou, e discretamente resolveu que suas filhas e genro fossem passar alguma temporada da prima-

vera na sua quinta de Campolide; e se pretextasse a doença de uma neta, para que a saida se fizesse n'aquelle mesmo dia. Pôde mais com o velho a gratidão que a offensa.

Calisto Eloy chegou á hora costumada. Já não entrava á presença do magistrado com a facilidade e lhanesa de outros dias. A sisudeza do semblante arguia o incommodo da consciencia. Mais lh'a inquietava a estudada jovialidade, com que Sarmento o recebeu. Antes de perguntar pelas senhoras, lhe disse o velho o motivo da inopinada saida para ares. Calisto passou o restante da noite com os amigos da casa; porém, insolitamente abstraido, concorreu a augmentar a lethargia d'aquelles velhos soporosos, que pareciam ajuntar-se para se narcotisarem, e entrarem emparceirados nas silenciosas regiões da morte.

Fez sensação na assembléa tirar Calisto de uma charuteira de prata um charuto, e baforar columnas de fumo, com uns modos aperalvilhados, e improprios de sua gravidade. Sarmento, com delicada liberdade, observou a preponderancia que os costumes de Lisboa iam actuando sobre o animo do seu bom amigo. Sentiu que os ruins exemplos vingassem quebrantar aquella admiravel singeleza de trajo e maneiras que o morgado trouxera da sua provincia. Lamentou que, em menos de tres mezes, o modelo do portuguez dos bons tempos, se baralhasse com os usos modernos e viciosos.

Calisto Eloy defendeu-se froixamente, allegando que as mudanças exteriores não faziam implicancia ás faculdades pensantes; e ajuntou que, sciente de que tinha sido incentivo da mofa entre os seus collegas, á conta da simpleza um tanto anachronica dos seus costumes, entendera que a prudencia o mandava viver em Lisboa consoante os costumes de Lisboa, e na provincia, segundo o seu genio e habitos aldeãos. Concluiu, dizendo que: *Cum fueris Roma, Romam vivito mora,* [1] e que o fazer-se singular importava fazer-se ridiculoso; e que os seus annos não eram ainda bastantes para authorisarem a distinguir-se no mero accidente dos trajos.

Perguntado por que deixára de tomar rapé, costume indicativo de homem pensador e estudioso, respondeu que alguns escriptores modernos attribuiam á ammoniaca componente do rapé, o deperecimento das faculdades retentivas, pela acção deleteria que o poderoso alcali exercitava sobre a massa encephalica. Além de que a fumarada do charuto, sobre ser purificante e anti-putrida, dava aos alvéolos solidez, e consistencia aos dentes.

Estas explicações não evitaram que o desembargador, com os seus velhos amigos, prognosticassem o derrancamento do morgado da Agra, depois que elle se retirou, algum tanto azedado das reflexões d'aquella gente encanecida.

[1] Se fores a Roma, vive á moda de Roma.

Sarmento não o convidára a ir visitar as filhas a Campolide, nem de leve, no correr da noite, fallou d'ellas. Calisto Eloy tambem não suscitou conversação relativa ás senhoras, porque já a doblez do espirito lhe tolhia a usual franqueza e familiaridade.

Entrou a dementar-se aquella desconcertada cabeça. A saudade, em vez de lhe tirar lagrimas do intimo amadurou-lhe temporamente a apostêma de sandices, que em todo homem se cria paredes-meias com o coração. Ahi começa elle a imaginar que o desembargador Sarmento, adivinhando os amores mal recatados de Adelaide, a obrigara a sair de Lisboa. Corroborava a suspeita não o convidar elle a visitar as damas. Isto sobre excitou-lhe o sentimento; por que, a seu vêr, Adelaide estava penando, havia uma victima, um coração sopesado, uma alma em abafos de paixão.

Esta conjectura atirou com Calisto para os tempos cavalleirosos.

O olhar em si, e ver-se maneatado pelos vinculos sacramentaes, não o reduzia á compostura e honestidade de seu estado e annos. Ainda assim, sejamos justiceiros e ao mesmo tempo misericordiosos com esta alma enferma: na cabeça allucinada de Calisto de Barbuda não havia idéa ignobil e impudica.

O amor, resaltando da cratera abafada quarenta e quatro annos, dizia-lhe que era fidalguia de alma

não transigir, por conveniencias e respeitos sociaes, com a oppressão, e alvedrio paterno. Se Adelaide o amava como e quanto Calisto já não podia duvidar, sua honra d'elle era pôr peito á defesa da oppressa, beber metade do absyntho do seu calix, luctar, sem desdouro da probidade de um Barbuda, até perecer, exemplo de amadores de antiga tempera.

Amou quem isto lê, e tresvariou aos vinte annos? Passou por uns hórridos eclipses de entendimento, que apoz si deixam lagrimas tardias e vergonhas insanaveis?

Amisere-se, pois, d'aquelles lucidissimos espiritos de Calisto, que por um se vão apagando ao ventar rijo da paixão, quaes se apagam em céo de bronze as estrellas do mar alto, já quando o naufrago desesperançado finca os dedos recurvos na espuma das vagas.

Ó mal-sorteado Calisto! que aureola de patriarcha te resplendia em volta do teu chapéo de merino e aço, quando entraste em Lisboa! Que anjo eras, entrajado na tua casaca de saragoça sem nodoas! Aquella scientifica boa fé com que procuravas monumentos em Alfama, e agua depurante do muco catharroso no chafariz d'El-Rei, e querias que os aljubêtas da rua de S. Julião te dessem conta do chafariz dos cavallos!...

Que te valeram as maximas de boa vida colhidas a centenares nos teus classicos, e enceleiradas n'essa alma, refractaria á ternura de tanta moça escarlate

e succada, que, lá em Caçarelhos, se enfeitava para achar graça em teus olhos?

Cairias tu nas piozes d'esta princeza dos mares, d'esta Lisboa que filtra aos nervos dos seus habitantes o fogo que lhe estua nas entranhas?

Cairias tu, anjo?

XXI

O mordomo das tres virtudes cardeaes

Era por uma noite escura e fria de abril.

O vento esfusiava nas ramalheiras de Campolide.

A lua, a longas intermittencias, parecia, wagon dos céos, correr velocissima entre nuvens pardas, para ir ingolfar-se n'outras. Então era o carregar-se a escuridão da terra, e mais para pavores o rangido das arvores sacudidas pelos bulcões do septentrião.

Soaram doze horas por egrejas d'aquelles valles. Era um como crebro soluçar da natureza por pulmões de bronze. Era o grão clamor da terra em angustias parturientes de alguma enorme calamidade.

Áquella hora, e por aquella noite capeadora de assassinos e bestas-feras, Calisto Eloy, embrulhado n'um capote de tres cabeções e mangas, que trouxera de Caçarelhos, passava rente com o muramento da quinta de Adelaide.

Depois, como saisse da vereda escura a um recio que defrontava com a frontaria da casa, aqui parou, e cruzando os braços, se esteve largo espaço quedo, e fito nas janellas.

Nem lua nem scintilla de estrella no céo! As confidentes d'aquelle amador torvo como o cerrado da noite, negro como o coração que lhe arfa a lapela esquerda do collete, são as trevas. Quiz accender um charuto. Nem os phosphoros vingavam lampejar na escuridão.

E o vento assoviava no vigamento da casa, e nas orelhas de Calisto, o qual, levado do instincto da conservação, levantou a gola do capote á altura das bossas parietaes, e disse, como Carlos VI:

—Tenho frio!

E passou-lhe então pelo espirito um painel da sua situação tirado pelo natural. Viu-se no espelho, que a razão lhe offereceu, e cobrou horror da sua figura.

Bem que tal acto não implicasse delicto, nem affrontasse os bons costumes, Calisto, apertado no transito difficil das indoles que se passam do comportamento austero e captivo ás liberdades e solturas do vicio, olhava com saudade o seu passado, as

suas alegrias puras; e, mais que tudo, áquella hora, como o frio cortava as orelhas, lembrou-se da quentura e aconchego do leito nupcial.

E como esta visão honesta, para mais o pungir, havia de ser encarecida com uma imagem de mulher leal e immaculada, Calisto viu D. Theodora de touca, n'aquelle dormir placido de quem adormeceu com a alma quieta e intemerata. Não bastava a touca, tão hygienica quanto pudica, a penitencial-o com remordentes saudades: viu-lhe tambem o lenço de tres pontas de algodão azul com que ella costumava resguardar os hombros, antes de subir as quatro escadinhas que conduziam ao alteroso leito de páo santo.

Se visões analogas, alguma vez, puzeram guerra ao demonio tentador dos maridos infieis e o venceram, d'esta feita não se logra a sã virtude do triumpho.

É que as toucas e lencinhos pudibundos, sobre não serem enfeites mui seductores, algumas vezes tornam a virtude rançosa e tamsómente boa para adubar palestras de avós com as netas casadoiras. Este mal deve-se ás artes da estatuaria, artes em que a imaginativa não põe nada seu, porque tudo é copiado da natureza nua, ou quasi nua. Nem se quer as Niobes, as Lucrecias e Penelopes o buril respeita. Nos casos mais lacrimaveis e tragicos, querem fados máos que os olhos achem sempre pasto á cobiça, quando a impressão devera ser toda para le-

vantamentos de espirito, e «visões altas» como diz o bom Sá de Miranda.

Quando a arte deshonesta não despe as figuras, veste-as de feitio que pelo ondeado das roupas transparentes esteja o peccado a fazer negaças a conjecturas taes que, certo estou, Calisto Eloy, antes de se empestar em Lisboa, se taes impudiciàs visse, romperia no parlamento os vesuvios da sua eloquente indignação. E a posteridade, ajuizando da moral d'esta nossa edade de limos e alforrecas, viria a este lameiral esgaravatar a perola da edade aurea, caida dos labios do marido de D. Theodora, a qual, segundo fica dito, dormia de touca e lencinho de algodão azul de tres pontas.

Esta peregrina imagem não bastou a desandar Calisto pelo caminho de Lisboa, e do seu gabinete, onde os pergaminhos dos seus livros pareciam rever lagrimas de amigos descaroavelmente desprezados. O infeliz não desfitava olhos de certa janella, desde que vira perpassar uma luz pelos resquicios das portadas. Podia a trahida Theodora antepôr-se aos olhos extasiados do esposo, com a pudenda touca, ou com as madeixas estrelladas de brilhantes, que elle não a via nem queria ver.

Ahi por volta de meia noite estava Calisto recordando o que dissera, em circumstancias analogas, Palmeirim aquelle grão cavalleiro de Francisco de Moraes, diante do castello de Almourol que fechava em seus arcanos a formosa Miraguarda. N'isto scis-

mava, comprehendendo então as phrases mélicas dos famosos amadores, quando as portadas da janella se abriram subtilmente, e logo a vidraça foi subindo mui de leve.

O recanto, em que o morgado da Agra se abrigára do vento, estava fóra do caminho, e sumido aos olhos da pessoa que abrira a janella. Ao mesmo tempo, ouviu elle passos na estrada, e logo viu acercar-se um vulto rebuçado da casa de Adelaide, e parar debaixo da janella que se abrira.

Conjecturou Calisto de Barbuda, que D. Catharina Sarmento, a esposa infida, reincidira nas presas do velho peccado, e sentiu algum tanto molestada sua vaidade de regenerador de corações estragados. Tambem suspeitou que Bruno de Vasconcellos, quebrando a palavra jurada, voltára do estrangeiro a reatar a criminosa alliança. Não lhe deram tempo a mais conjecturas. O encapotado espectorou um cacarejo de tosse secca; da janella, como contra-senha, respondeu outro cacarejo de mais sympathico som, e logo as duas almas se abriram n'este dialogo:

—Ainda bem que recebeste a minha carta, Vasco!...—disse Adelaide—Estavas em casa da tia condessa? Eu mandei lá por me lembrar que se fazia lá hoje a novena das Chagas...

—Fiquei espantado—disse Vasco da Cunha—Que rapida deliberação foi esta?! Vir para uma quinta com tão máo tempo! Foi caso de maior!...

—Fui eu a causa—tornou ella—São melindres

do meu coração, que, por amor de ti, não soffre que outra voz de homem lhe falle a linguagem que eu só quero e acceito de tua bocca. Antes me quero aqui escondida com a tua imagem, que ver-me obrigada a tolerar os atrevimentos do Calisto de Barbuda...

—Que!—atalhou Vasco—pois aquelle homem tão serio!... tão temente a Deus!...

—É um hypocrita com a brutalidade de um provinciano!... Offereceu-me uns versos em segredo! Que ultraje! que falta de respeito á minha posição...

—E que desmoralisada e irreligiosa creatura! Casado, já d'aquelles annos, legitimista, e catholico, segundo diz, e ousar... Estou espantado! E a tia condessa que me tinha encarregado de o convidar para assistir, no domingo á festa das Chagas! Fiem-se lá!... E tu não faltes, á festa, Adelaide. Este anno fazemol-a com toda a pompa. O prégador já me leu o discurso, e trata eruditamente a materia. A prima Lacerda vae cantar um *Benedicite,* e a prima viscondessa de Lagos canta um *Tantum ergo.* Havemos de fazer melhor festa que a do conde de Melres. Eu começo ámanhã a colher flores e a pedil-as para enfeitar o altar dos tres reis magos e das tres virtudes cardeaes, de que me fizeram mordomo, não sei se sabias?

—Não sabia, meu amor—disse Adelaide, congratulando-se com os enthusiasmos pios do excellente moço.

A palestra proseguiu n'este tom por espaço de uma hora. A lua espreitava estas duas pessoas por entre as nuvens, que a pouco e pouco se foram des·condensando. O céo azulejou-se e estrellou-se para galardoar a virtude do mordomo das tres virtudes cardeaes e da bella menina destinada a maridar-se com o mais energico influente da festa das Chagas, com que o devoto conde de Melres se havia de dar a perros.

No entanto, Calisto Eloy, consultando a sua consciencia a respeito de Vasco da Cunha, decidiu que o homem, se não era um santo, propendia grandemente para a semsaboria do idiotismo. Esta critica é a prova de um animo já iscado da peçonha da meia impiedade que degenera em impiedade inteira. Já como castigo de escarnecer um moço virtuoso, sentia elle encher-se-lhe de amargura o coração. Não bastava ouvir-se qualificado de hypocrita brutal por Adelaide; quiz de mais d'isto a providencia dos amantes lerdos, providencia que eu não posso escrever se não com *p* pequeno, quiz, digo, que Vasco da Cunha, mancebo em flor d'annos e gentileza, se estivesse alli rejubilando em novenas e mordomias das tres virtudes cardeaes, em quanto elle Calisto, a mais de meio caminho da morte, ardia em fogo impuro e cobiça peccaminosa, com os olhos cerrados á visão duas vezes pura de uma esposa de touca e lencinho azul de tres pontas sobre as espaduas não despeciendas, segundo me consta.

Merecem escriptura as ultimas phrases de Adelaide e Vasco.

A menina, interrompendo os enlevos do devoto moço, que se deleitava em conjecturar a zanga do conde de Melres, perguntou-lhe, com doce requebro, quando viria o dia suspirado de sua união.

Vasco deteve a resposta alguns segundos, e disse:

—Deixemos vêr se morre minha tia Quiteria, que me quer deixar os vinculos do Algarve.

—Pois nós—volveu Adelaide magoada—não poderemos ser felizes sem os vinculos de tua tia Quiteria, meu Vasco?

—Ninguem é feliz desobedecendo aos seus maiores, replicou Vasco. A tia Quiteria quer que eu espere a volta d'el-rei para depois tomar ordens sacras, e trazer mais uma mytra episcopal á nossa linhagem onde estavam como em vinculo as principaes prelazias do reino.

Adelaide, não obstante o coração, quando aquillo ouviu, sentiu-se mal do estomago.

XXII

Outro abysmo

Esta pungente lancetada não esvermou a postema do peito de Calisto de Barbuda. Desde que qualquer sujeito perde o siso do coração, escusado é esperar que a razão lh'o restaure: em tão boa hora que elle o recupera depois das amargas provas. O homem, porém, que amanhece tolo aos quarenta e quatro annos, a mim me quer parecer que ao entardecer-lhe a vida a tolice refinará.

Tenho dois grandes exemplos d'isto: um é Calisto de Caçarelhos; o outro é Henrique VIII de Inglaterra. Este, ahi pelas alturas dos quarenta annos, tão bom homem era, que até escrevia contra o impio Luthero, e vivia santamente com sua esposa,

Catharina de Aragão. Insandeceu de amor, vinte annos depois de marido exemplar, e d'ahi por diante sabe o leitor que golpes elle deu no peito invulneravel do papa e no fragil pescoço das pobres mulheres.

Calisto Eloy não será capaz de repudiar nem degolar Theodora, porque n'este paiz ha leis que reprimem os patetas sanguinarios; todavia, eu não assevero que elle seja incapaz, alguma hora, de lhe chamar parva e hedionda, e de lhe atirar com a touca e com o lenço azul de tres pontas á cara vermelha de pudor. Veremos.

Calisto, digamol-o sem refolhos, caiu. Atascou-se. Foi de cabeça ao fundo do pégo em que deram a ossada o ultimo rei dos godos, e Marco Antonio, e o rei enfeitiçado pela comborça Leonor Telles, e Simplicio da Paixão, e varias pessoas minhas conhecidas, que experimentaram todos os systemas de desfazer a vida, desde o muro de S. Pedro d'Alcantara até ás cabeças dos palitos phosphoricos.

Este enguiçado Barbuda, na volta de Campolide, não teve uma lagrima que chorasse sobre a sua dignidade esfarrapada. Circumvagou a vista pelos seus livros, figurou-se-lhe vêr na lombada de cada in-folio o olho de um demonio zombeteiro, bem que aquelles pergaminhos encadernassem almas, no céo bemaventuradas, e na terra immorredoiras, almas que n'este mundo se chamaram fr. João de Jesus Christo, fr. Pantaleão d'Aveiro, fr. Antonio das Chagas,

e dezenas d'estes talismans, que tem salvado o leitor e a mim de soçobrarmos nos parceis que esbravejam á volta de Calisto.

Eram duas horas da manhã, quando o morgado experimentou uma sensação, que viria a definir-lhe o espirito, se alguem carecesse de vêr este homem a luz extraordinaria.

Nas aguas-furtadas do andar, em que elle morava, residia uma viuva de um tenente, senhora d'annos insuspeitos, de muitas lerias, minguada de recursos, e, por amor d'isso, se offerecêra a cuidar da casa e da cosinha do deputado. Ás duas horas, pois, bateu Calisto á porta da visinha, e, como ella lhe fallasse, exprimiu elle a sensação imperativa, que o levou alli, por estes termos:

—Sr.ª D. Thomazia, ha por ahi alguma coisa que se coma?

—Não ha nada feito; mas eu vou fazer chá, sr. Barbuda, e o que v. ex.ª quizer.

—Olhe se me póde frigir uns ovos com presunto—volveu elle.

—Pois lá vão ter d'aqui a pouco.

—Veja lá que se não constipe, sr.ª D. Thomazia—recommendou elle.

—Não tem duvida. Olhe que eu tenho muito que lhe dizer. Achou um bilhete de visita na escrevaninha? perguntou D. Thomazia pelo buraco da fechadura.

—Não achei.

—Pois lá está. Faz favor de ir, que eu vou vestir-me.

—Então a sr.ª D. Thomazia está-se constipando? Ora esta! Isso é que eu não queria!... Cá desço, e até logo.

O bilhete, que o deputado encontrou, dizia: IPHIGENIA DE TEIVE PONCE DE LEÃO, e logo a lapis: *viuva do tenente general Gonçalo Telles Teive Ponce de Leão.*

Desfilaram por diante do espirito de Calisto Eloy regimentos de illustres familias oriundas dos Telles e dos Teives e dos Ponce de Leão. Na linhagem dos Barbudas tambem alguma vez tinham entrado os Teives, e uma decima nona avó de Calisto viera de Hespanha, e era Ponce, dos Ponces genuinos dos duques de Banhos.

Estava o morgado combinando estes parentescos contrahidos ahi pelo ultimo quartel do seculo XII, quando D. Thomazia entrou com o presunto e ovos. Calisto assentou o prato sobre dois volumes da Historia Geneologica, que lhe tomavam a banca: e quanto a deglutição lh'o permittia, n'alguns intervallos, foi perguntando:

—Então quem é esta senhora, que me procurou?

—Eu só sei dizer, respondeu D. Thomazia, que é uma creatura linda, linda quanto se póde ser!

—Como assim?! atalhou Calisto, retendo uma lasca de presunto entre os dentes molares, pois ella

não é a viuva de um tenente general, que naturalmente havia de morrer velho?

—Póde ser que elle morresse velho; mas a viuva o mais que póde ter é trinta annos.

—E com que então galante?

—É uma imagem de cera. V. ex.ª ha de vêl-a. E então elegante! A cintura cabe aqui, proseguiu D. Thomazia, formando um annel com dois dedos. Eu, quando ouvi parar uma carruagem, cuidei que era v. ex.ª e vim abrir as portas do escriptorio. A senhora veiu subindo, e puchou á campainha. Eu espreitei lá de cima, e, a fallar verdade, lembrei-me se seria a sua esposa, que lhe quizesse fazer uma agradavel surpreza. Perguntou-me ella pelo sr. Barbuda de Benevides, e foi entrando comigo para a sala. Levantou o véo, e disse: «Não está em casa?» Que voz, sr. morgado, que voz de creatura aquella!

—E isso a que horas foi? atalhou Calisto. Era por noite alta?

—Não, meu senhor, Eram seis horas da tarde. V. ex.ª tornou ás oito, mas saiu logo; e, quando eu voltei de fazer uma visita, já o não achei para lhe dar esta noticia.

—E depois a senhora que mais disse?

—Mostrou-se pesarosa de o não encontrar, e prometteu de voltar hoje ás tres horas.

—E a sr.ª D. Thomazia saberá o que me quer essa dama?

—Não sei; o que ella sómente disse foi que v. ex.ª era um genio.

— Pois ella disse-lhe isso sem mais nem menos?

—Foi a respeito de vêr aqui estes livros muito grandes, acho eu. Esteve a reparar n'elles com uma luneta... E a graça com que ella punha a luneta!... Mulher assim!... Os homens ás vezes por mais asneiras que façam, teem desculpa!...

— As paixões, minha sr.ª D. Thomazia...—obtemperou o morgado, e lambeu os beiços molhados da libação de um vinho nervoso d'aquella garrafeira já mencionada. E proseguiu.—As paixões do amor... Nem os grandes sabios nem os grandes santos se exemptaram d'ellas. Somos todos de quebradiço barro; somos uns pucarinhos de Extremoz nas mãos infantis das mulheres. O tributo é fatal: quem o não pagou aos vinte annos, ha de pagal-o aos quarenta, e mais tarde, quando Deus quer... Deus ou o demonio, que eu não sei ao justo quem fiscalisa estes malaventurados successos de amor, que a historia conta e a humanidade experimenta cada dia...

—É um gosto ouvil-o!—interrompeu D. Thomazia—Bem no disse aquella senhora: v. ex.ª é um genio, e falla de modo que se mette no coração da gente. Quer que lhe diga a verdade, sr. Barbuda? Foi bom que v. ex.ª me encontrasse n'esta edade. Se eu fosse moça e bonita, como dizem que fui, um homem como v. ex.ª havia de me dar cuidados.

—Ora, minha sr.ª D. Thomazia, isso é lisonja e favor. Eu já não estou tambem na edade de tocar corações, nem os meus habitos vão muito para ahi!

—Edade!—accudiu a viuva do tenente—v. ex.ª póde dizer que tem trinta e cinco annos, que ninguem lh'o duvida. É mania agora dos rapazes quererem á fina força passar por velhos. Pergunte quem quizer á visinha do primeiro andar se o acha velho. Está-me sempre a perguntar se v. ex.ª me diz d'ella alguma coisa... Conhece-a?

—Bem sei: uma mocetona cheia, com umas fitas escarlates na cabeça... Não é má...

—E sabe v. ex.ª que mais? Eu vou apostar que esta senhora, que veiu cá, traz coisa no coração, que a obrigou. Assim uma senhora nova, sosinha, tão encantadora!... Aquillo, em quanto a mim, é que já o ouviu no parlamento, e apaixonou-se. Ha muitos casos assim cá em Lisboa de senhoras apaixonadas pelos homens de talento. O talento é uma coisa muito bonita! Meu marido casou comigo quando era sargento do treze de infanteria, e andava nos estudos. Era feio, e ao principio tinha-lhe medo; mas assim que elle me mandou um acrostico... V. ex.ª sabe fazer acrosticos?

—Ainda não me puz a isso.

—Pois como eu me chamo Thomazia Leonor e tenho quatorze letras fez-me elle um soneto que me deu volta á cabeça, e tamanho incendio me tomou o peito, que o amei até á morte, e ainda agora, fican-

do eu viuva aos trinta e nove annos, fui, sou e serei fiel á sua memoria.

N'este ponto, D. Thomazia, ferida n'alma pelo acrostico memorando, chorou.

Calisto represou-lhe os prantos com algumas maximas consoladoras sobre a morte, e bocejou, já por que eram tres horas e meia da manhã, já por que o dialogo descaira nos aborrimentos de uma palestra em dia de fieis defuntos. D. Thomazia começou a espirrar, por que se não agasalhára bastantemente, e assim se apartaram estas duas pessoas, que uma hora de expansão aproximara.

Calisto, conforme ao antigo uso, levou um livro para a cabeceira do leito. Escolheu poeta, e saiu-lhe o seu já tão querido outr'ora Sá de Miranda. Abriu ao acaso, e saiu-lhe n'uma pagina *d'Os Estrangeiros* esta maxima: *Duas sortes de homens ha no mundo que se possam servir: ou muito parvos ou muito namorados, e ainda os namorados tem grande vantagem.*

A meu vêr, o espirito d'aquelle honrado doutor, que tão santo marido fôra de Briolanja de Azevedo, até de saudades d'ella se deixar morrer, alli lhe viera, áquella hora, relembrar occasionalmente e a ponto uma de suas maximas, como em paga do affectuoso respeito com que Barbuda o lia e inculcava á mocidade depravada.

Calisto Eloy pôde ainda admirar o lidimo portuguez da maxima, e adormeceu.

XXIII

Tenta o seu anjo da guarda salval-o mediante uma carta da esposa

Calisto dormiu mal.

As alvoradas de um dia feliz são mais temporãs que as da estrella d'alva. O coração acorda primeiro que os passaros. O amor diz o seu *fiat lux* primeiro que Deus. Estas tres sentenças, a meu vêr, são mais intelligiveis que o contentamento do morgado da Agra, ao levantar-se da cama em que dormitára algumas escassas horas alvoroçadas.

O desastre de Campolide quebrantaria um homem qualquer que viesse a cumprir n'este mundo os vulgares destinos da maxima parte dos mortaes. Individuos notaveis já sairam scepticos e bravos cynicos de aperturas menos dilacerantes. Os annaes ensan-

guentados da humanidade estão cheios de facinoras, empuxados ao crime pela ingratidão injuriosa de mulheres muito amadas e perversissimas. Superabundam casos de embaçadellas analogas á de Calisto: d'estes lances obscuros tem saido aparvalhada muita gente que era escorreita, e que se volve daninha à republica. São uns homens que vos namoram as criadas, se vos não podem requestar a familia; uns vampiros de sangue femeal, que trazem o demonio da vingança no corpo, demonio meridiano e nocturno, que bebe lagrimas de mulher, em quanto os possessos d'elle bebem cognac e absyntho. Um homem d'estes, encostado a frade de esquina, é o leão que espreita da sua caverna lybica a antilopa descuidosa. Officiala de modista, que se espaneja nas verduras do jardim da Estrella, como alvéola nas praias borrifadas de espuma, se o anjo da guarda a desampara um quarto de hora, tem os seus dias contados. O scelerado, com o simples auxilio de um gallego, em que por vezes se ingere e chafurda o confidente de Fausto, arranca da fronte da alegre palmilhadeira de botinhas a grinalda de laranjeira em botão, que esperava a sua primavera, o seu abrir-se e rescender, no primeiro dia nupcial. Que tristeza! E ninguem falla d'isto senão eu, porque me cumpre fazer o elogio de Calisto Eloy, que não fez cousa nenhuma d'aquellas.

Assim que se ergueu cuidou em aformosear a saleta, cuja decoração era menos de modesta. Saiu

açodado ao armazem dos mais elegantes estofos, e comprou alfaias magnificas. O homem pasmava dos nomes d'aquelles objectos, nenhum dos quaes soava portuguezmente.

—Porque chamam a isto *chaise-longue?*—perguntava Calisto Eloy ao engenhoso Margoteau.

—Porque chamam?!

—Sim: eu creio que se não offende a França no caso de chamarmos a este movel uma cadeira longa, ou uma preguiceira, que sôa melhor. E *étagère* e *console* e *tête-à-tête*, e *onaise?* E é carissimo tudo isto! A gente, pelos modos, de fóra parte os objectos, tambem paga a lição de francez de samblador, que vem aqui aprender?

Sem embargo d'estes reparos, o oiro saiu-lhe generosamente da algibeira bem apercebida.

A pobre saleta do morgado, dentro em pouco, transformou-se em recinto digno de uma Ponce de Leão. Calisto, refestelado nos coxins elasticos da ottomana, contemplava os restantes adornos do aposento, quando lhe chegou do correio carta da sua esposa.

Dizia assim:

«Já com esta são tres que te escrevo, e ó por hora nem uma nem duas da tua parte. Marido! que fazes tu, que não respondes? Ando a futurar que não tens o miolo no seu logar. Longe da vista, longe do coração, diz lá o ditado. Ora, queira Deus que não seja por minga de saude; e, se é, dil-o para cá, que eu estou aqui estou lá.

«O primo Affonso de Gamboa esteve cá ha dias, e a modo de caçoada foi-me dizendo que lá na capital as mulheres inguiçam os homens, e fazem d'elles gato sapato. Eu fiquei sem pinga de sangue, meu Calisto! Mal fiz eu em te deixar ir ás côrtes. Bem tolo é quem está bem na sua casa, e se mette n'estas coisas dos governos, que só servem para quem não tem que perder, como diz o primo Affonso.

«O peor é se tu pegas a doidejar com as mulheres, e saes do teu sério. Eras um marido perfeito como a santa religião o quer, e tenho cá uns agouros no peito que me não deixam fechar olho ha tres noites. Deus te defenda, homem, e te traga aos braços da tua mulher são e escorreito da alma e do corpo.

«Saberás que o mestre-escola anda de candeias ás avessas por que tu lhe não respondes á carta em que elle te pediu uma venera. Olha se lhe arranjas isso ainda que te custe pedir ao rei ou lá a quem é a tal coisa. O homem tem-me feito favores, quando eu preciso que elle me leia a relação dos foreiros. A vacca preta comeu o bicho, e morreu hontem á noite. Lá se vão cinco moedas e um quartinho com a breca. O centeio da tulha do meio deu-lhe o gorgulho, e tratei de o vender, a trezentos e quinze, foi bem bom arranjo; eram mil e duzentos alqueires.

«Olha cá, meu Calisto, disse-me a Joanna Pedra, que ouvira dizer ao Manuel da Loja, que ouviu dizer ao compadre Francisco Lampreia, que veiu de

Bragança que lá lhe disseram que tu mandaras ir de casa de um negociante mais de cem moedas de ouro!!! Fiquei estarrecida· Pois tu lá não recebes do rei dinheiro que te sobre? Em que affundes tu tantas moedas, homem? Vê lá no que andas mettido, Calisto! E, se te fôr muito necessario algum dinheiro, cá estou eu para t'o mandar. Aquelle caixote de peças de duas caras fui ha dias escondêl-o na lareira da cosinha velha, porque tenho medo á ladroeira desde que tu andas por lá.

«Não te enfado mais. Responde sem demora, que estou muito consternada.

«Tua mulher que muito te quer
«*Theodora.*»

Calisto Eloy dobrou a carta vagarosamente, e disse de si para comsigo:

—Pobre mulher! já me sinto enfadado com as tuas cartas... Já as tuas sinceras babozeiras me incommodam e enjoam!... Agora vejo que tu eras quasi nada na minha vida. Não sei em que logar do meu coração estiveste, porque não dou pela falta, nem sequer a saudade me chama para ti!... Os contentamentos da minha vida passada deu-m'os o estudo. O coração dormia como os ventos da tempestade no bojo da nuvem negra, que serenamente se vae acastellando no horisonte. Eil-a começa a desfechar agora relampagos e coriscos. Mas o viver é isto! eu quero e preciso amar. Levam-me os impetos de uma vontade juvenil, e «a vontade é vida» como diz o Jor-

ge Ferreira na Eufrozina. Amor! amor! que me caldeaste e retemperaste o peito nas tuas forjas! emborca-me os teus nectareos phyltros, embriaga-me este coração, que já não póde respirar de afogado nos seus ardores!..,

Disse, e tirou de uma charuteira de canudos de prata um havano, cujas ondulações de fumo lhe perfumaram o quarto e subtilisaram a phantasia.

Depois, com forçado tregeito, estendeu o braço sobre uma banqueta de charão, em que assentava um tinteiro de crystal, e escreveu á esposa, n'este theor:

«Prima Theodora e estimada esposa.

«Passo bem de saude; mas saudoso de ti. Não te tenho escripto, porque os negocios do estado me levam todo o tempo. Mandei vir dinheiro de Bragança, para emprezas de grande vantagem. Não te dê cuidado os meus gastos, que somos muito ricos, e não temos filhos. Até aqui vivemos miseravelmente, quando eu voltar a casa, quero que mudes de vida, prima. Hei de reformar o nosso palacete de Miranda, e viveremos como nossos avós, com representação e commodidades proprias d'este tempo. É preciso gosarmos a vida, que é curta. Não andes por lá a medir grão nem a tratar das aves. Entrega isso ás criadas, e faz-te a senhora e fidalga que és.

«Em quanto ao mestre-escola, e á sua exigencia do habito de Christo, devo dizer-te que o mestre-escola é um asno. Não respondo a taes cartas. Man-

dá-o á tabua, e não admittas similhante palerma á tua conversação. Lembra-te que és uma Figueirôa, casada com um Barbuda.

«Se receberes ordem minha, em mão de algum negociante de Bragança, paga o dinheiro que disser a ordem.

«Não te lembres de infidelidades do teu Calisto. O primo Gamboa é um patarata sem juizo, que te diz essas coisas para te disfructar.

«Quando vier o recoveiro de Miranda, manda-me presunto, salpicões, e algumas ancoretas do vinho da Ribeira.

«Teu muito affecto e extremoso

«*Calisto.*»

XXIV

A mulher fatal

Ás tres horas em ponto, parou uma sege de praça, á porta de Calisto Eloy de Silos. O bolieiro subiu ao terceiro andar, perguntando se s. ex.ª estava em casa. O morgado arregaçou com o pente as mechas do cabello, que lhe escondiam porção das escampadas fontes, apertou os cordões do rob-de-chambre na volta mais airosa da cintura, e desceu ao pateo a receber a visita.

Saltou da sege, amparando-se levemente na mão de Calisto, uma mulher d'aquellas que Lucifer fazia, quando assaltava no deserto a pudicicia dos Antonios, dos Paulos, dos Pacomios e Hilarioens.

Era alta e pallida: rutilavam-lhe os olhos como

lustrosos azeviches á flor de um busto de marfim, algum tanto emaciado. Calisto machinalmente levou a mão ao coração: traspassara-lh'o uma azagaia electrica.

— É muita delicadeza da parte de v. ex.ª, disse Iphigenia.

— Oh, minha senhora!... tartamudeou o morgado da Agra, offerecendo-lhe o braço.

— Parece, tornou ella quando iam subindo, que o meu palpite não me enganou...

— O palpite de v. ex.ª?

— Sim... eu contava com um cavalheiro no rigor da palavra... Delicadeza egual ao talento, qualidades que raras vezes se conformam.

Entraram á sala. O morgado conduziu Iphigenia ao sophá, e disse com voz tremida:

— A que devo eu a honra d'esta visita, minha senhora?

—Abreviarei a minha historia e a minha pretenção. As suas horas deve-as v. ex.ª ao bem da patria, e indiscreta fui eu obrigando-o a estar fóra do parlamento a esta hora...

—Minha senhora... que vale a patria, em comparação da honra que v. ex.ª me dá?! atalhou Calisto Eloy, com o coração nos labios a sorrir.

— Sou brazileira. Pela falla me terá já conhecido...

—Sim: eu estava notando no fallar de v. ex.ª, uma graça indisivel...

—Meu pae era portuguez, capitão de mar e guer-

ra. Foi de Portugal com D. João VI, e casou no Rio de Janeiro, com minha mãe, senhora de boa linhagem, mas de pouquissimos recursos. Nasci em 1830, e casei em 1846 com um official general, do exercito do imperador do Brazil. Meu marido tinha sessenta e seis annos. Emigrára em 1834, com a patente de brigadeiro dada por D. Miguel, tendo sido coronel ainda no reinado de D. João. Gonçalo Telles offereceu a sua espada e intelligencia a Pedro II, serviu bravamente o imperio, e subiu em postos. Eu vivia orphã de pae e mãe, na companhia de parentes maternos, que pensavam constantemente em me dar posição. Casaram-me, e, se me não fizeram feliz, deram-me pae, amigo e mestre na pessoa de Gonçalo Telles.

Ha dois annos que meu marido morreu. Deixou-me pouco, porque ninguem póde grangear muito com honra, principalmente na vida militar. Pouco antes de cair enfermo, me disse que, se algum dia me faltassem recursos e beneficios do governo brazileiro, viesse a Portugal e procurasse o amparo de alguns grandes fidalgos, seus parentes que elle me nomeou um por um; e ajuntou que, se os parentes me não amparassem, pedisse ao estado uma tença em attenção aos muitos serviços que elle fizera á patria em trinta annos, até ao dia em que foi promovido a coronel de cavallaria.

Ha tres mezes que cheguei a Lisboa. Procurei os parentes do meu marido. Apeei á porta de grandes

palacios, e esperei largas horas em grandes salas de espera, como viuva que anda requerendo esmola. Enganaram-se.

Alguns, por mais tractos que deram á memoria, já não conseguiram lembrar-se de Gonçalo Telles de Teive Ponce de Leão; outros, os mais velhos, recordavam-se do sujeito, e lastimavam que elle deixasse o serviço da patria. Quando eu não tinha mais que lhes dizer nem elles a mim, eu levantava-me, elles levantavam-se, e despediamo-nos cerimoniosamente. A altivez com que eu os despreso, sr. Barbuda, authorisa-me a dizer-lhe que os miseraveis são elles: eu tenho comigo a riqueza do meu orgulho; e, se conservo os appellidos de meu marido, é porque elle foi talvez o unico de sua raça que os não desdourou...

— Diz v. ex.ª muito bem — atalhou Calisto. — Que nobre alma as suas palavras me manifestam!

— Ha dias, por não ter de portas a dentro coisa que me distraisse de pensares melancholicos, fui ao parlamento. Segui umas senhoras que iam subindo para as galerias. Um homem pediu-me o meu bilhete de admissão: eu não tinha bilhete, e ia descer algum tanto envergonhada, quando um deputado cortezmente me disse: «aqui tem uma entrada, minha senhora.» Agradeci, posto que a minha vontade seria regeitar. Entrei, quando v. ex.ª começava a fallar. Impressionou-me a sua eloquencia chã, os seus ares graves, a compostura, um não sei quê mais

sério que os seus annos, permitta-me assim fallar. E, ao mesmo tempo, lembrou-me a recommendação de meu marido, respectivamente aos direitos que elle tinha de ser remunerado na pessoa de sua viuva. Eu nada sei de leis nem consultei quem as soubesse; ignoro se tenho direito a reclamar o que meu marido nunca reclamou. V. ex.ª póde de prompto responder-me?

—Não, minha senhora. O que eu de prompto posso asseverar a v. ex.ª é que, em honra da memoria e cinzas do honrado brigadeiro do sr. D. Miguel, não erguerei minha voz humilde no parlamento, pedindo aos inimigos de D. Miguel favores para a viuva de Gonçalo Telles.

—Em tal caso...—balbuciou D. Iphigenia—baldou-se a minha pretenção.

—Queira v. ex.ª ouvir-me...—Molesta-se com o fumo do charuto?—perguntou elle erguendo-se.

—Não, senhor.

Calisto accendeu o charuto com ademanes theatraes, e voltou a sentar-se, proseguindo:

—Se o marido de v. ex.ª houvesse profundamente estudado a sua arvore genealogica, ajuntaria alguns nomes, mais obscuros mas não menos antigos, á lista dos parentes em Portugal. Mais obscuros, digo eu; porém, a illustração dos mais claros não é de invejar, minha nobilissima senhora. Entre aquelles que se honram do parentesco dos Telles, dos Teives e ainda dos leonezes chamados Ponces de

Leão, ha um que dispensou estes appellidos por se não demasiar em composturas nobiliarias. E esse, minha senhora e prima, sou eu.

—V. ex.ª?!—acudiu Iphigenia.

—Eu, que não costumo fallar de meus antepassados, sem invocar o testemunho dos tratadistas nobliarchicos, dos chronistas, dos genealogicos impressos e não impressos. Devo poupal-a a discursos, aliás curiosos, de agradaveis e historicas noticias: mais tarde v. ex.ª ouvirá com interesse as allianças travadas entre os meus maiores e os de meu parente Gonçalo Telles de Teive. Achou, pois, v. ex.ª um parente em Portugal. Boa estrella nos fez confluir a Lisboa; em boa hora me deixei vencer das instancias dos meus constituintes.

—Eu estou maravilhada!...—exclamou Iphigenia —Ha presentimentos prodigiosos!... Que força estranha era esta que me impellia para v. ex.ª!? Subi as escadas de sua casa com desusada affoiteza. Comecei a fallar-lhe com segurança e tranquilidade extraordinarias! Não me lembrei que estava diante de um cavalheiro, que podia intender-me falsa e desairosamente... Em fim, eu fallava a v. ex.ª como se deve fallar... a um primo.

—E mais que tudo a um amigo. E, como amigo, ouso perguntar a v. ex.ª qual é actualmente a sua situação.

—Francamente responderei. Entrei em Lisboa com dinheiro, que poderia bastar á minha econo-

mica subsistencia de dois annos; porém, como ao fim de tres mezes, não se me antolhava amparo de ninguem, nem esperanças de alcançar a paga dos serviços de meu marido, pensei em trabalhar para não exhaurir o peculio que tinha. Li um annuncio, convidando mestra de linguas ingleza e franceza para collegio. Confiei bastante em mim, e apresentei-me aos directores. Fallei francez, e cuidaram que eu nascêra em França; em quanto a inglez, deram-me como bastante conhecedora da lingua. Pareceu-me que a minha posição melhorava; mas enganei-me. Eu levava comigo o fatal condão de algumas mulheres; dizem que ainda não estou velha nem feia...

— Que favor lhe fazem, minha senhora! — atalhou Calisto mui risonho.

— Pois este accidente, de que tanto se desvanecem algumas mulheres, tornou-se para mim supplicio. Não querem crêr que eu envolvi meu coração na mortalha de meu marido, no tumulo d'elle o fechei; e, se podesse, este resto de formosura atirara áquella campa, que me roubou um pae.

— Então é certo que minha prima abjurou todas as alegrias do coração? — perguntou Calisto, já ferido n'alma por este desengano á paixão que o ia queimando com um crescer e desenvolvimento para pavores!

— Todas as que não condigam com a minha situação de viuva.

— Pois se a Providencia lhe deparasse um marido digno...

— Maridos dignos são unicamente aquelles que affagam como a filhas as mulheres; são aquelles que as mulheres estremecem como paes; são os que concentram todo o seu viver no pequenino ambito da familia, na placidez e silencios de almas que se contemplam mudas, quando as vozes do coração já não tem que dizer. Eu experimentei estes contentamentos ao lado de um pae, que me deu todo o seu saber quando já não tinha forças para manejar a espada. Não se podem repetir as situações do meu passado; lembro-as com saudade; mas não cogito nem levemente em revivêl-as. Aqui tem v. ex.ª a sincera exposição do que sou. Veiu isto a dizer-lhe que a vida de mestra, que adoptei, me é golpeada de desgostos e repugnancias que me fazem desgraçada.

— E como seria v. ex.ª feliz? — interrompeu Calisto.

— N'uma casinha entre duas arvores, com os meus livros e com as minhas saudades. Ambiciono muito, porque ha pessoas abastadas que nunca puderam conseguir esta felicidade, tão moderada apparentemente.

Ergueu-se Calisto Eloy de golpe, avisinhou-se da brazileira, tomou-lhe a mão com solemnidade, e abriu do peito estas graves e doces vozes:

— Prima Iphigenia, eu não permittirei que a sua

mocidade vá emmurchecer-se n'uma casinha entre duas arvores. Para as arvores e flôres se fizeram as aves; e, todavia, na estação desabrida, umas aves desferem remontado vôo a outros climas, e outras pipilam enfezadas de frio e fome. Na estação das manhãs regorgeadas e das tardes inspirativas terá v. ex.ª a sua casa bem assombrada de arvores e rodeada de relvas e fontes que retemperem as calmas do estio. Porém, no inverno, gosará o aconchêgo e regalos que as grandes populações offerecem. Não lhe admitto replicas, prima. Achou um parente de edade authorisada, que requer obediencia. Agora, fallar-lhe-hei de mim. Sou rico, não tenho filhos, com quanto seja casado...

N'este ponto do discurso, Calisto de Barbuda fez uma visagem funebre, e correu os dedos vertiginosamente por sobre o bigode, ainda escasso. Depois, desentranhou um suspiro cavo, e continuou:

— Minha prima e mulher, se alguma vez se encontrar com v. ex.ª, abrir-lhe-ha os braços de parenta. É uma creatura feita no campo, dotada apenas das luzes naturaes, que a levam pelo melhor caminho da felicidade n'este mundo. Casei, por que era necessario que o vinculo dos Figueirôas voltasse á casa d'onde saíra. Acho-me ha vinte e alguns annos ligado á mulher, que não devia ser minha. E, se ella é feliz, isso prova a muita probidade e resignação com que me tenho conformado ao meu destino...

Fez uma breve pausa, e proseguiu:

— V. ex.ª deu largas á sua alma: consinta que eu seja avaro do prazer de uma expansão.

— Porque não ha de sêl o? — accudiu D. Iphigenia, interessada na commovente historia.

— Não sei o que é felicidade. Tenho quarenta e quatro annos, e ainda não vi uma aurora benigna. Muitos annos procurei aturdir-me no estudo. Roía-me o abutre de um desejo vago; mas eu, que me segregára do mundo para o escondrijo da minha bibliotheca, se ás vezes passava de relance entre mulheres, que poderiam espertar-me paixões, fitava n'ellas como idiota que perdeu a memoria da terra natal, e se quêda espantado das coisas que ligeiramente lhe espertam a lembrança. Se alguma vez me surpresou algum sentimento estranho de affecto, podia tanto comigo a consciencia da sujeição ao dever, que o mesmo era cerrar os ouvidos da alma ao quer que era, entidade dupla, que me segredava delicias de uma vida incognita. Estas breves e poucas pelejas, com o discorrer dos annos, cessaram. Eu tinha consummado a paralysia do coração, e chamado sobre mim todos os habitos da velhice. A minha vinda para Lisboa foi o resurgimento da vida, sepultada antes de haver consciencia de si. Achei-me entre homens, aquecidos á luz d'este seculo. Na athmosphera d'esta cidade ha perfumes que vaporam do coração das esposas amadas, das amantes queridas, das pombas ideaes, que volteam á volta dos espiri-

tos anhelantes de cada homem. Pulou-me como arfar de vulcões a vida no peito. Vi-me no passado, e tive pesar, e saudade, e pejo da minha mocidade... Onde vão estas candidas revelações do meu pobre coração? Não na enfadam porventura minha senhora?

— Interessam-me e commovem-me — disse com affectuosa sympathia a brazileira — Vae dizer-me que se apaixonou?

— Tive um delirio — respondeu o morgado, compassando as palavras em tom muito do intimo — Um delirio, sonho de infeliz, que se desperta a arrancar do seio uma frecha. Foi o estremecer do terremoto, que alarma terrores, e se aquieta. Medi a profundeza da minha alma, e pude vêr que eu seria capaz de um crime... E, todavia, se algum seio de mulher podesse comprehender quanta pureza sanctificava os meus affectos!... Se alguem visse a aguia que por tão alto avoeja, sem descer ás searas a roubar um grão!... Fallo a um espirito elevado, que tem obrigação de me comprehender .. Agora, senhora, perdão! Eu disse tudo: confessei-me diante de um anjo de Deus. Mostrei-lhe o desamparo d'este meu viver. E, se estas lagrimas alguma coisa significam, é uma supplica de amizade. Eu vejo ahi uma formosura que dobra a alma, e ouso procurar o compadecimento de uma amiga, porque sei agora que ha mulheres, diante das quaes um homem precisa chorar.

Calou-se o morgado. Iphigenia encarava n'elle com certo assombro e estranheza de pessoa que não póde, nem quer conhecer dos sentimentos que a alvoroçam. O inesperado remate d'este dialogo figurou-se-lhe a ella a passagem de um romance, que se não presa de muito verosimil. Porém, como quer que a viuva do general Ponce de Leão fosse grandemente lida em novellas francezas, o caso não lhe pareceu tão extraordinario como ao leitor e a mim, quando m'o referiram.

Passados momentos, Iphigenia, contemplando, sem as vêr, umas figuras chinezas do seu leque, disse:

—De maneira que esta apparição imprevista de uma mulher desafortunada, se deu logar á expansão, tambem foi causa a uma dôr de v. ex.s!...

Calisto entrelaçou os dedos em postura supplicante, e exclamou:

— Chovam-lhe os archanjos do Senhor quantas felicidades a bem-aventurança encerra! Nunca uma nuvem escura lhe ennegreça os seus sonhos de felicidade! Multipliquem-se em alegrias eternas para v. ex.a, estes instantes de ventura que me deu, minha misericordiosa amiga!

Nenhuma paixão subita estalou ainda com estrondos d'este tamanho. A gente comprehende como estas coisas acontecem; casos se podem ter dado comnosco da mesma natureza, mas o que nós não fizemos nunca, se o amor nos assaltou de improviso,

foi fallar assim, romper tão depressa em vehemencias de enthusiasmo. Nós, homens creados mais ou menos por salas, affeitos a subordinar o sentimento ás praticas da civilidade, desafogâmos em extasis e suspiros, contemplamos embellezados a mulher que nos endoudece, respondemos com frioleiras gagas a uma pergunta, que nos ella faz com toda a presença do seu espirito. Toda a lastima é pouca para os ridiculissimos tregeitos que fazemos então.

Ora, isto é bom que assim continue a ser. Esse quarto de hora de suprema realeza das mulheres é tudo que ellas tem, e pouco mais. Esse espaço de fascinação, que nos embrutece, é a divinisação d'ellas. Ás pobresinhas, quando o tempo as apêa dos altares, e os maridos convertem a prata dos thuribulos em caixas de rapé, fica-lhes sempre a memoria consolativa d'aquelle quarto de hora.

Tornando ao ponto, queria eu dizer, que o morgado da Agra de Freimas não fallaria d'aquelle modo, nem tão do intimo da alma apaixonada, se tivesse experiencia dos usos da boa sociedade. Os bons usos ordenam que o homem se declare á mulher que ama, depois que as impressões repetidas de vêl-a e ouvil-a hajam desfalcado o vigor do sentimento. A praxe requer primeiro o extasis, depois as semsaborias tratamudas, ultimamente a declaração, com intervalo de tres mezes ao extasis.

XXV

Perdido!

Fecharam-se as camaras.

Calisto Eloy desamparára a sua cadeira do parlamento, quinze dias antes de encerrada a legislatura. Era opinião geral que o deputado de Miranda, desgostoso do governo e da opposição, se retirara, convicto da fraqueza de seus hombros contra o colosso, que tombava sobre o desangrado Portugal.

As gazetas realistas indigitavam Calisto como exemplo de peito illustre e invulneravel no marnel de febres podres em que ardiam e patinhavam miseraveis ambiciosos. Deram-lhe, á conta d'isso, varios nomes gregos e romanos, que lhe ajustavam tão a primor, como a verdade historica á legenda das fabulosas

virtudes de Grecia e Roma. A opposição liberal lamentava que as medidas obnoxias e hybridas do governo afugentassem da camara um deputado como Benevides de Barbuda, a cuja alta intelligencia e virtude repugnavam os desatinos da camarilha. Calisto Eloy lia estas coisas nas gazetas, e dizia entre si:

—Como hei de eu crer no que vejo escripto a respeito dos outros!...

Ao tempo que estes juizos dos publicistas eram impressos e mandados á posteridade, estava o morgado da Agra no hotel de Cintra, cuidando em alugar e trastejar com elegancia britannica uma casa, entre moitas de arbustos, a qual parecia feita para a rainha das flores ou para repousar-se em fresca sesta a aurora.

Decoradas as paredes interiores, cobertos de oleado os pavimentos, e afestoadas as paredes exteriormente com lilazes e jasmineiros, baunilhas e eras de verdejante urdidura, entrou n'aquella casa D. Iphigenia, conduzida pelo braço de Calisto, e seguida de uma senhora de porte honesto e recommendavel, que vinha a ser aquella D. Thomazia Leonor, em honra de quem as musas do defuncto tenente suspiraram acrosticos. Mais atraz, iam duas criadas, e um servo fardado de casimira côr de pombo, com gola e canhões escarlates, golpeados de listas amarellas, distinctivos da libré dos Ponces de Leão de Hespanha.

Iphigenia foi surprehendida pelo seu gabinete de

estudo, decorado de graciosas estantes e *étagères*, cheias de livros luxuosamente encadernados, acondicionados com tão elegante symetria que induziam muito mais á contemplação que á leitura. O restante d'aquella vivenda de fadas era por egual magnifico, em gosto e riqueza.

Calisto deu posse da casa a sua prima, e retirou-se ao hotel, para que ella sestiasse e se recobrasse da fadiga e calma da jornada.

Ao descair da tarde, o morgado foi bater á porta d'aquelle eden. Iphigenia saiu-lhe ao encontro com um ramilhete de flores, e disse-lhe:

—Aqui tem as primicias do seu jardim, primo.

Calisto aspirou o aroma das flores, osculou a mão que lh'as offerecera, e murmurou:

—Fechem-se os meus olhos, quando eu as poder vêr sem lagrimas de gratidão.

—Lagrimas... para que?—Volveu ella com meiguice.—As lagrimas deixemol-as aos infelizes. O primo não comparte do meu contentamento? Não vê que me realisou o meu sonho com tamanho excesso de delicias, que eu não me atrevera, sequer, a imaginar? Sinto-me ditosa!... Ainda não quiz pensar um instante se estas alegrias podem descair em magoas... Estou sonhando, e não quero que me acordem. Seria crueldade dizerem-me que ha viboras debaixo d'estas alcatifas de flores. Isto deve ser paraizo sem culpa, ignorancia santa do porvir sem pomo de arvore da sciencia que m'o descubra. Não é assim?...

—Que fallar o seu prima!— disse com vehemente, mas suffocado amor, o morgado — Que melodias!.. Eu não sei responder-lhe... Apenas sei escutal-a. N'uma composição dramatica de Sá de Miranda, chamada *Vilhalpandos*, ha um epitheto dado a uma mulher, o qual eu não podia perceber, sem que o baptismo das doces lagrimas me chamassem o coração á vida.

—Sempre lagrimas!..—atalhou Iphigenia—Então que é que diz o Sá de Miranda?

—Na bocca de um amante, que encontra a sua amada, põe estas palavras: «mulher santissima» Quem disse mais n'este mundo? os seus poetas francezes disseram coisa mais peregrina?... E n'esta mesma scena, poucas linhas abaixo, diz o amante a Fausta: «Sabes que sonho?» Que immenso amor devia de ser o de Antonioto, que assim perguntava á vida de sua alma: «Sabes que sonho?»

—*Fausta!...* é um nome lindo, disse a mimosa viuva.

—Se não existisse Iphigenia...—accudiu Calisto. Já este nome me soava docemente quando, na minha mocidade relia as angustias da filha da Agamemnão, cujo sacrificio o oraculo de Aulida demandava.

—Ah! tambem eu conheço essas angustias da tragedia de Racine. Quantas vezes eu, nas minhas horas tristes, repetia com a Iphigenia do grande poeta francez, e com o espirito na alma de minha mãe, assim como ella o tinha no afflicto rosto da sua:

. . . . . Ah!...
Sous quel astre-cruel avez-vous mis au jour
Le malheureux objet d'un si tendre amour?

O primo, continuou ella, conhece perfeitamente Racine e Corneille?

—Perfunctoriamente. Conheço melhor Euripedes e Seneca. Pendi sempre á lição de classicos gregos, latinos e portuguezes. Crê-se nas provincias que o saber humano está n'isto. Os francezes começo a presal-os agora, porque... não ha linguagem que não sôe divinamente fallada por minha prima.

—Essas lisonjas — volveu ella sorrindo — aprendeu-as nos seus livros velhos, primo Calisto?

—A lisonja deixará alguma hora de ser mentira?... Eu não podia mentir-lhe, prima Iphigenia. Não!... Os meus classicos só me ensinaram duas palavras, que eu possa dizer-lhe: MULHER SANTISSIMA!

Iphigenia deixou-se amorosamente beijar nos dedos.

A natureza de Cintra, incluindo os rouxinoes d'aquellas ramarias, poderia espantar-se: eu, não.

XXVI

E ella amava-o!

Era já pleno estio. Os galans mais hardidos de Lisboa estanceavam por Sitiaes, por Pisões, e por aquellas varzeas de Collares, a engarrafar lyrismo para gastarem por salas nas noites de inverno.

O primeiro d'elles que descortinou por entre arvores a formosa brazileira foi alviçarando aos outros a ondina incognita, que saira das vagas a buscar camilha de folhagem e boninas entre as fragas da serra da lua.

Entram os agitados monteiros da estranha caça a circumvagarem nas encostas e oiteirinhos que rodeavam a vivenda de Iphigenia. Uns a viam ao sol pos-

to, outros ao arraiar da manhã, e outros, quando ella perpassava por entre aleas de cylindras para uma gruta fechada como concha de perola.

A presença de Calisto Eloy, confundido com os arbustos floridos da casinha mysteriosa, augmentou a curiosidade dos indagadores. Uns consideraram esposa do deputado a bella esquiva; outros aventaram hypotheses mais romanticas, más menos honestas. À primeira conjectura oppunha-se uma forte razão negativa: se era marido, porque vivia no hotel do Victor? Á segunda conjectura, contradictava outra razão ponderavel: sè era amante, que descuidado amante era elle, que se encerrava no seu quarto do hotel, durante as noites, —facto averiguado minudenciosamente pelos interessados? O mysterio, pelo conseguinte, a nublar-se, e as esporas de uma curiosidade impaciente a picar os moços ociosos, e os ricassos velhos, que espreitavam por entre a rede das sebes verdejantes, esta Susana, mais cuidadosa do que a outra, que accendia fogos nos lubricos juizes de Israel.

Entre os mancebos, estremava-se um, que passava grandes espaços de tempo em quietismo esculptural debaixo de um olmo, que sobranceava a casa de Iphigenia. Sempre que ella, á hora da maior calma, se aproximava da janella do seu gabinete a respirar o frescor do jardim, via o contemplativo sujeito de braços cruzados, e olhos fitos. Mas, assim que, ao intardecer, os arredores da casa começavam

a ser frequentados, o moço, como quem se resguarda, desapparecia.

Era este sujeito aquelle Vasco da Cunha, que esperava a herança de uma tia para casar com Adelaide Sarmento. Os olhos indifferentes de Iphigenia assetearam-lhe a pia alma, n'um d'aquelles dias em que elle viera de Lisboa a Cintra para assistir á novena de Santo Antonio de Padua, celebrada solemnemente na capella de uma tia marqueza. Ou porque o ascetico fidalgo andasse com o coração amollecido pelas praticas piedosas, ou porque Iphigenia se lhe figurasse algum d'aquelles seraphins que visitavam os anachoretas da Thebaida, o certo é que não houve mais despegar-se-lhe a phantasia d'aquella imagem, que se interpunha entre elle e o santo filho de Martim de Bulhões.

Iphigenia attentou na pertinacia do homem, e contou ao primo Calisto, gracejando, a tempestade amorosa que lhe andava imminente na pessoa d'aquelle sujeito. Assomaram differentes côres ao rosto do morgado. Quizera elle dissimular o sobresalto com o sorriso: mas a rubidez sanguinea dos olhos, se o dramaturgo inglez a visse, arranjaria d'aquelle aspeito feroz assumpto para mais scelerado preto.

Iphigenia lisongeou-se d'aquella explosão de lavas que archejavam na testa do homem.

Lisongeou-se!... Pois amava-o ella?!

Não sei com que direito me fazem esta pergunta assim com uns visos de espanto! Amava-o como quem

não tinha amado nunca. E para lisongear-se de incutir ciume não lhe fôra mister amal-o, digamol-o de passagem, e em nome da consciencia incorruptivel das senhoras, cuja attenção e reparo é felicidade que eu anteponho a todas.

Amava-o, sem pensar os beneficios extremamente delicados com que elle lhe dulcificava a existencia. Amava-o captiva do quer que é que primeiro prende a vontade da mulher, sem dependencia dos dons da alma. Calisto Eloy de Silos estava uma esbelta figura de homem. A cara compuzera-se arabicamente. O bigode cerrado e negro caía-lhe sobre as claviculas. O descostume da leitura restituira-lhe o aprumo da espinha dorsal. O ventre baixou ás proporções rasoaveis. No trajar; refinava em elegancia e gosto, subordinando-se ao alvitre do alfaiate. Todo aquelle ar de meneios, posturas e geitos accusava os fidalgos espiritos, resgatados da brutesa da antiga vida. Póde ser que alguma affectação lhe maculasse os modos e garbo das attitudes: sem embargo, o senhor da Agra de Freimas era homem para merecer, sem favor, a consideração de qualquer dama superciliosa na escolha.

Se isto não bastasse a ponderar no animo de Iphigenia, mal poderia resistir-lhe o coração aos respeitos, porventura demasiados, com que elle interpunha largo stadio entre as expansões da palavra e o minimo vislumbre de qualquer intento menos decoroso. Casos houve em que ella o surprehendeu

com os olhos marejados de lagrimas e um sorriso nos labios, sorriso supplicante, de perdão para as lagrimas. Casos houve em que ella sentiu ferver-lhe o desejo de lhe pedir que, em vez de lagrimas, lhe désse um beijo na face, um d'aquelles beijos, que não tiram nada á formosura do corpo nem da alma, porque no rosto augmentam o rubor—o que é bello—; e na alma convencem a consciencia da adoração—o que é sublime. Difficil coisa será achar a virtude que se furta a estes conflictos! Virtude, que se esconde e encolhe para não ser alcançada pela flecha de um beijo, ás vezes acontece que, por muito esquivar-se, apouca-se, vapora-se, safa-se e ninguem sabe como ella se foi, nem como é possivel que um vaso fechado de essencias aromaticas appareça vasio sem ter sido quebrado. Este caso, naturalmente, anda explicado na esthetica. Eu hei de vêr o que é isto quando tiver vagar.

Vamos já rodeando por longe dos ciumes de Calisto Eloy. Revertamos ao assumpto.

Iphigenia tomou-lhe amorosamente da mão e disse-lhe:

—Meu primo, eu não quero lêr em sua alma uma pagina que se não assimelha ás outras.

—Pois que é, prima?!... perguntou elle enleado e tremente.

—Eu não quero ter de justificar-me, tornou ella balbuciante.

—Justificar-se....

—Sim. Duas palavras que bastem a definir-me. Se eu perder a sua amizade, quero morrer. Veja quanto eu farei para lh'a merecer.

Calisto dobrou o joelho, e beijou a mão, que lhe estreitava calorosamente, a d'elle.

Seguiu-se silencio de alguns minutos.

Se houvesse elos na cadeia da felicidade humana, o ultimo, a maxima perfeição, devia prender com os gosos celestiaes. Esse ultimo elo não o ha: se existisse, o morgado, n'aquelle instante, perderia a consciencia d'esta vida, e entraria na exultação beatifica dos anjos.

A fortuna dos corações que desbordam da felicidade no amor, deve ser aquella *Fortuna parva*, á qual Servio Tullio erigiu templos. Tito Livio, a meu vêr, toma o *parva* no sentido de *baixa* ou *pequena:* eu traduzo latamente «fortuna lorpa»; porque não conheço, quem, n'uns lances analogos ao de Calisto, mantivesse a inteireza de sua razão e espiritos. É que o morgado não disse coisa que mereça escriptura, elle que tão donosamente, em supremos apertos, face a face do dr. Liborio, tirou da veia copiosa repuchos de eloquencia!

No dia seguinte, quando as aves abraseadas do sol das onze horas, se embrenhavam nos tufos das ramagens, lá estava Vasco da Cunha debaixo da arvore.

À mesma hora, Calisto Eloy circuitava a parede da matta em que se emboscava o religioso mancebo,

saltava de manso, e quasi a subitas passava rente d'elle hombro a hombro.

Vasco não conheceu o homem que o fitava com sobranceria. Tres mezes antes se havia encontrado em casa do desembargador Sarmento com um Calisto, que não tinha que vêr com aquelle homem.

Sorriu-se o morgado, e disse-lhe:

—Costuma v. ex.ª intermear as suas novenas com a oração mental nas brenhas e florestas, á imitação dos antigos padres? Ou está pedindo aos deuses infernaes que lhe levem a alma da tia, e lhe deixem o vinculo da mesma para poder maridar-se com a sr.ª D. Adelaide Sarmento?

Alumiou-se Vasco de uns longes de suspeita, e cuidou estar ouvindo a voz mesurada e sonora de Calisto.

—O senhor... disse elle.

—Eu, que?—atalhou o morgado á suspensão do moço.

—Com que direito vem aqui incommodar-me?—tornou o mordomo das tres virtudes cardeaes.

—Não o incommodo, nem me incommodo. Dir-lhe-hei muito de relance que mora alli n'aquella casa uma prima de um Barbuda, e accrescentarei que tal dama não faz novenas a santo nenhum das particulares devoções de v. ex.ª Se o sr. Vasco da Cunha aqui voltar ámanhã, continuaremos a palestra.

Vasco não voltou.

XXVII

A saudade e a sciencia em dialogo

Dois mezes depois de fechado o parlamento, D. Theodora Figueirôa, farta de escrever cartas, e de esperar respostas que lhe iam a razão de uma por dez, mandou chamar aquelle Braz Lobato, professor de instrucção primaria, e, com os olhos vermelhos de chorar, abriu do peito oppresso estas palavras:

—Que me diz vocemecê sr. Braz, á demora do meu homem?

—Eu estou passado, fidalga!—disse o mestre-escola empunhando e sacudindo o queixo inferior.—Seu marido, a minha opinião é que ficou por lá embeiçado n'alguma mulher. Lisboa é uma Babylonia.

fidalga. Quem para lá vae com um bocado de temor de Deus, perde-o; e quem não tiver muito lume no olho, e alguns annos de tarimba e experiencia do mundo, como eu, póde contar que em lá chegando fica reduzido á expressão mais simples.

—E que é ficar reduzido á... que? como disse vocemecê? perguntou D. Theodora.

—Quero dizer que dá com as canastras n'agua. Foi o que succedeu ao fidalgo, futura-se-me isto! Sabio era elle, mas faltava-lhe a pratica do mundo. Foi uma asneira mandal-o a côrtes; eu bem não queria... mas emfim... tanto me azoinaram os abbades e os lavradores, que eu deixei-me ir com os outros... (O impostor que tinha votado em si!) E que diz elle nas cartas a v. ex.ª?

—Lá por milagre recebo alguma... Aqui tem vocemecê a que veiu aqui ha dias atraz. Ora leia lá isso.

Braz montou os oculos de cobre, e leu:

«Prima Theodora. Cessa de ter cuidado com a minha saude: eu passo soffrivelmente. Não me pude ainda desembaraçar dos negocios do estado, que me não deixam tomar fôlego. Á vista te contarei o que tenho feito a favor da nação. Tem tu saude, e descança da vida trabalhosa que tens. Ha de ir ahi um sujeito de Bragança para lhe entregares oito centos mil réis. Vende o grão todo que houver, e diz aos lavradores que por lá tem dinheiro a juro que eu preciso recolher essas quantias para negocio de

mais interesse. Teu primo e affectuoso marido *Calisto.*»

Ahi tem vocemecê!— continuou a esposa atribulada, com os braços em cruz e as mãos nos sovacos. —O dinheiro, que ha sete mezes tem saido d'esta casa, é um louvar a Deus! Ainda o dinheiro vá que o leve a breca! mas andar-me por lá o marido, o meu homem, que d'antes, se ficava uma noite fóra de casa, era lá uma vez de anno a anno, e dizia elle que não estava bem senão á beira de sua mulher!... Que me diz a isto sr. Braz? Então vocemecê é de parecer que elle está por lá embeiçado? Pois o meu Calisto seria capaz d'isso?!

—Olhe fidalga—respondeu o professor de instrucção primaria fazendo com os beiços um bico e logo um arco, tregeitos meditabundos com que elle usava solemnisar os dizeres graves.—Um homem cá nas aldeias é uma coisa, e nas cidades é outra. Eu corri mundo, e sei o que fui. As mulheres das cidades tem umas artes e manhas, que, se um homem se não precata, ás duas por tres, não sabe de que freguezia é. Ainda que a gente não queira aquelles demonios taes esparrelas armam, que não ha remedio senão cair em fragilidades proprias da fragil natureza humana, como o outro que diz. O sr. morgado já não é rapaz; mas tambem não é velho. Aquillo, em quanto a mim, e oxalá que eu me engane, deu por lá com alguma menina que o embruxou...

—Sabe vocemecê que mais—interrompeu com abru-

pta resolução D. Theodora—pègo em mim, metto-me n'uma liteira, e vou por ahi abaixo até á capital. É o que eu faço!

—Essa idéa precisa de ser pensada com prudencia—observou o mestre-escola, erguendo-se, e dando alguns passeios na eira, onde estavam dialogando—Se a fidalga fôr, esta casa fica sem dono, entregue á criadagem, e o sr. morgado póde zangar-se. De mais a mais, ora supponhamos nós que o senhor seu esposo está, como elle diz na sua, occupado em negocios do estado; a ida de v. ex.ª vae atrapalhal-o, por que elle não a ha de deixar sosinha na estalagem. Depois a fidalga vae, palavra puxa palavra, um diz uma coisa, outro diz outra, e afinal desavem-se, e começam a viver de esguêlha. A minha opinião é que v. ex.ª se deixe estar em sua casa, e espere a vêr para onde correm os ventos. Se elle por lá anda com a cabeça a juros, deixal-o pagar o tributo, que elle cairá em si. Antes isso que quebrar uma perna. Lá o dinheiro isso é o menos. A casa dá para tudo, graças a Deus. A fidalga não sabe o que tem de seu. Lá em quanto ao marido, uma extravagancia não lhe dá nem tira. Salomão foi o mais sabio dos homens e teve trezentas mulheres e setecentas concubinas, e mais acho que foi santo. David, tambem era santo, e caiu tambem na fraqueza de amar a mulher de um capitão, general, ou uma coisa assim. As sagradas escripturas contam muitos casos d'estes... Pois emfim, a fidalga não esteja ahi a chorar. Seu marido ha

de voltar são e salvo. O mais que eu posso fazer-lhe é ir por ahi abaixo ter com elle, e desenganar-me por meus proprios olhos.

—Isso é que era bom, sr. Braz!—exclamou Theodora, limpando as lagrimas ao avental de chita.

—Eu estou ainda com a idéa ferrada do habito de Christo. É cá uma birra com o boticario, que disse ao cirurgião que eu havia de ser cavalleiro do habito quando elle fosse papa. O sr. morgado não me responde ás cartas: é um ingrato d'aquella casta; mas, emfim, os favores que lhe fiz na eleição não me arrependo de lh'os fazer... Emfim, fidalga, se v. ex.ª quer, eu vou ter-me com o sr. morgado, e póde ser que venha com elle para cima e com o habito.

—Está dito!—clamou Theodora—Vocemecê vae, e eu faço-lhe as despezas.

—Isso lá como v. ex.ª quizer... Eu, a fallar verdade, não estou muito indinheirado, e alguns vintens que tenho todos me hão de ser precisos para pagar os direitos da mercê.

Ahi vem Braz Lobato, caminho de Lisboa.

XXVIII

Ingratidão de um deputado

Braz Lobato, antigo sargento de milicias, e antigo borra de frades franciscanos, era legitimo homem para farejar Calisto em Lisboa. Cuidou elle que encontraria o marido de D. Theodora de Figueirôa nos logares mais celebrados e admirados da capital, segundo é fama nas provincias. Como o não encontrasse na Memoria do Terreiro do Paço, foi procural-o ao Aqueducto das Aguas-Livres. Depois de baldadas estas pesquisas, outro qualquer sujeito desanimaria; Braz Lobato, porém, resolveu ir ao Paço das Necessidades em busca do seu patricio, porque, no seu modo de julgar as correlações dos altos po-

deres do estado, Calisto Eloy devia frequentar regularmente a casa real.

Perguntou o mestre-escola affoitamente á sentinella do paço se o representante nacional, morgado da Agra estava em palacio. A sentinella mandou-o entrar, e que perguntasse ao commandante da guarda. O commandante mandou-o a um fidalgo que vinha descendo, e o fidalgo interrogado mandou-o á fava.

Com o quê, Braz Lobato saiu á rua, e perguntou a um aguadeiro se alli não morava o rei. E, como soubesse que a familia real estava em Cintra, conjecturou que os deputados, e particularmente Calisto, deviam estar em Cintra para de lá governarem a monarchia.

Chegou o mestre-escola a Cintra, e descavalgou do jumento portador, á porta do palacio. Fez as suas perguntas á sentinella com aquelle ar marcial que lhe ficou das milicias. Esperou a vinda de um camarista, velho fidalgo attencioso, que sorriu da supposição do provinciano, e lhe disse que o deputado Calisto Eloy residia no hotel do Victor.

Chegado ao hotel, á hora mais de passeio, por fim da tarde, não encontrou Calisto, e foi demandal-o nos logares mais frequentados. Abeirou-se de um grupo de sujeitos, que inculcavam gente grave, e perguntou por Calisto Eloy de Silos Benevides de Barbuda.

Esta pergunta coincidiu com o caso de estarem aquelles individuos aventando hypotheses sobre a

formosa solitaria, cujo ninho de folhas e flores apenas Calisto de Barbuda frequentava.

O ar provinciano de Braz fez crêr aos curiosos que o homem, sendo patricio de Calisto, poderia esclarecel-os ácerca da creatura mysteriosa.

—D'onde conhece vocemecê o sr. Barbuda?— perguntou um.

—Conheço-o desde menino, que é da minha terra, e eu sou o professor de instrucção primaria lá do concelho do sr. morgado da Agra de Freimas.

—Então, volveu outro, ha de saber se a senhora que está com elle em Cintra é parenta d'elle, ou mulher ou amante.

A mulher do sr. morgado ficou em casa; parenta não me consta que elle tenha cá nenhuma. Isso ha de ser negocio de contrabando, em quanto a mim. Fazem favor vv. s.[as] de me ensinarem o caminho da casa onde elle está?

Conduzido á espessa cancella de ferro, que estremava o jardim do caminho publico, Braz Lobato puchou a campainha. Fallou-lhe um criado de libré, o qual, perguntado se o sr. morgado estava em casa, respondeu que n'aquella casa morava a viuva do general Ponce de Leão.

Dada a resposta, o criado rodou solemnemente nos calcanhares, e deixou o mestre-escola com o nariz n'um orificio da grade, e os olhos n'outros orificios, espreitando os massiços de murtas, que escondiam a fachada da casa.

D'ahi a pouco lobrigou elle entre os arbustos um galhardo homem com uma senhora pelo braço, atravessando vagarosamente para um bosque de aveleiras.

Fitou-se n'elle; mas não viu coisa que lhe désse lembranças do fidalgo da Agra. Cuidou que o tinham enganado os lisboetas, e desandou para a hospedaria.

Novamente informado, resolveu esperar que o morgado entrasse ás dez horas, consoante o costume.

Sentou-se á porta do pateo.

Viu entrar um empavesado sujeito retorcendo as guias do bigode, com os olhos postos na lua atravez de uma luneta. Levou urbanamente a mão ao chapéo. Calisto, divertido pela acção civil do sujeito, ia corresponder, quando reconheceu o mestre-escola.

—Você aqui, Braz! disse elle.

O professor arregaçou as palpebras, e exclamou:

—Que vejo! a voz é a do fidalgo!

—Sou eu, não tenha duvida nenhuma.

Braz levou a mão á testa, e da testa ao peito, e de um hombro ao outro, murmurando:

—Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo! Coisa assim nunca os meus olhos esperaram vêr!... V. ex.ª é outro homem!... Eu estarei a dormir! E esfregava os olhos, desconfiando seriamente que estava dormindo.

—Entre cá dentro, disse o morgado.

Entrados á sala, perguntou o fidalgo com um ar secco:

—Que novidade o traz aqui?

—Vim por ahi abaixo, afim de vêr v. ex.ª, e ao mesmo tempo...

—Bem sei no que quer fallar. O habito de Christo, sim?

—Não sendo coisa muito de costa acima...

—Ha de arranjar-se. E que mais?

—E que mais?...

Braz Lobato sentia-se como esmagado pelo tom rispido e sobranceria do fidalgo. A concisão e rapidez das perguntas enleavam-no a ponto de o engasgarem nas respostas.

—Como ficou minha prima? disse Calisto.

—Está muito contristada, senhor.

—Porque?

—São saudades. Ainda na vespera da minha vinda esteve a chorar na eira... O melhor seria que v. ex.ª viesse comigo para casa... Mas como o fidalgo está mudado!... Então v. ex.ª, pelos modos, era o mesmo que eu vi, ao fim da tarde, n'aquella casa que tem porta de ferro! Bem me diziam que v. ex.ª estava lá com uma madama, e eu não o conheci.

—Aonde?—atalhou desabrido o morgado.

—N'aquella casa que tem muitas flores.

—Quem o mandou lá?

—Uns fidalgos a quem eu perguntei por v. ex.ª

—E quem o manda perguntar por mim?! Quem lhe disse que eu estava em Cintra?

—Foi no palacio do rei que...

—Então foi-me procurar ao palacio do rei! O sr. Braz é parvo!... Bem. Eu preciso recolher-me. Quer mais alguma coisa?

—Não, sr. fidalgo... E v. ex.ª não quer nada lá para a terra?—volveu logo o antigo sargento com o nariz rubro de colera.

—Não quero nada.

—Pois eu para cá vou. Passe muito bem por cá, e até lá.

Não pôde ter mão de si o professor: voltou ao limiar da porta, que se fechava, e disse:

—Sr. morgado...

—Que é?

—Eu, para a outra vez, elegerei deputado que me arrange o habito de Christo. Faça favor de se não incommodar.

—É asno!—murmurou Calisto batendo a porta com impeto.

XXIX

O demonio em Caçarelhos

Estava D. Theodora presidindo á limpeza do lagar em que se havia de fabricar o azeite, quando Braz Lobato, ainda empoado da jornada, assumou á porta, e chamou de parte a fidalga.

—O meu homem veiu!—exclamou ella.

—Faz favor de me ouvir aqui fóra, disse elle á puridade.—E, retirados ao escuro de um bosque de castanheiro, continuou:

—Seu marido está perdido, sr.ª morgada.

—Que me diz? bradou a pallida consorte.

—Estragou-se; d'alli ao inferno não tem mais que morrer.

—Credo! Então que é?

—Seu marido está tolhido! A mulher que o roubou á patria, e á esposa, e aos amigos, está lá n'uma serra, cercada de arvores, e de grades de ferro! [1] Dizem que é a viuva de um general, e bonita como os serafins. Eu ainda a enxerguei pelo braço do fidalgo; ia vestida de branco, e parecia uma estrella.

—Ai! que eu estalo! clamou Theodora, apertando a cabeça entre as mãos.

—Seu marido, se a senhora o vir agora não o conhece. Está mais apanhado do corpo; aquella barriga, que elle tinha, sumiu-se-lhe. Tem um bigode muito grande, e aqui no queixo uma moita de pellos, como os bodes. Traz os cabellos puchados para cima e retorcidos. Usa oculos á moderna, de oiro, pendurados ao pescoço. O panno de roupa luzia como vidro, e andava apertado n'ella e puchado á substancia que parecia espremido no peso do lagar. Repito: a sr.ª morgada, se o vir, não o conhece.

—E então elle está lá com essa mulher? insistiu soluçando a quebrantada senhora.

—É verdade, lá a tem como uma princeza. Agora já sabe a fidalga no que elle estraga o dinheiro.

—E vocemecê não lhe disse que viesse para sua casa?

—Ora se disse! chamou-me parvo e asno. Asno a mim fidalga! E eu acommodei-me, porque não quero

[1] Creio que os grandes effeitos d'esta narrativa foram detidamente estudados e calculados pelo caminho.

testilhas com doidos. Afinal, eu estava a vêr quando me empurrava pela porta fóra! Aqui tem o que ha a tal respeito. Sirva-lhe de governo, sr.ª morgada. Agora, faça por ter mão na manta. A casa é grande; mas tem-se visto acabarem casas maiores. O que a fidalga deve fazer é não deixar ir pela agua abaixo o seu patrimonio.

—Não, que eu vou a Lisboa!—exclamou ella batendo o pé, e vibrando murros contra o ar.—Vou a Lisboa, e faço lá o diabo!... Então a tal mulher está n'uma serra? Vocemecê disse que ella estava n'uma serra?...

—É serra; mas a terra é bonita. Ha por lá arvores do começo do mundo, e cada pedaço de jardim que dava trezentos alqueires de centeio. Chama-se Cintra, e está lá o rei e a fidalguia.

—Pois vou lá, que o meu homem é meu—vociferou ella voz em grita.—Se elle não quizer vir para casa, vou fallar ao rei e aos governos.

—Fidalga, pense bem no que faz, e ouça o que lhe diz o senhor seu primo Lopo de Gamboa, que sabe mais do que eu. D'aqui me vou a vêr a minha gente, e até ámanhã, fidalga.

Doida de afflicção, a traida esposa mandou logo um criado á casa da Verdoeira chamar o primo Lopo de Gamboa.

Este Lopo, bacharel em direito, homem de trinta e tantos annos, e sagaz até á protervia, vivia na companhia do irmão morgado, comendo o rendimento

da sua escassa legitima de filho segundo. Tinha máo nome em materia de mulheres. A bruteza dos espiritos não lhe implicava o exercicio de tramoias e bom palavriado com que mareara a reputação de muitas moças, que, á conta d'elle, ficaram solteiras; e tambem de algumas casadas, que não conservam as costellas todas.

Calisto desadorava este primo de sua mulher, em razão das suas ruins manhas; não obstante, admittia-o ao seu trato familiar, e consentia que Theodora, uma vez por outra, lhe désse alguns pintos para charutos, já que o morgado lh'os não dava, sem lançar o emprestimo a desconto da legitima.

Theodora, com quanto o excedesse em edade uns quatro annos, tinha sido creada com elle, e por suas mãos lhe fizera o enxoval, que o primo Lopo levou para Coimbra. Esta poesia de infancia converteu-se n'ella em sentimentos benignos de generosidade para com as privações monetarias do sujeito, algumas das quaes lhe remediou liberalmente a occultas do marido. Mais se afervorou a estima da prima Theodora, quando viu que Lopo, na ausencia de Calisto, amiudava as visitas, e lhe fazia companhia ao serão nas noites de inverno.

Mandou, pois, a esposa angustiada chamar o primo Lopo de Gamboa. Já raivosa, já em mavioso soluçar, contou Theodora o que ouvira ao mestre-escola.

—Bem t'o agourava eu, prima!—disse Lopo, concluidos os queixumes de Theodora.—Eu sei o que são

homens. Quando meu irmão morgado e outros santarrões me apontavam como exemplo as virtudes de teu marido, dizia-lhes eu: «Tirem-n'o da aldeia para Lisboa ou Porto, deixem-n'o lá estar dois mezes, e fallem-me depois á mão.» O Calisto vivia bem com todo o mundo e comtigo, Theodora, porque se apaixcnou pela livralhada, e encheu a cabeça d'aquellas velhas arólas dos seus classicos, e não queria saber de mais nada. E, além d'isso, diz-me tu prima, que grande amor era o d'elle por ti? Passavam-se dias e noites qne o não vias, senão enterrado na livraria. Nunca lhe vi fazer-te uma meiguice!

— Pois fazia; estás enganado, Lopo — atalhou D. Theodora, molestada no instincto da sua vaidade de esposa.

—Parecia-te isso, prima, porque tu não viste ainda como os bons maridos acariciam as suas mulheres. Nunca te levou aos banhos do mar, precisando tu de tonicos; nunca te levou a festa nenhuma de Miranda nem de Bragança; sendo tu a mais rica herdeira d'estes arredores, deixou-te viver para ahi sujamente; a cuidar em sevados e gallinhas. As senhoras, que não te chegam em fidalguia aos calcanhares, vivem á lei da nobreza, visitam-se, tem os seus bailes, vão ás romarias ricamente vestidas; e tu?.. chorava-me o coração, quando vim de me formar, e te visitei, e vim dar comtigo a cortar couves para fazer a comida dos patos.

— Isso é porque eu gosto.

—Muito embora gostasses; teu marido não devia consentir que o fizesses. Trabalhar é bom e necessario; mas cada qual trabalhe segundo a pessoa que é. As senhoras cozem, bordam, marcam, e dão-se a outros muitos cuidados domesticos e limpos. Os serviços, que tu fazias, pertencem ás criadas da cosinha. De maneira que a tua riqueza não te dava o descanço e bem estar que desfrutam as pessoas da lavoira. Esta casa parecia me sordida; e, apezar das grandes sabenças de teu marido, ainda não vi casados que tão estupidamente vivessem! Ahi está agora teu marido a despejar sacas de dinheiro no regaço de uma amasia, e tu aqui de vestido de chita e chinellas! Tu!... de chinellas!... Foi bom que levasses vida de negra vinte annos para elle agora levar em Lisboa vida de principe!

—Não ha de levar, que eu vou lá!—bradou Theodora assanhada pelas reflexões do primo.

—Não vaes, prima, que os teus parentes não consentem que tu vás ser em Lisboa motivo de gargalhadas d'aquella gente, e maltratada por Calisto. A morgada de Travanca, a filha de Francisco de Figueirôa, não vae, como as mulherinhas da ralé, procurar o marido fóra de sua casa. Se elle vier, veiu; se elle ficar, fique embora. Gaste o que quizer, mas que não gaste a casa de sua mulher. N'este paiz ha leis que separam do máo marido a esposa affrontada, e prohibem que os bens dos Figueirôas sejam desbaratados em devassidões de um extravagante.

—Eu não quero separar-me do meu homem!—balbuciou ella afogada de soluços.

—Tambem te não aconselho a que o faças por em quanto, prima. Ainda é cedo. Póde ser que teu marido caia em si, e se arrependa. Isto da separação é um remedio extremo, que se ha de applicar no caso de continuarem os saques de dinheiro como até aqui, e os embustes infames com que o Calisto te tem enganado. Ai! prima, prima, grande desgraça foi para ti e para mim, que te esquecesses do nosso amor de creanças, e tão depressa aceitasses o casamento com este homem! Eu estava a concluir a minha formatura, resolvido a pedir-te, e casar comtigo, quer teu pae quizesse, quer não. Nunca t'o disse; digo-t'o agora, porque a minha dôr me obriga. Não serias tu mais feliz, se casasses com teu primo Lopo?

—Eu sei cá?...—disse ella, alimpando as lagrimas.

—Pois duvidas, Theodora?

—Tu tens sido um estroina com mulheres...

E não sabes por que?

—Não...

—Desesperado por te encontrar casada, quando cheguei de Coimbra, não tratei mais de me ligar seriamente ao coração de mulher nenhuma. Queria distrahir-me, e fazia desatinos que me tornavam ainda mais desgraçado. A minha consolação unica era estar alguns momentos ao pé de ti; mas quan-

tas vezes, eu saía do teu lado com o coração cheio de fel!... Nunca te disse uma palavra por onde tu desconfiasses o meu estado, pois não?

—Tu o que me dizias ás vezes é que estavas afflicto por causa de dividas, e eu dava-te o dinheiro que podia arranjar...

—É verdade: foste sempre o meu bom anjo, prima; mas olha que essas mesmas dividas as fazia eu para poder sair d'estes sitios; ia para as feiras, para as caldas, por toda a parte á busca de distracções, e não achava coisa que me distraísse de ti o pensamento. Toda a gente da nossa parentella me aborrecia, menos tu. Ora imagina, prima, que tormentosa vida a minha desde os dezenove annos! Amar-te, amar-te sempre, e vêr-te mulher de outro homem; e, de mais a mais, de outro homem indigno de ti! Céos! que martyrio! que martyrio!

Lopo cobriu a cara deslavada com as mãos enormes.

Theodora estava como idiota a olhar para aquillo, sem poder atinar com as sensações atrapalhadas que aquellas palavras lhe causavam.

Ergueu-se o velhaco de golpe, e disse:

—Adeus, prima: eu estou profundamente magoado com a tua desgraça; doem-me mais os teus pezares que os meus. Disse-te o que me pareceu rasoavel a respeito de teu marido, d'esse cruel que me roubou a mulher do meu coração, da minha alma, da minha vida, e da minha morte. Adeus, prima!

—Tu vaes afflicto, Lopo!—exclamou ella, resa-

bindo do spasmo tolo em que estivera—Vem cá; se te aconteceu alguma desgraça, remedeia-se como poder ser.

—Ha doenças sem remedio, prima. A minha é mortal.

—Então que tens, primo? que te dóe?

—Doe-me a certeza de que estou morrendo desde o primeiro dia da tua união com este homem!... a certeza de que o has de amar sempre, ainda que elle te despreze como já te desprezou.

—Pois se elle é o meu homem recebido á face do altar!...

—Por isso, por isso, é que eu perdi o teu amor, Theodora!...

—Pois eu sou casada, bem no sabes, senão teria casado comtigo.

—Não fallemos mais n'isto—atalhou com muita serenidade Lopo—Já chorei, e fiquei melhor!—continuou elle esborrachando os olhos até elles reverem agua—Estas lagrimas estavam aqui no peito ha vinte annos. Foi bom que tu as visses para que saibas que o homem que chora por ti, bem mais te merecia que o outro que te despreza... Queres mais alguma coisa de mim, prima? Queres que eu escreva a teu marido, e lhe diga que seja honrado e digno da melhor das esposas? Queres que eu mesmo o vá procurar a Cintra?

—Se tu lá fosses, Lopo, não seria máo!—disse ella.

Lopo de Gamboa, como grande farçola que era, sentiu impulso de desfechar uma risada na cara da prima. O homem viu-se ridiculo até onde a consciencia de um bargante se póde vêr a si mesma.

Reteve-o, porém, a coherencia do seu plano. Resolutamente disse que iria a Cintra, bem que nenhum sacrificio lhe podesse ser mais cruelmente imposto ao coração.

—Irei, disse elle, irei buscar o marido da mulher que adoro. Venha mais esta punhalada da tua mão, prima.

—Valha-me Deus!—exclamou ella afflictivamente.—Tu dizes-me coisas que me fazem endoudecer! Pois tu não vês que eu já não posso dar o meu coração a outro em quanto fôr casada com um?

—Vejo que me não amaste nunca, Theodora. Diz a verdade... Nunca me tiveste amor?

—Eu sei cá, primo!... Se me casasse comtigo, tinha-te amor... Assim como casei com o meu marido, que hei de eu fazer agora?

—Matar-me!—disse com vehemencia Lopo, deixando cair os braços, e descendo ao chão os olhos amortiçados.

—Ai! que peccados os meus! exclamou Theodora—Eu não sei o que te hei de fazer, Lopo!

—Diz-me quando queres que eu parta para Lisboa—tornou elle gravemente.

—Então sempre queres ir, primo?

—Ámanhã, hoje, quando quizeres.

—E não te custa?

—E a ti não te custa que eu vá?

—Eu queria que fosses, a vêr se trazias para casa aquelle perdido.

—Irei, já t'o disse.

—Então eu vou buscar-te dinheiro, primo, quanto queres tu levar?

—Nada, prima. Se alguma vez aceitei as tuas franquezas, foi por que tu ignoravas quanto eu te amava, e eras minha proxima parenta, filha de uma prima de minha mãe. Hoje que sabes que te amo, não posso, não me consente a minha honra que receba de ti o mais pequeno favor de dinheiro.

—Então não quero que vás—accudiu ella—que tu não podes ir á tua custa...

N'este comenos, Theodora escuta muito attenta um rumor de campainhas, e brada:

É uma liteira! Será o meu homem?

Corre a uma janella; o primo vae depoz ella: affirmam-se na liteira que desce uma congosta, e reconhece Calisto Eloy, não pela figura; mas por que uns rapazes vinham adiante gritando que era o fidalgo. Theodora espede tres ais, que pareciam de ave nocturna, e perde os sentidos. Lopo amparou-a nos braços, foi sental-a n'uma cadeira incourada de espaldar alto, e desceu ao pateo a receber nos braços o primo Calisto de Barbuda.

XXX

Como ella o amava!

O morgado previu o seguimento funesto da desabrida recepção e despedida que deu ao mestre-escola.

A sua felicidade era d'aquellas que o possuidor receia, a cada hora, perder; e o desaccordo com sua mulher podia redundar-lhe em dissabores grandissimos. De todos, o de que elle mais se temia, —o dissabor por excellencia monstruoso—era a vinda de Theodora a Cintra, a isso aguilhoada por o professor de primeiras lettras, azedado pelo desprezo. Envergonhava-se elle, além de muitas outras vergonhas, que a morgada de Travanca lhe apparecesse

em Cintra com a cintura do vestido sobre o estomago, com as ancas desprovidas de balão, com a cara incavernada n'um chapéo de 1832, que lá chamavam barretina, de immensas orelhas de palha amarellada pelo rodar dos annos. Era-lhe aviltante o caso aos olhos de toda a gente, e especialmente aos de Iphigenia.

Para prevenir esta e outras calamidades, saiu Calisto, caminho de Caçarelhos, quatro dias depois de Braz Lobato, e afim de encurtar tempo, embarcou em o vapor, e do Porto para cima accelerou as jornadas, repousando poucas horas. Contava elle anticipar-se ao mestre-escola. Chegou tarde; mas o coração da esposa estava ainda aberto.

—Tua senhora desmaiou de alegria, primo—disse-lhe Lopo de Gamboa—estava chorando comigo quando ouvimos a guizalhada da liteira. Muito te quer a nossa santa prima? Boas as fizeste por lá... Olha que o patife do mestre-escola veiu contar tudo!

—Já chegou?!

—Hoje ás cinco da tarde.

—Que disse?

—Contou qne tens lá em Cintra uma mulher teúda e manteúda...

—Que infame embusteiro!—clamou o fidalgo—Chama-me um lacaio, que lhe vou mandar cortar as carnes com um tagante!

Merecia-o! Mas quem deu cá o lacaio? É coisa que ainda cá não vi!

Assim dialogando, entraram á sala em que D. Theodora estava ainda muitissimo intalada de soluços.

—Então que é isto, Theodora?!—perguntou brandamente Calisto, pondo-lhe as pontas dos dedos na face.

Ergueu-se ella arrebatada, e pendurou-se-lhe ao pescoço exclamando:

—Meu Calisto, meu Calisto, cuidei que te não tornava a enxergar!

—És tola, és tola, prima!—disse elle, assás incommodado com o apertão do abraço—Pois eu não havia de tornar?! Quem te metteu essa na cabeça?

Theodora entrou a encarar no homem muito de fito, e rompeu n'um choro desfeito.

—Que tens tu?—perguntou elle.

—Como tu estás mudado! não me pareces o meu homem!... Corta essas barbas; por alma de tua mãe, corta-me essas barbas, que pareces o diabo, Deus me perdôe!...

Calisto sorriu-se, com um profundo tédio de sua mulher. N'aquelle instante alanceou-o mortalmente a saudade de Iphigenia. Aquella casa de Caçarelhos e a mulher pareceram-lhe um retalho do inferno, d'aquelle inferno alagado e frio de que falla o padre A. Vieira.

Começou a passeiar na sala, e a despedir baforadas de anciada respiração do peito. A mulher não lhe despregava os olhos das barbas, e de vez em quando arrancava um ai das entranhas.

—A fallar verdade—observou Lopo de Gamboa—estás um homem completamente differente! E o caso é que pareces muito mais novo! Já nem andas corcovado, nem tens aquella proeminencia da barriga. Olha os ares de Lisboa o que fazem, primo Barbuda!

Calisto exprimia o seu nojo de tudo aquillo, sorrindo-se. Tirou da algibeira um charuto, e accendeu um phosphoro. Eis que a mulher rompeu em mais desentoada choradeira, dizendo:

O meu homem a fumar!... Que feitiçaria te fizeram, Calisto!...

—De maneira, disse o morgado vencido pela impaciencia, de maneira que me recebes com choradeiras, e observações estupidas, Theodora! Ora acabemos com esta feia comedia, e manda-me preparar jantar, que preciso comer e dormir.

Saiu Theodora cabisbaixa da saleta, e Lopo de Gamboa despediu-se, pedindo-lhe que tolerasse com generosidade as tolices de sua prima, que tudo aquillo n'ella era rudeza e bondade do coração.

—Bem sei, bem sei...—disse Calisto Eloy, e recolheu-se á sua bibliotheca, a principiar uma carta, que dizia:

«Minha querida Iphigenia.

«Não te asseguro tres horas da minha vida, se me disserem que hei de aqui viver tres dias. Não é enôjo, é peior, é horror o que me faz tudo isto! Deixa-me pedir coragem ao teu retrato. Ó imagem da filha do meu coração, salva-me, resgata-me, arranca-me d'este

tumulo! Ó consoladora d'esta agonia sem nome, vale-me, tem mão n'esta vida, que me foge...»

Entrou Theodora esbofada de dar ordens, de cortar o presunto, de ir á cesta dos ovos, de andar á pilha da mais gorda gallinha.

Correu a abraçar-se outra vez n'elle com mais possante enthusiasmo, emquanto o marido com um braço a cingia ao peito, e com o outro escondia o retrato.

—Meu Calistinho—suspirava a esposa palpitante—meu amado marido, não tornes mais para Lisboa, eu não te deixo sair mais de tua casa!...

—Que remedio senão ir, Theodora!...—disse elle—Sou obrigado por esta desgraçada posição de deputado a assistir mais algum tempo na capital.

—Não é isso, não é isso!—clamou ella, saindo-lhe dos braços, que a largaram facilmente—Bem sei o que é...

—Sabes o que?—interrompeu com violentada placidez o marido—Sabes as calumnias que te veiu contar o Braz, o villão que se vingou como canalha por lhe eu não alcançar o habito de Christo! É o que faltava! pendurar a imagem da cruz n'um peito cheio de tanta porcaria!... Então que te disse elle?...

—Que tinhas lá outra... e que te viu a passeiar com ella.

—Viu-me a passear com uma nossa parenta, viuva de um general. Quem disse ao javardo que esta senhora era minha amante? Hei de perguntar-lh'o diante de ti. Manda-o chamar á minha presença.

—Ágora mando! que o leve a breca!—disse Theodora com alegre aspecto—Como tu vieste, foi o que eu quiz; agora, pilhei-te cá, e não te deixo ir embora. Mas tu has de cortar estas barbas, sim? e não estejas a fumar por isso, que me fazes embrulhar o estomago, não?

O tom e gesto caricioso, com que ella dizia isto, não moveu medianamente o esposo. Impava de zangado e aborrecido dos languidos amorinhos com que a meiga senhora se lhe quebrava langorosamente nos braços.

—Eu preciso escrever umas cartas que ainda hoje hão de ir para Miranda, disse elle, afastando brandamente a esposa. Vae-te embora, e logo conversaremos.

Theodora estava n'um d'aquelles elevados gráos de amoroso sentimento, em que a mulher menos esperta conhece, que é desamada. Repellida d'aquelle modo, ainda as lagrimas lhe vidraram os olhos; mas o despeito seccou-as.

—Não me podes vêr á tua beira! disse ella com altiveza. Vê-se mesmo na tua cara que me aborreces! Ainda agora chegaste, e já estás a fallar na ida para Lisboa. Escusavas então de cá vir. Mal haja a hora em que saiste d'esta casa. Já não tenho marido!...

N'este ponto, não pôde represar as lagrimas. Acocorou-se no chão a chorar, com a cara mettida entre os joelhos.

Calisto saltou da cadeira n'um empuchão de raiva,

e passou á sala immediata, gesticulando com phreneticos sacões de braços.

Que diabo vim eu aqui fazer? dizia entre si o desesperado.

O demonio da expiação já andava ás cavalleiras do homem. A saudade de Iphigenia era uma serpente de fogo que lhe abafava os respiradouros das goelas.

XXXI

Vence o demonio! choram os anjos!

Para distrahir-se do supplicio de alguns dias, Calisto Eloy, sem consultar a esposa, entretinha-se a ajuntar os cabedaes, espalhados por mão de lavradores, e a remir alguns foros, que sommaram consideravel quantia.

Theodora presenciava com suffocada ira as diligencias do marido, e acautellava o sacco das peças de duas caras, que trouxera de casa de seu pae, thesouro antigo na familia de Travanca, trazido por seu bisavô, governador do Brazil. Era um dos soberanos gosos de Theodora addicionar mais uma peça de D. Maria e D. Pedro III ás mil e duzentas que seu bisavô reunira. Bem que o marido respeitasse sem-

pre aquelle peculio. Theodora receiava muito que os respeitos d'outro tempo não podessem nada agora com elle, e dispoz-se a resistir a todo trance ao sacrilegio.

Não carecia o morgado de lançar mão de alguma verba do patrimonio de sua mulher: tinha muito que explorar no propriamente seu, antes de alienar alguma das quintas; no entanto, quando a consorte abespinhada lhe disse que as peças eram d'ella, e não cuidasse elle que as havia de levar, Calisto encarou na mulher com tal enchente de odio, e logo desprezo, que lhe voltou as costas para lhe não redarguir.

D'ahi em diante, nas quarenta e oito horas que o morgado se deteve em Caçarelhos, baldaram-se as tentativas conciliatorias de Theodora. Fechado no seu quarto, que elle desde a chegada fizera propriedade sua exclusiva, ou encerrado na bibliotheca, onde escrevia monologos saturados de lagrimas, em vão a esposa o espreitava pelos orificios das fechaduras, e lhe assoprava suspiros dignos de mais humano marido.

No dia da partida, a despedaçada senhora experimentou um ataque de eloquencia. Entrou com o almoço no gabinete do marido, e bradou:

— Então que é isto? Entendamo-nos.

— Isto quê?

— Sempre vaes para a vida perdida?

— Vou hoje para Lisboa — respondeu serenamen-

te Calisto Eloy, dobrando em massos os titulos de sua casa.

—E então da tua mulher não queres saber mais nada?

—Minha mulher fica em sua casa, e eu vou cumprir os meus deveres como deputado.

—Mas eu não quero saber d'isso.

—Então que queres tu saber, prima Theodora?

—Quero saber a lei em que hei de viver.

—Vive na lei de Deus.

—E tu na do diabo, ein?

—Berra pouco.

—Hei de berrar o que eu quizer.

—Pois berra, que eu não te hei de ouvir muito tempo.

—Se isto é assim, quero separar-me.

—Separa-te.

—Vou para o meu morgadio de Travanca.

—Pois vae.

—Cada qual fique com o que é seu.

—Pois sim. Leva d'aqui o que fôr teu.

A desesperação de Theodora augmentava á medida que a fleugma do marido lhe cravava o dardo do desengano no coração ainda fiel. Começou a pobre mulher a saltar no pavimento, sem proferir sons articulados. Expedia uns grunhidos roucos, que fizeram pavor a Calisto. Este feiíssimo tregeitar desfechou n'um insulto nervoso, com symptomas epilepticos.

A commiseração feriu as estragadas entranhas do

morgado. Foi apanhar a mulher do chão, reteve-lhe os braços que escabujavam, e levou-a d'alli para um leito, onde a deixou entregue ás criadas e ao primo Lopo de Gamboa, que vinha entrando.

Passada a crise, Theodora ardia em febre, e dava pouco tino das pessoas que a rodeavam. Pareceu-lhe, porém, sentir um beijo nas costas da mão esquerda; e, olhando apressada na supposição de que era o marido, viu o rosto lastimoso do primo Lopo, que lhe disse a meia voz:

—Esquece o ingrato, prima!... Guarda a tua vida para quem te ama!...

Calou-se, porque entrava uma criada com um chá de sidreira e macella. Tomou elle das mãos da criada a chavena, e ministrou o charope a Theodora, que o foi bebendo com muitos vágados da cabeça desfallecida para sobre a espadua de Lopo, que se ageitára para amparal-a.

Á hora final Calisto entrou ao quarto, e não se commoveu. Disse algumas breves e seccas palavras de despedida, acrescentando que fechado o segundo anno da sua legislatura, viria para casa.

Theodora ainda balbuciou:

—E deixas-me assim doente, homem?

—Esse incommodo é passageiro, prima. Logo que tu reflexiones um pouco, levantas-te curada. Mal da patria, se os deputados casados obedecessem aos caprichos das mulheres, que lhes impedem irem onde o dever os chama. Pensas assim, porque foste

educada rusticamente. Era minha tenção tirar-te d'aqui, levar-te para terrà de gente, dar-te alguma educação, para depois te poder levar comigo para qualquer terra culta; vejo, porém, que desatinas e te fazes creança n'uma edade impropria de ciumes.

—Olha que não ès mais novo que eu!—bradou ella —Tens quarenta e qua'ro e eu quarenta.

—Està bom, està bom—obviou elle—não discutamos edades. O que se segue è que ambos envelhecemos: razão de mais para justificar a toleima dos teus zelos e desconfianças... Não posso demorar-me, que já ahi està a liteira. e a jornada de hoje è muito grande. Adeus. Primo Lopo, olha tu se dás juizo a tua prima, e manda-me no que quizeres em Lisboa.

—Parece-me que me não pões mais os olhos, Calisto!—clamou ella com profunda angustia.

—Adeus, adeus minha tola; não penses em tal.

E saiu alegre como o encarcerado da prisão de longos annos. As azas candidas de Iphigenia sacudiam-lhe do espirito saudades e remorsos.

XXXII

A virtude de Theodora em paroxismos

Em outubro d'aquelle anno, a friza dezeseis do theatro de S. Carlos expoz uma cara desconhecida de todos, excepto de alguns raros rapazes da nata social que a tinham visto de relance, entre as aves e flores de Cintra.

Era Iphigenia, a formosa do novo-mundo, que uns chamavam a feição genuina da Circassia, outros a romana herdeira do perfil correcto das Faustinas e Fulvias; e os mais circumscreviam a sua admiração á mulher dispensando-se de lhe esquadrinhar o typo.

De feito, Iphigenia era belleza das que sómente se assimelham propriamente a si.

Ao lado d'esta mulher estava um homem, cuja

nobre e fidalga presença abonava e encarecia a qualidade da dama: era o morgado da Agra de Freimas, Benevides de Barbuda.

A opinião publica da platéa e camarotes estava ou duvidosa ou indecisa. Aqui dizia-se que Iphigenia era parenta do cavalheiro, além desdouravam-lhe a posição, sem comtudo os rostos se voltarem corridos do escandalo.

Iphigenia, á saída do theatro, entrava n'uma luxuosa caleche tirada por hanoverianos soberbos. Calisto Eloy apertava a mão da dama, e entrava n'outra sege. A caleche parava na rua de S. João dos Bem Casados, no pateo de um palacete; o morgado apeava da sege em frente do hotel inglez, a Buenos-Ayres.

As pesquizas sincavam n'esta diversidade de paragens. Sabia-se que o deputado frequentava o palacete a horas em que se visitam senhoras cerimoniosamente. Sabia-se que morava alli a viuva do general Ponce de Leão, o qual morrera no serviço do Brazil. A pouco e pouco, a maledicencia ajuntou á admiração o respeito.

Uns parentes do general, porventura filhos d'aquelles que se entre-lembravam de terem sido procurados por uma viuva, levaram os seus cumprimentos ao palacete de S. João dos Bem Casados. Iphigenia fez-lhes saber pelo seu escudeiro que lhes agradecia a delicadeza e a honra do parentesco. E mais nada.

Ora, Calisto Eloy, sem embargo da seriedade e gentil compostura de sua pessoa, não podia de todo poupar-se ao riso de certas pessoas da platêa. Estava alli gente que o ouvira fulminar no parlamento o theatro lyrico, e nomeadamente a Lucrecia Borgia. Estava quem se lembrasse d'aquellas calças de polainas assertoadas de madre-perola, e do farfalhoso colete, e das pantalonas axadrezadas do aljubeta Nunes & filho. O doutor Liborio, do Porto, principalmente, ainda estomagado da reprimenda, saboreava a vingança, indigitando-o á hilaridade dos camaradas parelhos em nascimento, asnidade e estylo.

N'uma noite, Iphigenia reparou na attenção e nos sorrisos de um grupo. Ao voltar a vista para seu primo, encontrou os olhos d'elle, com uma tempestade sobranceira, que era o avincado profundo da testa. Andava por alli n'aquella fronte sangue de Traz-os-Montes, sangue de Barbudas.

Calisto estremara o doutor Liborio de Meirelles, entre a roda dos peraltas, que bebiam da garrafeira do paternal tendeiro, prodigalisada ao filho das esperanças suas e da patria.

N'um intervallo, saiu Calisto Eloy do camarote, e como não encontrasse no portico nem nos corredores o risonho deputado portuense, entrou á platéa.

Avisinhou-se de Liborio, que o encarou com semblante de côr incerta.

— O collega por aqui? — disse o doutor — Reminiscencias me não acodem de havel-o visto na platéa!

Calisto, sem o fitar no rosto, respondeu:

— Venho vêr as dimensões das suas orelhas.

— Como assim!... — balbuciou Liborio.

— Tenciono puchar-lh'as até á bocca, no proposito de tapar com ellas um riso alvar que vossa mercê tem, e que me incommoda grandemente. Veja lá se a operação lhe convém aqui ou lá fóra.

— Não comprehendo a razão do insulto! — disse Liborio.

— Será lá fóra — concluiu Calisto e saiu.

A gente, que rodeava o doutor portuense, comportou-se bem: cada qual, dizia de si para comsigo, que, se o caso fosse com elle, o provinciano enguliria a injuria com uma balla; assim, como não era com elles o caso, Calisto mereceu a Deus a felicidade de não ser varado de ballas.

O que passa como certo é que Liborio nunca mais desfranziu um riso voltado para a friza de Iphigenia.

N'uma d'essas noites, estava na friza fronteira á de Calisto a familia Sarmento. Adelaide não despregava o occulo de Iphigenia, salvo quando Catharina lh'o tirava da mão, para lh'o assestar.

Calisto exultava em delicias incomparaveis. Era a vingança, a carapinhada dos deuses n'um meio dia de julho, a vingança de amador menoscabado. Este

cuidar que se vingam, mulheres e homens, é inepcia de marca maior, a que não houve esquivar-se aquelle sujeito de condição muito ajuizada se o confrontamos com outros, a quem o amor aleijou de todo em todo.

Reparou Calisto que no camarote de Duarte Malafaia, marido de D. Catharina Sarmento, entrara um sujeito que lhe não era desconhecido. Examinou-o com o binoculo, e reconhecera aquelle D. Bruno de Mascarenhas, a quem elle se apresentara na qualidade de anjo Custodio de D. Catharina. Sorriu-se o morgado para dentro por que lhe já não ficava bem indignar-se por dentro nem por fóra. A esposa de Duarte, segundo parecia, raro relance de olhos desfechava sobre o perturbador da sua consciencia de outro tempo. O morgado entendeu que a esposa regenerada reincidira na velha culpa. Enganara-se.

Permanecia ainda o salutar effeito da façanha moralisadora de Calisto Eloy. Bruno era odioso a Catharina: o anjo advogado dos maridos a estava sempre lustrando com as lagrimas do arrependimento. Não sei se o morgado da Agra levará ao desconto do juizo final duas acções que pesem tanto como esta na balança.

Passaram dois mezes sem que D. Theodora escrevesse ao marido. Embargada no leito pela enfermidade, que a poz em começos de phtisica, a pobre senhora, esteiada no amparo da piedade, fazia penosas promessas a santos da sua particular devoção, pedindo-lhes a amizade e restituição do marido. D'esta

feita, pelo que a gente está vendo, os santos não levaram a melhor da legião de demonios que resaltam dos olhos de uma brazileira galante. Não obstante, a protecção dos privados do céo valeu-lhe o levantar-se da cama, e convalecer-se com leite de jumenta e oleo de figados de bacalhau. Mas o coração estava ainda, e cada vez mais encancerado; a saudade crescia consoante a ausencia e desprezo do marido se augmentava.

Por ventura, aquelles santos tão rogados estavam em volta d'ella a defendel-a das tentações do primo Lopo. Já Theodora o repulsava desabridamente, quando se via no risco de ser abalada em sua fidelidade. A pervicacia, porém, do astuto negociador de seus vilissimos interesses, servidos por infames lagrimas e exclamações compungentes, alguma vez a surprehendeu quasi desprotegida do escudo celestial.

Mas—honra á virtude que cae mais tarde que o costume!—honra á virtude de Theodora, que lhe punha sempre diante dos olhos, nas conjuncturas perigosas, a imagem do marido, e de sua mãe e avós todas esposas immaculadas!

Passemos a esponja por sobre Penelopes e Lucrecias.

Começou Calisto a receber cartas de sua mulher. Algumas, que abriu, não pôde digeril-as. Como a dôr sincera não costuma ser eloquente, nem a orthographia da filha do boticario exprimia com certeza as singelas lastimas de Theodora, o cru marido queimava as cartas para desmemoria eterna.

XXXIII

Escandalos

Abriram-se as camaras.

A opposição espantou-se de vêr o deputado por Miranda conversando muito mão por mão com os ministros. O abbade de Estevães ousou perguntar ao seu collega, amigo e correligionario, de que rumo estava. Calisto respondeu que estava de rumo em que o pharol da civilisação alumiava com mais clara luz. O antigo desembargador do ecclesiastico redarguiu com admoestações benevolas. O morgado sorriu-lhe na cara veneranda, e disse-lhe:

—Meu amigo, abra os olhos, que não ha martyrologio para as toupeiras. As idéas não se formam na cabeça do homem; voejam na athmosphera, respiram-se no ar, bebem-se na agua, coam-se no san-

gue, entram nas moleculas, e refundem, reformam e renovam a compleição do homem.

—Segue-se que está liberal?—perguntou o pavido abbade.

—Estou portuguez do seculo XIX.

—Apostatou!—disse com pesar mui entranhado o padre—Apostatou!...

—Da religião dos nescios.

—Mercês!—accudiu o abbade.

—Sem direitos—retorquiu o sardonico Barbuda.

Não tornaram a fallar-se, até um dia do anno seguinte em que o padre, despachado conego da sé patriarchal de Lisboa, aceitou o parabem e o sorriso pungitivo de Calisto Eloy.

Na primeira votação importante para o ministerio, Calisto Eloy defendeu o projecto que era vital para o governo, e fez-se desde logo necessario á situação. Orou por vezes, com seriedade tal de principios, que não servem para romance os seus discursos. Explicou a profissão da sua nova fé, respeitando as crenças politicas dos seus antigos correligionarios. Disse que escolhia o seu humilde posto nas fileiras dos governamentaes, por que era figadal inimigo da desordem, e convencido estava de que a ordem só podia mantel-a o poder executivo, e não só mantel-a, senão defendel-a para consolidar as posições, obtidas contra os cubiçosos de posições. Reflexionou sisudamente, e fez escola. Seguiram-se-lhe discipulos convictissimos, que ainda agora pu-

gnam por todos os governos, e por amor da ordem que está como poder executivo.

Preparava Calisto um projecto de lei para a abolição dos vinculos, quando recebeu a seguinte carta de Lopo de Gamboa:

«Primo e amigo.

«Recommendaste-me que désse juizo a tua senhora e minha prima. Contra paixões não ha conselhos. Tu lá o sabes por theoria e experiencia, como eu que não tenho dado máo burro ao dizimo, em coisas de coração.

«Préguei-lhe prudencia, conformidade e paciencia. O abbade tambem lhe citou exemplos admiraveis de esposas sanctificadas pela ingratidão dos maridos. Não conseguimos nada. Cada vez te ama com mais furor. Diz que te ha de ir buscar ás entranhas da terra e aos abysmos do bárathro. Isto vae de galhofa; mas eu tenho sincera pena da nossa pobre prima. Desculpo-te, porque és homem, porque amas outra mulher, e porque esta realmente, deve pouco á formosura e graças. Não sou dè ambages: digo o que sinto.

«Contou-me o primo Gastão de Villarandêlho que te vira em S. Carlos, e comtigo no camarote uma deidade arrebatadora. Se é essa a rival da Theodora, quem ousará chamar-te ao caminho da probidade conjugal?! Já agora, só milagre. Nas nossas edades, meu amigo e primo, amores que entram, não ha juizo purgativo que os ponha fóra do corpo.

«Vamos agora ao que importa.

«Está tua senhora resolvida a ir procurar-te a Lisboa. Tenho tido mão d'ella; mas já não posso. Como lhe não respondeste á carta, desesperou-se, declarou-te guerra de morte, e tens que vêr com uma mulher furiosa. Fiz-lhe vêr que póde ser mal recebida e desprezada. Responde que quer esganar quem lhe roubou seu marido. Está doida; mas quem ha de contel-a?! Alguns parentes nossos dão-lhe razão: é o diabo isto: espicassam-n'a, e ella volta-se contra mim, dizendo que sou um patife como tu. Isto é bonito!

«Em divorcio não quer que lhe fallem. Diz que quer o seu homem e não ha tiral-a d'aqui.

«Prevejo os crueis desgostos que te vae ahi dar, além das vergonhas. Disse-lhe que não fosse, sem se vestir ao estylo das senhoras de Lisboa. Não quer. Apparece-te ahi gothicamente vestida, com o fatal vestido do casamento, e o fatal chapéo, que é um monstro de palha. Ha dois annos te dizia eu que vestisses tua mulher senhorilmente. Respondias-me que os melhores enfeites de uma virtuosa são as virtudes. Agora, atura-a. Se ella ahi fôr vestida de virtudes, diz lá a essa gente que se não ria d'ella.

«E se tu tens de a vêr a testilhas com essa *diva*, que em quanto a mim não é *casta?* Então é que ellas são, primo Barbuda! Sobre arranhaduras, escandalo! A tua posição seria feita ludibrio da canalha. Os jornaes a fustigarem-te, e tu com a cabeça per-

dida! Eu imagino-me na tua situação, e tenho horror.

«Que has de tu fazer n'estes apertos? Tens uma boa cabeça; mas eu estou mais a sangue frio para te aconselhar. O meu parecer é que sáias de Lisboa com essa dama, e vás para onde Theodora não te veja o rasto. Olha que vae com ella o tio Paulo Figueirôa de Travanca, besta finoria que ha de dar comtigo, se te não esconderes a bom recado.

«A lealdade impoz-me o dever de te dar esta má noticia. Mais má seria, se t'a levasse tua senhora. Sei que outra pessoa te faria reflexões inuteis; mas eu tenho obrigação de conhecer os homens. No entanto, faz o que teu bom juizo te suggerir.

«Teu primo muito dedicado

Lopo.»

No dia seguinte, Calisto Eloy pediu licença á camara para retirar-se por algum tempo de Lisboa, a cuidar de sua saude.

Ao outro dia embarcou para França.

Perguntava-lhe Iphigenia, contente da repentina deliberação:

—Porque é isto, primo? Nunca me fallaste em visitarmos Paris!

—Quiz dar-te o prazer da surpreza. As melhores coisas, muito pensadas antes de possuidas, desmerecem quando se possuem.

Partiram.

No palacete da rua de S. João dos Bem Casados, ficou governando os criados, aquella sr.ª D. Thomazia Leonor, que fôra já desde Cintra, recebida como dispenseira e aia de Iphigenia.

XXXIV

Perdida!...

Para leitores entendidos na perversidade humana, a carta de Lopo de Gamboa é uma refinada e suja barganteria, estudada e escripta com um despejo não vulgar em bachareis d'aquelles sitios. Aquelle homem, se tivesse nascido em terras onde ha a centralisação dos biltres, morria com um nome para lembrança duradoura. Assim, nascido n'aquellas serras, onde não apégou ainda romancista de medrança, se o eu não transplantar para a corja dos birbantes das minhas novellas, o homem escorrega lá da serra no inferno, sem que a execração publica o cubra de maldições.

Repulso do coração da prima, que incessantemente se estava entregando á protecção dos santos, mudou o plano das insidias, incitando-a a procurar o marido em Lisboa, como ultimo desengano e final affronta. Convinha-lhe que a pobre mulher afogasse em lagrimas as ultimas e mais entranhadas raizes da sua pureza.

Em companhia de um velho inexperiente e credulo, o honrado Paulo de Figueirôa, que nunca saíra das ruinas solarengas de Travanca, metteu-se D. Theodora a caminho de Lisboa. Deu um geito ás abas do chapéo que se entortara na canastra esquecida, lavou as fitas e a palha com chá da India, arejou o bafio do vestido de veludo que embolecera no inverno passado, e d'este geito entrajada se encaixotou na liteira, defronte do tio, que tinha a sinceridade de achar sua sobrinha muito bonita, vestida assim á moderna.

Nas differentes villas que atravessou até ao Porto, D. Theodora prendeu o espanto publico. Muita gente, aliás urbana, ria-se a cair. Onde parasse a liteira, o gentio fazia-lhe roda, e queria saber d'onde vinha aquella creatura incomparavel. Theodora, á entrada de Penafiel, a pedido respeitoso do liteireiro, tirou o chapéo e cobriu a cabeça com um lencinho de tres pontas. Ainda assim, o vestido de veludo côr de ginja dava nos olhos. Os padres de Penafiel, quando avistaram a liteira, cuidaram um momento que vinha alli alguma preeminencia ecclesiastica,

como cardeal, ou coisa assim. A desharmonia do lencinho com o vestido offendia o bello ideal, e a symetria esthetica das damas da terra, as quaes ao verem-na saltar da liteira para o pateo da estalagem com o chapéo na mão, similhante a um cabaz de cavacas das Caldas, soltaram grande estrallada de riso. As meninas da estalagem, condoidas do aspecto doentio e honesto da viandante, informaram-se da qualidade da pessoa, e romperam no louvavel excesso de se insinuarem na fidalga, para lhe pedirem que se vestisse de outra maneira.

Accedeu sem repugnancia Theodora. As risadas francas do povo haviam-na amolecido. O velho tambem votou pela reforma dos trajos. E, como alli pernoitasse e deliberasse esperar o dia seguinte, deu tempo a que a provessem de chapéo rasoavel, e vestido com o competente paletó de seda, nas quaes coisas collaboraram todas as modistas da terra. Regenerada pelo vestido, parecia outra. As meninas pentearam-lhe os opulentos e negros cabellos a Stuart, segundo ellas disseram. Descobriram-lhe a fronte bem talhada. Deram-lhe umas lições de pisar e arregaçar-se, para a desacostumarem de ir com os pés sobre a orla do vestido, ou mostrar os calcanhares na andadura. O mirinaque foi um golpe certeiro no desaire da fidalga de Travanca. Ella mesma, olhando em si, dizia no secreto da sua consciencia illustrada em Penafiel:

— Eu assim estou melhor, a fallar verdade!

O tio Paulo torcia um pouco o nariz ao mirinaque, dizendo:

— Pareces-me uma boneca de roda de fogo! Tens aleijados os quadris, salvo tal logar! Mas, se é moda, deixa-te ir assim, menina até Lisboa; porém, quando entrares em casa, manda espetar esses arcos n'um pau, para espantar os pardaes da sementeira.

Como o velho fidalgo desejasse vêr o mar, resolveram ir para Lisboa no vapor. Theodora, quando principiou a enjoar, pediu os sacramentos; animada, porém com as risadas de outras senhoras, convenceu-se de que não era mortal a sua afflicção.

Hospedaram-se no cáes do Sodré. D. Theodora, não obstante a anciedade em que ia de avistar-se com o marido cuidou em reparar as forças com um dormir d'aquelles que a Providencia concede ás consciencias puras e ás pessoas que desembarcam enjoadas.

Paulo de Figueirôa saiu para a rua, no intento de informar-se da residencia de Calisto. Porém, como encontrasse na rua do Alecrim um macaco encavalgado n'um cão, que trotava a compasso de realejo, deixou-se ficar pasmado no espectaculo; depois, foi subindo até ao largo das Duas Egrejas, e quedou-se a ouvir um cego de oculos verdes que pregoava e referia o successo negro de um homem que matára seu avô. Terminava o cego, offerecendo a noticia impressa, onde tudo estava declarado. Comprou

o fidalgo da Travanca a pavorosa noticia, e esteve largo tempo a soletral-a, sentado á porta da egreja do Loreto.

Terminada a leitura, o velho disse entre si:

—Isto é má terra! Tomara-me eu d'aqui para fóra!... Os netos matam os avôs!...

Chamou um gallego, que o guiou ao palacio das côrtes. Perguntou ao porteiro se estava lá dentro o deputado Calisto Eloy, morgado da Agra de Freimas.

—Não sei—disse mal encarado o funccionario.

—Eu sou tio d'elle; faça favor de lhe ir dizer que está aqui o tio Paulo de Figueirôa.

—Não posso lá ir—volveu o porteiro, mais brando.—Peça áquelle sr. deputado, que ahi vem que lh'o diga.

Paulo dirigiu-se a um sujeito de exterior sacerdotal. Era o abbade de Estevães.

—Essa pessoa está fóra de Lisboa, creio eu—disse o deputado—pelo menos pediu licença ás camaras para retirar-se.

—Iria para casa?—perguntou o velho.

—Creio que não. Então o senhor é tio d'elle!

—Sou tio d'elle em terceiro gráo, e sou irmão do pae da esposa d'elle.

—Pobre senhora! Murmurou compassivamente o padre.—Ella perdeu um excellente marido e o partido legitimista um strenuo defensor.

—Então meu sobrinho—atalhou Paulo—já não é legitimista?!

— Qual! fez-se um malhado acerrimo. Está com esta gente, e demais a mais fez-se governamental!...

— Oh! que maroto!...

— E tudo isto, meu caro senhor, deve-se á desmoralisação de uma mulher, que lhe tirou o juizo e a dignidade, e lhe ha de dar cabo da casa. Apresenta-se com ella nos theatros, e tem-na em palacete com carruagem montada, e lacaios e estado de princeza. E a pobre senhora lá na provincia a economisar as rendas, que elle está por cá delapidando!...

— Minha sobrinha veiu comigo — observou o velho.

— Veiu? Coitada da infeliz senhora! Quanto desejava eu poder ir comprimental-a; mas como estou indisposto com o sr. Barbuda, não quero que elle me julgue capaz de irritar sua consorte com os meus despeitos. Pois senhor, se sua sobrinha quizer vêr a pompa e luxo com que está vivendo a manceba de seu marido, que vá á rua de S. João dos Bem Casados, e veja o palacio, que está ao cimo da rua, onde lá os visinhos dizem que mora a chamada «fidalga brazileira».

— Faz favor de tornar a dizer? — pediu Paulo desenrolando o nastro de uma enorme carteira escarlate, para fazer nota da residencia da brazileira.

— Se eu lhe prestar de alguma coisa, aqui estou como principal amigo que fui do desgraçado sr. Calisto Eloy — ajuntou o abbade de Estevães.

Ao fim da tarde d'este dia, D. Theodora, que

fremia de raiva desde que o tio lhe revelou as informações do padre, entrou com o velho n'uma sege de praça, por lhe dizerem que era muito longe a rua de S. João dos Bem Casados.

Apeou á porta do palacete, que um logista lhe indicou. Perguntou ao criado, que lhe fallou por um postigo da cavallariça, se estava em casa o sr. Calisto.

— Não mora aqui — disse o lacaio.

— Mora aqui! — teimou D. Theodora.

—Já lhe disse que não mora aqui—recalcitrou o criado.

—Então aqui não está uma mulher viuva?

—Mulher viuva?

—Sim.

—Está lá em cima uma mulher viuva, que é a governante da casa.

—Essa mesma é que eu quero vêr, disse D. Theodora.

—Quem lhe hei de eu dizer que a procura?

—Diga-lha que é uma pessoa.

—A este tempo estava já na janella a sr.ª D. Thomazia Leonor, cuja attenção fôra chamada pelo desabrimento do dialogo.

—Quem é a senhora?—perguntou a viuva do tenente.

D. Theodora impertigou o pescoço, e como visse uma mulher de touca parda, e já avelhentada, conjecturou que fallava com uma criada.

—Quero fallar á senhora viuva.

—Abra a porta, José—disse D. Thomazia ao criado.

—Subiu a fidalga com o tio, entraram na sala de espera, que já estava aberta, e d'ahi a pouco entravam n'outra sala, que era a das visitas.

D. Theodora olhava em de redor de si por sobre aquelles riquissimos setins e marmores, e dizia intallada:

—Olha o meu dinheiro por onde anda!...

Paulo benzia-se e murmurava:

—Parece o palacio do rei!

D. Thomazia demorara-se a mudar de touca, de cazebeque e botinhas. Entrou na sala com o garbo de lisboeta, e disse a D. Theodora:

—Eu desejo saber com quem tenho a honra de fallar.

—Então a senhora é que é a viuva?

—Eu é que sou a viuva do tenente de infanteria 13, João da Silva Gonçalves. Dar-se-ha caso que v. ex.ª seja uma prima que meu marido tinha na provincia do Minho?

—Não sou quem a senhora pensa.

—Então tem a bondade de dizer...

—Pois a senhora é que é a tal pessoa?...—tornou Theodora, já menos raivosa, que espantada do depravado gosto do marido.

—Que pessoa? não sei de quem v. ex.ª falla.

—A amasia de meu marido...

—Amasia de seu marido!... Cruzes!... a senhora veiu enganada... Eu sou uma viuva honrada; chamo-me Thomazia Leonor. Quem é o marido da senhora?! Isto tem graça!...

—Meu marido é o deputado Calisto Eloy.

—Ah!—exclamou Thomazia—Então v. ex.ª é esposa do sr. morgado...

—Já me conhece?!...—disse sorrindo ferozmente Theodora.

—Agora tenho a honra de a conhecer; mas eu não sou a pessoa que v. ex.ª procura. Bem vê que sou uma mulher de edade, e por desgraça estou aqui n'esta casa da prima do sr. morgado como dispenseira, e aia da fidalga.

—E que é da tal fidalga?

—Anda a viajar pela Europa.

—Onde é a Europa?—perguntou D. Theodora colerica.

—A Europa é este mundo por onde anda a gente, minha senhora—respondeu promptamente a viuva.

—Mas é longe onde está a tal prima de meu marido?

—Muito longe: elles já embarcaram ha seis dias... Deus sabe onde elles estão agora.

—Pois foram os dois?—bradou Theodora, sacudindo murros fechados.

—Foram sim, minha senhora.

—E quando voltam?

—Quem sabe!... Os fidalgos não disseram nada: póde ser que passem alguns mezes lá por fóra.

—Raios os partam!—vociferou Theodora.

—Deus os defenda!—emendou Thomazia—Pois v. ex.ª deseja tanto mal a seu marido, que é um anjo, e a sua prima, que é um serafim!...

—A minha prima?!—ululou a morgada.

—Sim, minha senhora; pois tão prima é ella do marido de v. ex.ª como sua.

—Ella o que é, sabe que mais? é uma desavergonhada, e tudo que aqui está é meu, foi comprado com o meu dinheiro.

—Seria—disse Thomazia algum tanto enfadada—seria, mas eu não tenho nada com isso, minha senhora. A sr.ª D. Iphigenia Ponce de Leão entregou-me a sua casa, quando foi viajar: hei de entregar-lh'a como a recebi; e v. ex.ª lá se avenha com seu marido, quando elle voltar. D. Theodora Figueirôa, empuchada por impulsos dos nervos, corria de angulo para angulo o salão. De uma vez, olhou por entre duas portadas mal fechadas para o interior de outra sala, e exclamou:

—Olhe, meu tio! olhe que riqueza aqui vae!

Deu um pontapé nas portadas, e entrou, bradando:

—O meu dinheiro! o meu dinheiro!...

Era ali o sumptuoso gabinete de leitura e musica de D. Iphigenia. Ornavam as paredes dois retratos a corpo inteiro: Calisto Eloy com a farda de fidalgo cavalleiro; e Iphigenia trajada de amazona.

—Olha o meu marido!—clamou Theodora—aquel-

la é a tal mulher? perguntou á espantada Thomazia.

—Aquella é a sr.ª D. Iphigenia.

—Vou rasgar aquelle diabo!—berrou a morgada, puchando uma cadeira para trepar.

—Isso alto lá, minha senhora!—acudiu irada a dispenseira—V. ex.ª não estraga coisa nenhuma. E, se continua n'esse disparate, eu mando chamar o cabo da rua para a pôr lá fóra.

—Pôr-me a mim lá fóra?! bradou Theodora!

—Sim, minha senhora, que isto não são termos. Nem me parece senhora! cá em Lisboa acções d'estas só as praticam as peixeiras.

Paulo foi ao pé da sobrinha, e disse-lhe:

—Theodora, vamos. A mulher tem razão, porque é criada da casa e tem de dar contas.

—Não sou criada; sou aia da fidalga—corregiu a viuva, offendida nas dragonas do seu defunto tenente.

—Aia, ou o diabo que é—tornou Paulo—Vem d'ahi, sobrinha—e tirou-a pelo braço, em quanto ella assestava os punhos fechados ao retrato de Iphigenia.

Á saida d'aquella casa, D. Theodora, a consorte fiel, a mulher que fez eclypse nas virtudes conjugaes do Indostão, sentiu quebrar-se o ultimo cabello que a prendia á historia das esposas exemplares.

N'aquella hora funesta, lembrou-se com saudades do primo Lopo de Gamboa.

O patife vencêra!

XXXV

A felicidade infernal do crime

Recebeu Calisto Eloy em Paris a minudenciosa narrativa dos factos acontecidos, e escondeu de Iphigenia a carta de D. Thomazia.

Foi tamanha sua vergonha e odio, que d'alli escreveu a Lopo de Gamboa, reagradecendo-lhe o aviso que lhe dera do infame projecto de Theodora; e, lhe asseverava que, depois de tão incrivel e original desaforo, se considerava viuvo, e nunca mais diante de seus olhos consentiria similhante furia. Ajuntava que, na volta para Portugal, ia requerer divorcio, e separação dos casaes, se a esse tempo Theodora se não houvesse recolhido á sua casa de

Travanca, sem tocar no minimo dos valores pertencentes ao casal da Agra de Freimas.

Tirante o que, n'esta carta, dizia respeito ao aviso enviado para Lisboa, Lopo leu declamatoriamente as ameaças de Calisto, e os epithetos injuriosos com que elle castigava a petulancia da mulher. Ao tempo d'esta leitura, superflua já era tão rija catapulta para derrubar a virtude de Theodora.

Quasi impassivelmente recebeu ella os insultos. Cuidou logo em transferir-se para o seu solar, e repartiu entre o velho Paulo e seu primo Lopo, o cuidado da administração dos seus abastosos vinculos. Ora, o primo Lopo, afim de esmerar-se na tarefa que lhe era confiada, mudou a sua residencia para casa da prima, e cuidou de restituir áquelle solar a antiga magestade dos defuntos Figueirôas. Para isto, lhe transmittiu sua prima aquelle caixote das peças, que para alli estavam amuadas, desde que o governador da India voltára com ellas d'além-mar, provavelmente adquiridas com tanta honestidade como agora iam ser esbanjadas.

Graças ás modistas de Penafiel, e, mais ainda, ás meninas da estalagem, D. Theodora Figueirôa affeiçoou-se ao merinaque, e ao feitio e estofo do vestido e paletó. O primo Lopo dizia-lhe, algumas vezes, que ella, em companhia de Calisto, era um diamante bruto; e se n'isto havia encarecimento, até certo ponto o bacharel maravilhava-se do influxo que o trajar exercitava nas fórmas de sua prima. A cin-

tura adelgaçou-se; apequenou-se-lhe o pé; alargaram-se-lhe os encontros; amaciou-se-lhe a cutis; branquearam-se-lhe os braços; escampou-se-lhe a fronte com o riçado dos cabellos; toda ella adquiriu no andar certo requebro e donaire que lhe ia tão ao natural como se tivesse sido educada por salas e adextrada em flexuras da dança! A mulher, com effeito, é um mysterio! Estas methamorphoses aos quarenta annos só podem fazer-se e estudar-se a espelho, cujo aço tem composição dos laboratorios d'aquelle imaginoso chefe dos rebeldes, que Deus despenhou do empyreo, sem todavia o esbulhar dos dons da intelligencia!

E, por sobre tudo isto, para que ninguem duvide da intervenção diabolica n'este caso, Theodora vivia contente, esquecida, feliz!

XXXVI

Saldo de contas conjugal

Chegou a Paris a boa nova, desacompanhada de pormenores deshonrosos. Dizia apenas o feitor do morgado que a fidalga se retirara para Travanca, deixando tudo que encontrára, e levando tudo que trouxera. Lopo de Gamboa industriára o feitor na direcção que havia de dar á carta. Faltou-lhe apurar o desvergonhamento ao extremo de continuar correspondencia com o marido de sua prima.

Calisto desandou para Lisboa, prevenindo Thomazia que occultasse de Iphigenia a indecorosa scena que sua mulher fizera.

Na volta de Paris, o morgado aposentou-se no palacete da brazileira. O passeio á Europa limpou-

lhe do espirito as teias: é bom desempoeirar os olhos com a viração salutar dos ares de França e Italia. Lisboa pareceu a Calisto Eloy terra pequena de mais para sacrificios tamanhos. Emancipou o coração, e obedeceu-lhe.

Assistiu ainda o deputado a algumas sessões parlamentares. Floreou os seus discursos com as recordações do progresso industrial no estrangeiro. Enlevou-se nas delicias de França, e não andou por muito longe da phrase arrobada do dr. Liborio de Meirelles na apologia dos esplendores estranhos, e lamentações das miserias da patria.

Providenciou sobre negocios de sua casa, para que os recursos lhe não minguassem nas pompas do seu viver em Lisboa, e começou um doce viver, não mareado de minimo dissabor. Renasceu-lhe no espirito, já livre dos sobresaltos do coração, o amor á leitura de livros modernos, em que se lhe deparavam luzes e idéas, que elle, a furto, conseguia entrever nas litteraturas antigas. Avermelhava-se-lhe o rosto, quando lia o seu discurso ácerca do luxo, e o outro mais tôlo sobre Lucrecia Borgia do theatro lyrico. A sciencia moderna flagellava-o. Tinha elle escripto nos dois primeiros mezes alguns quadernos de papel, no proposito de dar á estampa um livro contra o luxo. Releu com pejo a sua obra, e ordenou a um criado que queimasse o manuscripto. O criado não o queimou. Escondeu-o sem máo intento; e alguma vez saberá o mundo litterario como

aquelles papeis vieram á minha mão, e ainda me são deleite e licção de sã linguagem e sãs doutrinas.

Decorreram alguns mezes sem successo que dê capitulo d'algum interesse. Fechado o triennio da legislatura, Calisto Eloy foi agraciado com o titulo de barão da Agra de Freimas, e carta do conselho. Sondou o animo de alguns influentes eleitoraes de Miranda para reeleger-se pelo seu circulo. Disseram-lhe que o mestre-escola lhe hostilisava a candidatura, emparceirado com o boticario. Comprou o barão dois habitos de Christo que fez entregar, com os respectivos diplomas, aos dois influentes. Na volta do correio foi-lhe assegurada a eleição, que, de mais a mais, o governo apoiava.

Por esta occasião, Braz Lobato, religada a amizade antiga, escreveu ao fidalgo uma carta em que, pouco menos de brutalmente, reproduzia os boatos correntes ácerca do procedimento da sr.ª D. Theodora com o seu primo Lopo de Gamboa.

O barão experimentou um mal-estar de especie nova, que se desvaneceu a pouco e pouco, e só mui levemente se repetiu no dia seguinte. Eu creio que o homem aprendêra em Paris dois consolativos versos de Molière:

Quel mal cela fait-il? la jambe en devient elle
Plus tortue, après tout, et la taille moins belle?

Averiguei quanto em mim coube o viver interno de Iphigenia e do primo. Convinha-me descobrir

amarguras lá dentro, para tirar d'ellas o symptoma da expiação. Não descobri coisa alguma, que não fosse invejavel. O mais que se me deixou vêr de novidade foram duas creanças loiras, lindas, alvas de neve, e amimadas entre Iphigenia e Calisto como dois penhores de felicidade infinita.

Como ali cairam dos pombaes do céo aquellas duas avesinhas, que saltitavam dos braços de um para o colo do outro, não sei. Eu digo ao leitor o que as mães de recem-nascidos dizem aos filhos mais velhos: «vieram de França n'uma condecinha.»

Ouvi rosnar que no sollar de Travanca tambem appareceu um ropolhudo menino, que pelos modos, tambem veiu n'um cêsto de alguma parte. Se não fossem estas remessas prodigiosas de creanças, acabavam duas illustrissimas familias sem posteridade. A natureza é muito engenhosa.

O barão esperava que a mulher morresse, para legitimar os seus meninos, um dos quaes sa chamava Mem de Barbuda como seu decimo setimo avô, e o outro Egas de Barbuda como seu decimo oitavo avô.

A baroneza, que, digamol-o depressa, não regeitou o titulo do marido, esperava que o marido se anniquillasse na perdição dos seus costumes, para tambem legitimar o seu Bernabé. Chamava-se Bernabé aquelle gordo menino, gordo que não parecia fructo outoniço de arvore já tão esgravinhada e resêca! O amor é tão engenhoso como a natureza.

Conclusão

Deixal-o ser feliz: deixal-o. Calisto Eloy, aquelle santo homem lá das serras o anjo do fragmento paradisico do Portugal velho, caíu.

Caíu o anjo, e ficou simplesmente o homem, homem como quasi todos os outros, e com mais algumas vantagens que o commum dos homens.

Dinheiro a rôdo!

Uma prima que o presa muito!

Dois meninos que se lhe cavalgam no costado!

Saude de ferro!

E barão!

Conjectura muita gente que elle é desgraçado,

apezar da prima, do baronato, dos meninos, do dinheiro e da saude.

Eu, como já disse, não sei realmente se lá no recesso dos arcanos domesticos ha borrascas.

Na qualidade de anjo, Calisto, sem duvida, seria mais feliz; mas, na qualidade de homem a que o reduziram as paixões, lá se vae concertando menos mal com a sua vida.

Eu, como romancista, lamento que elle não viva muitissimo apoquentado, para poder tirar a limpo a sã moralidade d'este conto.

Fica sendo, portanto, esta coisa uma novella que não ha de levar ao céo numero d'almas mais vantajoso que o do anno passado.

FIM

INDICE

Paulo e Virginia, historia fundada em factos.........	240
Historia dos salteadores mais celebres................	500
Corôa poetica no consorcio de Suas Magestades......	500
O Estudante de Coimbra, romance, por Centazzi, 2 vol.	800
Fabulas de La Fontaine, vertidas em portuguez, 2 vol.	720
O Ingenuo ou o selvagem civilisado por Voltaire......	240
Noticia historica do Duque de Palmella por L. Mendonça.	600
Diccionario liberal d'algibeira.........................	240
Historia de meninos para quem não fôr creança......	400
Medicina curativa ou methodo purgante por Le Roy...	600
Hygiene ou medicina popular, pelo Dr. G. Centazzi...	500
Sceptro e punhal, romance por Soares Bravo........	240
O Castello do Tyrol ou a familia Reneville, 2 vol......	480
Ao Partido liberal portuguez, por A. Herculano......	100
Revelações, poesias de José Eduardo Coelho.........	120
Diccionario de marinha, por João Pedro de Amorim..	400
Moral universal pelo barão d'Holbach, 3 vol.........	720
Vida de Heloisa e Abeilard com as cartas amorosas...	240
Systema social, pelo barão d'Holbach, 3 vol..........	960
Amanda e Oscar, romance..........................	500
Os Argonautas, poema de Apollonio Rhodio.........	480
Cathecismo politico do cidadão portuguez............	240
O Cidadão lusitano ou os deveres do cidadão.........	300
Reforma judiciaria com o indice alphabetico, enc.....	800
Historia de Simão de Nantua ou o mercador de feiras.	300
O Heroismo de amor, romance por mr. de Renneville.	600
Tratado para a boa educação dos meninos...........	480
As Ruinas de Rottembourg, romance com estampas...	640
Como acabam os pobres, estudo social por Cobellos...	120
Arte de cosinha que ensina a fazer todas as comidas...	240
Alphabeto da malicia das mulheres.................	240
Rouget de L'isle e a Marselhesa, adornada com a musica	160
Pequeno industrial, ou collecção de receitas..........	240
O Secretario dos amantes, ou cartas para namorados..	120
Odes modernas, por Anthero do Quental	400
Roteiro do viajante no continente, e caminhos de ferro	300
A Casa branca, romance por Paulo de Kock.........	600
Uma mulher de tres caras, romance por Paulo de Kock	600
O Mentor da mocidade, por Manuel Borges Carneiro ..	480
Harmonias da creação, pelo dr. Caetano L. de Moura.	500
Acasos da fortuna, ou livro de sortes divertidas......	120
Collecção de receitas e segredos particulares	120
Collecção de poesias, de Castilho, Lemos, Serpa, etc...	160
Tratado de chimica, illustrado com gravuras.........	120

AO

PADRE ANTONIO DE AZEVEDO

Nome que os pobres, seus irmãos, reverenceiam, e os enfermos da alma abençoam; ancião virtuoso; operario infatigavel em serviço de DEUS e da humanidade

Offerece este escripto

O Auctor.

Meu amigo:

Ha vinte e tres annos que eu vivi em sua companhia.

Lembra-se d'aquelle incorrigivel rapaz de quatorze annos, que ia á venda da Serra do Mesio jogar a bisca com os carvoeiros, e a bordoada, muitas vezes?

Esse rapaz sou eu; é este velho, que lhe escreve aqui do cubiculo de um hospital, muito visinho ao cemiterio dos Prazeres.

Eu sou aquelle a quem padre Antonio de Azevedo ensinou principios de solpha, e as declinações da arte franceza.

Sou aquelle que leu em sua casa as «Viagens de Cyro», o «Theatro dos Deuzes», os «Luziadas», «As perigrinações de Fernão Mendes Pinto», e outros livros, que foram os primeiros.

Sou aquelle que, sem saber latim, resava matinas, laudes, terça, sexta, etc, com padre Antonio.

Sou, finalmente, aquelle a quem padre Antonio disse: — « O tempo ha-de fazer de você alguma cousa. »

Passados vinte e tres annos, como eu acabasse de escrever o meu quadragesimo segundo volume, lembrou-me dedicar-lh'o, meu venerando amigo, e rogar-lhe que peça a Deus por mim.

Lisboa 22 de junho de 1863.

O BEM E O MAL

—

I

Apresento o snr. Ladislau Tiberio Militão de Villa Cova.

Nasceu no termo de Pinhel, em 1818. Seu pai, viuvo sem consolação, vestiu o habito de frade mendicante no convento de Vinhaes. Assim cuidou elle que dignamente honrava a memoria de sua santa mulher. Escolhera convento pobre como penitencia, e deixára sua casa e filho unico sob a vigilancia de um irmão clerigo, sujeito de clara fama e varão doutissimo.

N'aquella casa de Villa Cova, que déra o appellido a dez gerações de honrados lavradores, floreceram, na passagem de cinco seculos, padres de muito saber, uns famigerados na oratoria, outros grandes cazuistas, e bastantes notaveis por sua virtude sem letras, e nenhum por letras sem virtudes.

O educador de Ladislau, sobre ser virtuoso, era grande letrado; a sua sciencia, porém, atrazára-se dous seculos na historia do espirito humano.

Padre Praxedes de Villa Cova sabia de cór

Aristoteles e Platão. Philosophia, physica, historia natural, grammatica, logica, methaphysica, poetica, meteorologia, politica, e mais um centenar de sciencias todas lh'as ensinaram os dous sabios de Stagira e Athenas. Na opinião d'elle, a intelligencia do homem, depois de Platão e Aristoteles, envelhecera, ou fingira remoçar-se com atavios de ouropel e pechisbeques, sem peso na experimentada mão de um sabio.

Era padre Praxedes copiosamente lido em livros portuguezes anteriores ao seculo XVII, e possuia os melhores nas suas ponderosas estantes de castanho. Da epocha dos Senhores Reis D. João V e D. José I, já pouquissimos volumes, e esses mesmos estremados do ouro puro dos classicos, se honravam de prender-lhe a attenção.

Foi, desde menino, Ladislau encaminhado por esta, em parte, errada vereda da sabedoria util e verdadeira.

Começou a escrever como caligraphicamente se escrevia ha dous seculos: letra garrafal, com as hastes a prumo, longas e enfeitadas com mui engenhosos quadrados, mórmente as maiusculas. Era a escripta de padre Praxedes, tal qual a que seu tio-avô, sabio fallecido em 1707, transmittira a um padre Heliodoro, seu filho, e este ao avô de Ladislau, e o avô ao filho, que vinha a ser o tio paterno d'este padre Praxedes. De modo, que, n'aquella familia, o «traslado» da escripta em 1830 era fielmente copiado do de 1680. Em tudo mais como na escripta.

Está situada a casa dos Militões de Villa Cova nas faldas de uma serra chamada a *Castra*. Affirma documentalmente o padre que o chamar-se Castra o sitio, vem de ter estado alli presidio romano, ha vinte seculos; e quer elle que sobre as ruinas d'a-

quella atalaia de senhores do mundo esteja cimentada a modesta habitação dos Militões desde o seculo IX.

E' a casa grossa de cantaria com dez janellas de peitoril sem vidraças, quasi a roçarem nas proeminentes cornijas, assentadas em fortes cachorros sem lavor. E' largo e alto o portão de castanho, que abre sobre um espaçoso quinteiro, intrazitavel na maior parte do anno, por causa das gabellas de tojo e urze, que os pés do gado vão calcando e curtindo.

Do fundo do quinteiro, sóbe uma larga escada a um pateo lageado com guardas de pedra tão em bruto e sem visos de esquadria que parecem ter alli ficado casualmente postas umas contra outras pelo revolutear aquoso de algum diluvio.

Este exterior assim é triste, mais triste que a soledade das ruinas de outras casas, que em redor existiram até ao comêço d'este seculo, e ás quaes os francezes acossados pegaram fogo, na sua ultima evasão de Portugal. Do desastre da povoa de Villa Cova salvou-se a casa dos Militões, porque os incendiarios não acharam brecha por onde lançassem o lume: o morro de pedra era incombustivel; as portadas de castanho tão sómente a bala raza poderiam saltar dos seus enormes gonzos.

Os donos das ruinas não quizeram reedificar no sitio onde seus antepassados tinham construido os pobres casalinhos. Ajuisadamente edificaram em terreno mais ao centro das suas leiras, visto que, em cata de mais fertil torrão, já os avós dos actuaes tinham levado longe o arroteamento e a cultura.

A casa dos Militões ficou, porém, solitaria, e tomou a si em bem dos pobres o grangeio da terra deixada a monte.

As corpulentas arvores, que se abraçam no

declive da serra, mal deixavam entrever a casa de Villa Cova. O vestigio unico de vida n'aquelle fundão era o rolo de fumo, que o vento rarefazia em apparencia de nevoeirinhos sobre a copa do arvoredo, o qual, visto da cumiada da Castra, semelhava uma mouta de arbustos.

Volviam mezes e mezes sem que pessoa estranha descesse a serra, em demanda da casa dos Militões, excepto o viandante, que, surprehendido pela noute, se guiava pela neblina de fumo, vista ao entardecer, ou pelo convidativo cantar do gallo.

Em dias santificados, a familia fiava dos cães de gado a guarda da casa, e ia ouvir missa á igreja parochial, um quarto de legua distante. Desde tempos immemoriaes era a freguezia pastoreada por clerigo da casa de Villa Cova. Este clerigo que, no discurso de tres seculos, parecia sempre o mesmo, tinha sempre comsigo uma irmã, que, no traje, no dizer, e no sentir era sempre a mesma irmã do padre do seculo XV.

Depois da missa, o pastor acompanhava os seus a Villa-Cova, passava o dia com elles; e, á noute, entoadas as preces da Ave-Maria, lá transmontava o serro, que o separava da sua igreja, abordoando-se a um cerquinho, que diziam ter trezentos ou mais annos de uso.

Este era ainda em 1830 o viver d'aquella patriarchal familia.

Ladislau Tiberio Militão estudava n'este tempo a grammatica de Aristoteles. Frei Braz, seu pai, morreu n'aquelle anno; e, no seguinte, o tio que parochiava. Ficou reduzida sua familia ao padre, que o ensinava, e á tia Sebastiana, que, por morte do tio, voltára da igreja á casa, onde uma serie de onze antecessoras tinha voltado com o lucto no coração e a vida por um fio.

Apenas fallecido o pastor, foi padre Praxedes nomeado interinamente para a vigairaria de S. Julião da Serra. Não havia outro clerigo na familia, nem outro administrador para a lavoura. Quiz o padre declinar a pesada herança; mas, mal o souberam, os parochianos, acudiram em rogos e lagrimas a Villa Cova, pedindo ao virtuoso irmão do defuncto vigario que os não desamparasse. Praxedes arrendou os bens, e transferiu-se á residencia parochial com irmã e sobrinho, esperando ainda que algum clerigo pobre das cercanias lhe tirasse dos hombros o cargo, e lhe libertasse o tempo necessario ao ensino de Ladislau.

Malograda a esperança, e nomeado pelo governo, o parocho trasladou sua livraria, como quem já tinha ao certo que seus derradeiros annos, muitos ou poucos, alli seriam vividos ao pé da sepultura dos seus onze antepassados.

Na casa do presbyterio, continuou a educação litteraria de Ladislau.

Vivia o mocinho entre seus tios; não conhecia rapaz de sua idade com quem entretivesse as horas feriadas, ou conversasse em materia de estudo. Mui naturalmente lhe pendeu o animo a umas tristezas que nem viço e contentamentos de primeiros annos podiam desassombrar. Isto não fazia especie ao vigario nem á snr.ª Sebastiana. Era aquella soturna melancolia a norma commum do viver d'esta familia. Muita quietação, silencio tumular, um moverem-se de phantasmas, perpassando uns por outros com glacial taciturnidade.

Estava ainda gravado no animo de todos o lance funereo da viuvez de Braz. A mãi de Ladislau morrera como quem passa de um tumulo para outro. Nem mesmo, depois que sahira o esquife, os gemidos se ouviram longo tempo. E o viuvo, quasi

sem declarar seus intentos, sahiu, ao terceiro dia, de casa, foi orar sobre a lagea de sua mulher, e d'alli se partiu, a pé, caminho de Vinhaes. Aqui, bateu á porta do mosteiro, que se lhe abriu como casa de infelizes, e lá ficou. Tudo assim, na vida ordinaria, modelado por este extraordinario succedimento!

Ladislau contou os dezoito annos de sua idade, sem sentir abrir-se-lhe o coração a alguma poesia: nem se quer á poesia da natureza!

As graças campestres das Georgicas de Virgilio sabia traduzil-as em termos frios, rigorosamente grammaticaes, irreprehensiveis em sã e fradesca latinidade; porém, no interno de sua alma, nenhum enlêvo o transportava da euphonia do verso para a formosura dos prados, das fontes, e do luar das suas noutes solitarias. Dormia-lhe o coração; ninguem á volta de si proferira aquella palavra, que é bastante a despertal-o para as alegres alvoradas do primeiro dia de amor, amor sem mulher, sem esperança, sem emblema, amor em competencia com o ideal do amor dos serafins.

Como se padre Praxedes premeditasse amortalhar este mancebo, já morto antes de haver experimentado o palpitar estranho da vida, que estremece em confusos desejos, uma vez, acabando de traduzir com Ladislau alguns capitulos da «Cidade de Deus» de Santo Agostinho, fallou assim ao moço de dezoito annos, sem uma só primavera:

— Ladislau, pensava eu esta noute, e muitas noutes hei vellado a pensar que, d'aqui a pouco, voltarás á casa onde nasceste, deixando teu mestre debaixo da pedra onde esperam o grande dia todos os nossos. Pensei com tristeza que não virá tão cedo de nossa casa o padre guardador d'este rebanho, que os nossos antepassados acceitaram como de Deus, e vieram, no atravessar de tantos annos,

passando o cajado uns a outros. Agora é que se acabou este legado de serviços, desvellos, e caridades aos nossos irmãos... Quão grato seria a Deus que o não regeitassemos! Não estás tu aqui tão bem inclinado á virtude, e aproveitado na sciencia das cousas santas?!. Queres tu ser padre, Ladislau?

— Quero, meu tio — disse o moço com inalterado semblante, como se fosse convidado a traduzir a «Carta aos Pisões» ou as «Lamentações de Jeremias».

— Sentes em ti vocação ao sacerdocio? — reperguntou o padre com alegre sombra.

— Sinto, sim, senhor; porque não hei-de sentir? — disse Ladislau.

— Não tens pensado em outro futuro, meu sobrinho?

— Outro futuro!? — perguntou o moço como alheado na estranheza da insistencia.

— Sim: outro futuro... Pensaste alguma vez em te casares?

— Não, senhor.

— Nem te leva para a vida de esposo e pai a inclinação do teu animo?

— Não tenho cogitado n'isso.

— Pois pensa, sobrinho, pensa, que esta vida de padre tem grandes alegrias e grandes amarguras, como todas as vidas, todas as vocações. Se queres a paz, que me tens visto no rosto, entra na trilha de meus passos; os dissabores de dentro, esses, que são muitos, Deus te affaste o calix d'elles; mas, se t'o der, acceita-o, que a remuneração é infallivel; acceita-o, meu sobrinho, que o descanço, vindo apoz a batalha, é ineffavel como o jubilo dos santos. Ora pois: pensarás um anno; consultarás o teu espirito; e, em cada amanhecer, pedirás ao divino Espirito Santo que te allumie.

Antes de findado o anno, padre Praxedes deu a alma ao Senhor; e Sebastiana, que vivia para sepultar o ultimo vigario de S. Julião da Serra, chamado pelas bençãos do povo, lá ficou na campa mais proxima, adormecendo-se a beneplacito de Deus, como quem cumpriu sua missão.

Ladislau voltou á casa de Villa Cova com a sua livraria, e as supremas palavras do tio moribundo, que tinham sido estas:

— Espera, um anno mais, o conselho do Espirito Santo. Se o teu coração estiver desatado de paixões, que prendem á terra, dá-o a Deus; se não, meu sobrinho, sê um bom marido e bom pai, que esta virtude é por si tambem um sublime sacerdocio. A vida solitaria, que tens vivido, se poderes continual-a, filho, não a troques pelo mundo. Sacerdote, marido, ou simples homem, sem mais obrigações que as communs com os outros homens, além das que o decalogo te manda, foge, quanto poderes, da vida que traz comsigo o esquecimento da morte. Ladislau, a sciencia é um grandissimo mundo povoado de espirituaes amigos; os teus livros encerram, cada um, sua alma, que te falla como amiga. N'este, acharás um desgraçado contricto, que te conta os seus infortunios como o santo bispo de Hippona, ou o fundador da nossa Arrabida (*) Outro, como o thesouro de Kempis, se te desentranha em balsamos para quantas feridas a dor do ermo ou os desenganos do mundo te abrirem no seio. Nos livros apprendi a fugir o mal sem o experimentar. Confessor quarenta annos, vi as angustias, que vão por esse mundo, tantas, que não cabiam lá, e transbordavam até ao nosso escondrijo. Recolhe-

(*) Antonio de Oliveira Soares, que de capitão de cavallos, e costumes perdidos, passou a frade arrabido, e vida muito penitente.

te a ti; não deixes os teus campos; affaz-te a amar estas serras, onde o pé do impio não chegou ainda. Olha tu com que serenidade eu fio meu remedio e salvação da divina misericordia: aqui tens, na morte, um exemplo das vantagens da vida, que eu tive. E' isto, filho; é este acabar sem remorso nem temor, consolando-me de ter sido tão moderado em meus desejos, que nem se quer peço a Deus que me dispense mais um dia de existencia.

Estas e poucas mais foram as ultimas palavras do presbytero.

Ladislau Tiberio viveu um anno esperando o conselho do Espirito Santo.

Os chorosos parochianos de S. Julião da Serra, quando viram suas consciencias em guarda de um sacerdote moço, que viera de longe pastoreal-os, foram ter com Ladislau, representados pelos lavradores mais abastados da freguezia.

— Que querem de mim? — perguntava o moço — que hei-de eu fazer-lhes?

— Seu tio, que Deus haja — respondeu o mais respeitado — nos disse que talvez o snr. Ladislau tomasse ordens para ser o nosso vigario.

— Pois sim; mas é cedo ainda, meus amigos. Deixai-me esperar o dia destinado á minha decisão.

O dia chegou: era o anniversario da morte do padre Praxedes.

Ladislau, na manhã d'aquelle dia, foi orar ao templo, e ajoelhou sobre a campa dos sacerdotes seus antepassados.

Raiava a aurora, quando entrou á igreja.

E enxergou um vulto, orando no arco da capella-mór.

Mais tarde, como o sol coasse pela estreita fresta lateral um raio de luz sobre o vulto ajoelhado, Ladislau reconheceu uma mulher.

II

A mulher ajoelhada á sombra do escuro arco era Peregrina, irmã do vigario.

Viera ella de longe para alli com seu irmão, sacerdote pobre, que devia a sua ordenação ao bemfazer do padrinho, velho fidalgo de Pinhel. Em quanto João se ordenava em Bragança, Peregrina vivera e educára-se sob o abrigo do padrinho de seu irmão, e querida das filhas do fidalgo, que a vestiam de seus vestidos, e a sentavam entre si á meza.

Disse padre João a sua missa nova na capella do bemfeitor, e alli ficou estimado como da familia, até que, por diligencias do fidalgo, recebeu de Lisboa a apresentação na igreja de S. Julião da Serra.

Peregrina beijou a mão do velho caridoso, beijou o rosto de suas amigas de infancia, e sahiu com o presbytero em demanda da vetusta igreja. Os parochianos, posto que descontentes ao verem semblantes desconhecidos no adro dos seus mortos, disseram:

«Assim é que vinha o pastor de Villa Cova com a irmã.»

O presbyterio era melancolico; as arvores ressequidas; o chão arido; as penedias calvas; os tectos assentes em vigas; as paredes interiores afumadas; os taboados movediços. Alli, as primaveras passariam despresentidas, se não fosse o azulejar-se o céu, e os festões das gestas na serra, e o calar-se o estridor das torrentes despenhadas dos cerros das montanhas.

Peregrina, quando alli se viu, por um anoutecer de novembro, disse:

— Como isto é triste e feio!

Padre João olhou em redor de si, e respondeu:

— Irmã, este chão triste é que nos ha-de dar o pão santo da independencia. Bemdigamos o coração generoso dos nossos amigos, que me deram terra onde lavrar com minhas proprias mãos o nosso sustento de cada dia. A casa parece-nos agora triste, porque é noute. A'manhã um raio de sol nos virá alegrar estas paredes.

E, como assim fallasse, o vigario desceu ao adro, subiu sobre uma peanha tosca, travou da corda que movia o sino unico do simulacro de torre, e tangeu as nove badaladas de Ave-Marias. Os lavradores, que iam passando, descobriram-se, pararam, oraram, benzeram-se, e seguiram seu caminho murmurando:

— Os padres de Villa Cova faziam o mesmo. Quer Deus que todos os nossos vigarios sejam bons e devotos.

Entretanto, Peregrina, resada a oração final da sua prece da tarde, alongou os olhos ás sombrias serras que avultavam para o lado de Pinhel, e chorou. Eram saudades das filhas do bemfeitor, e do casal onde nascera, e onde seus paes, caseiros do fidalgo, haviam morrido.

A irmã do vigario tinha dezoito annos. Era dotada de abundantes graças, compleição menos robusta que o ordinario das moças aldeãs, senhoril talvez extraordinariamente, rica de negros cabellos, formosa de olhos, doce e meiga no dizer, modestissima, parca em sorrisos, meditativa, laboriosa, e muito dada á oração.

Costumava ella erguer-se ante-manhã, quando ouvia os passos do irmão no sobrado visinho do seu quarto. O vigario madrugava assim para dizer missa á hora em que os parochianos sahiam ás

suas lavouras. Peregrina accendia o lume, aconchegava o pucaro das brazas, cegava as couves, ia assistir á missa do irmão, e vinha depois cosinhar o caldo, que era a refeição matinal do sacerdote e d'ella.

Uma grande parte do clero, que pastorêa almas, póde bem ser que me não acceite a verosimilhança d'este caldo de couves. Espero que se desçam de sua incredulidade, se eu lhes disser que a congrua e pé-de-altar de S. Julião da Serra não davam para chá, n'aquelle tempo em que os direitos da charopada chineza eram enormes, e os paladares genuinamente portuguezes, lá d'aquellas serranias, se saboreavam de preferencia no salutar cozimento de couves adubadas de saboroso unto. Ora eu, que n'esta fidalga e franceza Lisboa tenho sido espectaculo de riso, pedindo nos hóteis, e recommendando aos meus amigos, o caldo verde, insisto contumazmente em me expôr á mofa da gente culta, dando á estampa, n'este lugar e para meu duradouro opprobrio, o panegyrico do caldo verde, caldo de meus avós, e de padre João, e de sua irmã.

N'aquella madrugada, em que Ladislau fôra celebrar o anniversario da morte de seu tio, orando na igreja, Peregrina demorára-se a rezar, finda a missa, porque seu irmão entrára no confessionario. Déra ella conta de ajoelhar-se alli perto de si o moço, já quando o templo estava vazio. Soffreou, em quanto pôde, sua curiosidade, que teimava em querer conhecer o recolhido devoto. Não era costume seu voltar a cabeça a um lado ou outro, quando fallava a Deus; porém, tanta força lhe fazia o animo para o sitio onde estava o moço que, apesar de profanação, aventuro-me a suppor que o coração lhe estava tirando para alli os olhos por uns filamentos mysteriosos que, alguma vez, a anatomia ha-de encontrar entre olhos e coração.

Foi o raio de sol nascente, vertido pela fresta esguia da capella-mór, que de todo em todo aliciou Peregrina a olhar. Um raio do sol do Senhor a alumiar-lhes o escuro do templo para se verem! Donoso e sublime confidente de duas almas carecidas uma da outra! Nunca tão auspiciosos preludios de um amor começaram n'esta vida. São dous moços: ella virgem, e formosa, e immaculada; elle gentil, puro, e alli ajoelhado em consultação de seu destino. A que bemdita e predita hora se entreluzem as duas almas, embebidas em Deus, e subitamente encontradas no mesmo arco da igreja, em que os esposos costumam receber as bençãos!

Ladislau tinha as mãos erguidas, quando encarou no rosto de Peregrina. As mãos ficaram na postura fervorosa; mas a oração, cortada em meio, olvidou-se-lhe. E ella, que entrepassava nos dedos as contas do seu rozario, continuou a dizer as palavras santas; mas sem ouvil-as na audição interior do espirito.

Ambos a um tempo accordaram da fixidez da sua contemplação, e córaram. Ladislau baixou os olhos, e ella ergueu-os. Um parece que pedia contas á terra d'uma delicia, que nunca lhe havia dado nem presagiado; outro ia no ceu como a decifrar o enigma da sensação nunca experimentada.

Instantes depois, padre João appareceu á porta da sacristia, e mandou á irmã que accendesse os castiçaes do altar-mór emquanto elle se revestia para ministrar a sagrada communhão á confessada. Ladislau, como ouvisse as ordens do vigario a Peregrina, ergueu-se, e disse:

— Eu vou, se o snr. vigario quer. Já sei este serviço, que era minha obrigação, em tempo de meus tios, que Deus hajam.

Padre João já conhecia o sobrinho do defuncto

Praxedes, como primeiro lavrador da freguezia, e moço de estudos e virtudes, segundo lhe dissera o regedor da parochia, e o gravissimo mordomo do orago confirmára.

Acceitou o vigario o serviço a que Ladislau se teria offerecido, ainda mesmo que a presença de Peregrina o não movesse á delicadeza, delicadeza instinctiva certamente, ensinada pelo coração, a fundamental de todos os cerimoniaes, que nas activissimas cidades os meninos aprendem em livros, como se a cortezia com damas não fosse pagina escripta no mais diamantino do peito desde que abrimos olhos para vel-as.

Accendeu Ladislau as velas, e proveu de agua o jarro da communhão, em quanto o vigario se paramentava. Subiu o ostiario ao altar, abriu o sacrario e tomou a particula da pixede. Uma nuvem escura de trovoada eminente entoldára o sol, e a capella-mór voltava á frouxa luz crepuscular. O ministro, severissimo em todo o ritual de seu sagrado encargo, como não fiasse da claridade de uma só vela a perfeita passagem da hostia á lingua da commungante, acenou á irmã para que tomasse uma vela do outro lado.

Ladislau tremeu quando a viu tão perto de si; mas, assim mesmo, não desatremou em desconcerto com a urbanidade: entregou-lhe o cirio, que tinha, e foi tomar o outro da tocheira.

Em verdade lhes digo, meus sensiveis leitores, que eu desejava ter assim um painel, para serem dous os paineis da minha estimação. O que já possuo é uma menina lagrimosa, que está dando de comer ao seu cão moribundo, que não vê o alimento, mas ainda a vê a ella, e parece despedir-se a chorar. O outro quadro queria eu que fosse o vigario de S. Julião da Serra pendido á fronte humilde da chris-

tã; d'um lado, Peregrina com o rosto banhado do escarlate da flamma, que ella quer affastar de si, adivinhando que os olhos do moço a estão contemplando; do outro lado, Ladislau, involuntario, captivo, alheado de si, sem poder desfital-a. Eis-aqui as minhas quatro figuras todas absorvidas em amor de Deus. O padre está enlevado na suprema magestade do seu ministerio; a penitente está-se identificando a divindade do corpo e sangue de Jesus; Ladislau, em seu silencioso spasmo, está psalmeando o hymno de graça que o primeiro homem deu ao Senhor, no instante de ver inclinado a si um seio amparador de mulher. E ella, Peregrina? De ti, purpureada virgem, só podem sentir teus extasis, e contar-n'ol-os as tuas iguaes n'este mundo, as que tiveram simultaneamente a intuição do amor e a visão do primeiro homem amado. Todos, pois, enlevados em aspirar divino: o sacerdote e a commungante pela consciencia, os outros pelo coração, aberto em perfumes que queimam a Deus o mais selecto e fino bago do seu incenso.

Findo o acto sacramental, o padre subiu os dous degraus do altar, cerrou o sacrario, ajoelhou, e voltou á sacristia. Ladislau ficou em pé, rente com o tocheiro de castanho tosco, d'onde tirara o cirio. Peregrina foi depor a sua vela sobre a credencia, desceu ao fundo da igreja saudando os quatro altares lateraes, e sahiu ao adro, e logo entrou na casa da residencia. Ladislau viu-a desapparecer, e disse de sua consciencia para Deus: « Não tornarei a vel-a? »

Assomou o vigario no limiar da sacristia, e disse a Ladislau, que ia sahindo:

— Desejo tel-o em minha companhia algum pouquinho tempo, snr. Ladislau. Se não vai com

pressa, tenha a bondade de esperar, que eu faço oração, e vou já.

— Espero no adro o tempo que o snr. reverendo vigario quizer.

— Por que ha-de ser no adro e não em casa? — tornou padre João — Entre na residencia, que a porta do sobrado está aberta.

Ladislau esperou no adro, e, em quanto esperava, tinha os olhos na janellinha da saleta, em que seu tio costumava estar nas noutes quentes, esperando os freguezes, que voltavam das ceifas, e fallava a todos, mandando-os sentar nos troços brutos de pedra, que alli tinham ficado d'uma casa incendiada pelos francezes.

Assim contemplativo, viu elle chegar á janella a irmã do vigario, e esconder-se, apenas o encarou, surprehendida.

Que instantes aquelles para ambos! Que ceus e ceus, vistos á luz d'um relampago! Que extensos poemas de lagrimas costuma a saudade fazer depois, com as reminiscencias de uns momentos tão fugitivos!

Sahiu o vigario do templo, fechou a porta, e disse:

— Estava o snr. Ladislau a recordar-se de seus tios?.. Não admira, que eu mesmo, sem os ter conhecido, lhes respeito a memoria, pelos grandes louvores que ouço dar ás suas virtudes. Basta ver o que este bom povo é para se avaliar as excellencias de quem assim o educou. O espirito dos dous ultimos e defuntos vigarios de S. Julião da Serra está ainda com o seu rebanho. Facil me ha-de ser a mim, homem sem virtude nem experiencia, pastoreal-o. Mais tenho que apprender que ensinar.

E, no sentido destas humildes palavras, foi dizendo outras, que se insinuavam ao coração do

moço já captivo do conciliador semblante do sacerdote; e assim entraram na casinha parochial.

— Peregrina— disse o padre á irmã que os vira subir, e, sem saber por que, se alvoroçara — olha que temos hospede; vê lá como te saes; não queiras que o nosso convidado nos julgue forretas. Almoço de abbade rico, ouviste?

A moça não respondeu. Affastou da fogueira o caldo que fervia, lançou alguns ovos á certã, e, tão depressa os cosinhou, foi á modesta arca do seu bragal tirar a melhor toalha, e os garfos de ferro ainda lusidios em primeiro uso.

Peregrina, posto o almoço na mesa, sentou-se no seu logar de costume, que era um banquinho tosco, achegado do escano. A mesa, construida de uma só taboa afumada, engonçava n'aquelle adorno da lareira, talvez tão antigo como a vigairaria de S. Julião da Serra.

Quando a moça se assentou, disse Ladislau:

— Aquelle banco era o lugar de minha tia, que Deus tem!

E ficou contemplativo.

— E eu — disse padre João—estou no logar de seu tio, e o snr. Ladislau vem sentar-se no logar que era seu.

Estava já na meza a travessa de barro vidrado com a fritada de ovos e farinha triga. O vigario sorriu-se, e disse:

— Na meza de seu tio havia um prato e um talher para cada pessoa?

Ladislau, que não sabia o significado da palavra «talher», respondeu:

— Comiamos todos do mesmo prato; e na minha casa de Villa Cova, tanto meu pai como meus tios comiamos á mesma meza dos creados e jornaleiros.

— Como ha trezentos annos — ajuntou o padre — como os patriarchas idumeos com os seus servos e escravos. O snr. Ladislau ainda não viu, á luz da civilisação, a grande distancia a que está dos seus criados. Vive, por em quanto, na fé de que senhor e servo são homens filhos do mesmo pai, um favorecido, outro desfavorecido pelo acaso do nascimento... O snr. não lê as gazetas? — perguntou o vigario abruptamente.

— Não leio, nem as vi nunca — respondeu o moço — Ouvi dizer a meu tio que um padre, d'aqui tres leguas, quando acertava de encontrar-se com elle na feira de Pinhel, lhe mostrava gazetas.

— Pois — tornou o padre — as gazetas são uns papeis escriptos em letra redonda, creados e sustentados para demonstrarem que todos os homens tem direitos eguaes. Muito me admira que seus avós e o senhor tenham praticado a egualdade sem terem lido as gazetas! Provavelmente em casa dos Militões de Villa Cova lia-se o Evangelho de Jesus Nazareno.

— Lia, sim, senhor.

— Só assim póde explicar-se a virtude sem a doutrinação das gazetas. Dizem que ellas são o baluarte da liberdade, da egualdade, e da fraternidade; e eu estou em defender que o sermão da montanha, prégado pelo filho de Deus ha mil e oitocentos annos, e o sermão da natureza, que sem cessar se está ouvindo, bastam para fazer um homem irmão e amigo do outro homem, por amor de Deus, que é pai de todos.

Posto que não excedesse os vinte e oito annos, o vigario, no pausado e reflectido do seu dizer, competia com os cincoenta annos de algum egresso d'aquelle tempo.

As faculdades deste bem-fadado ministro da

verdade tinham amadurado antes da sasão propria. Costuma ser a desgraça quem antecipa, com a precoce experiencia, a reflexão; porém, observa-se que o juizo — o que commumente se chama *siso* — proveniente das lições do infortunio, é um recolhimento melancholico, mysantropo, deshumano ás vezes, e quasi sempre intolerante. Em exemplos d'estes, que os ha em grande copia, acerto seria arguirmos ao enojo das chimeras desta vida o que attribuimos á reflexão.

A madureza do vigario não era appressada pela desventura, nem triste, nem intolerante. A indole, o habito da soledade, o estudo, a clara vista da alma com que entrava no secreto e desconhecido do coração alheio, explicam aquelle ar grave, monacal e discordante de seus annos, com que elle diria cousas, que, ditas n'outro tom, pareceriam geito de espirito faceto, ou *humoristico*, como se diz agora francezmente.

Dos estudos do seminario passára o presbytero á capellania do padrinho de Pinhel, fidalgo, como se disse, intractavel desde 1834, retrahido ao seu quarto, em lucta permanente com os achaques da alma egualmente dolorosos como os do corpo. A gota, o reumathismo, a sciatica impacientavam-no tanto ou menos que o desmancho das cousas politicas. Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo, que assim se chamava o gothico solarengo de Pinhel, se alguma vez chamava padre João Ferreira ao seu quarto, era para lhe perguntar pela quinquagesima vez:

— Que me dizes a isto, padre João?

— A isto?

— Sim, á queda do rei legitimo?

— E' um facto consummado — dizia o padre.

— E' uma usurpação consummada! — repli-

cava o fidalgo, e sibillava um agudo ai, levando a mão ao artelho esquerdo, cuja dor só podia comparar-se á do artelho direito.

E como o afilhado não pudésse restaurar ao throno usurpado o senhor legitimo á vontade do padrinho, Ruy voltava-lhe as costas, e o padre sahia melancolico a encerrar-se no seu quarto com os seus poucos livros, ou ia leccionar em primeiras letras as filhas do fidalgo, a segunda das quaes principiara o alphabeto aos dezeseis annos, Deus sabe com que repugnancia.

Demorei-me accintemente n'estas dispensaveis explicações para dar tempo a que os tres convivas almoçassem, e conversassem. *Conversassem*, é menos exacto. Quem fallou sempre foi o vigario, e é de presumir que o auditorio o attendesse escassamente. Ladislau, se alguma cousa escutava, era o poema interior, os hymnos descompassados, mas sublimes, que soavam dentro em seu coração. Estranhas musicas deviam de ser aquellas para o moço surprehendido, na alva do seu primeiro dia de amor, por enchentes de luz desconhecida! O amor, que vem procurado, como sensação necessaria á felicidade da vida, perde dous terços da sua embriagante doçura; porém, o amor inesperado, impetuoso, e fulminante, esse é um abrir-se o céu a verter no peito do homem todas as delicias puras que não correm perigo de impestarem-se em contacto com as da terra. Era d'esta especie o sentimento de Ladislau, nascido na hora em que elle ia confirmar sobre a sepultura de seu tio o pacto de ser sacerdote, abjurar as desconhecidas allianças do coração com o mundo, e acceitar as que atam o coração ao mundo com o laço da caridade evangelica.

Ora, aquelle poema interior, se alguem podia decifral-o, era Peregrina. A mulher innocente é

admiravelmente dotada do sexto sentido, que recebe as impressões não classificadas na ordem phisica nem moral. Adivinha quem a ama, antes que lh'o digam. Parece que o ar se lhe povoa de espiritos amigos, que vão e vem entre ella e os olhos de quem, a fito ou de revez, a requestam. Aquelle diaphano veu de escarlate, que lhe purpurea o rosto, não é sangue, como dizem os materiaes definidores de tudo: a mimosa susceptibilidade de cutis, chamada pudor, não póde ser sangue; em-quanto a mim, é o sombreado das azas iriadas dos espiritos que voejam no ambiente da mulher candida, ou então reflexo das coroas de rosas, com que o deus festivo dos amores a infeita, cioso de ter nos seus altares o pouco d'este mundo que merece e desculpa a idolatria.

Posto que este dizer tenha um sabor mythologico, pagão, e, sobretudo, antiquissimo, ha-de o leitor conceder que o seu servo romancista, uma ou outra vez, se desgarre do caminho trilhado á moderna, para não dizer sempre que os seus personagens estavam arrobados, extaticos, ou, o que é peior, perdidos de amor.

Os meus personagens, Ladislau e Peregrina, não estavam arrobados nem extaticos, porque ambos confessam que comeram da travessa vidrada a sua porção de ovos, e tomaram cada qual o seu caldo-verde (palavra indigna de tão levantado assumpto!)

Perdidos tambem não estavam; porque o perder-se ou transverter-se o coração é quasi sempre a prova real de não ter sido o primeiro nem o sublime o amor com que os alienados se desculpam.

O amor, que não perde nem desvaira, esse é que é o amor.

*

III

Eu, que já escrevi doze casamentos felizes de uma assentada, querendo agora enfeitar o de Ladislau e Peregrina, é tamanha a penuria de engenho em que me vejo, que — a não me acudir a fada do estylo—hei-de contar o ditoso enlace, como elle está escripto no livro dos casamentos da freguezia de S. Julião da Serra.

Convém saber que é cousa para pouco discurso a passagem do amor ao sacramento, que o completa, lá n'essas terras abençoadas do obscurantismo, como era o termo de Pinhel, e continuará a ser por estes quatro seculos por vir, em virtude de lhe andar por muito longe das raias o caminho de ferro. De S. Julião da Serra, então, isso aposto eu que nunca ha-de ser desalojada a santa ignorancia, que faz amarem-se, e casarem-se logo as pessoas que se querem.

Vamos a bosquejar o casamento de Ladislau e Peregrina. Se a descripção me sahir muito florida, não servirá. Guardarei os enfeites para exornação de outros casamentos, onde as flores sejam empregadas em disfarçar a mingua de coração e virtudes.

Findo o almoço, Ladislau disse ao vigario:

— Como o dia está sólheiro e alegre, pedia eu ao snr. padre João e a sua irmã, que viessem passar o dia a Villa Cova. Se houver precisão da sua vinda á igreja para administrar a extrema-uncção, depressa o irá chamar alguem a minha casa; porém, graças a Deus, não está, que eu saiba, ninguem doente na freguezia.

— Pois vamos — disse o vigario sorrindo — Caro lhe ha-de ficar o almoço. O bom presunto vai pagar os maus ovos. Vem d'ahi, Peregrina, va-

mos lá ver a casa d'onde sahiram tantos homens grandes e obscuros, como são os homens que se escondem da sociedade para serem bons. Quem dirá, snr. Ladislau, que no curto horisonte d'estas serras que nos cercam, estão fechadas as lembranças dos santos ministros do altar, que vieram de sua casa para dentro d'estas quatro paredes velhas !.. E seu pai, o viuvo amortalhado no habito de frade pedinte !.. Vamos !.. A minha indole melancolica chega a ser rustica ! Vejo que o snr. Ladislau está alegre, e eu a chamal-o a lembranças pesarosas!..

No decurso da caminhada de um quarto de legua, foi Ladislau contando em miudos a sahida de seu pai para o convento de Vinhaes, e a saudade escura dos que ficaram, encarando a porta, que se abrira á passagem de um caixão, e logo ao desterrado perpetuo das alegrias d'esta vida. E o moço, a fallar de sua mãi, chorava; que é sabida cousa a facilidade que temos de chorar, quando o amor nos amollece, e, para assim dizer, amima o coração. Sem a presença de Peregrina, Ladislau seria mais insensitivo, mais duro, mais homem. O amor afemina as condições mais viris, e tem feito que as faces queimadas e negras da polvorada das pelejas se orvalhem e brilhem de lagrimas. No animo tenro e como infantil do moço de Villa Cova, a bemdita influição da meiga menina, que o ia ouvindo e amando, devia de abrir-lhe no peito os conductos todos das lagrimas maviosas. Não sei que mysterio santo e dulcissimo ha em fallarmos de nossa mãi fallecida á mulher que nos bem-quer. Póde ser que venha esta sensibilidade de recebermos de uma o coração, que damos a outra. Ou, talvez, seja de nos faltarem carinhos de mãi, e cuidar a gente que a esposa nol-os hade reviver.

Subiram os tres caminheiros o serro de uma

quebrada, d'onde se entrevia a casa de Villa Cova, mal distincta do arvoredo de soutos e carvalhaes. N'este alto, está um rochedo, a pender sobre uma gruta de lage, ageitada pela natureza, e conhecida dos pastores, como guarida segura das trovoadas.

— Esta lapa convida—disse o vigario — Sentemo-nos aqui um pouco.

-- Minha mãi,— disse Ladislau — chamava a esta penedia a sua gruta. Por que eu ainda lhes não disse que minha mãi era pastora.

— Pastora ? !— acudiu Peregrina, com ar de lisongeira admiração, significando sentir a patriarchal poesia da vida pastoril.

— Olhem se avistam — tornou o moço — pela garganta d'estas duas quebradas, lá em baixo, uma casa, nas costas de um souto fechado ? Alli nasceu minha mãi de uns lavradores remediados ; e, logo que teve a idade, tomou conta da rez, e vinha todos os dias com ella para a serra. Aqui no cavo d'este penhasco é que ella comia a sua merenda ; e, assim que o sol começava a descer, tambem ella descia ao valle.

— Sosinha ? — atalhou Peregrina, com visagem de susto.

— Sosinha com dous cães de gado,os quaes assim que anoutecia, um tomava a dianteira do rebanho , outro ia á beira d'ella. Muito chorou minha mãi, ao morrerem-lhe de velhos os seus caens! Quando vinhamos á igreja, minha mãi sentava-se sempre ahi n'essa pedra, onde está a snr.ª Peregrina, e dizia a meu pai : «Olha, se te lembras, meu santo ! » E ficavam-se a olhar um no outro com semblante alegre.

Ladislau cessou de dizer o quer que era que attentamente o padre e a irmã esperavam. Por mais curiosa e lhana, Peregrina perguntou :

— E que seria ? Porque lhe dizia ella que se lembrasse ?

O moço sorriu-se candidamente, e continuou:

— Meu pai estudava para padre, e já tinha ordens menores, quando encontrou aqui minha mãi, andando elle ás perdizes. D'ahi a pouco tempo estavam casados. Isto me contaram meus tios. E' bem de ver que ella se lembrasse, quando aqui chegava, da primeira vez que se viram, depois que eram grandes. Em pequeninos tinham sido muito amigos; mas, como meu pai desde os doze annos começou a estudar com um tio vigario, e veio habitar na residencia de S. Julião, quando se tornaram a ver foi tamanho o amor que...

Ladislau susteve-se com feminil pudor.

— E foram muito amigos? — disse Peregrina.

— Tão amigos — respondeu o — padre que se amortalharam ao mesmo tempo — E, erguendo-se, acrescentou : — Ora vamos lá por ahi abaixo.

D'alli até casa, Ladislau foi contando ao vigario os estudos que tinha feito com seu tio, os livros que lêra, e os que mais eram de seu gosto. No tocante ao intento de ordenar-se, nada tinha dito, quando padre João lhe perguntou :

— Segundo me disseram, o snr. Ladislau está na ideia de ordenar-se ?

— Faz hoje um anno que morreu meu tio — disse o sobrinho do padre Praxedes — Pouco antes de ir a Deus, me disse elle que esperasse um anno a inspiração do Espirito Santo. Agora venho eu de orar sobre a sepultura de meu tio, pedindo-lhe...

— Que o allumiasse no difficil transito — atalhou o vigario, e ajuntou logo : — E vem decidido a ordenar-se ?

Peregrina, que os seguia com alguma distan-

cia, como ouvisse aquella pergunta, insensivelmente estugou o passo para ouvir a resposta.

Ladislau respondeu :

— Ainda não.

E, como voltasse o rosto ao padre no acto de responder, e visse os olhos de Peregrina, fitos em si, e expressivos de anciedade intima, Ladislau recebeu dentro da alma uns tamanhos abalos de alegria que não pôde nunca mais topar delicias comparaveis ás d'aquelle momento.

Entraram no quinteiro da casa de Villa Cova.

A' porta da córte dos cevados estava uma mulher octogenaria, com uma varinha na mão, acommodando os récos, que brigavam em redor da pia.(1) Esta mulher, que tinha setenta annos de serviço em casa dos Militões, quando o amo, Peregrina e o vigario entraram no quinteiro, deixou cahir da mão trémula a varinha, e benzeu-se, murmurando: « em nome da Santissima Trindade, Padre, Filho e Espirito ! »

— *Ámen*, disse padre João.

— Que tem vm.ce, tia Brazia?! — perguntou Ladislau.

—Ainda não estou em mim! —respondeu a velha Brazia, caminhando para o grupo, e formando com as mãos um sobreceu aos olhos para poder enxergar os recem-chegados; e proseguiu: — Cousa assim! Pois não me havia de parecer agora que via entrar por essas portas dentro... credo !..

—Quem lhe parecemos nós?—tornou Ladislau.

(1) O leitor provavelmente não encontra no seu «Diccionario» o termo *rèco*. O povo de Traz-os-montes, e de porção da Beira-Alta dá aquelle nome,cuja etimologia ignoro, aos cevados. Eu leio muito pelo diccionario inedito do povo d'aquellas provincias, que sabe a lingua portugueza como fr. Luiz de Souza.

— Esta moça — tornou Brazia, aproximando-se de Peregrina — pareceu-me sua mãi, que Deus tem; o meu menino parecia-me seu pai, o santinho; e este snr. padre dava-me ares do snr. reverendo vigario Praxedes. Estou a vêl-os como eram ha trinta annos, quando vinham da igreja, depois da missa do domingo, jantar cá a casa!

— Pois repare bem — disse o moço — que somos pessoas vivas, tia Brazia, e havemos de jantar para a convencermos de que não somos fantasmas.

— Pois sim, meu menino; graças a Deus ha muito quê; mas olhe que os servos estão todos por fóra, e eu não tenho pernas para andar atraz da galinha. Cozinhal-a cozinho-a eu; mas pilhal-a isso hade ser vm.ce. E quem é esta mocinha tão bem posta e ageitada, benza-a Nosso Senhor?

— E' irmã do snr. padre vigario, que está aqui.

— Ah! este é que é o snr. reverendo vigario? Bem me tinham dito que era ainda muito moço; mas isso não tira. Se a santidade fosse aquella dos velhos, então já eu estava no altar! Deite-me a sua benção, snr. reverendo vigario, e com Deus venha a esta casa d'onde sahiram tres santos só do meu conhecimento. Eu tenho dous carros de annos, aqui onde me vê, sanzinha e escorreita, bemdita seja Nossa Senhora. (2) Conheci, só á minha parte, o snr. padre Thimotheo, o snr. padre Heitor, e o snr. padre Praxedes, afóra o santo pai do meu Ladislau, que morreu com o habito dos missionarios de Vinhaes.

(2) Nas aldeias do norte d'esta nossa terra tão pittoresca de linguagem, algumas vezes perguntava eu quantos annos tinha tal velhinho, e não entendia esta resposta: « já passa de dous carros ». Vim depois a saber que lá se contam os annos a quarenta por cada carro, por analogia com o carro de pão de quarenta alqueires.

Ladislau atalhou a boa Brazia, que ia sentar-se n'um feixe de vides para mais commodamente contar os successos alegres e tristes dos ultimos setenta annos da casa de Villa Cova. Pediu-lhe elle com brandura e graça que reservasse para depois de jantar as suas historias.

— Então vamos para dentro — disse ella — eu cá vou com a nossa menina mostrar-lhe a casa. Como é a sua graça?

— Peregrina.

— Por muitos annos e bons. Era melhor chamar-se Rosa, que é mesmo uma flor; que Pelingrina tambem é bonito nome. Ora, vamos, vamos. Vá o menino apanhar a ave, que a panella vai já p'ro lume.

Ladislau e o vigario sahiram do quinteiro e entraram na eira onde esgaravatam as galinhas. No entanto, Peregrina, como a velha se agachasse na lareira para espertar o lume amarroado, pediu-lhe que se assentasse no escabello, e a deixasse a ella cozinhar. Brazia cedeu às instancias, repartindo o trabalho com a hospeda.

Ladislau entrou na cozinha com a ave, e viu Peregrina, com um alguidar no regaço, cegando as couves. Estranhou a Brazia o estar a irmã do snr. vigario n'aquelle serviço, e a velha respondeu serenamente:

— Ella assim o quer; e bem hája a moça! Estou-me a regalar de a ver! Parece-me mesmo sua mãisinha, quando aqui entrou pela primeira vez. O noivo estava lá no sobrado com os padrinhos e parentes, e ella desceu cá p'ra cozinha a ajudar as criadas.

— Pois sim — replicou Ladislau — mas minha mãi era dona da casa, e esta senhora é hospeda.

— E por que não ha-de ser dona? Se o não é, ella o será, querendo Nossa Senhora.

Estas palavras avermelharam as faces de ambos, que não pudéram suster o relance de olhos que se trocaram.

— Pois então! — continuou a serva, cortando do presunto uma boa talhada — A vida de padre boa é; mas não queira o Senhor que o menino seja padre. O que é preciso é casar, snr. Ladislau. Deus que lhe deparou esta creatura, lá sabe por que o fez. Vamos; é casar depressa, que eu não quero morrer, sem ver gente miuda n'esta casa. O menino fez-me cabellos brancos, quando era pequeno (que a fallar a verdade eu já não tinha cabello preto nem para uma mézinha). Andava sempre a fugir p'ros campos, e eu a procural-o, e ia dar com elle a caçar grilos á torreira do sol; e de inverno andava sempre por essas fragas acima em risco de malhar aos fundões. Deu-me que fazer; mas é o mesmo: quero aturar tambem os seus filhos. Quando eu vim para cá, seu pai tinha cinco annos, e eu dez; se eu morrer, deixando cá um netinho d'elle, vou contente... Então não dizem nada?

Ladislau, sem a velha dar fé, tinha sahido envergonhado, e mais ainda por ver que Peregrina, ao passo que Brazia fallava, descia o rosto sobre a hortaliça, voltando-o de modo a não ser visto de frente pelo moço, que por sua parte se estava tambem escondendo no mais sombrio da cozinha, até encontrar a porta por onde sahiu.

O vigario estava esperando Ladislau, na vasta casa da livraria.

Havia muito que ver e admirar nas estantes dos numerosos sabios d'aquella familia. A bibliotheca fôra principiada no ultimo quartel do seculo XVI por um padre Vicente Militão, que fôra peregrino a

Roma, e estivera no concilio tridentino, e lá fôra muito acceito, por seu saber, e reportadas virtudes, ao santo arcebispo de Braga, D. Bartholomeu dos Martyres. Encadernadas em pergaminho, com o Breviario do padre Vicente, lá estavam algumas cartas do primaz das Hespanhas, cartas magoadas revelando o peso das obrigações prelaticias, e outras mais de folga, datadas do convento de Vianna do Minho, onde o humilde principe da igreja se fôra a descansar, e morrer nas delicias « d'uma estreita « cella, paredes nuas, em meza sem panno um can« dieiro de ferro pendurado de um prego, uma ca« ma de frade ordinario sem cortina, nem genero de « paramento sobre uma táboa de pinho. » Estas palavras de fr. Luiz de Souza recordava o padre João Ferreira, quando religiosamente deletreava os caracteres amarellados e meio delidos das cartas do arcebispo.

Voltando á livraria, os successores de padre Vicente enriqueceram-na, empregando n'ella quanto dinheiro podiam amealhar, sem prejuizo dos pobres. Como quer, porém, que o rendimento de sua grande lavra sobre-excedesse o gasto, o remanescente era trocado por livros, enviados á escolha de entendedores monasticos, com quem os padres de Villa Cova, por amor da sciencia e piadosamente, entabolavam correspondencia.

Os tres ultimos sacerdotes d'esta familia não tinham comprado livro algum, desde os ultimos annos do reinado de D. João V, em que a religião degenerou de sua simplicidade em luxuosa, e, até certo ponto, hypocrita ostentação; e, de mais a mais, os que a tractavam, moral ou dogmaticamente, escreviam-na em linguagem, que não era a de Domingos Feo, Thomé de Jesus, Heitor Pinto, Arraes e Lucena. Para bem aquilatarmos em qual grau de

purismo classico andava a vernaculidade n'aquella serie de padres letrados, basta dizer-se que no frontespicio do primeiro volume dos sermonarios de padre A. Vieira, um padre Thimotheo Militão escrevera: « Tambem este grande ingenho está gafado!» A gafa de que se lastimava o escrupuloso idolatra dos aureos escriptores sem liga era aquelle geito de conceitista italico-hispano em que o preclaro jesuita, a espaços, se descuidava na oratoria.

Em quanto Ladislau e o vigario se entretem n'estas e semelhantes praticas, ingratas ao leitor de paladar mais delicado, Brazia está assim conversando com Peregrina, hombro a hombro, no escano da lareira, em quanto a galinha ferve:

— Brazia não seja eu, se Deus me não ha-de ajudar! Lá que os moços se querem, como eu á menina dos meus olhos, isso vou eu jural-o sobre umas Horas, sendo preciso! A menina é uma perfeição; o meu Ladislau é aquillo que alli está. Duas creaturas assim já vem lá de cima talhadas para serem uma da outra; e, quando acertam de se toparem no mesmo caminho, vão ambas p'ra direita, ou p'ra esquerda. Não tem remedio senão casarem-se.

— Pois sim — repetia Peregrina o que havia dito duas vezes: — Ainda hoje nos vimos, e já a snr.ª Brazia nos quer ver casados?

— Então a menina cuida que uma pessoa só se conhece por ser vista muitas vezes? Eu ouvia ler a Historia Sagrada á snr.ª Sebastiana, que sabia ler como um padre, e já lá está na corte dos bemaventurados... Rezemos-lhe por alma.

A snr.ª Brazia rezou alto, e Peregrina mentalmente.

— *Requiescat in pace*, — disse a velha.

— *Amen* — respondeu Peregrina, e benzeram-se.

Brazia continuou :

— Pois como eu vinha dizendo, a Historia Sagrada conta que antigamente um moço sahia da sua terra em cata de outra terra, onde estava a noiva, que elle nunca vira. Batia á porta do sogro, pedia-lhe a filha, e casava. Isto é que eram tempos, moça! « O coração não tinha peccado que fosse preciso descobrir com o tempo» dizia o snr. padre Praxedes, quando a irmã se admirava de casamentos assim de fugida. Olhe-me bem n'isto, que estas palavras teem muito que deslindar. N'aquelle tempo, a moça casadoura era por dentro como por fóra ; via-se como á luz do meio dia o que ella lá tinha no seu interior; agora, pelos modos, é preciso espreitar muito tempo as inclinações das pessoas! O pai do snr. Ladislau era dos rapazes antigos : viu a menina lá em cima na lapa da Crasta, gostou d'ella, tornou lá a saber se ella o queria, foi ás Chãs aonde ao sogro ; e, d'ahi a dias, já ella aqui estava a encher esta casa de satisfação. E' como foi, e é como ha-de ser! Senhor Jesus do bom despacho, não me deixeis ficar mal!

Ladislau e o vigario, chamados pela velha, desceram á cosinha, onde estava posta a meza. Jantaram alegremente e com vontade. Os dizeres de Brazia, tendentes todos ao casamento, assazoavam as singelas iguarias do vigario, que, pondo os olhos, quer na irmã quer em Ladislau, reparava na gravidade com que em silencio escutavam as facecias da inquebrantavel velhinha.

— Será possivel que . . .

Disse entre si padre João, e cuidou ler no rosto do hospede e no rosto da irmã esta resposta :

— E' possivel, e é certo.

Findo o jantar, sahiram a tomar o sol na eira.

Brazia, porém, puchou da batina ao vigario, chamou-o de parte, e disse-lhe:

— Deixe-os lá...

Padre João não achou que responder á velha, e fez menção de seguir sua irmã, que o estava esperando.

— Não vá sem me ouvir duas palavras, snr. reverendo vigario. Sente-se n'este tamborete, que eu vou dizer aos moços, que vão á sua vida, e nós lá iremos ter.

O dialogo deteve-se boa meia hora. Depois sahiram á eira; e o padre levava amparada no braço a velha, que jogava difficilmente os joelhos.

— Ora diga-me o que elles estão fazendo, que eu já não enxergo nada — murmurou a velha.

— Ladislau está apanhando flores na ribanceira.

— Vê? — acudiu Brazia — que lhe disse eu? Flores são amores... E ella que faz? Não anda tambem ás flores?!

— Não, tia Brazia. Está sentada.

— A enfiar algum annel de misanga?

— Tambem não.

— Não? Então é uma ingrata. Vou ralhar com ella.

E, acercando-se com extraordinaria presteza de Peregina, disse-lhe em tom de graciosa severidade:

— Vá fazer tambem um raminho, ande, menina, e dê-o ao snr. Ladislau.

Peregrina poz a vista timida no irmão. O vigario fez um gesto de consentimento. Ergueu-se ella a colher umas enfezadas flores silvestres e inverniças que se definhavam entre os silvedos, e Brazia, ao mesmo tempo, dava umas palmadas e trejeitava uns saltinhos de cegonha, muito para riso, senão justificassem a alegria que lhe acreançava

os oitenta annos. Santa creatura para namorados era aquella Brazia! Estar ella dizendo tudo que elles queriam dizer-se; fazer-se lingua de corações á hora em que nem os proprios donos saberiam articular a linguagem d'elles; obrigar Peregrina a colher flores, quando a moça estava perguntando a si propria se parecia mal colhel-as e offerecel-as! E hão-de rir-se pessoas, que amaram ou amam, da velhinha que tudo aquillo fez com tanto sizo e proposito e angelicas intenções!

Peregrina deu as suas flores a Ladislau, e recebeu o ramilhete d'elle. Qual dos dous tinha coração mais feminil? Pelo rubor da face não havia estremal-os.

— Onde iria a tia Brazia? — perguntou o vigario, vendo-a sahir açodada e regamboleando as rebeldes pernas pela eira fóra.

Pouco se deteve a velha. Chegou esbofada. Chamou de parte Ladislau, e disse-lhe de modo que o vigario e a irmã ouviram:

— Esta argolinha de ouro deu-a seu pai á mãesinha na vespera de se casarem, e já foi de sua visavó. Aqui a tem. Vá dal-a á sua noiva, senão levo-lh'a eu.

Ladislau ficou atonito e immovel. O vigario sorriu, e disse á velha:

— Snr.ª Brazia, vm.ce está sonhando um alegre sonho. Deixe ver se o tempo, com a vontade de Deus, confirma os seus bons desejos, que serão tambem os meus.

Ladislau, como levado de insuperavel força, avisinhou-se de Peregrina, e offereceu-lhe o annel. O vigario, abalado e commovido pela acção inesperada do mancebo, tomou a mão convulsa de sua irmã, e vestiu-lhe o annel. Depois, apertando nos braços o noivo de Peregrina, exclamou.

— Pois não é um sonho?

Accudiu Brazia:

— Qual sonho? O que eu quero é os primeiros banhos apregoados no domingo; e de hoje a um mez esta menina é minha ama.

— Sua amiga,sua filha! — disse Peregrina abraçando-a.

Assim foi. Na quarta dominga seguinte receberam as bençãos estas duas creaturas preordenadas para a felicidade da terra e ceu.

Os casamentos, que Deus escolhe, são assim determinados com uma singelesa, copiada dos tempos visinhos da creação de varão e femea, como entes necessarios a si, e de repente identificados por unidade insoluvel de almas. E então era o viverem tão sós e um, como quem de uma só vida tinham de prestar contas ao juiz supremo.

A mim parece-me que o cazar-se a gente devia ser como Ladislau e Peregrina. Andar annos com o coração em ancias é desvigorisal-o para quando elle é mais necessario. Pelo ordinario, os noivos que se amam longo tempo, cazam-se quando o mais fino da sensibilidade está consumido na abstracção e na chimera.

IV

No dia immediato ao das bodas, o saudoso vigario fôra passar a tarde com sua irmã, que o viera, com o marido, esperar ao rochedo da Crasta.

Ao intardecer, quando o padre se despedia, chegou um portador da residencia com uma carta para Peregrina.

— Para mim?! — exclamou ella duvidosa.

— E letra da snr.ª D. Cristina — disse padre João.

— Ella está lá — acrescentou o portador.

— Ella quem? — acudiu Peregrina.

— A fidalga, que escreveu a carta.

— Que novidade é esta? — disse o vigario, abrindo e lendo.

— Lê alto, meu irmão! — disse Peregrina impaciente. E o padre continuou a ler mentalmente, dobrou a carta, embolçou-a na sotaina, e disse ao portador:

— Vai indo, que eu lá vou ter.

E, depois que o criado sahiu, murmurou com mui entranhada mágoa.

— Eu presagiei esta desgraça!...

— Desgraça! — exclamou Peregrina— Que é, meu João?

O padre, voltado a Ladislau, disse:

— A senhora, que escreve a minha irmã, é a filha mais nova de meu padrinho e bemfeitor. Lê tu, Ladislau, e minha irmã que ouça.

Ladislau leu:

« Peregrina. Pela carta de teu irmão ao papá
« sabiamos que te ias casar; mas não cuidei que fosse
« tão depressa. Cheguei aqui a buscar o amparo
« de teu irmão, e o teu. Felizmente estaes perto,
« e sei que vireis em meu soccorro. Eu venho fugi-
« da, e commigo vem o homem que amo, e a quem
« meu pai me negou, sem compaixão das minhas la-
« grimas. Vimos rogar a teu bom irmão que nos
« receba, e legitime a nossa união. A pobreza não
« nos aterra. Logo que estejamos casados, teremos
« força do céu para supportarmos todos os trabalhos.
« Vem, se podes, com teu irmão para me ajudares
« a vencel-o, se elle resistir ao sagrado dever de nos

« abençoar este amor, que não deve ser a nossa « perdição. Tua amiga *Christina.* »

— E vaes casal-os não é verdade? — exclamou a commovida senhora.

— Não é verdade — respondeu friamente o sacerdote.

— Como?! — tornou Peregrina — não os casas?

— Não. A filha desobediente não acha onde quer um ministro do Evangelho que lhe galardoe a rebellião contra seu pai. A lei de Deus diz: *honrarás teu pai e tua mãi*: a lei ecclesiastica diz ao cura d'almas: *não casarás a menor sem consentimento de quem a governa, ou ordem superior do teu prelado.* Eu vou sahir.

— Eu tambem vou! — disse Peregrina.

— Não vaes — replicou o vigario. Estás ao lado de teu marido, e Christina apparece-te ao lado d'um homem que... não lhe é nada.

Peregrina baixou os olhos, e Ladislau disse:

— Tu ficas; eu é que vou. Manda apparelhar a egua, que a filha do teu bemfeitor virá commigo.

A esposa lançou-se-lhe nos braços, e clamou:

— Tu vaes buscar a infeliz menina?

— Pois se ella é infeliz!.. — murmurou Ladislau.

E sahiram.

Christina estava á janella do sobrado da residencia, quando o vigario e o cunhado chegaram.

Era noite muito escura.

— Estás ahi, Peregrina? — perguntou ella.

— Não está, minha senhora — respondeu o padre — Está o marido de minha irmã.

A secura desta resposta intimidou Christina. E, receosa, voltando-se a um moço de boa presença, disse: «Enganei-me, Casimiro; o padre não nos recebe.»

O vigario entrou na saleta, seguido de Ladislau. Cortejou com mui respeitosa reverencia a filha do seu bemfeitor, e levemente o cavalheiro, a quem chamou Casimiro Bettancourt. Depois disse:

— Vi a carta, que v. exc.ª escreveu a minha irmã. Peregrina não veio, por ser inteiramente inutil a sua vinda. Eu não posso sem authorisação das authoridades canonicas e civis ligar matrimonialmente v. exc.ª com este senhor.

— Eu vinha tão confiada na sua bondade... —disse Christina, retrahindo os soluços sem reter as lagrimas.

— Em minha consciencia—tornou o vigario —digo que o mais prudente e urgente acto neste desgraçado successo é casarem-se; mas eu não posso fazel-o...

— E então — atalhou Casimiro Bettancourt —um sacerdote do Christo assim nos abandona, como quem diz: «sêde criminosos e infames á vossa vontade?»

— Não, senhor. O sacerdote de Christo faz, nestes casos, o que faria qualquer homem de boas entranhas. Irei pedir ao snr. Ruy de Nellas consentimento para salvar sua filha da continuação do crime e da infamia.

— Meu pai é inexoravel!—acudiu Christina.

—Não póde ser—disse Ladislau—Um homem, que amparou e educou dous filhos desvalidos d'um seu cazeiro, não póde ser impiedoso com sua filha. Minha senhora, peço licença para interpor o meu parecer n'uma questão em que minha mulher não é estranha, e eu tambem não pósso sêl-o. Ella não veio; mas encarregou-me de vir aqui offerecer-lhe nossa casa; e, tão certa está de que v. exc.ª nos honra em acceital-a, que já vim preparado para a conducção de v. exc.ª

— Pois hei-de eu ir!..— exclamou Christina, encarando anciada em Casimiro.

— O snr. Casimiro fica sendo meu hospede— respondeu o vigario.

— Separados!—bradou ella, rompendo contra todos os estorvos do pudor, e abraçando-se em Casimiro.

— Não!—clamou elle— Christina, sacode os teus sapatos fóra desta porta, e vamos ao nosso destino.

— O aggravo não me fere, que o não mereço, senhor!—disse placidamente o vigario— Eu convido o snr. Casimiro a ser meu hospede, em quanto se sollicita a licença do pai d'esta senhora. Se lhes é dolorosa esta separação temporaria, Deus permittirá que os retornos de contentamento a façam esquecer. Soffram alguns dias para merecerem o premio. Eu não pósso implorar o perdão para a desobediencia, allegando que os fugitivos permanecem em criminosa união. Ha o recurso da mentira; mas eu não sei mentir. Despeçam-se para um dia, que breve virá, se Deus nos ouvir. O snr. Casimiro, que me applicou as palavras de Jesus aos apostolos, mostra que lê e sabe os livros da religião. Seja, pois, religioso: peça comnosco ao Senhor que lhe despache em bem o seu requerimento.

Casimiro apertou a mão de Christina, e disse:

— Vai, e esperemos.

— E esperemos—acrescentou o padre — por que, a baldarem-se os nossos bons intentos, quem lhes ha-de empecer a reunirem-se? O mundo, quando vê dous desgraçados, deixa-os passar, e vinga-se. Se o mundo é justo, não o direi eu: vingança justa creio que não ha nenhuma ahi. O inverso da caridade é a vingança. Tenham valor, que, se o não

tem, são mais que fracos, desconfiam do poder de Deus, e da sua propria fidelidade um a outro.

— Adeus! balbuciou Cristina, suffocada de suspiros. Casimiro beijou-lhe a mão, dobrou o joelho, e disse:

— Se te fiz desgraçada, perdôa-me.

Ladislau, debulhado em lagrimas, abraçou Casimiro, e exclamou:

— Sou seu amigo! O senhor ama deveras esta menina!

— Eu sei que se amam! — disse o vigario — por isso serei parte, quanto em mim couber, na sua boa fortuna.

— E eu não?! — disse com vehemencia o de Villa Cova.

— Tu tambem, meu irmão. Ajudar-me-has com os teus conselhos, por que no teu coração tenro está a sabedoria dos virtuosos, que te educaram.

— Não fomos infelizes, Christina! — clamou Casimiro—Aqui estão comnosco duas generosas almas. Vai, minha amiga!

— Venha — disse Ladislau — que minha mulher está pedindo a Deus que vamos.

Já não choravam ao separarem-se.

Cumpre narrar, o mais breve que ser possa os antecedentes d'esta fuga.

De uma familia pobre de Pinhel sahira em 1814 um mancebo a assentar praça no regimento de cavallaria de Bragança, onde serviu até furriel. De Bragança passou para Lisboa em 1815. Aqui seguiu os postos até que fez a campanha do cerco do Porto, já major do exercito sitiante, e ahi morreu na ultima batalha. Este militar era pai de Casimiro Bettancourt.

Casimiro sabia que nascera em Lisboa em 1816, e não conhecia sua mãi. Com referencia ao

seu nascimento, apenas possuia a pagina de uma velha carteira, que dizia: «Meu filho Casimiro nas-
« ceu em 15 de janeiro de 1816; foi baptisado em
« S. Domingos de Santarem, aos 22 do mesmo
« mez. Foi creado no Cartacho, d'onde sahiu em
« 1820. Entrou no collegio dos Nobres em 1825.
« Tenho pago todas as prestações até hoje 31 de de-
« zembro de 1830.» Em nenhum outro caderno de apontamentos encontrou indicios de sua mãi; nem das muitas cartas que seu pai deixou esquecidas n'um bahu de folha, pôde colligir quaes pertencessem a sua mãi. As que tinham data eram quasi todas muito posteriores ao seu nascimento. Apenas duas assignadas com a inicial *E*, posto que sem data, queria e conjecturava elle que fossem de sua mãi: este querer fundava-se um pouco em vaidade, e muito em presagio, como depois se verá.

Morto o pai, e transvertida a ordem politica, claro é que o joven alumno do collegio dos Nobres havia de sahir entre dezeseis e dezesete annos de idade, desvalido, desconhecido, e indifferente a toda a gente. Dos sabidos amigos de seu pai uns tinham morrido, outros emigrado, e outros esmollavam.

Sabia Casimiro que seu pai nascera em Pinhel, e se correspondia com uma irmã, a largos espaços. Achou cartas assignadas por uma Marianna de Bettancourt. Escreveu, ao acaso, á senhora d'aquelle nome, ou ao nome d'aquella senhora. Responderam-lhe que sua tia tinha fallecido em 1832. A pessoa, porém, que respondia, era o viuvo, carpinteiro de seu officio, bom homem que lhe offerecia sua pobre casa, e metade de suas sopas.

Obrigado a optar entre a fome e as sopas do artista, Casimiro foi para Pinhel, auxiliado pela esmola d'um condiscipulo, filho d'um brigadeiro liberal, camarada do finado major antes de 1828.

O artista redobrou de trabalho para não obrigar o sobrinho de sua mulher a pegar da serra e da enxó. Comprava-lhe vestido á feição do que usavam os moços remediados, e esperava que seu compadre Ruy de Nellas — padrinho d'um filho que mandára para o Brazil, quinze annos antes — cedo ou tarde conseguisse algum decente emprego para Casimiro.

O fidalgo admittia á sua casa e presença o moço, em attenção ao pai, que morrera fiel á justa causa, como honrado e bravo. As filhas do fidalgo achavam-no distincto, delicado, bem fallante, e divertido, quando a tristeza, a dolorosa introversão o deixavam dissimular contentamento, que o pobre, a bem dizer, nunca sentiu deveras. Ruy de Nellas mostrava desejos de lhe abrir a carreira da independencia. Aos dezenove annos, Casimiro pensava em ser soldado; o fidalgo, porém, queria que elle fosse padre com um patrimonio fantastico, e o carpinteiro inclinava-se ao generoso parecer de seu compadre.

Sacerdote é que não! Casimiro amava Christina. Christina ia chorar com elle, e sabia em que sombras de arvores, ou margens de ribeiras o moço ia chorar.

E ella ia, tremendo de medo e paixão, e a pedir resguardo ás azas dos anjos, buscal-o onde elle estivesse. Tremia, mas não corava de pejo. As flores, que a viam, invejavam-lhe a pureza. Arquejava-lhe o seio cançado de retrahir-se: cuidava a doce creatura que o espirar alto a denunciava. Era o offegar d'aquelle seio como o da avesinha anciada, que busca, de fronde em fronde, o ninho que lhe desfizeram. De longe o antevia pelos olhos da alma. As lagrimas tem seu odor: só lh'o não pre-

sentem os que as deixam gotejar sem misericordia, sem dó.

E quem havia de ter pena do sobrinho do carpinteiro a não ser ella, que o intendera ao primeiro instante de ser amada, e ao mesmo raio ardente se queimára, e, se o timorato moço esmorecia de medo ou pejo, era ella quem o acoroçoava e levantava do seu abatimento?

Exceptuada a cumplice deste enorme crime — o enormissimo crime de erguer homem pobre olhos affectuosos á filha d'um Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo — o restante do mundo seria contra elle, se podesse adivinhal-o.

Adivinhava-o o padre João Ferreira, quando voltou de tomar as ultimas ordens. A Casimiro disse:

— Subjugue o coração em quanto é tempo. Tenha sempre deante de seus olhos os beneficios, que deve ao snr. Ruy. Recompensar-lh'os com desgostos será crueza e indignidade.

Casimiro não respondeu. O amor, aos dezoito annos, quando assim é surprehendido, não sabe mentir.

A Christina disse o padre:

— A maior prova de estima, que v. exc.ª póde dar a Casimiro, é desvial-o de si. Dos dous ha-de ser elle o mais desgraçado. Na sua idade, menina, o amor é sempre uma creancice, e como creancice se esquece, quando é contrariado; porém, a primeira affeição do moço póde ser a ultima e volver em desgraça irremediavel.

— Quem sabe? — disse Christina com pueril audacia e destemor.

— Eu não sei senão que v. exc.ª está amando um homem, que seu pai repulsará de caza, logo que desconfiar de tão estranhas intelligencias. A me-

nina será perdoada como innocente, e elle perseguido e castigado como villão. Como penso que assim vem a acontecer, entendo que o seu amor será funesto ao pobre orfão. Seria querer-lhe muito desenganal-o.

Observou padre João que as duas cegas creaturas, depois do aviso, praticavam como se, em vez da censura, recebessem louvores. Buscavam-se mais, escondiam-se mais, e, de dia para dia, pareciam ir declarando a toda a gente o seu amor, como se contassem com o apoio do fidalgo.

Ruy de Nellas chamou o padre e disse-lhe:

— O' afilhado, tú não desconfias de nada?

— A qual respeito, meu padrinho ?

— Que minha filha Christina olha o Casímiro de certo modo ?

— Póde ser que v. exc.ª se não tenha enganado. Eu supponho que se estimam; e meu padrinho não podia embaraçal-os de se estimarem.

— Essa não me parece tua ! — exclamou o fidalgo — Não posso embaraçal-os ? ! Então quem é que póde ?

— Ninguem, meu padrinho : o tempo é que corrige estes defeitos do coração humano. Deixe v. exc.ª em silencio a suspeita, que eu tomo a meu cuidado o descanso de v. exc.ª

— Nada de pannos quentes! — bradou Ruy de Nellas — Casimiro vai ser posto fóra d'esta casa, e talvez de Pinhel. E' assim que elle me paga? E'-me bem feito ! muito bem feito ! Não seja eu tolo de estar aqui de braços abertos para receber desgraçados, que a final . . .

Padre João esperou que seu padrinho desabafasse a sua ira, e disse com humilde e pacato animo :

— Eu sou um dos desgraçados que v. exc.ª re-

cebeu nos braços abertos para todos; o que eu posso dar em troca de tantos beneficios é a lealdade do meu coração, o meu parecer em coisa tão melindrosa. Se v. exc.ª perseguir Casimiro, a snr.ª D. Christina, se já o ama como creio que sim, amal-o-ha mais depois. Conheço a fundo a indole d'esta menina, e algum tanto a de Casimiro. Este moço tem espiritos de condição muito altiva, que se revoltam contra a baixeza em que o lançou a desfortuna. Por vezes me tem fallado do seu futuro com uns raptos de visionario, que me fariam rir, se me não compadecessem. Presagia-se brilhantes destinos, e esquece-se de que o honrado carpinteiro está a suar para que elle se não avilte no trabalho incompativel com as suas imaginações. Em quanto á snr.ª D. Christina, é minha opinião que esta menina desobedece ao raciocinio, e á força, se lh'a imposerem. Sabe v. exc.ª que de todas as suas filhas esta foi a mais remissa em aprender o pouco que sabe, sobejando-lhe talento para muito. Observei que uma palavra aspera m'a afugentava por oito dias, e transtornava todo o anterior aproveitamento. Argumentando d'estas coisas simples, por analogia, todas me levam a crer que o emprego de providencias energicas dará mau resultado.

— Qual?! — atalhou o fidalgo.

— Uma fuga, uma vergonha.

— Tu pensas isso, João?!

— Ousaria eu dizer a meu padrinho o contrario do que penso?!

— E os ferrolhos dos conventos para que se fizeram?

— Para as freiras estarem seguras da inviolabilidade de suas pessoas.

— E para as filhas rebeldes.

— A rebellião continua nos conventos, a re-

bellião do espirito, contra a qual não prevalecem os ferrolhos.

— Veremos.

— Seria acêrto não experimentar, meu padrinho.

— Então que queres tu que eu faça ? ! Deverei cazar minha filha com o sobrinho do carpinteiro ?

— Não, senhor. Penso que v. exc.ª, simulando inteiro desconhecimento do que se passa, deve favorecer Casimiro para que elle siga a vida militar, que deseja.

— Agora ! agora que elle ousou pôr olhos em minha filha! o ingrato ! Pois não ! Vou eu mesmo agora estabelecer-lhe mezada em Coimbra ou Lisboa para elle se formar em mathematica, e namorar-me de lá a filha! Estavam bem aviados os paes, se tivessem de mandar a Coimbra os maltrapilhos que lhes requestam as filhas! Não haveria ahi aprendiz de sapateiro, que se não fizesse galan das herdeiras ricas! Ora, snr. padre João Ferreira, outro officio ! Não sei em que livros e em que terras tu foste estudar e experimentar semelhantes desconchavos. Eu consultarei o meu travesseiro.

— Deus responda ás suas consultas, meu padrinho — disse o padre, quando o fidalgo lhe voltou as costas.

No dia seguinte, ás cinco horas da manhã, já o fidalgo estava a pé, e abria subtilmente a janella do seu quarto sobre o jardim, cujo muramento partia com a rua. Viu elle Christina sahir ao terreiro pela porta da cozinha, atravessar as aleas de amoreiras, destrancar um postigo de communicação com a estrada, e debruçar-se no peitoril. Desceu Ruy de Nellas, de manso, ao jardim, e ia já em meio, quando a filha deu tento da espionagem. Soltou um ai; mas, de turvada que ficou, nem aviso deu a Ca-

simiro. O pai apertou o passo, correu impetuosamente ao postigo, e viu o moço quieto, e sereno como se a surpreza fosse um gracejo de futuro sogro, que se entretem a fazer foscas ao futuro genro, muito do seu agrado.

Não assim Christina, que, passado o momento do spasmo, dobrou o joelho, e balbuciou:

— Meu pai, eu é que sou a culpada!

Não attendeu, nem acaso ouviu estas vozes o fidalgo. Inclinou-se á estrada, e exclamou:

— Vá lá contar a seu tio carpinteiro a maneira como vossa mercê pagou a hospitalidade, que lhe dei! E não me torne a rondar a casa, que não vá algum dos meus criados apalpar-lhe as orelhas!

Fechou-se o postigo com estrondo. Aquellas palavras continuaram a martellar nos ouvidos do moço, que levava as mãos á cabeça, como para as não ouvir. Pensou em se matar, como toda a gente, alguma vez, pensou em se matar, excepto os bons christãos, os felizes, e os tolos, que não são christãos nem felizes, nem precisam ser senão tolos para viverem e até sobreviverem a si proprios.

Caminhou ás cegas por uns trilhos de cabras, que se aplanavam n'uma chã, arborisada de sôbros, onde padre João regularmente amanhecia com os seus livros de theologia moral ou historia ecclesiastica.

Casimiro viu-o, correu a elle, e exclamou:

— Valha-nos!

O padre recebeu-o nos braços, e ouviu o acontecido.

— O remedio virá do ceu — disse elle — Não sei que lhe faça, a não querer receber-me um conselho. Espere, soffra, conforte-se, ore, e humilhe-se: não sei que mais lhe diga.

Casimiro Bettancourt, ao anoutecer d'esse dia,

adormecera com a face encostada a uma pedra: era a lethargia da fome, da fadiga, e da desesperação. Não orára.

V

Ruy de Nellas, contente do feito, mas não seguro ainda, scismava na escolha do convento em que devia encerrar Christina, quando o padre João Ferreira chegou de dizer missa. Chamado a dar seu voto, o sacerdote respondeu que obedecia, mas não aconselhava; que iria onde s. exc.ª o mandasse negociar a reclusão de D. Christina, mas declinava de si o minimo da responsabilidade em uma violencia, sobre inutil, perigosa.

Exagitado pela colera, o fidalgo foi de encontro á prudencia do padre com termos rudes; mas a humildade do paciente servo despontou-lhe as iras, e introverteu-lh'as no seio em arrependimento. Ruy quasi lhe supplicou o seu voto. Padre João repetiu o que dissera, e contou a situação em que deixara Casimiro Bettancourt. Outra vez se irou o fidalgo, ouvindo o tom lastimoso com que o padre fallava do filho do major; porém, não sabemos dizer porquê, marejaram-se-lhe de lagrimas os olhos, quando o clerigo disse:

— Agora vou ver se encontro o desgraçado ahi pela serra, que não vá elle tentar contra a vida, e, matando-se, legar a v. exc.ª uma tristeza pezada de mais para seus annos e sua nobre alma.

Sahiu o padre, e, ao anoitecer, encontrou Casimiro deitado na terra humida, com a cabeça na pedra, e o rosto chammejante de febre. Agitou-o,

ergueu-o, amparou-lhe os passos, até o trazer á estrada, e d'ahi quasi em braços a casa do carpinteiro.

Conversaram até altas horas da noite. Casimiro ouviu as ultimas palavras do padre, e disse:

— Farei a sua vontade.

A vontade de padre João era que elle sahisse de Pinhel, e fosse a Bragança assentar praça. A resistencia de Casimiro fôra pertinaz, até ao derradeiro golpe, que o padre lhe descarregou, dizendo que a demora d'elle em Pinhel seria causa á clausura de Christina. Casimiro sentou-se no catre, embebeu o suor frio da face na dobra do lençol, e exclamou:

— Irei.

E foi cinco dias depois, caminho de Bragança;mas, ao fim do primeiro dia de jornada, adoeceu perigosamente. O sangue refervido no peito, principiava a vulcanizar-lhe a cabeça. Deram-lhe uma enxerga n'uma taverna de Escalhão, e um padre, que, em virtude de o ter confessado e ungido, pôde saber que o viandante era de Pinhel, e se chamava Casimiro Bettancourt.

O carpinteiro ergueu mão do trabalho, embolçou as economias do seu mealheiro, e foi caminho de Escalhão. O anjo do amor estava á cabeceira do infermo repellindo a morte. O coração repuchára a si a onda escaldante de sangue, que banhara o cerebro, e espedaçava-se para deixar ressurgir a rasão. O artista esteve nove dias e nove noites ao lado de seu sobrinho. Quando se lhe acabaram os escassos recursos, que levára, empenhou a cruz de prata, que trazia ao peito; e pediu primeiro ao Crucificado que lhe désse a vida do sobrinho de sua mulher.

Ao decimo dia, o carpinteiro construiu uma

camilha n'um carro de lavoura, e Casimiro, convalescente, foi transportado a Pinhel.

Ruy de Nellas, e suas filhas, salvo Christina, passeavam n'uma alameda fóra da povoação, quando o carro chegou. O carpinteiro, que caminhava lentamente apoz o carro, descobriu-se, á vista do fidalgo, e disse:

— Guarde Deus a v. exc.ª, snr. compadre.

— Que levas ahi, Antonio ?—disse o fidalgo.

— E' meu sobrinho.

— Teu sobrinho ? Disseram-me que tinha ido assentar praça. Querem ver que elle foi ferido em alguma batalha ?

— O snr. compadre está a mangar com os pobres !.. respondeu o carpinteiro com um sorriso mais de pungir que propriamente a injuria.

N'este lanço, Casimiro Bettancourt affastou a ourella da manta, que formava o pavilhão do carro, pôz fóra o rosto macerado, e disse :

— Snr. Ruy de Nellas, quem me feriu na batalha foi a espada da honra. Agora vou eu travar uma batalha com o orgulho de v.exc.ª : veremos quem é o vencido.

— Ora, sôr Casimiro !—replicou o fidalgo galhofando sarcasticamente — as suas ameaças tem muita graça . . . Passe muito bem.

E proseguiu no passeio, chibatando, com ares de Tarquinio ou Pombal, as florinhas que se abriam por entre o ervaçal que arrelvava a alamêda.

— Chama lá os bois, moço ! — disse o artista ao carreiro.

Christina, encerrada voluntariamente em seu quarto, nem de suas irmãs era já bem vista. As outras senhoras, como izemptas e intactas de coração, conservavam os espiritos excelsamente afidalgados, e levavam muito a mal que sua irmã as quizesse

aquinhoar no desdouro d'um casamento desegual. O fidalgo obrigava Christina, nos primeiros dias, a tomar o seu lugar na meza commum; como visse, porém, que ella escandalisava a familia com suas lagrimas, ordenou que lhe levassem as creadas os alimentos ao quarto. E assim se finava a pobre menina, desconsolada da voz humana, e descrida da misericordia divina.

Peregrina, a sua confidente, a sua alegria, tinha ido com o irmão para S. Julião da Serra. Queria escrever-lhe ; mas que portador ousaria levarlhe a carta? Pensava em fugir para ella; mas com quem, com que recursos ? A não ser ella, quem faria chegar ás mãos de Casimiro as suas cartas, o adeus supremo de sua alma, ao arrancar da vida? Respondia-lhe o calado pavor da soledade ao afflictivo interrogatorio, em que se debatia, e já por fim, desesperava.

Havia na caza um criado moço, que Casimiro Bettancourt ensinára a lêr nas horas feriadas dos domingos. Nunca os dous namorados fiaram d'elle segredos seus; mas o muchacho, que era atravessado, adivinhava o que não via, e espreitava para examinar se tinha adivinhado.

Soube elle que o seu mestre de leituar chegára doente n'um carro, viu que o fidalgo e as meninas andavam a passeio, foi de corrida a caza, bateu de mansinho á porta do quarto de Christina, e disselhe pelo orificio da fechadura:

—Fidalga, o snr. Casimiro chegou agora doente n'um carro.

Christina espediu um grito, e abriu a porta.

— Vem cá! — disse ella ao rapasito, que se ia escapulindo — Que disseste? Viste o snr. Casimiro?

— Vi-o descer do carro nos braços do tio Antonio carpinteiro. Vem amarello como uma cidra.

— Tu és nosso amigo, José?— perguntou ella offegante.

— Sou, sim, senhora.

— Levas-lhe um bilhete?

— Dê-o cá, fidalga.

— Espera, que eu vou escrevêl-o... O melhor é tu ires esperar no pateo, que eu lanço-t'o da janella, que não vá ver-te alguem aqui no corredor.

O mocinho esperou um quarto de hora, e levou a carta a Casimiro, que respondeu logo.

Este rapaz de nove annos faz lembrar o mosquito que matou o leão, e o braço fundibulario que derribou o gigante. Ahi estão a vigilancia e omnipotencia de Ruy de Nellas Gamboa de Barbêdo, senhor solarengo mais velho da Beira Alta, anniquiladas pela intervenção do pegureiro, que o senhor feudal nunca descriminava dos carneiros que apascentava!

O effeito das primeiras cartas foi uma transfiguração maravilhosa no semblante de Christina e Casimiro. Já ella punha as mãos e ajoelhava a orar: é certo que, pelo ordinario, attribuimos ao demonio o mal acintoso, que o mundo nos faz, e agradecemos a Deus o bem casual ou intencional que nos faz o mundo. Tudo isto redunda em elogio de Deus e nosso.

Ruy entrou pensativo em casa, e dizendo entre si: «Mal fiz em a não metter no convento; mas ainda não é tarde.»

Mandou vir á sua presença os creados e creadas, excepto o José-pastor, como lhe chamavam. O rapasito ainda não gosava honras de creado apellavel para assumpto grave. Declarou o fidalgo que faria entrar n'uma cadeia o servo ou serva, que levasse ou trouxesse cartas entre sua filha e Casimiro. Os creados innocentes e impeccaveis n'esta materia—

por isso que zelavam a fidalguia de seu amo contra o plebeismo do sobrinho de mestre Antonio — juraram de espreitar os passos de Casimiro, e, em testemunho de sua probidade, offereceram-se a quebrar-lhe as costellas, sendo necessario.

Ruy de Nellas despediu-os satisfeito, e disse entre si: «Tanto faz tel-a fechada em casa, como no convento. Até me parece que está mais segura aqui».

José-pastor ouviu a creadagem na cosinha discorrer ácerca da recommendação do fidalgo, e fez que não intendia. D'ahi a pouco, andava elle no pateo a escrever com um pau carbonisado o seu nome nas lages pollidas, e de vez em quando olhava, por debaixo do avental de saragoça, contra a janella de Christina.

Viram-se. E elle escreveu a palavra *carta*, olhando de revez e indicativamente para a menina. Fez ella um gesto de intelligencia, e elle aspou a primeira palavra com os pés, e escreveu n'outra lage: *telhado*. Outro signal de comprehensão, e logo outra palavra: *torre*, e depois *trapeira*.

Queria isto dizer que elle ia ao postigo de uma especie de pombal, que lá chamavam *torre*; que lançava de lá a carta ao telhado; e que fosse Christina á trapeira superior ao seu quarto, e colhesse a carta.

A traça teve uma excellente sahida, e até sobreexcedeu o programma; porque a menina, recebendo uma, arrojou outra carta á base da torre, e o rapasinho, que era optimo volatim em esgalhos de arvores, pendurou-se pelos pés no banzo do postigo, e com um troço de aguilhada de seu uso pastoril arpoou a carta. Estas habilidades é que Casimiro Bettancourt lhe não havia ensinado com as primeiras lettras. Se a instrucção primaria lh'as desenvolveu,

isso é materia para mais dilatadas e opportunas pesquizas.

Aligeirando o alcance d'estes successos, até ao ponto em que os deixamos na vigairaria de S. Julião da Serra, direi que a fuga estava pactuada desde as primeiras cartas, que se trocaram. As apostillas subsequentes versavam sobre qual caminho e destino convinha seguir. Casimiro lembrava-se do condiscipulo de collegio a quem devia o favor de dinheiro com que jornadeára de Lisboa a Pinhel. Presumia elle que, se fugissem para Lisboa, e procurassem aquelle amigo, achariam protector para alcançar-se um emprego. Mas um fio de espada lhe cortava por alma e coração, quando a nevoa negra da pobreza se lhe punha diante da esplendida aurora do seu dia feliz. Quem lhes daria meios para caminharem até Lisboa?

Como adivinhando esta pergunta, Christina propunha que fossem a S. Julião da Serra, casassem lá, e pedissem ao padre João recursos para fugirem á perseguição, até que Deus lhes acudisse.

N'estes dias revesados de alegrias e amarguras, para elles, que já tinham aprasado o da fugida, o carpinteiro recebeu carta do filho, estabelecido no Brazil, e o primeiro donativo de dinheiro. Quando Casimiro viu ouro em mãos de seu tio, apertou o artista ao seio, e disse-lhe com os olhos cheios de esperança e lagrimas:

— Empreste-me parte d'esse dinheiro, que é o preço da minha felicidade.

— Se é o preço da tua felicidade, ahi o tens todo — respondeu o carpinteiro, lançando as peças sobre a meza.

— Menos de metade me basta— replicou Bettancourt.

— Pois toma d'ahi o que quizeres; mas conta-me o que vaes fazer.

Casimiro, temeroso da probidade de seu tio, nunca lhe havia revelado o plano do rapto. Justo temor era o seu. Mestre Antonio, bem que estomagado das soberbas de seu compadre, não consentiria que seu sobrinho o vingasse por semelhante meio. A ida de seu filho para o Brazil devia-se em parte á generosidade do padrinho, que lhe déra enxoval e algum do dinheiro da passagem. O mesmo fidalgo o ajudára a comprar o fato de Casimiro, sem querer que o moço soubesse a obrigação em que ficava. Mestre Antonio, além d'isto, reprovava o ousío de seu sobrinho em inquietar uma menina talhada para marido de outra linhagem e fortuna. Não dominava ainda n'aquella epocha a aristocracia das artes, que hoje se incha com uns descomedimentos de orgulho, que se prevalecem propriamente sobre os da aristocracia de nascimento; de modo que a gente sisuda lastíma que o artista não seja bem creado para sustentar o seu real valor, sem andar, a todas as horas, de arremettida contra as distincções herdadas. Agora, importuna a philaucia do artista; logo, anoja a humilhação a que se desce. Cingindo-me ao ponto: Casimiro reteve ainda o seu segredo, sophismando-o d'est'arte:

— Eu vou continuar em Coimbra ou Lisboa o meu curso de mathematicas para seguir a vida militar mais vantajosamente. Bem sei que este dinheiro a pouco chega; mas espero achar, sem baixeza, recursos em mim proprio para me alimentar. Ensinarei particularmente o que sei, e com o pequeno salario me irei remindo.

— Se é isso Casimiro — redarguiu mestre Antonio—leva o dinheiro todo, que eu tanto faço com elle como sem elle. Assim como assim, duzentos mil

réis não me quitam de trabalhar! Gosto bem de te ver botado ao caminho da vida. Vai, moço; que o mundo é p'ros homens. Teu pai sahiu d'aqui com duas camizas n'uma trouxa, sentou praça, e morreu major na flor da idade: teria quarenta annos. Se não morre, e o seu partido vinga, podia acabar general. Tira-te d'aqui d'esta aldeia, homem! Tu tens lá umas ideias que precisam de terras grandes. Vai-te á vida, que eu cá estou com o meu pouco para te accudir nas necessidades. Logo que teu primo mande mais dinheiro, lá irá ter onde estiveres. Se um dia tiveres de teu, e eu já não poder com o machado, então me irás pagando como poderes.

Casimiro debulhava-se em lagrimas, abraçado ao carpinteiro, que embebia as suas no canhão da jaqueta de saragoça remendada nos cotovellos. Aquella jaqueta deshonrar-se-ia grandemente se a pozessem á beira de muitas fardas batidas a ouro e coalhadas de veneras!

Era como picar de remorso o doer-se de Casimiro. Mentir assim áquelle velho tão bom, tão franco, tão desprendido, e tão pobre!

Não importa! A sua paixão absolve-o já; o homem honrado e illudido absolvel-o-ha depois.

Tinha, pois, Casimiro dinheiro para a fuga; d'isto avisou Christina; a menina, porém, instava pelo casamento em S. Julião da Serra, e o moço, de vontade e coração, condescendia, e desejava-o assim tão abrasadamente como ella.

Ruy de Nellas encontrou o carpinteiro, e não lhe fallou, nem respondeu á saudação com um gesto sequer.

— Porque está de mal commigo, snr. compadre?! — perguntou o operario, com magoada submissão.

— Porque és um ingrato! — bradou o fidalgo.

— Ingrato, senhor! Nemja isso! Deus me não ajude, se eu sou ingrato a v. exc.ª!

— Tens ahi teu sobrinho, que deu um pontapé no seu bemfeitor, e causou a desgraça de minha filha, e a tristeza de minha casa!

— Meu sobrinho, snr. compadre, fez mal; é verdade; mas o mal está remediado. Meu sobrinho vai-se embora por estes dias. Vai para Lisboa continuar os seus estudos. Leva duzentos mil réis que eu recebi do meu filho e afilhado de v. exc.ª, e por lá ficará até se fazer homem como meu cunhado.

Ruy de Nellas deu um grande suspiro de desabafo, e disse:

— Fallas-me a verdade?

— Como quem se confessa, fidalgo.

— Então, compadre, o dito por não dito. Se eu soubesse que elle estava ainda em tua casa, por falta de meios, o dinheiro davo-t'o eu, sem elle o saber. Quando é que vai?

— Estão-se fazendo umas camisas, e, o mais tardar, no fim da semana, vai com Deus.

N'este dia á noute, Ruy disse a uma das filhas:

— Vai ao quarto de tua irmã, e diz-lhe com bons modos que venha tomar chá comnosco. A tempestade está a passar; é preciso que a trateis, como d'antes, d'aqui por diante.

Christina, maravilhada da brandura de sua irmã, desceu á sala, e beijou a mão paternal, que se lhe offerecia, com affavel sorriso.

Tomou chá, trocou leves palavras com suas irmãs, e volveu ao seu quarto, onde desvelou a noute, scismando na transfiguração de seu pai.

A horas de almoço, passou Ruy de Nellas no corredor contiguo ao quarto de Christina, e disse-lhe tocando na porta:

— Vai o almoço para a meza, menina.

Christina estremeceu, e sumiu entre os cobertores a carta, que estava escrevendo, cujo periodo mais importante era assim :

« . . . . . . Como penso que terei liberdade de « descer ao jardim ao fim da tarde, sahirei pela por- « ta da quinta, que abre para a estrada. Se me en- « ganar, então ámanhã te avisarei. . . . .

. . . .

Não se enganára.

O caricioso pai sahiu com ella e suas irmãs a passear depois de almoço. Animou-a, depois de jantar, brindando-a com um vestido de tafetá azul para a festa dos annos da morgada. Ao fim da tarde viram-na sahir ao jardim, e a mais abelhuda das irmãs disse :

— Papá, olhe que a Christina vai só...

— Deixal-a ir. Coitada ! o inverno já lhe desfolhou as rosas que ella ha um mez ainda regava!.. Vai ver as suas plantas... Pobre filha, que pena me faz vêl-a tão abatida ! . .

Christina demorava-se. E o vento assobiava, impellindo contra a janella borrifos de chuva.

— Vossa irmã já está no seu quarto?! Vão ver.

As meninas alvoraçadas vieram dizer que no quarto não estava ella nem a capa.

— Pois não viram que ella sahiu de capa ao jardim ? — reflectiu o pai — Vamos ao jardim, que ella deve lá estar abrigada da chuva... ou (ajuntou elle no silencio de seu coração) escondida a chorar... pobre menina !. .

Espreitaram todos os escuros do arvoredo, chamando-a a brados. O fidalgo, esporeado por diabolica suspeita, correu á porta de carro, e achou-a aberta.

— Fugiu ! — exclamou elle — Os criados que

saiham todos por essas estradas, e... que o matem!

E os criados sahiram todos na ideia... de o matarem!

Até o José-pastor lá ia na chusma, clamando que queria tambem matar o ladrão da fidalga, e teimava que via as pegadas da menina lá por uns caminhos onde ninguem via cousa nenhuma!

A essas horas, Christina e Casimiro transmontavam o cabeço da primeira serra, que descia para umas gargantas intransitaveis.

Na ante-vespera, palmilhara Casimiro o terreno menos trilhado, e orientara-se cabalmente da direcção que devia seguir até assomar á serra visinha de S. Julião.

VI

Os servos iam e vinham nas estradas reaes, nos atalhos, nos mais desfrequentados caminhos. Ninguem déra noticia dos fugitivos, excepto um guardador de cabras, o qual disséra ter visto, n'uma chã, passarem um senhor, vestido á cidade, e uma senhora assim a modo de fidalga, e depois os vira entrar á estrada de Trancoso. Estas novas quem as colheu foi o José-pastor, o velhaco! Elle não viu guardador nenhum de cabras: inventou-o, sem que ninguem lhe encommendasse a fabula. O que elle queria era attrahir as pesquizas para o lado opposto de S. Julião da Serra. Serviçal até alli!

Quando, ao quarto dia de baldadas buscas, os criados mais pimpões se abalaram para Trancoso armados até aos dentes, Ruy de Nellas foi procura-

do por sujeito desconhecido. Entrado á presença do fidalgo, e interrogado sobre quem era, disse:

— Sou um lavrador da freguezia de S. Julião da Serra.

— Onde está vigario meu afilhado padre João Ferreira?

— Sim, senhor.

— Como está elle?

— Doente de cama.

— Coitado! E Peregrina? Conhece a irmã do vigario?

— E' minha mulher.

— Ah! sim? quanto estimo! Já cá sabiamos que ella casára bem.

— Estimo-a muito, que é digna d'isso.

— E vm.ce creio que é lavrador abastado...

— Graças a Deus, tenho mais que o necessario.

— Queira sentar-se. Esqueceu-me de o mandar sentar, com a satisfação de ver o marido da nossa Peregrina... *Satisfação*, digo eu!.. Vão por cá muitissimas afflicções, senhor... como é a sua graça?

— Ladislau, criado de v. exc.ª

— Muitas afflicções, snr. Ladislau! Cahiu em minha casa um raio!.. Deus... não sei que mal lhe fiz! Eu, que faço o bem que posso, que dou tudo quanto me sobeja aos pobres, que eduquei minhas filhas na religião de meus avós, estou aqui esmagado por uma vergonha, que me está cavando a cova!.. Quando ha sete annos me morreu minha mulher, pedi a Deus a morte: oxalá que elle me tivesse ouvido!.. Logo, em seguida, morreu o meu unico filho varão. Resisti ainda. Depois vi cahir o Senhor D. Miguel do throno á miseria da proscripção, e fiquei ainda em pé. Agora... agora... esta punhalada corta-me o ultimo fio! Nos tres in-

fortunios passados, o Senhor Deus dos afflictos collocou a meu lado um dos seus apostolos, que me amparou, e me fechou as chagas com o balsamo da religião. Era um frade da sua freguezia, creio eu. Fr. Braz Militão do convento de Vinhaes. Morreu o santo, que passou tres noutes á cabeceira do meu leito, quando enviuvei. Elle tinha experimentado a minha dor, porque vestira o habito de frade mendicante, quando Deus lhe chamou sua mulher...

— Esse frade era meu pai — disse Ladislau.

— Seu pai! — exclamou o fidalgo, erguendo-se a abraçal-o — Pois o marido de Peregrina é filho d'aquelle predestinado, a quem eu recorro ainda nas minhas angustias?

— E eu recorrerei tambem para que meu bom pai alcance do Senhor o socego de v. exc.ª

— Desculpe-me, que eu estou todo absorvido pela minha magua! Ainda não fiz senão carpir-me; porém, o snr. Ladislau calculará, quando for pai, a natureza da minha dor... Que motivo o traz a esta casa?

— O seu infortunio, snr. Ruy.

— Pois sabia que minha filha fugiu? Já lá chegou a noticia? Foi sua mulher que o mandou saber a atroz verdade? E' certo, é horrivelmente certo que essa desgraçada fugiu ha cinco dias, e todas as diligencias em procural-a com o infame raptor se tem baldado!

— A snr.ª D. Christina está em minha casa — atalhou Ladislau.

Ruy de Nellas aproximou-se, quasi rosto a rosto, de Ladislau, e exclamou:

— Que diz?! em sua casa? com elle?

— Não, snr. Ruy. Em casa do filho de fr. Braz Militão não se agasalham amantes fugitivos, salvo se elles forem tão desgraçados que não tenham

pão nem tecto. Em minha casa está unicamente a filha de v. exc.ª; em casa do vigario está Casimiro de Bettancourt.

— E meu afilhado — interrompeu iroso o fidalgo — consente que se recolha em sua casa o roubador de minha filha, da filha de Ruy de Nellas, a quem elle deve tudo o que é?!

— Lamento, — disse Ladislau — que meu cunhado aqui não esteja para dignamente responder a v. exc.ª Eu não tenho a virtude nem as expressões santas, persuasivas, e affectuosas do afilhado de v. exc.ª. Estou aqui, porque a doença ha tres dias o tem a elle na cama: apressei-me a vir para que o padre, despresando a enfermidade, não viesse por este mau tempo arriscar a vida. As intenções, todavia, de meu cunhado, acolhendo em sua casa Casimiro Bettancourt, são obvias e justas. Os dous, desgraçados pela cegueira do amor, foram pedir ao sacerdote a benção matrimonial; o sacerdote não podia abençoal-os sem consentimento de v. exc.ª, e não podia tambem abandonal-os sem faltar á caridade que professa, á sua propria consciencia, e ao que deve ao snr. Ruy de Nellas. Abrir mão d'elles, na situação em que os viu, o mesmo seria declarar-lhes que não ha divina nem humana misericordia. Elles iriam porta fóra desconfiados da virtude do ministro de Deus, em que tinham posto sua esperança, e julgar-se-iam desquites de serem ou procurarem ser virtuosos...

— Bem! — atalhou Ruy — a que vem o senhor?

— Implorar a v. exc.ª consentimento...

— Para se casarem?

— Sim, senhor.

— Sabe o que pede? o snr. Ladislau sabe o que pede? — bradou o fidalgo com os olhos afusilando ira e gestos descompostos.

— Sei que peço, segundo meu cunhado diz, o unico remedio a tal desgraça.

— Seu cunhado é um parvo! — rebradou o velho, batendo rijamente com o punho fechado sobre a meza — Repito : seu cunhado é um parvo, e não tem desculpa nenhuma, porque sabe quem é o pai de Christina, e quem são os parentes d'esse ninguem que roubou minha filha. Não lhe disse elle que Casimiro é sobrinho d'um carpinteiro?

— Sim, senhor, disse.

— E então? Parece-lhe que é bem arranjado o casamento do sobrinho do carpinteiro com a filha de Ruy de Nellas? Responda!.. Que pena eu tenho que, em lugar do senhor, não estivesse ahi o padre, a ver o que me respondia!..

— Parece-me que o padre responderia a v. exc.ª que a snr.ª D. Christina...

— Diga, diga!

— Casada com o sobrinho do carpinteiro está mais honrada que na situação em que se acha agora.

— Quer isso dizer que da parte do mariola é muito grande favor casar-me com a filha!?

— Não, snr. Ruy; eu não quiz dizer semelhante cousa; não vim aqui offender v. exc.ª

— Pois então?.. A vontade do meu amigo padre (replicou o fidalgo, sorrindo á palavra *amigo*) é que eu admitta em minha casa os noivos?

— Não lhe ouvi isso. O que elle unicamente pede é a certeza de que v. exc.ª lhe levará a bem que elle os case, embora o seu consentimento não seja escripto.

— Prohibo-o expressamente de os casar, sob pena de eu o fazer sahir da igreja, e metter em processo!

— Que quer, por tanto, v. exc.ª que faça sua filha? — redarguiu Ladislau com os olhos humi-

dos de lagrimas de desanimação — Que ha-de ella fazer?

— Entrar n'um convento, chorar o seu crime, e morrer lá, é o que eu quero. A elle hei-de perseguil-o até ao inferno! hei-de mettêl-o n'uma masmorra, e impontal-o para as Pedras-negras.

Ladislau recolheu-se breves instantes, e sahiu de si, dizendo com grande impeto de pranto:

— Se aqui estivesse frei Braz de Villa-Cova, que diria, n'este ponto, o bom christão a v. exc.ª? Eu creio, senhor, que meu pai diria: « Perdão, e misericordia. A neta dos reis de Judá, Maria, mãi de Jesus, foi eleita pelo Eterno esposa d'um operario: era carpinteiro o pai putativo do Redemptor dos homens. »

— Não me pregue sermões! — interrompeu Ruy de Nellas, cujas convicções, no tocante ao casamento da Virgem Maria, eram muito pela rama. O fidalgo acreditava que uma sua tia freira bernarda em Lisboa tinha oração infusa, e, em seus extasis, se erguia sobre a terra quatro covados; acreditava que S. Thiago e S. Jorge vieram em pessoa combater e vencer pelos portuguezes; acreditava outro sim que a morte e vinda de D. Sebastião era por ora cousa duvidosa, porém o casamento da filha dos reis de Israel com um carpinteiro custava-lhe a tragar!

— Não me pregue sermões! — dissera, pois, Ruy de Nellas, e proseguiu: — Seu pai, se aqui estivesse, iria, sem que eu lh'o pedisse, procurar essa mulher perdida, e convertêl-a a Deus, levando-a a um convento, e obrigando-a a ver bem a sua vergonha para que nunca mais se amostrasse a olhos do mundo. Seu pai, snr. Ladislau, de certo me não viria dizer que premiasse a desobediencia de minha filha, e a petulancia do farropilha, que m'a roubou,

casando-os. Boa maneira de os castigar, não tem duvida nenhuma! O resultado de tão funesto exemplo seria as outras minhas filhas fugirem-me com os miseraveis que as seduzissem! Se a religião mandasse ou aconselhasse tal, ai da ordem social, que então direitos de pai e obediencia de filhas tudo andaria transtornado! Não, senhor! frei Braz Militão não podia, de modo nenhum, ser o patrono de tamanho crime!

— Que quer, pois, v. exc.ª que se faça?— disse Ladislau com os olhos já enchutos, e um tom de voz, que denotava outra condição de espirito.

— Já disse, ella, convento; elle, se poder fugir, que me fuja; mas já e depressa, quando não a justiça fila-o.

— Creio que a snr.ª D. Christina não entrará em convento, nem Casimiro fugirá sem ella.

— Veremos! Eu vou mandar homens a S. Julião da Serra!

— Fará v. exc.ª mal. Na minha terra nunca entraram homens de braço armado, excepto os francezes, que incendiaram as casas por não encontrarem alguem. As nossas defezas e resguardo são as serras. Eu conduzirei a filha de v. exc.ª onde não possa a violencia alcançal-a. Ella fiou-se em mim, acceitou a minha casa, hei-de defendel-a. A não poder vêl-a esposa do homem que ama, não serei eu que vá perfidamente arrancal-a ao seu destino, bom ou mau, Deus sabe qual será. Calar-me seria uma perfidia. Volto, pois, com o coração de lucto, e direi a meu cunhado que v. exc.ª lhe prohibe remediar a desventura da snr.ª D. Christina.

— Mas diga-me cá! — acudiu de golpe o velho — Se eu consentisse no casamento, que se seguia? Minha filha voltava a Pinhel com o marido?

— Não, senhor.

— Pois então?

— Lá sabem o seu intento. A Pinhel não voltarão.

— Mas quem os sustenta, depois?

— Serei eu, se elles quizerem.

— Bello começo de vida! Vai viver minha filha ás sopas da...

Conteve-se Ruy; mas Ladislau, adivinhando-o concluiu a phrase:

— A's sopas da serva de v. exc.ª... Minha mulher tanto se considera ainda uma creada de v. exc.ª que recebe como a maior das honras ter á sua meza a snr.ª D. Christina, e servil-a como creada.

— Perdôe-me, atalhou Ruy commovido, perdôe-me, que a minha dôr faz-me mau; que eu não o sou, meu amigo! Sua mulher nunca foi minha creada. Sentei-a á minha meza, e vestia como minhas filhas. Nunca me arrependi, e queria não me arrepender nunca. Faça o snr. com que ella resolva Christina a esquecer esse homem, e a fazer-me a vontade. Póde ser que o tempo venha a gastar o odio, que tenho a essa perdida, e a tire do convento. E' o maior serviço, que podem fazer-lhe, dissuadil-a. Façam com que Casimiro saia de Portugal: que vá para o Brazil ou para o inferno, que eu não lhe faço mal. Tenho dito, snr. Ladislau, a este respeito.

— Minha mulher não ousa dar taes conselhos á snr.ª D. Christina, nem eu a minha mulher. Em fim, snr. Ruy, ouça v. exc.ª o que eu vou fazer. Acompanharei sua filha ao lugar onde a encontrei; lá, onde a espera Casimiro Bettancourt, direi a ambos: «Fiz o que pude, pedi com lagrimas, pedi com razões: tudo se mallogrou. Agora, se meu cunhado os não quer ou não póde casar, sigam sua vida, vão mostrar-se por esse mundo deshonrados, e digam que, se a deshonra os affasta das pessoas de bem, é

E declinou a prática sobre trivialidades, até horas de jantar.

D. Alexandre, academico do primeiro anno na Universidade, tinha visto sua prima na feira de Vizeu, um anno antes. Escrevera-lhe, mediante os bons officios de sua tia D. Beatriz de Albuquerque. Não respondera Christina senão termos agradecidos á escolha, posto que incondescendentes. Assim mesmo, D. Alexandre de Aguilar recalcitrou, sem melhor exito. D. Sueiro, porém, tomou a peito levar a noiva ao irmão.

Contou-se o incidente que prende com o porvir d'esta historia.

VII

O apparecimento de Ladislau Tiberio no alto da serra, que se arqueia sobre a casa de Villa Cova, foi saudado com o agitar de dous lenços brancos. O moço, segundo convenção feita, apeou, cortou uma haste de castanheiro, arvor[illegible] n'ella o seu lenço, e floreando-o de cima da cavalgadura, deu-se pressa na descida.

Quando tal viram, Christina, a rir e a chorar, lançou-se aos braços de Peregrina, e foram ambas ajoelhar diante do oratorio. Como a alegria as não deixava exprimir palavra, era-lhes preciso fallar em silencio com Deus.

Meia hora depois, entrava no quinteiro Ladislau, e as duas senhoras, arrebatadas como se a boa nova igualmente as deliciasse ambas, correram a ouvir a confirmação do que disséra a bandeira branca.

*

— E' certo? — exclamou Christina.

— E' certo, minha senhora.

— Deixa-me ir um criado a S. Juião dar parte a Casimiro ? — tornou ella.

— Vamos logo todos ; mas, se v. exc.ª quer, mande o criado já.

— Então não : vamos todos . . . quero eu darlhe a nova. E meu pai está bom? e minhas irmãs?

— Não vi suas irmãs ; seu pai está inquieto ; mas, como tem bom coração, Deus o socegará.

Abraçaram-se outra vez as duas amigas, e Ladislau, entre risonho e lagrimoso, gosava o não menor quinhão de sua alegria.

Fez-se logo noute, e esperaram que nascesse a lua para sahirem ao ingreme e despedrado caminho da igreja.

Por volta das dez horas, chegaram á lapa da Crasta, no viso da serra interposta, e lobrigaram um vulto.

— E' elle ! — exclamou Christina, lançando-se da egua — E' meu marido !

Casimiro Bettancourt correu ao encontro d'ella, e murmurou :

— Que dizes, Christina ?

— O pai consentiu ! — disse ella abafada pela commoção.

E Casimiro, desprendendo-se dos braços de Christina, foi cingir com o peito o sereno Ladislau, que ficara segurando as redeas da egua.

— Meu salvador ! — exclamou o moço.

— Seu amigo, como amigo de todos os infelizes que amam ! — disse Ladislau, e ajuntou logo :

— O senhor que está aqui é que meu cunhado melhorou.

— O snr. vigario veio confessar um moribundo na aldeia, que está ao fundo da serra, e eu, com

licença d'elle, vim até aqui para ver o fumo da casa de Villa Cova.

— Bem! — tornou Ladislau— Vamos.

— Eu vou a pé — disse Christina — dá-me o teu braço, Casimiro.

— A'manhã — atalhou Ladislau— ámanhã se encostará ao braço de seu marido, minha senhora.

Christina córou; e Casimiro tomou as redeas da egua para ella saltar ao albardão.

Ouviu-se um prolongado assobio como o dos caçadores em montados: era o vigario que chamava o hospede. Casimiro respondeu, e Peregrina, puchando do peito, quanto pôde, a voz, gritou:

— Cá vamos todos;

E, como todos rissem do agudissimo falsete da jubilosa Peregrina, o vigario percebeu logo a impaciente felicidade, que não pôde esperar pelo dia seguinte.

E subiu a ladeira até encontrar o grupo.

— Abençoou Deus a tua resolução, já vejo!— disse padre João Ferreira ao cunhado.

—Abençoou: pódes tu abençoal-os, meu irmão.

E os dous ficaram alguns passos atraz, para irem conversando sobre os successos de Pinhel, e os futuros, em que os noivos não pensavam, nem era generoso dizerem-lh'os.

Ninguem dormiu, n'aquella noite, na residencia de S. Julião. O vigario sahiu, antemanhã, a sollicitar licença do arcipreste para casar os contrahentes sob sua responsabilidade sem o previo pregão de banhos. Obtida, voltou á egreja, e ouviu de confissão os desposados; e, em seguida á ceremonia da communhão, ligou-os, abençoou-os, e disse-lhes:

— Ficam sendo os dous uma só alma para as alegrias e para as provações. Deus voltará a sua face divina d'aquelle dos dous que attribuir ao ou-

tro o seu infortunio; e nós, os amigos de ambos, verteremos lagrimas de sangue se os virmos infelizes, infelizes á mingua de conformidade e fortaleza. Deus os tenha de sua mão.

Celebrado o matrimonio, almoçaram na residencia, e sahiram para Villa-Cova, onde Brazia, azafamada com o jantar, e duplamente ditosa com o segundo casamento, dava ares de não ter o miolo fixo, no diser dos outros creados.

A felicidade deste dia não tem historia; ou, se a tem, conte-a o leitor que a experimentou. Mas o meu leitor, casado por paixão, precisamente foi obrigado a attender aos comprimentos de amigos e parentes, uns a louvarem-lhe a noiva, outros a louvarem-n'o a si, uns a brindarem-n'o com vinho, outros a perguntarem-lhe pelo dote da mulher: barafunda esta que o não deixou sentir a sua felicidade.

Ora, na casa de Villa-Cova, á mesa nupcial, além dos noivos, estavam o vigario, os donos da casa, o carpinteiro de Pinhel, e a velha Brazia. Os noivos repetiram em miudos a historia dos seus amores, os medos, as tristezas, os jubilos, o intenderem-se com a linguagem pactuada das flores. N'este ponto, Brazia ria muito e dizia que os namorados eram o peccado. As espertezas de José-pastor foram contadas por Christina com amostras do bem que queria ao rapasinho. Pediu ella ao marido que se não esquecesse nunca do muito que lhe deviam, e lembrou-se de o mandar estudar para padre se algum dia fosse remediada de bens de fortuna.

— Ha-de sahir bom padre! — atalhou a ridentissima velha — Se assim souber espreitar as ciladas do cão tinhoso muitas almas hade ganhar p'ra Deus!

Com estas e outras festejadas palestras passaram o dia. Ao escurecer, tornou o vigario á sua

igreja, com promessa de voltar no dia seguinte, a fim de se conversarem cousas muito importantes.

E nós vamos já ao ponto destas conversações decorridas á sombra d'uns altos castanheiros, que pareciam ter alli ficado da idade de ouro para darem testemunho de um feito d'outras eras.

— Diz tu o que tens a dizer, Ladislau — estas palavras proferiu o vigario, logo que as duas senhoras se assentaram na grossa raiz d'um castanheiro, e Casimiro á beira d'ellas.

Ladislau voltou-se para seu cunhado e disse:

— Porque não has de ser tu?

— Quem melhor exprime a idéa é quem dignamente a concebeu.

— Pois fallarei — tornou o moço; deteve-se breve espaço, e disse : o snr. Casimiro Bettancourt recebeu educação e tem espiritos que não são para vida aldean, e d'esta aldeia a mais desacompanhada e triste que ser póde. Isto é bom para mim, que nasci cá, e por todas essas pedras e arvores tenho cobrado um affecto de solitario, que todo outro viver se me affigura intoleravel. Que fará o snr. Casimiro, passados estes primeiros dias, em tal solidão? Perguntará a si mesmo : « Que faço eu aqui? Em que empregarei as minhas forças? Porque molde talharei o meu futuro? » Quando assim se interrogar, a resposta será uma melancolica indecisão, com vêr cerrados os caminhos para onde o animo o impelle. Vamos vêr se podemos abril-os para pouparmos o nosso Casimiro á desconsolação de cruzar os braços, e dizer: «não sei!» O nosso amigo contou-me que, no collegio, estudava mathematicas, para o fim de seguir a carreira das armas.

— E' verdade — disse Casimiro.

— Pergunto eu se lhe agrada recomeçar ou continuar os seus estudos, e ser militar.

— Desejava-o, tenho-o desejado sempre; mas a vida militar desprotegida é má; e, nas minhas circumstancias, o estudar era e é impossivel.

— Não é. O meu amigo assenta praça, e requer licença para estudar em Lisboa, Porto, ou Coimbra. Tenho estas informações de meu cunhado. Eu offereço-lhe os meios precisos para se alimentar com sua senhora em qualquer das cidades que escolher, e assim se habilita para alguma vez me pagar o adiantamento, que fôr preciso.

— Mas o meu dote... — interrompeu Christina, com fidalgo animo.

— Não se falla no seu dote — retorquiu Ladislau — O snr. Ruy de Nellas deu o consentimento; mas não dá dote.

— O dote de minha mãi... — tornou ella.

— V. exc.ª não pede dote nenhum: eu disse a seu pai que a sustentação de sua filha e marido não corriam á obrigação d'elle. Está desobrigado o snr. Ruy de Nellas. Em resumo, o snr. Casimiro quer ser homem, quer a sua independencia, quer empregar dignamente as faculdades, que Deus não dá para ocios ou desperdicios. Resolve-se a abraçar a minha lembrança?

— De toda a vontade, e com o mais reconhecido coração. Diz-me uma voz intima que eu poderei desempenhar-me.

— Tambem a mim m'o diz.

— Desempenham-se todos os que trabalham — ajuntou o vigario — O principal estimulo que o snr. Casimiro leva para o seu engrandecimento é querer mostrar a seu sôgro que se fez homem.

— Quem me faz homem é este anjo! — exclamou Casimiro, abraçando o marido de Peregrina, a qual já estava chorando, quer fosse a proxima au-

zencia de Christina, quer o enthusiasmo da boa acção de seu marido a enternecesse a lagrimas.

Volvidos quinze dias, iam sahir de Villa Cova os noivos com destino a Coimbra. Ao despedirem-se, como Ladislau levasse á mala de Casimiro o dinheiro contado para as despezas do primeiro trimestre, o hospede acudiu dizendo que tinha intactos os duzentos mil reis, que seu tio lhe dera. Mestre Antonio que fôra assistir á despedida do sobrinho, resistiu ás instancias de Ladislau, não querendo reembolsar o dinheiro, e levou a sua liberalidade ao ponto de offerecer á esposa de seu sobrinho uns brincos de ouro, que elle chamava *cabaças*, os quaes tinham sido de sua mulher. Liberalidade, dissemos; e, com tudo, o valor real do presente orçava por dezeseis tostões! Assim era que elle amava muito aquella memoria, e o desprender-se d'ella foi o mais que podia fazer a sublime rudeza do coração do operario! Dera a sorrir os duzentos mil réis, e foi, ás escondidas, enchugar as lagrimas, quando se viu privado das arrecadas de sua mulher! O' santos corações do povo! mas do povo das montanhas, direi; do povo, que ainda não sahiu á praça vociferando que é rei porque é povo!

Christina tirou das orelhas uns brincos de preço, que usava em casa de seu pai, e adornou-se com os modestos, que lhe dera o artista; depois, voltando-se a Peregrina, disse-lhe:

— Acceitas uma lembrança da tua amiga pobre, da amiga que vai subsistir dos teus beneficios? E, tomando-lhe a cabeça contra o seio, obrigou-a suavemente a receber os seus brincos, e beijou-a em ambas as faces.

— Acceita, Peregrina— disse Ladislau— que a tua senhora e amiga vai mais enfeitada com a dadiva do pobre.

Partiram, acompanhadas até grande distancia pelo vigario, irmã, Ladislau e Brazia. Mestre Antonio não houveram rasões que o demovessem de ir a pé ao lado de Christina, até ao Porto.

Como pernoitassem n'uma estalagem da aldeia de Pena-verde, encontraram um feitor da casa de Ruy de Nellas, acompanhando duas cargas de bahus. O feitor, pasmado do encontro, não atinava a decidir-se se devia cumprimentar ou desprezar a filha de seu amo. A menina, porém, que se não julgava despresivel, perguntou ao seu antigo creado donde vinham aquelles bahus.

— Do Porto — disse breve e seccamente o conductor.

— Que levam?

— O enxoval da snr.ª morgada.

— Pois a mana Guiomar casa?

— Casa á vontade de seu pai — tornou o feitor, carregando de censura as palavras, e collocando-se de esguelha.

Casimiro Bettancourt, que presenceara o dialogo, desceu ao pateo da estalagem, onde estava o feitor; travou-lhe das lapelas da jaqueta, e disse:

— Olha de frente para a filha de teu amo, e responde-lhe.

— Já respondi — disse o homem um pouquinho inquieto da segurança da sua pessoa.

Casimiro perguntou á sobresaltada senhora o que queria ella saber do seu creado.

— Nada... — balbuciou Christina, temerosa do resultado.

— Descobre-te — disse elle ao criado.

O feitor tirou o chapéu com as mãos ambas.

— Diz áquella senhora com quem casa tua ama, e responde ao mais que ella te perguntar.

— Casa com o snr. D. Sueiro, de Miranda,

que a foi pedir, e tambem ia pedir a snr.ª D. Christina para o snr. D. Alexandre.

— Deixa-o, deixa-o! — disse Christina.

— Levas as duas orelhas — ajuntou Casimiro, largando-o — porque és creado do snr. Ruy de Nellas. Tu consideras menos a filha de teu amo do que eu os seus lacaios.

E, tornando ao quarto de Christina, disse-lhe risonho:

— Que excellente casamento te fiz perder!... D. Alexandre de Aguilar Vito de Alarcão Parma d'Eça!

— Pois sim, disse ella muito de riso e mimo, mas se tornas a assustar-me, arrependo-me de não ter respondido ás cartas do idiota Alexandrinho... que vamos encontrar em Coimbra... Não sabes que elle está em Coimbra?

— Sabia, e então? Dar-se-ha caso que a vergontea ostro-goda me queira cahir sobre as costas? E' preciso temer os Vito Alarcões!... Deus nos defenda!

Festejou ella muito os tregeitos de medo comico com que Casimiro abrenunciou o rival temeroso, e não pensaram mais n'isso.

Tomou o estudante uma casa menos de modesta, fóra de portas, em Santo Antonio dos Olivaes. Em redor da casa fechava-se o arvoredo de alamos, platanos e choupos. A mobilia era rigorosamente academica: as conhecidas cadeiras como inventadas para descadeirar os occupantes; a meza de pinho pintado de verde; a tarima de espaldar de taboado com silvas de flores amarellas, imaginarias, impossiveis. Tudo isto, porém, e o restante, que pouco mais era, limpo, repintado, e lustroso alegrava a casinha. Depois era no mez de abril, o abril de Coimbra, regorgeado de aves, arrelvado

de boninas, copado de sombras, e harmonioso de murmurios. E, depois, o amor, a paz, o descanço de tamanhas batalhas, aformosentavam a vivenda de Santo Antonio dos Olivaes, o amor, por sobre tudo, alindava, encantava, e vestia da innocencia e das alfaias do eden aquelle silencioso abrigo de duas almas fugidas ao mundo, e recolhidas em si e em Deus.

Principiou Casimiro a recordar os seus passados estudos, emquanto corria aquelle anno lectivo, para no immediato se matricular. Raras vezes ia á cidade dar conta ao leccionista dos seus estudos preparatorios. Como o tempo lhe sobejava, lia ou ouvia ler Christina, que dava aos livros unicamente as horas feriadas das suas occupações domesticas. Raro dia, deixavam de escrever algumas linhas a Ladislau e Peregrina, dizendo aquelles nadas que são um nunca findar entre pessoas que se presam.

Desceram, uma tarde de junho, ao Mondego, e subiram á beira da margem esquerda. Paravam a intervallos para ouvirem o rumoroso suspirar da folhagem, e o soido da lympha sobre que os salgueiros se dobravam a remirar-se no espelho limpido.

Christina inclinou a face ao seio de seu esposo, e murmurou tão de leve, que parecia afinar a voz pelo som d'aquellas harpas eolias da ramagem:

— Como somos felizes, ó Casimiro!..

— E eu cuidava que não havia felicidade n'este mundo! disse elle, comprimindo-lhe a face com a mão tremente de meiguice.

— Como não ha-de havel-a para os que amam o Senhor, e não fazem mal ao seu semelhante!

— Eu devia esperar este bem, Christina; porque fui muito desgraçado... Não fui?

— Eras... mas, desde que eu te amei...

— Fui muito mais desgraçado, filha... Então é que eu me vi pobre, desvalido, sem pai, sem

mãi... Que palavra, Christina!.. MÃI!.. Nunca os meus labios proferiram esta palavra no seio de uma mulher! Nunca, nem na minha desamparada orphandade, correu para mim uma mulher chamando-me filho!.. Como pude eu ser privado das caricias de minha mãi!? Como pôde ella abandonar-me, e esquecer-me!? Por que não disse meu pai se ella era morta?!..

— Ahi estás tu a entristecer-te! — atalhou a esposa — Não quero!.. Vem cá! Olha, Casimiro, eu chamo-te filho, filho de minha alma, do meu coração: Amo-te mais que todas as mãis! Se alguma vez chorares, eu te consolarei com um carinho, que as mães não sabem. Defenderte-hei com mais coragem que ella. Morrerei por amor de ti, porque és tudo que eu tenho. Se Deus me der filhos, heide amal-os menos que a ti, meu mado esposo!... Vês-me tu a mim triste por ter deixado pai e irmãs?.. E' verdade que meu pai aborrecia-me e minhas irmãs desprezavam-me mas por amor de ti, Casimiro, por amor de eu te querer dar esta felicidade...

Perdôa-me! — disse elle, beijando-a com estremecimento — Não me lembres o que soffreste, que eu cuidarei que me argues de ingrato. Olha que a minha tristeza é suavissima, ó minha filha. Lembrou-me meu pai, e os seus ultimos affagos; tive saudades de minha mãi, que nunca vi; são uns desejos, que parecem vaticinio de que hei-de ainda encontral-a. Vê tu que loucura, que poesia! E' este sitio, estas arvores, e a serenidade do céu que me fazem scismar assim... As pessoas, que tem a sua alegria circumscripta ao curto espaço da sua casa, não devem vir meditar nos lugares em que o espirito carece de voar ás raias do infinito. A tristesa está n'ellas, filha. O espirito retrahe-se sobre si mesmo,

e doe-se da sua fraqueza. O que é ver ir aquella ave pelo azul do céu fóra, e dizer: «onde irás tu ?» E' desejo de romper esta rede de ferro que nos cerca, rasgar os fechados horisontes da alma, e sondar em que mundo irei com o teu espirito perpetuar a minha existencia. E a devanear n'isto, accordam-se na alma todos os enlevos e saudades... Então vejo a sombra de minha mãi, o aspecto nobre de meu pai, a passarem, a fugirem, como sonhos. Ditoso é o meu accordar, porque te encontro, ó anjo da minha vida!..

E, dizendo, abraçou-a soffregamente, e bebeu-lhe as lagrimas, exclamando:

— E' assim que minha mãi devia chorar, quando me lançou de si!..

— Mas eu—exclamou Christina—aperto-te ao meu coração, filho!

VIII

Temos de voltar a Pinhel.

D. Sueiro de Aguilar pediu instantemente que se mandasse buscar á Guarda sua prima Christina. Tergiversou, em quanto pôde, Ruy de Nellas; porém, quando o fidalgo de Miranda annunciou que iria pessoalmente buscal-a, o velho, entre lagrimas e gemidos, declarou tudo.

— E não está ainda morto o villão? — perguntou D. Sueiro, concluida a narrativa.

— Morto, não: nem sei onde está.

— E póde meu tio Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo consentir que viva o cão immundo! Um

Gamboa deixar viver o raptor de sua filha! — replicou D. Sueiro.

— Que hei-de eu fazer-lhe agora? ! é marido d'ella!..

— Antes viuva, antes perdida, antes morta!.. Que ouvi eu! Christina, amada por Alexandre de Aguilar, requestada e pedida, acha-se casada com um sobrinho de carpinteiro! O' tio! esta vergonha é insanavel!.. Quem dirá que minha bisavó foi casada com o primo carnal d'um avô de v. exc.ª!?.. Sinto, sinto amargamente dizer-lhe que não posso ser cunhado do sobrinho do carpinteiro!

— Paciencia...—murmurou Ruy — Deus me leve depressa. Estou farto das affrontas dos nobres e dos plebeus. Elle roubou-me a filha, e tu Sueiro, injurias a minha dôr! Que hei-de eu fazer?

— Esmagar o verme!

— Valha-te Deus! não se esmagam assim homens! Os tempos são outros, meu sobrinho. A plebe agora tem a força, e nós temos o direito.

— E a força! Vá lá um plebeu requestar irmã minha!.. Não verá mais sol nem lua! Juro-lh'o sobre...

D. Sueiro, como não visse á mão sobre que jurar, calou-se, e expediu um grunhido, como usam os bravos, que parecem tirar a valentia da garganta. E proseguiu:

— Já estarão casados?

— De certo estão ha tres dias.

— V. exc.ª deu o consentimento?

— Nem dei, nem deixei de dar... Callei-me, farto de ouvir as lastimas d'um bom moço, que aqui veio...

— E houve sacerdote indigno que os recebesse sem licença legal e canonicamente escripta?

— O sacerdote é meu afilhado, ordenado á

minha custa, nomeado por minha intervenção na igreja onde se receberam.

— Pasmo!.. pois... ó sacrilegio da amisade! ó crime inaudito! Padre João, aquelle sarrafaçal de padre, ousou sanctificar e legalisar o opprobrio da familia que lhe deu o pão, a sotaina, e a igreja! Qual vingança ha ahi de tamanho crime!

Andava D. Sueiro de um lado a outro da sala, sacudindo os braços, em mental soliloquio. Rui amparara a cabeça entre as mãos, pozera os cotovellos no peitoril da janella, e olhava, sem o ver, para um macisso de murtas do jardim. As apostrophes irrisorias do sobrinho callaram-lhe no animo, a ponto de o irarem contra o vigario de S. Julião. Monologando comsigo, dizia:

— D. Sueiro tem razão. O padre, devendo ser o primeiro a embaraçar o casamento, não só m'o mandou aconselhar como necessario, mas ainda por cima me pediu e instou licença para casal-os. A ingratidão é flagrante! O villão bandeou-se com o outro da sua estôfa. São uns pelos outros estes filhos do nada! Se elle me fosse grato, restituia-me a minha filha, e affugentava o raptor. Longe d'isso, agasalhou-o, sustentou-o, e recebeu-o como se eu lh'o recommendasse!.. Tem razão D. Sueiro! O padre merece castigo! Não basta expulsal-o eu para sempre de minha casa; hei-de reduzil-o a viver da esmola da missa, se não poder caçar-lhe o exercicio das ordens.

E continuou em voz alta:

— Dizes bem, meu sobrinho: o padre é um refalsado ingrato! Ha-de ser punido.

— E o troca-tintas?

— Casimiro?

— Sim, o pêrro, o sobrinho do carpinteiro?

— Já te disse que é tarde para o mandar castigar.

— Deixe-m'o por minha conta, tio Ruy. V. exc.ª não tem filho que lhe vingue as cans; mas aqui está o braço indomavel de seu sobrinho.

— Não approvo — disse o velho — Estão casados. Já me não poupo á vergonha de receber em minha casa a viuva do homem abjecto. E' tarde para remedio. O sangue já não lava a nodoa.

— Nodoa eterna! — acrescentou D. Sueiro de Aguilar.

— Seja o que Deus quizer! — Está visto que regeitas a esposa, que pediste, meu sobrinho. Ficaremos em paz; eu com ella, e tu com a tua dignidade limpa. Mas olha que és injusto! Minha filha Guiomar está innocente no delicto de Christina. Faz o que quizeres. Escolhe-a mais rica; mais fidalga difficilmente a acharás em Portugal.

— Sei que é minha prima! — disse modestissimamente o fidalgo de Miranda, e ficou ali, por não ter mais que dizer a tal respeito. Uma prima dos Alarcões Parmas d'Eça não podia ser mais nada em materia genealogica. A D. Guiomar, porém, entre as qualidades dignas de seu primo, sobravalhe a de ser tôla, com uns longes de idiota.

O ajuntarem-se estes dous era predestinação, não direi do alto para declinar a influencia divina de sobre as parvoiçadas que se fazem n'este globo; mas, predestinação, isso era, se alguma ha n'esta cousa de encontros e desencontros, que os poetas mirificamente explicam.

E tanto assim era que, n'aquelle mesmo dia, D. Sueiro, vindo de passeio com D. Guiomar, affectuosamente disse ao tio que, apezar de tudo, seria seu genro, com a resalva de em sua casa nunca mais se proferir o nome de Christina.

Concordes n'isto, afanaram-se logo em aviar os preparativos. D. Sueiro d'Aguilar foi dispor suas cousas em Miranda, e Ruy de Nellas enviou ao Porto o feitor á compra do precioso enxoval.

Natural seria que o velho, contente e distrahido, perdoasse ao vigario de S. Julião, ou esfriasse no ardor vingativo até esquecer o ingrato, e desprezal-o fidalgamente.

Assim não foi. A natureza vai tão fabricada que já me quer parecer que andamos a chamar natureza a tudo que é arte: arte, digo eu, synonimo de manha, ardil, malicia, e obra de satanaz.

Escreveu Ruy de Nellas ao seu procurador na Guarda, accusando o vigario de S. Julião da Serra. Foi padre João chamado á camara ecclesiastica para responder sobre o casamento irregular de Casimiro Bettancourt e D. Christina de Nellas. Ingenuamente relatou o vigario que os casara com a licença vocal do pai da contrahente. Redarguiram-lhe que era apocrifa a licença, e d'ali sem averiguações o suspenderam do exercicio parochial.

Padre João, antes de recolher á vigairaria para fazer entrega dos livros á posse do novo pastor, foi a Pinhel, e serenamente bateu ao portão do fidalgo.

Os creados receberam-o com má sombra, e um foi avisar o amo, e voltou dizendo:

— O fidalgo não lhe falla. Vá-se o snr. padre em paz, que o amo, se o vê, vai-lhe ao espinhaço.

— Diga ao snr. Ruy de Nellas que seu afilhado vem pedir-lhe perdão, e explicar o seu procedimento.

O servo, vencido pela humildade, voltou ao amo, e trouxe esta resposta:

— Que lhe não perdôa, nem quer ouvir explicações.

— Um de vm.ces — replicou o manso vencedor

do Evangelho — faz-me o favor de lhe entregar uma carta?

— Entrego eu, disseram quasi todos.

— Volto já.

Sahiu o padre a escrever na primeira tenda que se lhe prestou. Dizia assim a carta:

« Meu bom padrinho consentiu verbalmente que eu casasse a snr.ª D. Christina com Casimiro?

« Consentiu.

« Meu padrinho requereu a suspensão das minhas funcções parochiaes, allegando a irregularidade d'aquelle casamento?

« Requereu.

« Devia fazel-o?

« Cito perante Deus a consciencia de meu padrinho.

« Se procedi mal, peço perdão. Se procedi bem, Deus me ampare. De v. exc.ª afilhado, capellão e servo.

João.»

Ruy leu a carta com arremesso, e releu-a com brandura. A sua consciencia estava deante de Deus. O juiz era inexoravel, e o velho supersticioso, talvez. Tremia, e queria fugir de si proprio. Carregava-lhe no peito a mão ferrea da justiça divina, e abafava-o. Ruy chamou o creado, e mandou entrar o padre. O padre, porém, entregára a carta, e sahira caminho de Villa Cova.

Deixemos o delinquente a revolver-se no inferno que se abriu com a mão iniqua, e sigamos o homem de animo inteiro, o humilde triumphante.

Chegou a Villa Cova, de rosto alegre, e disse:

— Certamente, Ladislau, não te enganaste

com as palavras de meu padrinho, respeito ao casamento da filha?

— Não me enganei; foram estas: *casem; mas que eu os não veja mais*. Por que m'o perguntas?

— Fui suspenso de vigario, a requerimento do snr. Ruy de Nellas.

— Mas estás em paz comtigo e com os teus deveres.

— Estou.

— Então descança na tua casa, meu irmão. Fica ao pé de tua irmã. Villa Cova, sem padre, está como viuva saudosa e inconsolavel. Os teus parochianos já te amavam: paga-lhes o amor ficando entre elles. Virá outro vigario enviado do governo; e tu serás o enviado de Deus. Ambos são necessarios, e tu para mim, e em minha casa, és o cumulo de felicidade.

— Ficarei e trabalharei — respondeu padre João.

No dia seguinte, chegou á residencia de S. Julião da Serra outro pastor. D'ahi a curto espaço, estava o adro a trasbordar de povo. A noticia chegou aos campos, e os agricultores ergueram mão da sáfra, e accorreram ao presbyterio.

Feita a entrega de livros e utensilios da igreja, padre João sahiu ao adro, e disse:

— « Meus amigos, como no pouco tempo, que vos parochiei, não houve espaço de mostrar meus vicios, saio de entre vós sem vos deixar má nota, escandalo, ou desamor. Como fostes rebanho de um pastor santo, que me antecedeu, achei-vos doceis, bons, e virtuosos. Edifiquei-me entre vós, e aprendi a crer na influencia de um bom parocho. Creio que a vontade do Altissimo é que os vossos pastores no futuro não destruam as obras boas dos passados. Elles semearam: vós sois o fructo, e de vós hão-de

frutear muitas gerações. E, por isso, é fé minha que o vigario novo terá o espirito dos antigos. Sêde com elle o que fostes commigo. Ficai com Deus.

Os ouvintes abraçaram-o em tropel, debulhados em lagrimas; e elle, ensopando com as suas a manga da batina, encostou-se ao hombro de Ladislau, e caminhou para Villa-Cova.

A' mesma hora, Ruy de Nellas, humilhado pela consciencia na batalha com o orgulho, escrevia ao procurador, mandando-o que fosse ao paço episcopal e encarecidamente sollicitasse o pôr pedra sobre o processo contra o padre vigario de S. Julião da Serra, e levantar-se a suspensão. E desculpava a mudança de seu animo, com ter-se lembrado que déra verbalmente a licença, e o padre, em virtude d'isso, procedera regularmente. Encarecia em termos afflictos os seus escrupulos e remorsos, pedindo a maxima brevidade no levantamento da suspensão, e retirada do novo vigario.

Ora vejam que alavanca de ferro, a prostrar um soberbo, foi a humillima carta de padre João! Estas victorias dá-as o Evangelho; e as insignes são estas. Que é vencer Cezar a Pompeu, ou Scipião a Annibal? Que é Roma armada avassallar o mundo? Que é Napoleão devastando reinos e homens á frente de milhões de escravos? Dobrar o orgulho d'um homem, quando se lhe pede perdão d'um inventado aggravo, isso sim é que é vencer. Qual philosopho, antes do divino Christo, ensinou a citar ao tribunal do juiz supremo a consciencia d'um mau, e fazêl-o ahi accusar-se, condemnar-se, e reparar o ruim feito, a affronta, a injustiça?

Alguns dias passados, padre João Ferreira era restituido á posse da igreja, visto que ulteriores informações abonaram a regularidade do matrimonio accusado individamente.

O povo da freguezia exorbitou da sua costumada prudencia, saltando por cima das admonendas do seu vigario. Os mais enthusiastas fizeram fogueiras como em noute de S. João, e correram a freguezia com esturdias instrumentaes, e foguetes de lagrimas. Cotizaram-se seis lavradores abastados para celebrarem o successo, n'um aprasado domingo, mandando fabricar um balão na Guarda, e comprar na botica os ingredientes para a ascenção, com grande copia de girandolas e quantas invenções pyrothechnicas se achassem na Guarda e Vizeu a fóra a musica de Pinhel. O vigario empenhou rogos e authoridade em demovêl-os; porém, como os visse inquebraveis no intento, chamou elle artificiosamente a si o dinheiro destinado ás festivas despezas, obrigando-se a fiscalisal-o do melhor modo.

Chegou o domingo aprasado. Logo de madrugada os lavradores foram á residencia do vigario a tomar conta dos objectos, que deviam ter chegado no sabbado. Padre João mostrou-lhes uma arca de pinho, e disse:

— O balão, que ha-de chegar ao céu, já ali está n'aquella arca.

Os lavradores quizeram vêl-o; mas o padre differiu para as onze horas desencaixotar o balão, que havia de chegar ao céu.

— E os foguetes? —perguntaram elles.

— Tambem chegam logo, e hão-de ser todos de lagrimas.

— E a musica?

— Vem tambem; e ha-de ser musica de anjos.

Os parochianos encararam-se mutuamente, e murmuraram:

— Aqui anda marosca!..

No fim da missa do dia, por volta de onze horas, o vigario assomou no arco da igreja, tirou de

entre os colchetes da batina um papel, onde eram inscriptos os nomes de doze velhos pobres e doentes da freguezia. A' proporção que os ia chamando, os velhinhos sahiam de entre a multidão, e collocavam-se em frente do vigario.

Chamado o duodecimo, que subiu amparado por dous netos, o padre mandou conduzir da sachristia para o arco da igreja a arca de pinho, que os lavradores tinham visto na casa parochial. Abriu elle a caixa, e foi tirando e repartindo por cada um dos doze pobres uma roupa inteira de pantalona, colete, e véstia de saragoça. Os velhos recebiam com mãos tremulas a esmola, e murmuravam palavras de benção, e alimpavam os olhos turvos de lagrimas para verem o seu remedio do proximo inverno. Finda a repartição, o vigario, procurando com os olhos os lavradores cotisados para a funcção, disse-lhes:

— Aqui está, meus amigos, o balão que chega ao céu; alli tendes no rosto d'aquelles anciãos invalidos e doentes as lagrimas, que são lagrimas de graças ao Senhor e de gratidão a vós. Haveis de confessar que as lagrimas dos foguetes são menos brilhantes e consoladoras. Emquanto á musica, dir-vos-hei, meus bons amigos, que os anjos do céu assistem com as suas musicas a esta vossa festa. Se fiscalizei mal os vossos trinta e seis mil réis, accuzai-me para eu vol-os repôr.

Disse, e logo um, e todos os lavradores lhe foram beijar a mão; e os pobres, a não serem retirados brandamente, iriam beijar-lhe os pés.

Ao meio dia em ponto, no sobrado da residencia, estava posta uma meza com treze pratos. Na cabeceira sentou-se o vigario, e os doze pobres, já lavados e vestidos, lateralmente. O jantar viera cosinhado de Villa Cova: o bodo aos pobresinhos fôra devoção de Peregrina.

Ladislau e sua mulher serviram os convivas, um de cada lado, já partindo em pequeninos bocados a ração de cada pobre, já ministrando-os á bocca do mais intrevado que senão servia de suas mãos.

Em redor da meza, de pé, silenciosos, e como arrobados n'aquelle espectaculo santo, estavam os principaes lavradores da freguezia. Por vezes, uma ou outra voz, mal desabafada das lagrimas, murmurava:

— Louvado seja o Senhor!

E, cada lavrador enchugava os seus olhos.

Concluido o jantar, ergueu-se o sacerdote, e deu graças a Deus, em voz alta; e, ao sahir da meza, proferiu estas palavras:

— Louvemos o Altissimo por que nos deu coração para sentirmos as alegrias da caridade. Esta virtude, que commove até aos prantos consoladores é a sombra dos contentamentos da bemaventurança. Meus amigos, a vossa festa acabou; mas eu espero em Deus que haveis de vel-a continuada no céu.

IX

Decorreram dez mezes sem successo digno de menção, a não ser o nascimento do primogenito dos bem-aventurados de Villa Cova. Recebeu na pia baptismal o nome de seu avô, sob cuja egide os paes o offereceram. Foi padrinho o vigario, e madrinha D. Christina, representada pela velha Brazia, a creada octogenaria, que já não morre sem o contentamento de pôr as mãos no neto do santo, que ella conhecêra creança. E, com este espiritual paren-

tesco, pagou Ladislau os setenta annos de companhia da sua serva.

Casimiro Bettancourt cursava o primeiro anno mathematico, e era furriel de infanteria. Continuava a viver retirado da mocidade, excepto d'aquelles que o procuravam como auxiliador na interpretação de suas lições.

Um d'estes disse-lhe, uma vez, que, no curso de leis, andava um rapaz provinciano, que detrahia publicamente Casimiro Bettancourt.

—Que diz elle de mim?—perguntou Casimiro.

— Miserias...

— Que são miserias?

— Diz que tu és sobrinho de um carpinteiro.

— Isso é verdade: sobrinho de um honrado carpinteiro. Que mais diz? Vamos ás *miserias*...

— Que roubaste a senhora com quem és casado.

— Tambem é verdade. Fugimos para nos casarmos. Que mais?

— Diz que pagaste assim indignamente os beneficios, que devias ao pai d'ella.

— Não procedi bem; mas todo o homem de coração me ha-de absolver. Como não a amei nem a raptei por ella ser rica, e não vivo nem pertendo viver do patrimonio d'ella, a minha dignidade é invulneravel.

— Isso não diz elle... mas eu ainda te não disse quem elle é...

— Já sei: é D. Alexandre de Aguilar Vito de Alarcão Parma d'Eça.

— E' isso.

— Que diz elle em contrário do que eu digo?

— Que tu vives do producto das joias, que tua senhora subtrahiu ao pai.

— Mente! — disse serenamente Casimiro, e

acrescentou : — Não quero ouvir mais. Ouviram-lh'o muitas testemunhas ?

— No botiquim da Rua-larga. Eramos mais de vinte rapazes, e passavas tu n'essa occasião.

— Se desejas servir-me...

— Se desejo !.. Quebro-lhe a cara, se isso te apraz.

— Não, meu amigo. Eu sou um homem como elle. O que eu te peço é que tomes nota das pessoas, que ouviram a calumnia, para mais tarde pedires a presença d'ellas.

— Facilmente: eu te digo os nomes... Eram...

— Escuso. Basta que tu os saibas. São horas de estudarmos a lição.

E abancaram, tranquillamente.

Volvidos oito dias, Casimiro Bettancourt disse ao condiscipulo:

— A'manhã é sabbado. Peço-te que reunas ás seis horas da tarde, no botiquim da Rua-larga, os teus amigos, caso aconteça lá ir D. Alexandre de Aguilar.

— Vai sempre : das oito horas em diante está embriagado.

— Com tanto que não o esteja ás seis...

— Isso é raro. Quando o está ás seis, é porque já se tinha embriagado ás tres.

— Optimo ! Espera-me lá.

Este dialogo correu na alamêda fronteira á casa. O academico escondia-se de sua mulher.

No seguinte dia, disse Casimiro a Christina :

— Depois de jantar, vou ver um condiscipulo doente. E' a primeira tarde que passas sem mim, filha.

— E' verdade !..

— Mas não hasde soffrer, não? A saudade é uma companhia.

— Dizes-me isso com ar tão triste, Casimiro!

— E' a saudade, minha querida!

— Pois não vás.

— Prometti ir; mandei-lhe dizer que ia...

— Deixa-me ver os teus olhos... — exclamou ella aproximando-se de golpe.

— Que tem os meus olhos?!

— Lagrimas! tu choras, Casimiro!

— Não...

— Um segredo! um segredo para a tua Christina!

— Serei eu um fraco! — disse elle como a si proprio, imaginando-se sósinho.

— Fraco por chorar? Se não tens razão, és... mas tu, Casimiro, nunca assim te vi!... Não sahirás hoje mais... juro-t'o.

— Não jures, filha, que hei-de sahir...

— E dizes-m'o assim com esse imperio!?...

— E' a honra...

— A honra!.. Tu não vaes ver um condiscipulo doente.

— Não. Menti-te, Christina. Perdôa-me.

— Pois que é? — atalhou ella sobresaltada.

Casimiro relatou exactamente o facto descripto, mostrou umas cartas recem-chegadas de Villa Cova, e perguntou:

— Devo ir, Christina?

— Vai! — exclamou ella — Vai, já que eu sou mulher!

E momentos depois, porque era mulher, abraçou-se n'elle, e soluçou:

— O' Casimiro!..

— Quê, filha?

— Sê prudente, sim?

— Recommendas-m'o a mim?! Não viste que eu soffri oito dias, callado, a affronta!?

*

E desprendeu-se dos braços d'ella.

Entrou no botiquim da Rua-larga, com tão pacato semblante, como se ali não fosse para mais que aligeirar as horas felizes da mocidade.

Os que o conheciam encararam em D. Alexandre de Aguilar.

O fidalgo de Miranda não conhecia Casimiro. Viu aquelle sugeito fardado de infanteria 6, e disse:

— Isto é já botiquim de soldados?

— E' um academico: o primeiro premiado de mathematica.

— E' aquelle — ajuntou outro — de quem tu contaste as proezas casamenteiras.

— Ah! o sobrinho do mestre Antonio? lá me quiz parecer que devia ser furriel.

Isto fôra dito, muito á puridade, aos circumstantes, que não se riram.

O amigo de Casimiro aproximou-se da meza, e disse-lhe:

— Estão todos.

D. Alexandre como visse esta aproximação, ponderou:

— Elles conhecem-se?!.. Quem é este academico, que lhe falla? este que chamam Vilhena?

— E' filho segundo de uma casa distincta de Braga.

— Cuidei que fosse filho primeiro de algum chapeleiro de Braga...

Casimiro pagou a chavena do café, ergueu-se e foi a passo mezurado á banca de D. Alexandre.

O fidalgo encarou n'elle, e logo nos circumstantes, como quem diz: «que quer o tolo?!»

E os academicos, que formavam cerco á meza, abriram fileiras ao lado, arrastando os bancos.

Bettancourt fez um gesto cortez aos rapazes, e disse:

— O snr. D. Alexandre de Aguilar conhece-me?

— Se o conheço...

Casimiro fez um gesto de cabeça affirmativo.

— Conheço-o de o ver agora ahi, e dizerem-me quem o snr. era.

— Que sabe o snr. da minha vida? — tornou Casimiro.

— Que sei da sua vida?!

— Dispensamos o ecco, snr. D. Alexandre. Quem pergunta sou eu. Que sabe da minha vida?

— E se eu lhe disser que não lhe dou satisfações? Agora sou eu quem pergunta.

— Respondo-lhe que o snr. é um infame, e depois arranco-lhe a lingua.

O fidalgo Alarcão Parma d'Eça ia a dizer o quer que era, e engasgou-se.

Casimiro Bettancourt continuou no mesmo tom de serena conversação:

— Disse v. exc.ª que eu era sobrinho de um carpinteiro. Disse a verdade. Que eu raptara uma senhora, cujo marido sou. E' certo. Ajuntou que eu estava vivendo das joias, que minha mulher roubára a seu pai. Mentiu. Vejo que esta palavra não inquieta grandemente o sangue azul de v. exc.ª. Ainda assim, eu quero imaginar que o snr. D. Alexandre me pede provas da sua aleivosia.

Tirou Casimiro do bolço interno da fardêta duas cartas. Abriu a primeira, lançou-a sobre a meza, e disse:

— Conhece essa lettra?

— Conheço — respondeu D. Alexandre — é de meu tio Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo.

— Pai de minha mulher — ajuntou Casimiro, voltando-se aos academicos circumpostos; e, fallando para elles, continuou:

— Como eu soubesse que o snr. D. Alexandre me alcunhava de receptador dos furtos de minha mulher, escrevi a um homem de bem, pedindo-lhe que se apresentasse ao snr. Ruy de Nellas, meu sogro, perguntando-lhe se sua filha, no acto da fuga, subtrahira da casa algum objecto de valor, e o declarasse por escripto. Esta segunda carta é a resposta da pessoa encarregada; e diz: «O correio só « dá tempo a dizer-lhe eu que o snr. Ruy de Nellas, « apenas me ouviu, escreveu a declaração, que « contheuda remetto, e mostrou-se espantado de que « a calumnia propale o que elle nunca disse, e de o « não ter dito m'o jurou pela alma de sua mulher e « honra de suas filhas. Sem mais. Seu amigo, *P.* « *João Ferreira.* »

— Leia agora o snr. D. Alexandre a declaração de seu tio.

— Leia-a o senhor! —bradou com grande esforço de falsa coragem o calumniador esmagado.

— Leia! — tornou Casimiro com um lançar de olhos fulminante.

O fidalgo tomou o papel nas mãos convulsas, e deixou-o logo cahir.

— A covardia cega-o! —disse Casimiro sorrindo — Algum dos cavalheiros tem a bondade de ler?

O mais chegado de D. Alexandre leu o seguinte:

« Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo, de Pi« nhel, declaro que minha filha Christina Elisia« ria não subtrahiu de minha casa valor algum, nem « os seus proprios vestidos e adresses, quando fu« giu para casar-se com Casimiro Bettancourt. E « por isto ser verdade, mui espontaneamente, e com « juramento aos santos Evangelhos o declaro agora « e sempre. Pinhel 22 de abril de 1839 — *Ruy de* « *Nellas*, etc. »

— Está reconhecida a assignatura— disse Casimiro.

— Está — respondeu o estudante, que lera — E quando não estivesse, já o sobrinho a tinha reconhecido.

— Isso não valia nada — tornou o furriel — Nenhum dos cavalheiros prestaria fé ao reconhecimento do snr. D. Alexandre de Aguilar. Declare, pois, o snr. D. Alexandre que mentiu infamissimamente, e offereça a cara para que todos lhe cuspam n'ella.

O fidalgo ergueu-se, e bramiu:

— O senhor!..

— Que mais?... — perguntou Casimiro.

— Insulta-me?

— Não. Obrigo-o a sentar-se, que me incommodavel-o de pé.

E, dizendo, baixou-lhe no alto da cabeça uma palmada, que effectivamente o fez apoiar-se sobre as ilhargas.

E, voltando-se com rosto faceto aos academicos, disse:

— O espectaculo foi feio, que o miseravel não dá sequer um soffrivel truão com medo. Agradeço a attenção dos cavalheiros, mórmente com o sobrinho de um carpinteiro, que, por não ser nobre, tem vontade de ser honrado.

Sahiu do botiquim acompanhado de quasi todos os estudantes. Os poucos, que ficaram, como petrificados, por não saberem que dizer a D. Alexandre de Aguilar Vito de Alarcão Parma d'Eça, retiraram-se cabisbaixos.

Casimiro estugou o passo, caminho de Santo Antonio dos Olivaes, e encontrou a esposa anciada, fóra de casa.

Contou-lhe, sem fatuidade, o essencial do acon-

tecido, e reservou o facto da monumental palmada na cabeça. O delicado moço julgou melindrar sua mulher, dizendo-lhe que castigára com a mão um seu parente.

Foi o successo estrondosamente contado e applaudido em Coimbra, tanto porque era de razão applaudil-o, como por ser n'um tempo em que a mocidade academica, popular e burgueza na maxima parte, desadorava os fidalgos castellãos, e não perdia lanço de os metter a riso.

D. Alexandre, no dia seguinte, foi para Miranda, em busca de remanso e solidão para pensar na vingança, vingança de covarde, que não podia já ser de outra natureza.

Vamos no rasto d'este reptil.

O extraordinario da chegada do estudante, quando as aulas estavam abertas e os actos não começados, devia ser de algum modo explicado a D. Sueiro e á parentella alvorotada. Contou elle que tinha tosse; e o caso foi que tossiu. O medico da casa apalpou-o, auscultou-o, e decidiu-se pela tosse, em concordancia com a faculdade medica de Coimbra, que mandára a ares patrios o mancebo, ameaçado de cousa séria. Em verdade, a pertinacia da embriaguez reduzira D. Alexandre a um viver morboso, asthenico, e analogo ao do ethico; e já não admira que a palmada capital do sadio Casimiro o fizesse sentar.

Suppunha D. Sueiro que o casamento de Christina era muita parte na doença do irmão, e curava de remediar o mal de amor com os amores novos da cunhada, que tinha em casa, galante menina, Mafalda de nome. Era a vigessima nona Mafalda n'aquella familia de Pinhel, entrando n'este numero a santa infanta Mafalda, fundadora do mosteiro de Arouca, irmã de D. Affonso II, que tambem

demico brioso, a quem, no anno anterior, insultára. E accrescentava: *O tal militar é avezado a fugas: uma vez fugiu com a filha d'um nobilissimo cavalheiro, onde seu tio carpinteirava; agora fugiu com as costellas incolumes, por que o tio carpinteiro não sabe endireitar costellas quebradas.*

O jornal appareceu em Villa Cova subscriptado a Casimiro de Bettancourt.

Casimiro leu a correspondencia em voz alta.

E Ladislau perguntou:

— Que é isso?

— E' um jornal—disse o vigario.

— Uma gazeta? — reperguntou Ladislau.

— Sim.

— Mas... (desculpem a minha ignorancia...) como se faz isso?..

— Isso que, meu irmão?

— Como se estampam esses insultos?

— Estampam-se.

— Então... — estou confuso, e vejo que me não percebem... — as gazetas servem de insultar? quem quer infamar alguem vai a casa do homem, que tem esse modo de vida, e diz-lhe: «imprima lá esse insulto» é isto?

— E' isso — illucidou o padre — com o accrescento de que o dono do jornal recebe tanto por linha do insulto publicado.

Ladislau ergueu-se com nunca visto impeto de furia, e exclamou:

— Então isso é infame! e a civilisação que isso consente é a barbaria, é o escarneo de Deus e das leis de nosso paiz!

Casimiro sorriu, e disse:

— A indignação de meu compadre tem graça!.. A que distancia este bom rapaz vive do mundo culto! Quer elle, talvez, que a civilisação esteja

em Villa Cova, e a barbaria em casa do jornalista!.. A gazeta, meu querido amigo, tem outra face, que o snr. vigario lhe não mostrou, e é que, se eu quizer insultar d'aqui D. Alexandre de Aguilar, o mesmo dono da gazeta me vende o espaço do seu papel, e imprime o meu insulto; e, no dia seguinte, vende o mesmo espaço para o louvor de D. Alexandre e meu. O dono d'este papel é como a estatua em que Aretino fixava as suas vaias aos reis e aos papas, n'um tempo em que papas e reis eram cousas sacratissimas e inviolaveis. Agora, que não ha nada defêso, com que direito me hei-de eu queixar? Não me alistei eu no exercito que defende as instituições livres?! Seria paradoxo gritar eu contra uma alavanca do progresso, chamada nem mais nem menos que «Vedeta da Liberdade»! Os homens livres passam deante da estatua de Pasquino, e descobrem-se. Assim como a discussão racional e illustrada aclara as escuridades e aplana os empeços da ideia util,por igual razão as injurias á pessoa, os ataques ao moral de cada individuo servem de o abrir, á luz da analyse, e ver tudo o que elle lá tem dentro do coração e consciencia. A licença da imprensa é uma inquisição: em lugar de fogueiras tem atoleiros de lama. Das chammas do auto-de-fé sahiam almas purificadas, no crer de alguns theologos; e da lama da imprensa desbragada devem sahir as consciencias lavadas, no intender de alguns legisladores. Sejamos do nosso tempo, meu compadre.

— Pois, sim, — disse Ladislau — mas deixe-me render louvores a Deus por me ter dado o nascimento n'estas serras! Eu não cuidei que era assim o mundo. N'este ultimo anno, quantas paixões más que eu não conhecia! Meu mestre de certo as ignorava; senão, ter-m'as-ia dito. Os meus livros tambem m'as nãodisseram...

— E' por que os seus livros são bons — atalhou Casimiro Bettancourt— A corrompida sociedade da Roma imperial não tinha gazetas; mas tinha historiadores e poetas. Se meu compadre os ler, imagina que maus inventores o querem deleitar com fabulas hediondas. O homem foi sempre mau; será mau até ao fim. A sociedade parece melhor do que foi, olhada collectivamente : é parte n'isto a lei, e grande parte o calculo. Cada individuo se constrange e infrea no pacto social para auferir as vantagens de o não romper ; porém, o instincto de cada homem, em communidade de homens, está de continuo repuchando para a desorganisação. Eu acceito, como puros, os corações formados na solidão, a não se dar a segunda hypothese do proverbio, que disse : homem sósinho, das duas uma: ou Deus ou bruto. (*) Melhor seria dizer ou anjo ou demonio. Ladislau formou-se aqui, rescende virtudes extraordinarias ; mas, se for ás cidades, á feira dos vicios, sentirá coar-lhe um veneno corrosivo nas entranhas ; e, a meia volta,perderá de vista a benigna estrella d'estas suas montanhas. O' meu amigo, não se alongue do seu paraizo ! não queira saber que nome tem, a dez leguas da sua aldeia, o que meu compadre chama dever, civilisação, amor, caridade, e Deus.

Os gosos da vida domestica aligeiravam os mezes de inactividade de Casimiro. Ao quinto de residencia em Villa Cova, realisou-se a ventura saudada por Peregrina na estalagem de Gouvea: Christina foi mãi de uma menina, que trouxe do céu o seu quinhão de felicidade, do qual todos participaram.

Queria o pai que Ladislau e Peregrina fossem padrinhos; mas o vigario, consoante as velhas pra-

(*) Aut Deus, aut bestia.

xes de filhos casados contra vontade paternal, pediu que fosse convidado o avô,por carta de D. Christina.

Escreveu ella com humildade sem baixeza uma carta, onde se lia este periodo:

« E' a ternura filial que me anima a escrever a « meu pai: não é a necessidade que me obriga. Se « sou pobre, ainda não tive occasião de sentir dese- « jos de ser rica. O perdão de meu pai é que eu de- « sejo e peço, se foi delicto o acto que está sendo a « minha felicidade. Quizera um dia beijar as mãos « de meu pai e dizer-lhe que tenho tanta vaidade « em ser filha de v. exc.ª como esposa de Casimiro. »

Foi lida a carta, e discutida. O vigario achou duras algumas palavras d'aquelle relanço, e pediu a illisão das palavras: «*se foi delicto o acto que está sendo a minha felicidade*»; bem como: «*tenho tanta vaidade em ser filha de v. exc.ª como esposa de Casimiro.*» As primeiras palavras foram substituidas: as ultimas não. Christina nem ao marido obedeceu.

Ruy de Nellas recebeu a carta, e leu-a sem rancor até ás expressões rebeldes á censura do vigario; mas, n'este ponto, rasgou o papel e disse ao portador:

A resposta é esta: diz lá que eu é que não tenho vaidade nenhuma em ser padrinho de um filho do snr. Casimiro.

Tal resposta magoou medianamente a familia de Villa Cova.

— E' soberbo! — disse Ladislau.

— Preconceitos de raça — acrescentou o vigario — Não tem outra falha a excellente alma do snr. Ruy.

— Pois hade ser padrinho da neta! — tornou Ladislau.

— Que capricho é esse, meu compadre? — perguntou Casimiro.

— Não é capricho: é batalha dada contra a soberba: havemos de amolgal-a, com a brandura.

Na segunda dominga, posterior ao nascimento da menina, sahiu, ante-manhã, de Villa Cova Ladislau, uma ama de leite, e a creancinha. Chegaram a Pinhel ás nove horas, e elle entrou á igreja parochial, onde, por informações de mestre Antonio carpinteiro, Ladislau sòubera que o fidalgo ia ouvir missa. A ama sentou-se no adro, e esperou, rodeada de meninos, que se acotovellavam para ver o rosado rosto da baptisanda.

Ladislau apresentou-se ao abbade, com uma carta do padre João Ferreira, e conversaram.

A's dez horas tangeu a sineta á missa, e chegou o fidalgo com suas filhas, e foram ajoelhar na alcatifa da sua capella privativa. Antes do terceiro toque, o abbade aproximou-se de Ruy de Nellas, e disse-lhe:

— Faz v. exc.ª a esmola de fazer christã uma creancinha?

— Sim, abbade, pois não!

— E de escolher a madrinha?

— Será minha filha Mafalda.

Chamou elle a menina, e acercaram-se do baptisterio.

A ama entrou com a creança, chamada pelo sachristão.

A um lado, estava Ladislau com uma tocha, escondendo-se ao lance d'olhos de Ruy de Nellas.

Ao descobrimento da menina, Mafalda exclamou:

— Ai! tão linda que é!.. Veja, papá! O' manas, venham ver que perfeição!..

— Quem são os pais? — disse o fidalgo.

O abbade, como tivesse começado as ceremonias do sacramento, não respondeu; e, pouco depois, perguntou:

— Qual é o nome?

— E' o meu — disse D. Mafalda.

Findo o acto, foram á sacristia lavrar no livro o assento baptismal.

O abbade escreveu á vista dos apontamentos, e leu depois para conhecimento dos padrinhos:

« Mafalda, natural de Villa Cova, termo de Pi-
« nhel, filha legitima de Casimiro Bettancourt,
« natural de Santarem, e da ill.ma e exc.ma snr.a
« D. Christina Elisiaria de Nellas Gamboa de Bar-
« bedo» .....

— Como?! — exclamou o fidalgo — Como se intende isto? Que abuso foi este, snr. abbade?!

Ladislau sahiu do escuro da sacristia, e disse:

— O abuso é meu, snr. Ruy de Nellas. E v. exc.a não me castiga, porque eu vou pôr em seus braços a creancinha a implorar o meu perdão e o de sua mãi.

E tomou a menina dos braços da ama, e depositou-a nos da madrinha, dizendo-lhe:

— Seja v. exc.a a intercessora de sua irmã!

— Dê-lhe um beijo, papá! — rogou maviosamente D. Mafalda.

O velho poz a mão na face da creança, e disse:

— Não tens culpa tu, pobre innocente!...

E o abbade continuou a leitura do assento baptismal, sorrindo, e olhando por cima dos oculos, para ver Ruy de Nellas, que deixava chupar-lhe a creança no dedo mendinho.

Ao sahirem da sacristia, o fidalgo disse á ama da creança:

— Vá lá a casa, depois de missa, mulher, e o snr. tambem se quizer.

Ladislau fez signal de agradecimento.

Finda a missa, a menina foi levada a casa do avô. As quatro tias deram inquietações á ama, temerosa de que lhe abafassem a creança com beijos.

Entretanto, Ladislau contava a Ruy de Nellas os successos de Coimbra e os aleives da correspondencia da «Vedeta da Liberdade».

O velho ouviu-o em silencio; mas com ar de satisfação, em quanto aos brios de seu genro no justo castigo de Alexandre; porém, quando soube que as gazetas traziam o seu nome aparelhado com o do carpinteiro, irritou-se, e clamou:

— Quando pensei eu de andar pelas gazetas!.. E' o que minha filha me arranjou!..

Este accesso durou alguns segundos.

Continuaram a conversar serenamente. Eram horas de partir para Villa Cova. O fidalgo mandou entrar a afilhada, e deu-lhe um beijo, e duas peças á ama.

E — caso unico! — apertou a mão do lavrador de Villa Cova, e disse-lhe por ultimo:

— O tempo fará o resto. E' cedo por ora! A ferida sangra ainda!

— O balsamo do Evangelho, snr. Ruy de Nellas... — respondeu Ladislau, sahindo.

XI

Seria ocioso, bem que alegre trabalho, contar os jubilos de Christina, retomando ao seio a filha, que seu pai e irmãs tinham beijado. Casimiro, homem não estranho a vanglorias, que parecem ser

condição das indoles arremessadas ás glórias uteis, folgava de ver sua filha acariciada pelo fidalgo, cuja prosapia, o moço, nas verduras dos dezoitos annos, sinceramente invejava. O' barro humano!

Disse Ladislau que Ruy aprovára a sahida de Coimbra, e esperava que o anno decorrido esfriasse a vingança de D. Alexandre, estando elle de mais a mais como vingado, fazendo crer que lhe fugia Casimiro. Era tambem este o parecer do vigario e de Ladislau. Casimiro, ainda assim, dizia contrariando:

— Não, meus amigos: o odio dos fracos é inextinguivel; é a unica força, a energia tenebrosa, que lhes deu a natureza.

No seguinte anno lectivo, voltou a Coimbra, com maior familia, o pobre grangeador do futuro. Doía-lhe ter de augmentar suas despezas, sahidas todas dos celleiros de Villa Cova. Era grande mágoa para o aberto coração de Ladislau entender em pacificar o espirito do seu amigo, fazendo-lhe sentir que escassamente lhe emprestava uma parte das sobras de suas colheitas. E santamente mentia Ladislau! A sua lavoura, comquanto grande, era toda de cereaes, vendidos por baixo preço, e urgentes ao consummo e vestir de sua familia. O que elle estava dispendendo era dinheiro antigo, que encontrára, ouro do seculo XVI, peculio amuado ao canto do armario de pau santo, em que seus tios padres iam annumerando algumas moedas, muitas menos que as derramadas pela pobreza.

Lembrava-se Christina de escrever ao pai, a pedir-lhe sua legitima materna. Casimiro, antes que ella expendesse o seu pensamento, atalhou-a n'estes termos:

— Sendo preciso, iria primeiro pedir a meu tio carpinteiro metade do seu estipendio de cada dia.

Peregrina, sabedora do intento, revelara-o ao marido.

Ladislau, a sós com a filha de Ruy de Nellas, queixou-se, observando-lhe que era crueldade obrigal-o a faltar á sua palavra, tendo elle dito a Ruy de Nellas que sua filha e marido nunca lhe pediriam meios de vida.

Os raros amigos de Bettancourt, assim que o viram em Coimbra, repetiram-lhe as calumnias divulgadas, fingindo não acredital-as. O mais sincero e rude ousou dizer-lhe :

— Déste um mau passo em fugir.

— Não fugi. O amigo, a quem devo a minha subsistencia em Coimbra, chamou-me, e eu fui.

— Não devias ir, tendo sido desafiado por D. Alexandre.

— Nunça fui desafiado.

— Como não foste ! ?

— Nunca fui desafiado ; e, no caso de o ter sido, regeitaria a proposta. Não jogo friamente a vida, que é de minha mulher e de minha filha, contra a vida de D. Alexandre, que é um homem abjecto, nem contra a vida do mais estremado em probidade. Nunca para mim alguem provará sua honra, batendo-se com victoria, nem o vencido terei em conta de deshonrado. O duello póde significar algumas vezes coragem ; mas sentença absolutoria de um infame, nunca.

— Mas decididamente não fugiste ao duello ?

— Offende-me a renitencia — respondeu Bettancourt molestado.

— Desculpa, que é a renitencia de um amigo zeloso de tua dignidade. A academia acreditou em D. Alexandre e nos propagadores do boato. Appareceram homens a dizerem que tinham sido agentes do desafio.

— Mentiram.

— Mas a mentira vingou.

— Estou resignado : já a vi impressa n'um jornal, e achei-me forte na minha consciencia.

— Mas a opinião publica... — voltou o academico, espicaçando, em nome da opinião publica, o animo impenetravel de marido e pai.

— Que queres tu que eu diga á opinião publica ?

— Que a desmintas : escreve uma correspondencia.

— Não desço.

— Descer ! pois é descer acudires por tua honra ! ?

— Se a consciencia me não accusa, que logro eu em constituir a academia meu juiz ? Além de que, meu amigo, eu venho estudar. Falta-me o tempo para o util : como hei-de eu ir despendel-o a entreter a curiosidade publica ? Diz aos teus amigos que eu sou calumniado, e elles julguem-me a seu sabor.

— Faz o que quizeres: dou por cumprida a minha missão de amigo.

Christina vivia tranquilla. Ladislau, que lançára espias em Miranda, soubera que D. Alexandre sahira para Coimbra, e o desertor ficára. A nova agradou a Casimiro, receioso dos sustos da senhora.

Recomeçou o academico os estudos do segundo anno, com fervor. Sabia que seus mesmos condiscipulos o detrahiam, lamentando, como usam lamentar inimigos, a nodoa da farda de um militar. O facto estrondoso do botiquim da rua Larga tinha esquecido, ou era interpretado de varios modos, todos estupidos; que a malquerença faz timbre em ser estupida, quando não póde ser feroz. To-

davia, a frechada não lhe vasava ao coração. O pai extremoso abroquellava-se com a filhinha, e dizia á esposa :

— Sêde o meu mundo. Aos teus olhos sou quem sou, minha amiga. Infamem-me lá fóra; mas diz-me tu, filha, que eu sou digno de ti.

N'um sabbado, ao cahir da tarde, passaram á Ponte, vindos da Quinta das Lagrimas, Casimiro, e sua mulher.

D. Alexandre de Aguilar estava sentado com numerosos estudantes nas guardas da ponte. Ao perpassar Casimiro, o fidalgo de Miranda tossiu aquelle grunhido peculiar do insulto. Os academicos de sua parcialidade, em respeito á dama, abstiveram-se de acompanhar o amigo na *trossa*.

D. Alexandre, desenfreado como costumam os covardes no momento em que persuadem-se não o serem, disse :

— Não se envergonha aquella dama ! Que ostentação de baixeza d'alma !

Christina ouviu. O que o amor nobre faz d'uma mulher timida ! Voltou-se contra o parente, e respondeu :

— E' muito infame !

— Silencio ! — disse Casimiro, apertando-lhe convulsivamente o braço.

D. Alexandre expediu uma cascalhada; e os academicos, indifferentes ao conflicto, disseram-se:

— Com effeito! é muito covarde o Bettancourt, que deixa assim insultar a mulher ! Comprehendam lá a decantada historia do botiquim !

Na extremidade da ponte, estava o academico, já conhecido por seus dialogos com Casimiro. O marido de Christina aproximou-se d'elle, e disse-lhe:

— Conserva-te aqui um instante ao pé de minha mulher, que eu volto já.

*

— Não ! — exclamou Christina.

— Christina ! — disse elle com um aspecto, que a esposa nunca lhe vira.

E caminhou ao longo da ponte, sem denotar arrebatamento na serenidade do passo.

Os academicos do bando de D. Alexandre, disseram :

— E' elle que vem !

O fidalgo desceu-se da guarda como quem se prepara a receber o aggressor. Não era isso. O mêdo pesa como chumbo na região abdominal. Foi o gravame do mêdo que mecanicamente o desceu.

Casimiro lançou-lhe a mão esquerda á garganta, e com a direita levou-lhe a cabeça á aresta da guarda. Depois, como o atordoado fidalgo escouceasse os couces instinctivos da defeza, o aggressor abarcou-o pela cintura, no proposito de o despejar ao Mondego. Acudiram-lhe muitos, sem, com tudo, arremetterem contra o furriel. Casimiro sentiu nas barbas mão estranha. Olhou com impetuosa furia, e viu Christina, que punha as mãos supplicantes. Descurvou os dedos da garganta do estudante, e deu o braço a sua mulher. Pelo ar quieto, com que elle sahiu ao fim da ponte haviam de imaginar que o sujeito acabava de abraçar um amigo !

Grande parte da academia parecia andar envergonhada depois d'este successo. Os detraidores, chamados por algum amigo de Bettancourt, a dizerem ácerca do facto, corriam-se, e gargarejavam o desmentido, que os suppliciava.

O academico, mais dorido do descredito de Casimiro, seguiu-lhe os passos a casa, abraçou-o com transporte, e exclamou :

— Tu és um grande homem !

— Vem ver minha filhinha como dorme docemente ! — respondeu Casimiro.

— Que dirão agora os calumniadores? — tornou o academico.

— Que eu sou um assassino.

— Um bravo! um modêlo de dignidade.

— Como quizerem. Vem ver minha filha, se gostas de creancinhas.

Foram. A mãi, que, uma hora antes, sentira denodo viril para aggredir o insultador, estava agora chorando sobre as faixas da filhinha. Casimiro aconchegou-a de si, e murmurou:

— Então? que é isso, filha?

— Tremo pela tua vida, Casimiro!

— Convence-te, Christina: eu não posso ser morto por D. Alexandre, nem por assassinos de sua paga.

O fidalgo dos Vitos Alarcões tractou da cabeça na cama, uns quinze dias: parece que o granito lhe entrou dentro obra de meia pollegada, sendo que em tal cabeça nunca tinha penetrado cousa alguma outra. Fechada a brecha, metteram-se férias de Natal, e o convalescente foi para casa.

Ladislau, sempre attento aos passos do desertor, soube que chegára a Miranda D. Alexandre de Aguilar, de cujo infortunio na ponte já estava informado por carta de Christina, que incessantemente lhe pedia toda a vigilancia sobre o scelerado.

D. Sueiro deu logo tento da cicatriz da cabeça fraterna, e disse:

— Levaste ou cahiste, mano?

— Cahi do cavallo,

— Bom tombo! ias ficando sem um olho! Estás um limpo cavalleiro, não tem duvida!

E ficaram n'isto; mas as familias d'outros academicos de Miranda, de bocca em bocca fizeram

chegar ás orelhas de D. Sueiro de Aguilar a rija sova, que levára o irmão.

O senhor dos Coutos de Travanca e Caçarelhos, Estevães e Villariça disse ao irmão:

— Como assim?

— Assim quê?—perguntou D. Alexandre.

— Corre que essa cicatriz foi bordoada que levaste! Foi ou não?

— Foi desordem: dei e levei.

— E ficaste mal?

— Fiquei ferido; mas sem deshonra. O adversario era valente como as armas.

— Quem?

— O marido de tua cunhada.

— O villão? E vive!...

— Por emquanto... vive.

— De que serve aqui o Ayrão?

Ayrão era a graça do desertor.

D. Sueiro acrescentou:

— Leva-o, e mostra-lh'o. Acabemos com isto de uma vez... Estou a ver quando o tio Ruy de Nellas recebe o genro em casa. Já lhe baptisou o filho, e, escrevendo a Guiomar, fallou-lhe de Christina com piedade. O tio Ruy degenerou. Se viver muito, ha-de envergonhar-nos.

Foi para Coimbra D. Alexandre.

Ladislau recebeu a ponto a informação o desertor ficára. Avisou o de Villa Cova. Christina exultou; mas, seis dias depois, recebeu novo aviso: o sicario partira aforrado, e em disfarce. A pontualidade d'estas informações deviam-se a um jornaleiro de Villa Cova, o qual, industriado por Ladislau, fôra a Miranda pedir trabalho á casa dos Alarcões, e lá ficára servo de lavoura.

D. Alexandre concertára o plano do homicidio, com estupido ardil: já se lhe não dava que se lhe

imputasse a morte de Casimiro ; e, para desviar suspeitas de braço estranho, escondia o matador em casa.

Ayrão entrou de noite, e sumia-se de dia nos quartos escusos da casa. Os frequentadores dos jantares de D. Alexandre guardavam delicada reserva ácerca da desgraça do mez anterior. O amphitrião é quem, uma vez por outra, dizia :

— Tenho sêde de sangue !

Ou, bebendo até cahir, exclamava :

— A' saude do assassino, que ha-de vingar a honra de vinte gerações de fidalgos de solar conhecido !

Defronte de D. Alexandre morava o estudante de direito Guilherme Lira.

Lira foi o mais esforçado e turbulento academico dos seis annos subsequentes á restauração da liberdade. Presidiu á famigerada «Sociedade da Manta» (*). Era o pau mais valente du riba-Tejo, e o mais figadal inimigo de poltrões.

Do fidalgo de Miranda tinha elle nojo, nojo favoravel ao covarde ; se fosse odio, tel-o-ia desorelhado.

Observou Guilherme Lira que em casa do visinho D. Alexandre estava um homem de cara sinistra, o qual se escondia no escuro da casa assim que nas janellas fronteiras assomava gente. Lira espreitou, e viu-o, á vontade, accendendo o cachimbo no charuto do amo, e gesticulando com aquelle especial geito das féras humanas, vesadas ao tracto da taverna, da feira, e da encruzilhada.

Guilherme sympathisava d'alma com Casimiro

(*) A «Sociedade da Manta» era uma congregação de mancebos destemidos que tiveram Coimbra atterrada,e reagiam ao exercito, quando não achavam *futricas* que escadeirar.

Bettancourt. Depois do facto da ponte, estando elle com o seu bando de bravos na Calçada, viu Casimiro, que vinha com sua esposa. Lira sahiu da roda, foi á frente do furriel,e disse, com os olhos em Christina.

— Dê-me v. exc.ª licença que eu abrace seu marido.

E pegou d'elle ao alto soffregamente, exclamando:

— Que pena que tu sejas casado, homem de figados, que te queria entregar o macête da minha loja!

Casimiro sorriu, agradeceu, e apertou-lhe affectuosa e modestamente a mão.

Isto explica a espionagem de Lira, e o aventar de prompto que o ignobil visinho traçava a morte de Casimiro.

Foi logo d'alli em procura do estudioso mathematico, e disse-lhe:

— Olha que o covarde tem uma besta-féra em casa. Estuda socegado, que eu te guardarei, porque não estudo, nem tenho que fazer.

— Agradeço — disse Casimiro — mas,em verdade te juro que não temo a besta-féra.

— Bem sei, rapaz, bem sei; mas o que eu te venho dizer é que não penses mesmo no modo de a mandar ao diabo. Isso cá se arranja. Adeus; não te quero roubar tempo.

Descubriu Guilherme que D. Alexandre sahia de noute, e com elle outro academico sobre quem a capa mal ageitada ia delatando a contrafacção.

Fez-se Lira encontrado com elles, metteu-lhes a cara, e reconheceu o assassino, sob o disfarce de estudante.

A traça do homicidio era desesperada. Como Casimiro passava as noutes estudando, Ayrão lem-

brara il-o matar em casa. O rancor applaudiu o alvitre, e accelerou a execução. D. Sueiro esporeava de lá os brios do mano, e pasmava da demora.

Descubriu Lira que os visinhos por volta de dez horas, paravam á sombra do Arco, que faz a extrema da *Couraça dos Apostolos*, onde morava Casimiro, e depois subiam distanceados a calçada, e o mais corpulento, que era o disfarçado, contra-punha de leve o hombro a uma porta de quintal, ou remirava a janella alumiada pelo clarão do candieiro, ao qual Casimiro estudava até duas horas da manhã.

As portas apalpadas não davam de si; arrombal-as com estrondo seria derrancar o plano.

Accudiu nova idea ao homicida: chamar Casimiro á janella, e desfechar-lhe um tiro.

Reflexionou D. Alexandre, e previu que a opinião publica havia de reprovar o covardissimo feito.

Regeitou, por tanto, a idea, e reforçou-se na do assalto.

Casimiro Bettancourt ignorava o que ia cá fóra em sete noutes successivas. Guilherme achou inutil avisal-o, e inconveniente mesmo ao seu heroico designio. Queria elle egoistamente para si a cabal satisfação de castigar os miseraveis, sem incommodo do estudante. A muito custo se refreára, durante as sete noutes, á espera de lhes comprehender o intento, e cahir sobre elles no momento de o praticarem.

Guilherme Lira desvellava-se e preoccupava-se d'esta catastrophe, como se vida de pãi, irmão, ou amada corressem perigo!

Sublime doido! Sympathica loucura!

XII

A's dez horas de uma noute de janeiro de 1840, Christina, convidada pela limpidez da lua, tão brilhante n'aquellas noutes, se o céu está desannuviado, chegou á janella, sem correr as vidraças. Do exterior não podia ser vista, que era completa a escuridade dentro; viu, porém Christina, dous homens parados, na rua, com as cabeças muito conchegadas, em agitada e inaudivel conversação. Teve mêdo, e correu ao gabinete do marido a chamal-o. Casimiro, pé ante-pé, segundo a esposa lhe recommendava, espreitou, e, sem hesitação, disse:

— Um é D. Alexandre; o outro não conheço. Vejamos o que fazem.

— Vê! — disse Christina — olharam para a janella do teu quarto.

— E' uma contemplação estupida! — redarguiu Casimiro.

— Agora esconderam-se debaixo das janellas.

— Quererão escallar a casa?! — tornou elle em ar de mofa.

— Quem sabe?! Olha... lá deram um encontrão á porta do quintal!

— E' que são ratoneiros de couves. Que podem elles querer do quintal senão as tuas couves gallegas?

— Tu brincas, meu Casimiro!.. Olha que isto é sério!.. E não passa patrulha nenhuma!..

— Calla-te, creança! Se te ouvem, perdemos este espectaculo gratuito. Deixa vêr no que isto dispara. Lá vem outro estudante, rente pela parede d'além! Como elle se embuça!..

— Parou! — disse Christina agitada.

— Será da malta?! As couves não chegam para todos.

— Lá vai para baixo.

— E os outros seguem-no.

— Já não seguem.

— Elles ahi voltam, outra vez para a sombra.

— Outro empurrão á porta da escada! — murmurou Christina alvoroçada e tremula.

— Então o negocio não é de horta! Teremos hospedes assim mal-criados! Ver-me-hei forçado a recebêl-os com igual delicadeza!

A arma unica de Casimiro Bettancourt era uma enferrujada espada de seu pai. Tirou-a de baixo do leito, e disse á esposa:

— Deixa-me a escada livre, e não temas.

— A' escada não vaes: póde vir um tiro!

— Não vem tiro nenhum: apaga todas as luzes.

Dous estrondosos encontrões metteram dentro a fragil porta. Christina soltou um ai, e involuntariamente correu ao leito onde a menina chorava acordada pela rija pancada.

Casimiro estava no topo da escada, e viu do lado da rua um homem de batina academica apanhar de hombro a hombro com um páu as costas, do que elle affirmára ser D. Alexandre. Os dous aggressores saltaram ao meio da rua, e Casimiro ia na colla d'elles, quando Christina, com a menina nos braços, lhe estorvou o passo, exclamando:

— Casimiro, Casimiro! pela tua filhinha te rogo!

A catastrophe, tão almejada de Guilherme Lira, rematava assim na rua.

Ayrão, logo que o amo levou a primeira pancada, correu de faca sobre Guilherme, e recebeu em cheio peito uma choupada, e segunda no ventre. Já cambaleava moribundo, quando recebeu a terceira, e bateu nas lages com a face morta.

D. Alexandre ia fugindo, com a maxima velocidade de sua prudencia, quando uma segunda bordoada o apanhou pelo occiput. Rugiu e afocinhou, forçado por um doloroso raspar de ferro na orelha direita.

Guilherme volveu a sondar a respiração do desertor, e responsou-o ao diabo.

D'alli correu á escada de Casimiro, e chamou-o.

— Quem é? — respondeu Casimiro com a espada apontada.

— O Lira. Creio que estão ambos mortos; um de certo. Agora, acautella-te... Já está gente nas janellas. Posso sahir pela porta de traz? Aqui reconhecem-me.

— Sahe — disse Casimiro — Vem por aqui... Quem mataste?

— Boa pergunta! A besta-fera não se levanta mais; o outro desconfio, que está vivo. Deixal-o viver... Por aqui?.. bem... Adeus! Segredo de sepultura, ouviste?

— A recommendação é indigna de mim.

Guilherme Lira entrou no Becco das Flores, e sumiu-se de travessa em travessa, reapparecendo, vestido á futrica, na Couraça dos Apostolos.

Quando chegou occupavam a rua centenares de pessoas. Em redor do cadaver de Ayrão estavam muitos estudantes de envolta com a policia. Nenhum academico reconhecia o morto, que trajava batina, bem que tivesse illeso o rosto. Em quanto a este, esperou-se o dia para lavrar-se auto.

D. Alexandre já tinha sido transportado em braços, e moribundo, segundo diziam os que lhe viram o rosto ensanguentado, e ouviram o archejar estertoroso do peito comprimido pelo derreamento das costas.

A visinhança dizia que vira entrar um homem de batina e capa nas escadas de Casimiro Bettancourt. A opinião geral decidiu que fôra Casimiro o assassino, visto que o sugeito entrado não sahira.

Christina chorava, e dizia, ouvindo as vozes da rua:

— Que será de nós? Prendem-te, Casimiro. Fujamos... vámos para Villa Cova.

— Socega, filha. Se me prenderem, hão-de soltar-me! Attende-me, Christina: Nunca dirás uma só palavra com referencia a este acontecimento. Nunca proferirás o nome de Guilherme Lira. Nunca dirás que eu estou innocente. Juras-m'o?

— E tu... perdido, meu infeliz amigo... perdido! — atalhou ella, archejante de gemidos — desgraçado por minha causa!..

Casimiro apertou-a ao seio, e disse-lhe:

— Crês em Deus?

— Se creio em Deus...

— Crês que a justiça divina me faça padecer innocentemente?..

— Mas a justiça humana...—interrompeu ella.

— Mulher de pouca fé!!.. Se visses a serenidade do meu espirito, vias em mim a influição de Deus.

As authoridades superiores, avisadas do acontecimento e do author indigitado do crime, mandaram guardar por soldados as avenidas da casa de Casimiro, para o prenderem de dia.

O academico deitou-se á sua hora regular, e obrigou a alvoroçada esposa a deitar-se com a filhinha inquieta.

A's tres horas e meia da manhã rebentou de subito um ruido estriduroso na rua, depois de alguns repetidos brados das sentinellas.

Chegava a «Sociedade da Manta» acaudilha-

da por Guilherme Lira, em numero de vinte e tantos bravos, armados de refes e clavinas.

Os soldados outros tantos seriam. A' primeira carga inesperada, a tropa titubeou entre fugir ou defender-se, e n'esta perplexidade, soffreu o desaire de ser desarmada e contundida com as proprias armas.

Libertas as portas, Guilherme chamou Casimiro, subiu e disse imperiosamente:

— Foje!

— Não fujo.

— Como não foges?

— Não: salva-te tu, que eu me livrarei da justiça.

— Não livras: diz toda a gente que tu mataste o homem. Alexandre está vivo, e diz que foste tu quem mataste o seu creado, e lhe tiraste a elle a orelha.

— Deixaste sem orelha o homem?

— Nada de riso: foges ou não?

— Já te disse, Guilherme: vai na certeza de que o teu nome nunca será envolvido na minha justificação.

Uma voz de fóra, disse:

— Olha que tocam as cornetas na Sophia, ó Lira! Vem, que não temos partido contra o regimento.

— Adeus!—concluiu Guilherme—Oxalá que te não arrependas!

— Fujamos!— exclamou Christina.

— Porque me não attendes, filha? — disse maviosamente Casimiro, e desceu a fechar a porta.

Poucos segundos depois, estava a rua cogulada de soldados, e muitas vozes diziam que o assassino tinha fugido com os academicos.

— O melhor é arrombarem as portas, camara-

das! — dizia um cidadão — Que fazem vossês ahi, se elle fugiu? E' arrombar que não ha outro modo de saber se elle está.

— Arrombar! — contrariou um alferes — a Carta Constitucional prohibe arrombar; mas bate-se a ver se falla alguem.

— Ou isso — disse o cidadão prudente.

O alferes bateu urbanamente. Casimiro abriu de prompto a janella do seu quarto, e perguntou:

— Quem é?

— Ah! — disse o alferes — está em casa?

— Estou em casa. Não quer mais nada?

— Não, snr. Foi para sabermos... dizia-se que não estava lá ninguem... Perdoará o incommodo.

— Boas noutes — respondeu Casimiro. Depois, baixou a vidraça, e disse a Christina — A rua está vistosa! As armas refrangem a lua, e dão a lembrar uma illuminura da idade média! Apaga a luz da saleta, que eu gosto de ver este arraial de batalha, que me parece um sonho!

— O' Casimiro! — balbuciou ella — como tu pódes rir, e eu sinto-me aqui morrer!

— E's fraca. Nunca te tinha conhecido esse aleijão! Parecias-me uma natureza perfeita em amor, em brios, e em força. A força é que te falta, minha debil filha!

— Enganas-te, Casimiro! — replicou ella — E' que eu era tão feliz!...

— E ámanhã que impede que o sejas?

— A'manhã... estarás preso!...

— E então? A luz do teu amor teme de romper as grades da cadeia?! A nossa filhinha hesita entrar lá comtigo? Não vai commigo a imperturbavel consolação da consciencia?

— Mas eu tambem vou...

— Pois irás, filha. Quem te veda de estar com teu marido preso?!

Conversaram n'este sentido longo tempo; e, já a final, Christina estava conformada com a ideia da prisão, e logo cuidou em enfardelar os fatinhos da filhinha, emquanto o marido escrevia a seguinte carta:

« Meu caro compadre.

« D. Alexandre de Aguilar foi gravemente fe-
« rido, e o seu creado está morto. Este acontecimen-
« to deu-se á porta da minha caza, ha cinco horas.
« O povo, a academia, e as authoridades indigitam-
« me como author do successo. Esperam que nasça
« o sol para me prenderem.

« Escrevo-lhe agora, 4 horas da manhã, re-
« ceando que os interrogatorios me tirem o tempo
« no correr do dia.

« Minha mulher tem estado attribulada, mas,
« como appellei do seu coração para a sua coragem,
« vejo-a reanimada e esperançosa da minha absol-
« vição em despeito do povo, da academia e das au-
« thoridades.

« Peço aos meus amigos que não se afflijam,
« e me creiam forte bastante para luctar com o mal
« do mundo. Refugio-me na vossa estima, e sou
« o vosso irmão agradecido, *C. Bettancourt.*»

Ao apontar o sol, a authoridade administrativa, auxiliada pela militar, bateu á porta de Casimiro, e esperou instantes. O proprio academico desceu a abrir, e offereceu ceremoniosamente a sua casa.

— Está o snr. preso — disse o administrador.

— Já o sabia — respondeu Casimiro.

— Bem. V. s.ª acompanha-me. Irá comnosco o snr. alferes da companhia.

— Como queiram: vou só, vou com v. s.ªs, vou com a escolta: para mim é de todo o ponto indifferente.

— Dispenso a força, snr. alferes, disse o administrador: póde v. s.ª mandal-a recolher com o sargento; o snr. alferes tem de ficar para solemnisar a prisão d'este academico, que é furriel.

— Se querem subir . . . — disse o preso.

— Não, senhor: vá, e volte, que nós esperamos.

O administrador, em quanto Casimiro subiu a dar as ultimas palavras de conforto a sua mulher, disse ao commandante da força:

— Este homem ou está innocente, ou excede tudo que eu tenho visto em coragem!

— Será cynismo? replicou o militar.

— E' cynismo, não pode deixar de ser cynismo — optou o cidadão que propozera o arrombamento das portas.

No entanto, Casimiro dizia a Christina, depois de beijar Mafalda:

— Eu escrevo-te de casa do administrador, dizendo-te o meu destino; naturalmente irei de lá para a cadeia; e tú, como boa gerente de casa — continuou elle jovialmente — irás lá ter, depois de ter dado as ordens para o jantar. Olha que a instauração de um processo por crime de morte não obriga a jejum, minha filha. Lembra-te que as consciencias puras concorrem muito para o bom appetite, e são optimas auxiliares do estomago. E adeus, até logo.

Christina ajoelhou com a filha nos braços, e orou. E, orando, ouvia dizer fóra:

— Mas como elle vai direito e senhor seu!

— Elle se entortará quando lhe pezarem nas costas os caibros da Portagem!

— Terá pena ultima? — perguntava uma rapariga de má vida, e acrescentava: — coitadinho! é tão novo, e de mais a mais casado, e tem uma filhinha!..

— Deixal-o ter! — atalhava uma velha, que vi-

nha da missa d'alva, e ia ouvir a segunda, para depois ir ouvir a terceira— Deixal-o ter! Quem mata, morra! As forcas não se inventaram para os que morrem, é para os que matam.

O axioma foi applaudido pelo cidadão prudente, e outros sujeitos honestos, cuja garganta zombára muitas vezes da corda de esparto do Livro V das Ordenações.

E Christina callava a oração para escutar, e orava para não ouvir.

Perguntou a authoridade a Casimiro Bettancourt o nome, a naturalidade, os annos, o estado, a profissão, etc. E proseguiu:

— A voz publica e as apparencias dão-no ao senhor como homicida de um homem ainda desconhecido, e tambem o incriminam de espancador de D. Alexandre de Aguilar, cuja vida está ainda duvidosa. O snr. Bettancourt é reu d'estes crimes?

Casimiro não respondeu.

— Ouviu a pergunta que lhe fiz? — tornou a authoridade suspeitando a surdez do preso.

— Ouvi, sim, senhor.

— Que responde?

— Nada.

— Nada?! é boa essa!.. Matou ou não matou?

— Se ha provas de que fui eu, porque m'as pedem? Se as não ha, porque me prendem?

— A lei manda interrogar os réus.

— Póde ser; mas não obriga os réus a responderem.

— O silencio é uma confissão — redarguiu o administrador.

— E' o annexim «quem calla consente» arvorado em axioma juridico. Boa hermeneutica!

— Modere as suas ironias, que a occasião é inopportuna, snr. Bettancourt. D. Alexandre de

Aguilar Vito de Alarcão Parma d'Eça diz que fôra atacado pelo snr. Casimiro, quando passava á sua porta.

— Se o diz, elle o provará.

— A visinhança depõe que v. s.ª entrára em sua casa depois de ter deixado morto um homem e o outro cahido.

— Já sei: eu ouvi o parecer de meus visinhos antes de v. s.ª os interrogar.

— E que diz a isto o senhor?

— Nada.

— Diz que está innocente?

— Já tive a honra de dizer a v. s.ª que não digo nada. As provas responderão por mim, e a lei me julgará.

— Está claro. Vai v. s.ª recolher-se á cadeia, e esperar lá a nota da culpa.

— Posso ser visitado por minha mulher e minha filha?

— Sim, senhor, em quanto a justiça julgar isso indifferente ao processo.

— E quando póde impecer ao processo que eu veja minha familia?

— Ha casos...

— Bom. Recebo as suas ordens.

— Vai acompanhal-o um official do juizo. O snr. Bettancourt inspira-me confiança, e por isso o allivío do vexame de ir com soldados.

— Agradeço a confiança; mas os soldados não me vexam: cumpra v. s.ª o seu dever de authoridade.

— Vá, e pense sériamente na sua situação, que é grave, snr. Bettancourt. Póde ser que o senhor esteja innocente; mas as suas desavenças anteriores com D. Alexandre condemnam-no. Póde ser que v. s.ª matasse em justa defeza: se assim foi, con-

vém attenuar a culpa com essa circumstancia. Esse seu systema de responder com o silencio, sobre ser excentrico, é confirmativo da imputação. Dou-lhe este conselho, movido pela sympathia que me causa a sua abnegação e como despreso da vida. Sei que tem familia, e avalio as angustias de sua consorte; por isso lhe peço que se abstenha d'esse stoycismo inutil, e — peior ainda — prejudicial. Se póde, decline de si a responsabilidade de um homicidio, que é sempre e em todos os casos deshonra. Se matou, negue, negue sempre! — acrescentou o administrador, collando-lhe no ouvido os labios.

Casimiro agradeceu a sympathia e o conselho com um sorriso, e sahiu á direita do official de justiça.

A' porta da authoridade, quando Casimiro sahiu, agglomerava-se um cento de pessoas, gentio baixo, regateiras da praça de Sansão, serventes, gaiatos, e alguns cidadãos honestos, nomeadamente o oraculo da Couraça dos Apostolos. A custo rompeu o aguazil a multidão, que se premia em redor de Casimiro, e lhe roçava as faces com o halito acre da aguardente.

— Chamo soldados! — bradou o official de justiça.

— Não é preciso — disse um academico, que estanceava mais distante n'um grupo de estudantes.

E, tirando a carreteira das mãos de um lavrador, cresceu sobre a multidão, e apanhou quatro cabeças da primeira paulada. A rua, momentos depois, estava deserta, como se passasse n'ella a ira do Senhor.

— Foge que é o Lira! — diziam muitas vozes, convulsas de terror, menos o cidadão da Couraça dos Apostolos, que levou a sua cabeça ao visinho boticario.

Era, com effeito, Guilherme Lira, cujo sangue refervia em phrenesi, e sedes de beber o sangue da humanidade. Infurecia-o o remorso de ter deixado vivo D. Alexandre! Saber elle que o vil declarava ter sido assaltado por Casimiro, espicaçou-lhe o odio e a ancia de ir estrangulal-o em casa. Depois, via Casimiro preso, sabia já as suas respostas á authoridade, pungia-o o arrependimento de o perder, quando cuidava salval-o de inimigos infames, e não poder salval-o, sem se declarar elle mesmo o aggressor!

O governador civil, o reitor, as authoridades subalternas, receiosas de sublevação academica, instigada por Guilherme Lira, preveniram a tropa, e assignaram ordens de prisão dos mais celebres desordeiros, no caso de motim.

A este tempo, estava na cadeia Casimiro Bettancourt, contrastando, com sua quietação, o reboliço, que ia cá fóra. Christina seguira-lhe os passos, e entrára apoz elle. Mafalda ia muito risonha e fagueira. Não fallava, mas gesticulava as suas caricias, e pendurava-se do collo do pai, beijando-lhe os olhos.

E Christina observava em redor de si a nudez, a sombra, a immundicie da salêta. Queria chorar; mas pejava-se do esposo, e retinha-se para o não affligir.

— Voltas a casa, minha filha? — disse Casimiro — Olha que são dez horas, e nós costumamos almoçar ás nove. Basta de sacrificio á justiça humana, Christina! Uma hora é de mais!

— Tu não estás muito triste, pois não, meu Casimiro? — exclamou ella, cingindo-lhe o pescoço, com quanto carinho podem exprimir as angustias supremas.

— Se estou triste!.. Quando me viste mais

risonho, Christina!.. Alegre, minha esposa, alegre como esta creança que te sorri! A minha consciencia está serena como a d'esta menina; por isso nos vês tão contentes ambos!

XIII

A carta, recebida em Villa Cova, foi a primeira grande angustia que alanceou o intimo coração de Ladislau.

Correu á igreja, e d'alli a uma aldeia da serra, onde estava o vigario sacramentando um enfermo. Leram a carta, e ambos inferiram que o matador era Casimiro: justa inferencia dos termos d'ella.

— Matar!— disse o vigario consternado! — Matar!.. Eu não cuidava isto de Casimiro! Nem ao menos diz que matou defendendo sua vida, a vida de sua mulher, e de sua filha!.. Repara tu na serenidade com que elle diz: *D. Alexandre de Aguilar foi gravemente ferido, e o seu criado está morto. Este acontecimento deu-se á porta de minha casa ha cinco horas. O povo, as authoridades, e a academia, indigitam-me como author do successo*... Se não fosse elle o author, diria: *indigitam-me falsamente!*.. E mais abaixo: *Minha mulher tem estado attribulada; mas como appellei do seu coração para a sua coragem, vejo-a reanimada e esperançosa de minha absolvição em despeito do povo, da academia e das authoridades!*.. De que fia elle a sua absolvição, se as provas o condemnam a tal ponto que tudo lhe é contra!.. O' meu Deus, meu Deus! que conta havemos de dar á nossa conscien-

cia de termos trabalhado para o casamento de Christina com este malfadado!

Ladislau ouviu a mais larga exclamação do attribulado sacerdote, e disse com pausa:

— Eu estou em crêr que Casimiro não matou.

— O' homem, tu não intendes esta carta?

—Penso que entendi. Onde diz elle que matou?

— E onde diz elle que não matou?— retorquiu o padre.

— E' verdade: não confessa nem nega. Diz que o apontam como matador. Isto é differente. Eu leio no Evangelho que Jesus Christo, quando o arguiam...

— Calla-te, meu irmão! esses confrontos são sacrilegos!— atalhou o sacerdote, inflammado em zelo santo.

— A minha intenção era boa, Deus o sabe. Seja o que fôr, eu creio que o meu compadre está innocente. Um homem, que mata, não escreve assim com este socego. Aqui ha mysterio, e continuará a havel-o. As cartas demoram-se; e, quer demorem quer não, ámanhã vou para Coimbra e Peregrina vai comigo. Desgraçada Christina!.. E que terá ella penado? que fará sosinha a pobre menina com sua filha?..

— Vai a Coimbra, Ladislau, vai!— disse o vigario — Se é criminoso, amparemol-o; se não é, ajudemol-o a vencer as iniquidades do mundo, querendo Deus que nós sejamos instrumentos de sua divina justiça. Eu tambem iria, se podesse: escrever-lhe-hei as consolações da religião.

No dia proximo, sahiram de Villa Cova Ladislau, Peregrina, e o menino, a grandes jornadas para Coimbra. O lavrador levava todo o seu peculio, o ouro de sua mulher, e alfaias de antiga prata, que havia em casa. Apearam na estalagem,

e foram d'alli á cadeia. Encontraram Casimiro sentado á meza de jantar com a filha no collo, e Christina a um canto da salleta aquecendo café n'um fogareiro.

— Não t'o disse eu?! — exclamou Christina, quando o chaveiro abriu a porta, e deu entrada aos visitantes — Não veio carta, vieram elles!

As duas senhoras abraçadas fallavam em soluços. Ladislau rompeu tambem em pranto desfeito. Casimiro, porém, sereno e com os braços abertos, dizia:

— O meu compadre tambem é dama?! Não rivalisemos com as nossas mulheres no seu privilegio de chorar!.. Conversemos como homens.

— Está innocente, meu amigo?— perguntou de sobresalto Ladislau.

— Que pressa!.. — respondeu em ar de graça o prezo— Parece que o meu compadre sahiu de casa com essa pergunta á flor dos beiços. Ora, diga-me: se eu lhe responder que matei o desertor, e feri de morte o fidalgo, o meu amigo retira-me a sua mão pura e generosa?

— Não. Casimiro só mataria um homem defendendo-se. Foi em defeza que o matou?

— Vou responder-lhe; porém, requeiro á sua nobre alma um juramento antes de me ouvir. Não lhe digo que me jure por seu pai, pela vida de sua esposa ou filho: jure por sua honra.

— Jurei.

— Agora saiba que eu não matei, nem mandei matar.

— Oh meu amigo!—clamou com agita da vehemencia Ladislau.

— Não falle mais alto que eu, meu compadre, que póde ser ouvido. Não matei nem mandei matar, nem folguei com a morte do assassino trazi-

do para mim, nem com os ferimentos de D. Alexandre. Houve um homem que me quiz salvar dos dous inimigos, que me esperavam, e matou-os, no momento em que me arrombavam as portas. O nome deste homem irá comigo e com minha mulher á sepultura: nunca m'o pergunte. A sociedade proclama-me assassino; embora: Deus me defenderá e salvará. Aos interrogatorios nada respondo que me absolva ou condemne. Veremos se o jury me vê provado assassino. Agora, meu amigo, tem o snr. a sua honra de sentinella á sua lingoa. Tomemos café. São só duas as chavenas; mas tambem ha dous pires: as chavenas para os hospedes; os pires para nós, Christina. Arranja lá isso.

Ladislau fitava nos olhos Casimiro, e mormurava:

—Que homem! que desgraçado tão digno d'outra sorte!

— Veja lá o que são as cousas! eu cuidei que meu compadre me estava invejando esta paz de coração! — disse Casimiro.

Horas depois, sahiram as duas senhoras a transferirem a bagagem da estalagem para a casa da Couraça dos Apostolos. Concordaram em viver juntas, nas horas em que era vedado o ingresso no carcere.

O processo proseguiu seus termos, com desvantagem de Casimiro, sem embargo de ser vigiado pelo primeiro advogado de Coimbra, que alcançara procuração do reu, depois de muitas instancias suas e de Guilherme Lira.

D. Sueiro de Aguilar tinha descido a Coimbra, com comitiva de dous lacaios, e dinheiro grosso para, consoante a sua phrase, *erguer, sendo preciso, uma forca de ouro, onde perneasse o assassino de seu irmão.*

D. Alexandre erguera-se ao cabo de vinte dias,

e composera as melênas de modo, que o lugar da extincta orelha ficasse coberto de lustrosas espiraes. A orelha cancerára, e cahira, deixando um orificio hediondo e pustuloso. Guilherme Lira, quando acertava de o encontrar, dizia-lhe sempre: «Cuidado com a outra.»

— A outra quê? — animou-se a perguntar D. Alexandre.

— A outra orelha, patife!

O epitheto gelou de neve as cavernas d'aquelle vil peito, que esvasiava o pus pelo esqualor do ouvido.

D. Sueiro accelerava o processo, e descia de sua prosapia regirando do advogado para o escrivão, do procurador para o delegado, do juiz para os influentes do jury.

N'uma d'essas suadas correrias, passando ao escurecer no bêco de D. Sisenando, encontrou um academico, que lhe cingiu ao pescoço umas mãos, que pareciam golilha de ferro, e lhe jogou a catapulta da cabeça, tres vezes, contra a hombreira do floreado granito da porta do palacio, onde morreu apunhalada a irman da rainha Leonor Telles. Depois, largando-o atordoado, disse-lhe:

— Primeira admoestação!

E andou.

D. Sueiro, ao outro dia, escreveu a todos os governadores possiveis de Coimbra. A policia fingiu que se mechia, e D. Sueiro não sahiu da cama.

O leitor já sabe que só Guilherme Lira podia tentar a destruição da melhor pedra monumental de Coimbra com a cabeça de D. Sueiro de Aguilar Vito etc.

Um homem sisudo da policia disse ao rico-homem de Miranda:

— O meu parecer é que v. exc.ª vá para sua casa. A meu vêr, o fidalgo traz á perna a *sociedade da Manta*. Dê louvores a Deus em o não terem matado como fizeram a um lente, ha dous mezes; e perdoará o atrevimento do seu servo em o aconselhar. Em quanto a mim quem quebrou a cabeça de v. exc.ª foi o Guilherme Lira! Mas vão lá prendêl-o, e, de mais a mais, sem provas! Bem aviado estava eu! Elle bate-se com um regimento, e é capaz e mais os seus trinta companheiros, de arrazar Coimbra.

— Então isto aqui é um sertão de selvagens! — bradou D. Sueiro — As leis...

— As leis estudam-se aqui — disse o cadimo aguazil — e o Guilherme Lira sabe-as bem, que é quintanista de direito; mas o malvado despreza as leis de papel, e tem lá umas de pau para seu uso... para seu uso, não digo bem; para uso d'aquelles que as levam impressas nas costas. Em fim...

O homem da justiça encolheu os hombos, e despediu-se.

No dia seguinte, D. Sueiro foi para Miranda, e levava ainda uns parches de alvaiade na testa, e uns pontos nos tegumentos sobrejacentes aos ossos parietaes.

D. Alexandre ficou; porém, assim que o sol inclinava ao poente, recolhia-se. Guilherme Lira entrava em casa todas as noutes, e espreitava-o da janella. Cada noute, ao ver-lhe a luz no quarto, ou a sombra nos cortinados de cassa, arrepelava-se. Dizia com pittoresco chiste o feroz academico a Casimiro: «a vida d'aquelle homem peza-me como um burro sobre o peito!»

E Bettancourt pedia-lhe incarecidamente que o deixasse, por ser um estorvo nullo á sua liberdade.

Ruy de Nellas, conscio do successo, mandou chamar o vigario de S. Julião da Serra, e informou-

se. Padre João Ferreira relatou de cór o contheudo da primeira carta de Casimiro, e mostrou duas linhas d'outra de Ladislau, que dizia: *Casimiro está innocente. Casimiro é victima da sua honra. Nada mais te digo, porque só isto me é permittido dizer, e a ti sómente, meu irmão*

— E tu crês na innocencia de Casimiro? — perguntou Ruy.

— Creio, meu padrinho, como creio que vivo.

— E elle deixa-se ir á revelia?

— Não posso, nem sei responder a v. exc.ª

— E' preciso que eu o proteja. E' preciso, que elle é marido de minha filha! Os de Miranda não hão-de levar a melhor.

— Que quer v. exc.ª que se faça?

— Que vás a Coimbra, e leves dinheiro para elles, e para a justiça.

— E' desnecessario dinheiro. Meu cunhado foi prevenido.

—Deixal-o ir. O dinheiro, que eu mando, é meu; quero que minha filha o receba. Eu vou mandar o meu capellão substituir-te na igreja, e tu partes já para Coimbra.

— Recebo as ordens de v. exc.ª

— Vamos ver quem vence!— continuou o fidalgo, apertando os alvéolos, onde os dentes ausentes não podiam rengir— Os de Miranda tem muita proa?.. Deixa que eu vou abater-lha!.. Vai, João, que lá irão umas cartas. Se Casimiro ficar condemnado, tu ou teu cunhado vão para Lisboa, e entreguem as cartas, onde eu mandar. Lá está minha irmã, a condessa de Asinhoso. Ha vinte e tres annos que não lhe escrevo; mas sei que ella está morta por fazer as pazes commigo.

— Bom seria que estivessem feitas— disse respeitosamente o padre.

— E' verdade; mas que queres? orgulho de parte a parte... E sabes tu por que eu despresei minha irmã?

— Nunca v. exc.ª me deu a honra de m'o revelar.

— Pois eu t'o direi, quando voltares. Foi um caso de honra, que os de Miranda não costumam castigar. Lá tem em casa uma irmã do pai, que fugiu do mosteiro de Lorvão, e deu escandalo. Lá a tem... e não poem crepe nas pedras d'armas... E vinha cá D. Sueiro vituperar-me porque eu não mandava matar Casimiro!.. Olha quem!.. Se eu tivesse tantos santos a pedir por mim, como de vezes me tenho arrependido de lhe dar a minha morgada!.. Forte brutalidade!.. Cegaram-me as vaidades de reatar as duas casas dos mais antigos ricos-homens da Beira e Traz-os-montes!.. Emfim... o que eu não consinto é que da casa de Miranda vão matadores professos assassinar o marido de minha filha... São horas... Aqui tens um conto de réis em ouro. Parte, João; e escreve a dizer o que se passar. Dá muitos beijos na minha afilhada, e diz a minha filha... que lhe perdôo!

O vigario ajoelhou diante de Ruy de Nellas, e clamou:

— Deixe correr as minhas lagrimas de alegria sobre as suas mãos, meu nobre, meu virtuoso padrinho!

— Não fiques agora ahi a chorar, homem! — Disse o velho, erguendo-o. — Aqui estou eu tambem...— proseguiu, enchugando os olhos — Vai, que são horas.

A apparição do vigario na saleta da cadeia foi saudada com um brado de alegria. Cercaram-no todos, e beijaram-no todos.

— Eu só dou beijos em creanças — disse elle

em tremores de exultação — Snr.ª D. Christina deixe-me dar á sua filha os beijos do avô.

— Fallou com o meu papá! — exclamou ella — Está muito zangado contra o meu pobre Casimiro?

— Isso está, minha senhora! zangadissimo, feroz!

— Cuida que foi elle quem... — E reteve-se, relanceando os olhos ao marido, que a observava.

— Não sei o que elle cuida... — volveu o padre — A ira do fidalgo subiu ao ponto culminante d'elle mandar ao snr. Casimiro um conto de réis para o costeio das suas despezas judiciarias. E' onde póde chegar a ferocia humana!

— O snr. Ruy perdoou-me? — perguntou Casimiro mais recolhido que expansivo.

— Se isto não é perdoar... A mim não me encarregou de lhe notificar o perdão; mas á snr.ª D. Christina manda dizer que está perdoada. Aqui teem o dinheiro, que é ouro, e rasga-me a algibeira da sotaina.

Christina fez um gesto, significando ao padre que entregasse o dinheiro ao marido; Casimiro fez outro gesto, indicando Ladislau.

— Então que resolvem? — disse o padre.

— Resolve minha mulher, — disse Casimiro — que esse dinheiro passe ao poder do nosso mordomo, o snr. Ladislau Tiberio Militão de Villa Cova, em cujo cargo hemos por bem nomeal-o para lhe fazermos honra. Assim deve formular as suas nomeações quem tem, como eu, guarda de official á porta.

Ladislau, sorrindo, respondeu:

— A não servir de mais, deixem-me ser mordomo. Eu guardo o dinheiro, e darei contas.

Relatou o padre a sua chamada a Pinhel, e o

sentir do fidalgo, com a promessa das cartas para Lisboa, caso o exito do processo fosse funesto em primeira instancia. Acrescentou que Ruy de Nellas tinha muita confiança no valimento de sua irmã, na capital, a snr.ª condessa de Asinhoso.

— E' a primeira vez que ouço fallar n'essa irmã do snr. Ruy! — disse Casimiro — Nunca me fallaste em tua tia, Christina.

— Porque a tinha esquecido — respondeu a senhora — Eu e minhas irmãs mais novas ainda ha poucos annos soubemos que tinhamos em Lisboa uma tia. Ignoro as desintelligencias que se déram entre ella e o papá, muito antes de eu nascer. O certo é que em nossa casa nunca se fallou em tal tia, e diante do papá seria perigoso fallar. Muito me espanta agora que elle queira escrever-lhe! Vejo que meu pai está mudado!

— Sabe que desavença de familia foi essa, padre João? — perguntou Bettancourt.

— Não, senhor. Ninguem o sabe em Pinhel. Apenas sei que em Lisboa viveu desde menina a irmã do snr. Ruy de Nellas, em companhia de um grande fidalgo seu tio, e mais os dous irmãos filhos segundos. Tambem sei que estes irmãos lá morreram, e que a snr.ª casou com o conde de Asinhoso. E' o que eu sei d'um clerigo velho de Pinhel, que a viu em menina, e me disse ser ella vinte annos mais nova que o morgado. Deve hoje ter, por tanto, a snr.ª condessa quarenta e seis.

Sobre este incidente exhauriu-se aqui a prática, em que Bettancourt, de condição scismadora em cousas mysteriosas, mostrava estar muito entretido.

O sollicito patrono de Casimiro, sabendo que o sogro do seu cliente o protegia em Lisboa, e quasi seguro da condemnação do réu no tribunal conim-

bricense, inredou o processo de modo que, no caso de se provar o crime em jury, houvesse direito a pedir um recurso por nullidades, sem ser ouvido o tribunal de segunda instancia. A lei organisadora dos processos em Portugal, paiz de mais leis que tem o universo, é uma corda bamba que se presta a saltos maravilhosos sob o pé d'um habil volatim. « Vai o processo para Lisboa, dizia o jurisconsulto, e lá, se o braço fôr forte, os autos vem arremessados á cara do juiz, e o juiz dá alvará de soltura ao preso. »

Este salvador intento do causidico foi revelado a Casimiro, com grande alegria pelo vigario. E o preso respondeu :

— Não quero! Diga-lhe que não quero. Ha-de ser a lei, sem coacção, sem torcedura, sem vexame de poderosos, que me ha-de abrir aquellas portas. Mas que digam ser dolorosa a experiencia : não importa. Quero experimentar até que ponto um réo innocente póde ser torturado. Hei-de ir de condemnação em condemnação, até poder dizer: « Acuda-me a justiça divina, que a dos homens é infame! »

— Mas — atalhou o padre — se as provas são taes que a lei o ha-de forçosamente reconhecer criminoso ?

— Não são tal! As provas permittem que as destrua o ardil d'um habil jurisconsulto. E' isto certo ?

— E'.

— Pois bem : eu quero que a lei as anniquile, e não a trapaça; que este acto se cumpra á luz do sol, á luz de todas as consciencias, que me condemnam. Que faz que as influencias poderosas me libertem, se o mundo ha-de dizer: « salvaram-no as influencias! o ferrete de homicida lá o tem na testa !» Não quero snr. padre João! Agradeça ao compadecido pa-

trono; mas avise-o de que eu serei no tribunal o interprete mais severo da lei contra mim.

O advogado, quando tal ouviu, pasmou, e disse:

— E' um doudo maior da marca este homem! Creio que irá da cadeia para a enfermaria dos alienados!

E proseguiu:

— E' vergonha fazer-lhe eu uma pergunta, snr. padre João: Casimiro Bettancourt matou um homem e espancou o outro?

O padre não respondeu. E o advogado repetiu:

— Matou ou não?... Pois o senhor cala-se a esta pergunta?

—Calo, sim, snr. doutor. Não posso responder.

— Está claro! Outro doudo!.. Que esquisita familia é esta! Já fiz a mesma pergunta á mulher do preso: silencio! Interroguei Ladislau Tiberio: silencio... O snr. padre João Ferreira...

— Silencio! — atalhou o vigario.

— Nem a mim, que sou seu advogado — tornou com azedume o doutor — ha uma pessoa que me diga matou ou não.

— Ha — disse um academico que entrava?

— E's tu? — perguntou o advogado a Guilherme Lira.

— Sou eu. Casimiro Bettancourt não matou. Tu vaes advogar a causa do homem mais honrado e innocente do mundo!

— Posso dar-te como testemunha, Lira?

— Da sua honra e innocencia? podes; mas não me cites, que eu... ouve-me... eu hei-de tirar Casimiro da forca.

— Santo Deus! — exclamou o vigario, lavado de subito suor — Da forca! Pois é caso de sentença ultima?!

— Se a sentença ultima é inapplicavel n'este caso, — disse o advogado — não sei onde está no codigo penal o crime condigno! Mas não se falla aqui em forca... Pensemos...

— Não pensemos... — interrompeu Lira — Deixa correr o tempo, que pensa por nós.

Padre João foi contar a Casimiro o que ouvira em caso do lettrado, citando o nome de Lira.

O academico recolheu-se, voltou a face, e o sentido apparentemente, sobre outro assumpto, e disse em sua mente:

— Que intenta fazer aquelle desgraçado?

Pergunta que o leitor se digna fazer-me e espera resposta.

XIV

O padre João Ferreira escrevia miudamente ao fidalgo de Pinhel, e o mesmo D. Christina, bem que Ruy de Nellas tão sómente respondesse ao padre, accusando a recepção das cartas da filha, com a incumbencia de dizer a Christina que lhe eram agradaveis as suas lettras. De Casimiro Bettancourt só dizia o necessario, attinente ao processo.

Entre o velho e D. Sueiro corria declarada inimisade. Já o de Miranda sabia que seu sogro protegia Casimiro. Escrevera-lhe altivo reprovando amargamente a incongruencia do seu proceder. O de Pinhel respondeu que o marido de Christina padecia innocente, e D. Alexandre mentia imputando-lhe a morte do faccinoroso, de que elle villãmente se acompanhava. Replicou raivoso D. Sueiro, doestando o sogro, e ejaculando phrases de la-

caio a proposito do lustre de sua raça, sujada por um parente, *posto que remoto garfo de seu tronco.* As palavras sublinhadas affrontaram agramente Ruy de Nellas! Este repto, quinhentos annos antes, daria de si guerra a ferro e fogo entre os dous ricos-homens. Mas agora, n'este tempo de calmaria podre, em que as injurias se castigam na policia correccional com multa de dez tostões e custas do processo, Ruy de Nellas rebateu a provocação com outras não menos pungentes que certeiras injurias. E foi grão caso perguntar-lhe o velho se a Madre Nazareth, fugida do mosteiro de Lorvão, em 1810, e agarrada por ordem regia nas encruzilhadas do inferno, e mettida no tronco para se depurar dos vicios, seria um garfo meritorio do tronco dos Parmas d'Eça, ao qual elle Ruy de Nellas se glorificava de ser estranho? Chegadas a tal extremo as insolencias, a reconciliação era impossivel, apesar mesmo das frias tentativas de D. Guiomar, que nunca fôra amorosa filha nem irmã.

As cartas do padre ao fidalgo aventavam como certo o mau resultado do pleito em Coimbra, e invocavam o patrocinio de Ruy para que em Lisboa o supremo tribunal ou o poder moderador dirimissem a sentença condemnatoria.

Teve Ruy de Nellas como acêrto escrever desde logo a sua irmã, convidando-a a esquecerem o passado, para ir assim predispondo-a a mais de vontade o servir. A condessa de Asinhoso respondeu com muito amor ao irmão, lastimando que elle recusasse a sua amisade tantas vezes, em diversos tempos, offerecida; e acrescentava: « Eu não podia « odiar o mano Ruy, que nenhuma parte tomou nos « supplicios que me fizeram. Os algozes já estão na « presença de Deus! »

— Ainda não está arrependida! . . — disse en-

tre si o fidalgo, relendo aquelle periodo — Mulheres, mulheres!.. —acrescentou, sacudindo a cabeça.

Estranhará o leitor, que entre aqui mal cabido o episodio de umas aventuras de D. Eugenia de Nellas, condessa de Asinhoso. Conto, porém, com a sua attenção; e peço licença para me desvanecer de apontado em não me desviar da historia principal, sem ao depois me justificar do defeito.

D. Frederico de Paim e Lucena, tio materno de Ruy, vivia na capital, e muito no Paço, gozando as suas numerosas commendas, solteiro, septagenario, e abastado.

Corria por sua conta a educação palaciana de dous sobrinhos, Vasco e Gonçalo, irmãos de Ruy.

Eugenia, muito mais nova que seus irmãos, sahiu tambem de Pinhel, aos doze annos, em 1806, para ser educada em convento, visto que sua mãi tinha morrido, e sua cunhada a tractava asperamente.

Em 1811 sahiu a menina do collegio para casa de seu tio. Era uns dezoito annos superabundantes de quantas graças feminis, raras vezes, a inspiração divina segréda aos creadores que dizem á tella, ou ao marmore o seu *fiat lux*, e o marmore e a tella desentranham-se em Fornarinas de Raphael, em Colonnas como as de Angelo, em Venus como as de Praxiteles. D'estas, o artista, o que não é artista, o homem de coração e sêde do bello, diz: «fêl-as o cizel ou o pincel dos anjos!»; de Eugenia diria o artista, o amador, o poeta, o môço ardente, o ancião esquecido de seus ardores, diriam todos: «é um bafejo de Deus, uma alma vestida das perfeições materiaes, privativas do céu, se no céu podem conceber-se fórmas corporeas!»

Foi Eugenia requestada por consideraveis senhores da côrte. D. Frederico respondia aos que

sollicitavam sua mão: «Minha sobrinha é orphã de pai e mãi. Cazará á sua escolha. Intenda-se com ella quem houver de ser seu marido, que eu lavo as mãos d'ahi.»

Boa resposta; mas Eugenia repellia delicadamente os sollicitadores, as maviosidades, e as soberbas feridas na resistencia.

Pois tão dotada e fadada para amar, Eugenia era assim de refractaria condição ao bem supremo da vida? Dar-se-ha que o seu peito seja dentro de alabastro como se afigura no exterior?

Não; o mesmo amor de que a julgam inimiga é quem a incrueceu assim contra os aulicos, os ricos, os soberanos da galanteria d'aquelle tempo.

Amava Eugenia, e amava desatinadamente. O eleito de sua alma era um alferes de cavalleria, amavel de figura, composto de encantos; mas sem fôro grande nem pequeno, sem amigos das primeiras casas do reino, sem nome, que, ao menos, recordasse um general illustre, um lidador distincto das ultimas pelejas grandes da patria com os estranhos. Um mero e simples alferes, pallido, só, melancolico, e timido debaixo dos olhos d'ella.

O palacio de D. Frederico de Paim era na rua de Santa Barbora. O alferes passava alli duas vezes em cada dia, e alguns dias duas vezes em cada hora.

E ella via-o sempre, esperava-o sempre, esperava-o mesmo mais vezes do que o via. Gonçalo e Vasco viam-no tambem, e diziam:

— A assiduidade d'este homem!... Que cuidará elle, ou que cuidará nossa irmã!

Indagaram pela rama; e, em occasião opportuna, disseram a Eugenia:

— Olha que o militar, que tu vês ahi passar, e mesmo procuras vêr, é um nada, que principiou

soldado. Sirva-te isto de governo, e lembra-te que és Eugenia de Nellas Gamboa de Barbedo.

A menina, se a revelação a envergonhasse, córaria; se o coração lhe doesse, impalideceria; ora, como nem córou nem impallideceu, é razão presumir que o seu pudor e coração ficaram illesos; e, depois, concluir que ella, assim mesmo, amava-o sem pejo da baixeza delle nem vangloria de seus apellidos. Concluam assim que tem a maxima probabilidade do acêrto.

E o alferes continuou a passar na rua de Santa Barbora, e a surgir no alto da collina da Penha de França, d'onde Eugenia do seu miradouro o avistava.

D. Frederico, avisado pelos sobrinhos, disse que estava seguro do bom siso de Eugenia; mas, por cautella, na primavera de 1815, quando a menina já entrava nos seus vinte annos, foi passar seis mezes á sua quinta de Camarate.

— O remedio prudente é este — disse o velho aos sobrinhos—Não façamos alarido, que ha casos de frageis avesinhas, espavorecidas por algazarras, romperem os arames da gaiola.

Quando isto foi, já o alferes se carteava com Eugenia, mediante a aia, que viera de Pinhel.

A passagem para Camarate aggravou a infermidade. Convem saber que ha casos em que o amor, o mais sadio e rosado dos deuses, se chama «infermidade». Exemplo: amarem-se duas pessoas, divorciadas pelo acaso do nascimento ou da riqueza, é infermidade; amarem-se, porém, um casal de ricos, de nobres, de ralé social, ou de mendicantes, isso sim é amor, que é saude, e só póde adoecer, n'uns, em hidropesia de tedio, n'outros, em resiccação de fome.

A quinta de Camarate era um arvoredo, que

competia com o reinado de D. João III. Fôra plantado e alinhado por D. Mem Vasques de Lucena, sumilher de El Rei, e aio do infante D. João, pai de D. Sebastião. Era memoria que aquellas arvores, ainda tenras, tinham visto os amores de D. João III com D. Izabel Moniz, moça da camara da rainha D. Leonor, amores que deram de si o principe, arcebispo de Braga, D. Duarte, que morreu na flor dos annos. Para alli diziam os Lucenas que o monarcha transferira a dama, odiosa á rainha.

Parecia, pois, que a folhagem do arvoredo estava rumorejando uma chronica de reaes amores.

As fontes respondiam ás arvores, as aves ás fontes, as borboletas dialogavam com as flores, as flores trahiam com a viração as borboletas: era tudo alli um suspirar, um ouvir-se muito interno harpas e córos, symphonias aerias, milhares de pronunciações confusas da terra, dizendo todas «amor»!

E para onde elles levaram Eugenia, que já comsigo levava a saudade! a saudade, verdugo que mata com caricias, corda de estrangulação tecida com fios de ouro, segredo que Lucifer, ao despenhar-se, roubou do céu, e nunca mais restituiu!..

Alli é que o amor pegou d'ella com a mão violenta, sendo que até áquelle dia lhe fôra sempre mão cheia de meiguices, e serenas esperanças.

Gonçalo e Vasco julgaram sua irmã segura, e ficaram por Lisboa, onde tinham seus affectos, e suas devassidões. O velho, contente com as suas arvores, e com a menina, que lhe ouvia a menos edificativa lenda dos amores de D. Izabel Moniz, não sahia de Camarate.

A' noute, assim que a briza esfriasse, D. Frederico digressava do jardim, dava um osculo em sua sobrinha, e fechava-se em seus aposentos.

Ora, depois ainda, a menina ficava, sentada

no banco rustico, resguardada de sycomoros, aspirando as baunilhas, sacudindo as granulações das pimenteiras, ou devaneando pela via lactea fóra, de constellação em constellação, com os olhos lá, e o coração na terra, e na terra proxima, no muro da quinta por onde o alferes subia. E não se atemorisava dos plátanos gigantes nem das danças macabras das sombras, agitadas pelo vento da alta noute!

A' uma hora rugia a folhagem debaixo dos seus pés nas ruas ladeadas de murtas; os molossos lambiam-lhe as mãos, sorvendo os latidos ferozes; as avesinhas accordavam e saudavam-na ao passar; o rouxinol das cinceiras soltava as notas mais dilectas; e ella ia á gruta conhecida, e esperava com a mão no seio como quem diz ao coração: «Espera, ditoso impaciente!»

Ao abrir da manhã de 16 de agosto d'este anno de 1815, Eugenia ouviu quatro tiros nas cercanias da quinta, e tremeu, tremeu até cahir de joelhos.

D'ahi a pouco estrondearam os argolões do portão da quinta. A aia entrou ao quarto da menina, e disse:

— Chegaram seus irmãos. O snr. Gonçalo vem ferido n'um braço: já foi chamar-se o cirurgião ao Lumiar.

Gonçalo e Vasco estrenoutaram o tio, e fecharam-se com elle. O que ahi disseram collige-se dos successos seguintes.

Durante o dia, Eugenia não viu seus irmãos nem tio. Sabia que se faziam preparativos de viagem. Mandou indagar dos cazeiros o que seriam os tiros da madrugada. Os cazeiros tinham ouvido as detonações, e a estropeada de cavallos. Estaria morto o alferes?

— Matal-o-iam? — perguntava Eugenia á sua aia — e, depois, ousava perguntal-o a Deus.

Se ella pudésse ouvir este dialogo dos irmãos...

— Chego a duvidar que as pistolas tivessem ballas— dizia Gonçalo.

— Carreguei-as eu — affirmava Vasco.

— E foi-se a salvo !

— Quem sabe ? !

— Não o viste correr sobre nós,e desfechar de perto, e retirar-se muito a passo ? E depois não o avistaste a subir a charneca, sobre o cavallo ?

— Vi.

— Como queres tu que elle fosse ferido ! ? — retorquiu Gonçalo — Com meia polegada á esquerda, o canalha mettia-me a bala na cintura — dizia elle levando a mão esquerda ao ante braço direito —Eu é que estou ferido devéras... Não contavamos com isto, Vasco! O homem tem fibras !

Ao fim da tarde, sahiu da cocheira uma caleça de jornada apposta á parelha de machos.

N'esta occasião foi chamada Eugenia á presença de seu tio, que mansamente lhe disse :

— Se tivesses pai ou mãi, mandar-te-ia para elles, sem te dizer a razão : tu a saberias de mais, e eu me pouparia á dor e pejo de repetil-a. Entrego-te a teus irmãos. D'elles te defendi alguma vez; agora estou desarmado pelo teu proceder. Disse de mais. Ahi fóra está posta a caleça para conduzir-te a outra parte, segundo vontade de Vasco. Não vai Gonçalo, que está ferido da bala do homem, que saltava os muros da minha quinta, com teu consentimento. Adeus, Eugenia.

D. Frederico entrou rapidamente no seu quarto, contiguo á sala, e fechou-se, a chorar.

Vestiu-se Eugenia em soluços, e cobrou animo, quando viu que a sua aia se preparava. Entraram ambas na caleça, onde as seguiu Vasco. Che-

garam de noute a Lisboa, e pararam á porta do palacio de D. Frederico.

Vasco mandou descer a aia de sua irmã, e disse-lhe:

— Sobe; diz ao mordomo que te pague; e vai á tua vida.

— Onde vai ella?! — gritou Eugenia.

— Não queremos gritos — atalhou o irmão — Pica, bolieiro!

As mulas galoparam até entrarem á estrada do Beato Antonio, onde Vasco de Nellas cavalgou, adiantando-se.

A jornada de Eugenia durou dous dias e meio. Parou a carroça diante de um palacete velho, em Recaldim, no termo de Torres-Novas. Era alli uma grossa commenda de D. Frederico, casa chamada da «renda», habitada pelos Pains de Lucena, quando desgostosos da detronisação de Affonso VI, se affastaram da corte.

Entrou Eugenia a um grande salão decorado como o deixaram seus avós, quando voltaram a Lisboa.

A tranzida menina sentiu frio e medo.

Surdiu-lhe logo, de sob a orla de um reposteiro de cor inqualificavel, uma creatura, ao que parecia, femeal. Dirieis que uma cuvilheira dos Lucenas, adormecida em 1680, ao sahirem seus amos, acordára, como Epimenides, cento e trinta annos depois, e estremunhada sahira ao salão para ver qual das fidalguinhas Pains estava a soluçar.

Eugenia encarou-a, e estremeceu.

Entrou a velha, fez tres mezuras, e disse:

— Guarde Deus a v. exc.ª

— Adeus — murmurou Eugenia.

— Em quanto não chegam as outras creadas — tornou a creatura com ares benignos — a fi-

dalga queira mandar-me em seu serviço. Eu fui ama de leite de sua mãezinha, que foi casar a Pinhel.

Estas palavras reanimaram Eugenia, que se aproximou voluntariamente da velha, em quanto ella continuava:

— V. exc.ª é o retrato d'ella: já o sabia por m'o dizer o snr. D. Frederico; mas eu estou aqui ha quarenta annos desde que ella casou. Seu avô, o snr. D. Carlos de Lucena mandou-me para Recaldim com ordenado e casa para a velhice. Já quiz botar-me por essa estrada fóra até Lisboa, só para ver a filha da minha menina; mas a carga dos annos, oitenta bons, não se leva onde a gente quer. Fiquei agora attonita, quando vi entrar o menino Vasco, e me disse: «minha irmã vem aqui estar algum tempo. A'manhã chegam outras creadas, que ficam debaixo da sua vigilancia, e um creado lhe transmittirá as minhas ordens».

— O mano já sahiu? — atalhou Eugenia.

— Chegou ás quatro, e sahiu ás cinco horas da manhã. Admiro que v. exc.ª o não encontrasse... Então é que foi pelo caminho de baixo.

Engenia, n'um impeto de confiança, abraçou-se na velha, e exclamou:

— Por alma de minha mãi, valle-me?

— Se lhe valho, meu serafim? que quer v. exc.ª da sua serva humilde?

— Queria escrever uma carta.

— O' menina, isso barato é de fazer; mas o rendeiro da commenda anda á cobrança, e levou a chave da sala, onde está o tinteiro e o papel.

— Pois nem um bocadinho de papel?!.. Não tem um livro?..

— Livro tenho as minhas *Horas*, e o *Retiro Espiritual*.

—Deixa-me ver se ha lá uma lauda em branco?

— Acho que ha, Deus queira que haja.

O *Retiro* tinha a primeira folha surrada, mas susceptivel de receber caracteres. Eugenia despregou um alfinete, picou o dedo indicador, apertou-o até bolhar sangue. Depois com a cabeça do alfinete embebida no sangue, escreveu :

Estou em Recaldim, perto de Torres Novas, na commenda do tio. Aqui morrerei. Voltou-se com recrescente vehemencia para a velha, e disse :

— Da-me um bocadinho de pão para eu fechar este bilhete ?

— Sim, minha menina.

Fechou o bilhete, e sobrescritou-o.

— E agora ?— tornou ella— O peor é agora.

— Que queria v. exc.ª.

— Quem me levasse este bilhete a Lisboa.

— A Lisboa ? A menina não sabe o que é ir a Lisboa ! São dous dias e meio de jornada, andando de noute duas horas.

— Não importa . . . Eu pago . . .

— Mas pagar a quem, meu anjinho do Senhor? Ora venha cá . . . isto é paixão ?

— Paixão de morrer, minha amiga . . .

— Chame-me sua creada Brites. Paixão para bem ou para mal ?

— Eu queria casar-me com elle ; mas meus irmãos perseguem-nos.

— Eu logo vi que a vinda de v. exc.ª era cousa de amor . . . O seu adonis não é fidalgo pois não ?

— Não é . . .

— Logo vi . . . E é pessoa de bom porte ?

— E' um alferes de cavalleria, muito bom de coração, muito gentil, a minha paixão unica, o meu disvelo de ha tres annos, a minha vida . . . e será a causa da minha morte.

— Coitadinha ! Deus o fará melhor. Então

quer a menina que elle saiba que a trouxeram para aqui?

— Sim, queria.

— Então, deixe estar, que eu de hoje até ámanhã hei-de cogitar no caso. Pediu-me isso por alma de sua mãi, e eu só se não poder de todo em todo. Quem ha-de levar a cartinha, se as contas me não falham, ha-de ser o cocheiro da caleça; mas o peor é não termos outro papel... Ora espere, que eu tenho alli uma sentença que me cá deixou um meu sobrinho, que andava a aprender a ler. Tinta arranja-se sem a menina furar os seus mimosos dedinhos. Com uma pouca de felugem da chaminé, e vinagre, faz-se tinta. Penna, vai se tirar uma de galinha, e com uma faca fazem-se-lhe os bicos.

A snr.ª Brites em tanto tempo quanta era a anciedade de Eugenia, veio com tudo a ponto: meia folha de papel sellado do tempo de D. João V, uma tigella com a dissolução da felugem em vinagre, uma penna de galinha, e a faca mais afiada.

Eugenia, se se não uzasse o aparo das pennas, tel-o-ia inventado n'aquella occasião.

Estava tudo em ordem. Sorveu a snr.ª Brites uma pitada de esturrinho, e disse:

— Escreva lá v. exc.ª

XV

D. Eugenia escreveu o que dictava Brites:

« Minha sobrinha. Logo que esta receberes,
« sem demora de tempo, vai tu mesma em pessoa
« pessoalmente... »

— Onde é que ella ha-de levar a carta? — perguntou Brites.

— Ao quartel de cavalleria a Alcantara.

— Escreva, meu serafim:

« Vai ao quartel de cavalleria a Alcantara, e « entrega o bilhete, que vai dentro d'esta, á pessoa « que lá diz por fóra...»

— Eu—interrompeu-se Brites atacada de modestia— não tenho muito geito para notar cartas; mas o que a gente quer é que nos entendam.

— Vai muito bem— disse Eugenia.

— Pois ponha lá:

« Toma conta que a não vás entregar a ou- « tra pessoa; e da resposta que houver escreve-me « para Torres Novas. Sem mais enfado, tracta d'is- « to como cousa de muita... de muita...»

— Ponha lá a menina uma palavra, que diga... sim... que diga que é cousa de muita aquella.

— De muita consideração.

— Isso mesmo.

Eugenia subscriptou á snr.ª Apollinaria dos Martyres, na calçada dos Barbadinhos, n.º 21— quinto andar, á esquerda.

A irmã de Ruy de Nellas abraçou-se na ama de sua mãi, e clamou:

— Cuidei que estava mais desamparada. Ha almas boas em toda a parte, louvado seja o Altissimo!

— *Amen*—respondeu christãmente a snr.ª Brites, e foi á cosinha, onde o bolieiro estava jantando para voltar com a caleça ao fim da tarde.

— Vm.ce faz-me o favor de entregar em Lisboa uma carta a minha sobrinha? Aqui vai o nome e a rua. Se lhe não custa...—disse a velha.

— Não me custa nada, tia Brites; mas dobre-me a porção do vinho.

— Ahi vai, homem. Beba; mas não desatreme, nem me perca a minha cartinha.

— Fique certa, que de hoje a tres dias por estas horas, já está na mão da dita supplicanta. Diz ella tudo pelo claro?

— Vai tudo pelo claro.

— Então, metta-m'a ahi no bolso da jaqueta, e carregue-me o copo.

Foi a carta entregue á snr.ª Apollinaria, e o bilhete ao alferes de cavalleria, o qual, segundo veridicas informações da engommadeira da rua dos Barbadinhos, chorou, e vasou as algibeiras nas mãos tolerantes da snr.ª Apollinaria.

Escreveu o alferes uma longa carta a D. Eugenia. Principiava contando a descarga de dous tiros inuteis que lhe deram. Disse não conhecer as pessoas, que lhe atiraram, por virem rebuçadas, e estar ainda a limpar a manhã. Contou que o não feriram; mas suppunha elle ter sido mais certeiro na pontaria. Acrescentava que ia ser removido para Bragança, por intriga e influencia dos irmãos de Eugenia; e declarava-se, á final, tão desgraçado e desprovido de recursos, que não podia ir arrebatal-a das mãos de sua cruel familia, sem desertar, e collocar-se na precisão de ir perecer de miseria com ella em reino estrangeiro. Pedia-lhe, em summa de tudo, animo, e esperança.

Leu Eugenia a carta com profundo desgosto.

« Não me amará?! » — disse ella entre si.

Viu-a chorar a devotada Brites, e pediu-lhe o favor de lhe ler a carta. Quiz ouvil-a segunda e terceira vez. Consolidou as suas convicções com uma pitada, e disse:

— Esse rapaz, quem quer que elle seja, tem tino na cabeça, e pensa bem. A menina por que chora?

— Nem sequer falla em vir ver-me!..

— Pois se o pobre homem vai de marcha lá para cascos de rolhas, como quer a fidalga que elle deserte ás bandeiras, e venha aqui? E depois? que seria d'elle? e a sorte da minha flor do céu, era muito melhor!?..

Pudéram muito com D. Eugenia as razões de Brites, e mais ainda a promessa de tomar a velha á sua conta a correspondencia segura entre Bragança e Torres Novas.

Era chegado o momento de uma confidencia, que tem sido o balsamo de piedade em coração de paes lacerados pela ira e pela deshonra: não será muito que o leitor, invocado a julgar O BEM E O MAL d'esta serie de biographias, dê sua piedade á desventura culpada, assim como tem dado suas bençãos á virtude sem nodoa. Ha crimes repulsivos; o engenho mais abalisado, a philosophia mais bem fingida, sob capa de verdade, tenta em balde mover-nos á compaixão do delinquente, em quanto o retalhar do remorso o não fez delir com lagrimas o stygma que a moral lhe assignalou: outros crimes, porém, são de si, e por vontade divina, sympathicos não direi; mas, se a ré se pranteia, e se olha em seu seio, e exclama: «O' meu Deus! hei-de eu espedaçar em respeito ao mundo este filho, que é o meu amor e o meu opprobrio?.. hei-de eu abafar o grito da minha consciencia e coração, para que o mundo me veja um rosto limpo, um rosto lavado no sangue do meu filho?..» Quando a mulher assim falla a Deus, a misericordia divina dá-lhe um anteparo contra as injurias do mundo; e o mundo, se lhe adivinha as dores, e o mimo d'aquella paixão, á qual só falta um sacramento para ser santa, o mundo perdoa-lhe, embora a repulse do contacto das almas candidas, das suas fi-

lhas, das suas esposas, das suas irmãs, que Deus permitta não humilhem com maiores despresos a desgraçada, que é mãi.

E', pois, chegado o momento da confidencia. Quem a recebe é a consternada velha, que vira nascer a mãi d'aquella menina. Até áquelle momento, Brites estivera longe de imaginar um erro n'aquelles amores: julgava-os na sua maxima pureza. Descem lagrimas nas rugas dos oitenta annos, lagrimas de bom agouro, que deixam mais livre o accesso á piedade. Eugenia cuida que o revelar-se aos irmãos lhe dará um esposo, lhe será redempção de ignominia.

— Não, minha infeliz senhora, não! — exclama a velha.

E conta-lhe tres identicas e desventurosas historias que ella presenciou em sessenta annos de serviço n'aquella familia: tres mulheres sepultadas em conventos, onde nunca entrou raio de contricção nem conforto.

O alferes sabe em Bragança as agonias de Eugenia, e sente n'alma o estylete excruciante da expiação. Nenhuma morte sustenta o parallelo com as flagellações de seis mezes, soffridas a tantas leguas de distancia.

Eugenia recebe o ar e a luz pela janella do seu quarto unicamente. Teme-se da observação das criadas, que lhe espiam os passos, sem suspeitarem de Brites. A velhinha tudo provê e prevê; mas, a intervallos, quer morrer, antevendo as agonias da hora improrogavel, da hora em que o grito de afflicção rompe atravez mesmo das mãos da vergonha, que tentam suffocal-o.

Era no mez de dezembro de 1816.

O alferes lançou-se aos pés do general da provincia de Traz-os-montes, que demorava em Bra-

gança, n'essa occasião. Abre-lhe sua alma, em torrentes de pranto. O velho general chora, e diz :

— Tenho rigorosas recommendações a seu respeito; mas vá: peça-me licença para ir ver sua familia. Dou-lh'a por quinze dias. Vá, embora eu tenha de soffrer.

O alferes vestiu habitos paisanos, e desceu a Torres Novas. Alli, vestiu-se de mendigo, simulou uma paralisia de braços, e pediu gasalhado em Recaldim. Trocou ligeiras palavras com Brites, e não viu Eugenia. Voltou á albergaria do commendador algumas noutes. Os criados contemplavam-no, e diziam :

— Tão novo, e tolhido de braços !

As criadas acrescentavam :

— E não havia de ser feio !

Na noute de quinze de janeiro, por volta de onze horas, abriu-se a porta da albergaria, e entrou Brites, com a face alagada de suor e lagrimas. O alferes formou entre os braços com as dobras da capa de mendigo uma caminha de farrapos, recebeu um menino, e sahiu. A duzentos passos estava o leal camarada do official, com um cavallo á redea. O alferes cavalgou, o auxiliar saltou á anca do cavallo, e partiram.

Em Torres Novas alimentaram o recemnascido. Proseguiram até Santarem, onde foi baptisado sete dias depois. Alli veio uma ama do Cartacho, e o levou comsigo.

Estava a expirar a licença. O alferes entrou no quartel, á ultima hora, e beijou as mãos do general, dizendo :

— Dei-lhe o nome de v. exc.ª Ahi me fica a memoria da sua commiseração, general!

....

D. Eugenia de Nellas, dous mezes depois d es-

tes successos, recebia uma carta de seu irmão Vasco, participando-lhe que ia casar com uma titular brazileira, agraciada pelo snr. D. João VI, e convidava sua irmã a acompanhal-o á côrte do Rio de Janeiro.

D. Eugenia respondeu que queria viver e morrer no seu desterro de Recaldim.

« Bem sei — replicou Vasco — bem sei. . . —
« Brevemente, se quizeres salvar o amante, muda-
« rás de resolução. »

Decorreram alguns mezes. Instaura-se processo a Gomes Freire de Andrade. São presos os cumplices da conspiração, e os suspeitos cumplices. O alferes é chamado a Lisboa, e recolhido ao castello de S. Jorge, como indiciado nos planos subversivos do general Freire de Andrade. São os Lucenas que tramam a bem agourada perdição do alferes.

Eugenia é avisada do encarceramento do alferes. A faca apontada ao peito da timida senhora é um dilemma: se ella presiste em ficar, o alferes morrerá; se vai para o Brazil, o réu será absolvido.

Eugenia vai para o Brazil, e o alferes sem saber porque o accusam, nem porque o absolvem, sahe do castello, e entra nas fileiras.

Ruy de Nellas, acantoado sempre no seu solar de Pinhel, recebera a infausta nova da queda de sua irmã. Respondendo a Vasco, disse: « Não te-
« nho irmã : nunca mais me fallem n'essa mulher.
« Fizeram bem não me dizer o nome do insultador
« de nossa familia, se é que elle tem nome. »

Saltemos a 1820. D. Eugenia é o assombro dos salões do Rio de Janeiro. Reviçam-lhe todas as graças; a da melancolia realça-lh'as, melancolia,

que dava a entender que o anjo, lembrado do céu, tinha saudades.

Vasco é-lhe odioso. A casa do irmão atormenta-a como um ergastulo. Perdeu esperanças de voltar á patria, e aspira a ver no céu o esposo de sua alma.

De repente, como que as esperanças lhe morrem, e a querida dos fidalgos brazilienses desce os olhos sobre a terra.

Vê um conde que fôra de Portugal, com o principe regente, e a requesta de joelhos. E vai ella, levanta com a sua mão o homem que ha-de resgatal-a do dominio do irmão, e sahe condessa de Asinhoso da casa abominada.

No redemoinho das festas, a condessa parece estar sempre em contemplação d'um tumulo. E o marido mais a adora assim; e ella, de lhe ver o amor atravez das lagrimas, enchuga-lh'as, e pede a Deus um novo coração para seu marido.

Nunca mais seus labios responderam a Vasco; e, ao terceiro dia de casada, disse ao conde:

— Meu amigo, a presença de meu irmão n'esta casa é como a do algoz da minha felicidade, e da tua, se posso dar-t'a.

O conde de Asinhoso ouvia sua mulher, e obedecia com jubilosa escravidão.

Gonçalo de Nellas havia morrido em 1819, D. Frederico Paim de Lucena morreu em 1820, legando os seus bens ao sobrinho vivo; Vasco em viagem para a patria, morreu de febres.

A condessa enviuvou em 1833. Cuidou em liquidar os seus copiosos haveres, e voltar a Portugal.

Uma delirante esperança vinha com ella. Rica, livre, com a alma inteira no seu passado amor!

Desembarcou em Lisboa por junho de 1834. Reinava D. Pedro IV.

Mandou indagar do alferes de 1817 aos seus camaradas anteriores á scisão politica. Responderam-lhe que tinha morrido na guerra.

Ergueu ella então as mãos, e disse:

— O' meu Deus: merecia eu tamanho castigo?!

Mandou ainda perguntar por um filho do militar que morrera. Ninguem deu novas de tal filho. O espirito publico batia as azas ainda no ambiente de fogo, e ninguem curava de saber onde podia existir o filho d'um official, que morrera rebelde.

Foi então que a condessa de Asinhoso, aterrada da sua soledade, escreveu a Ruy de Nellas, pedindo-lhe a sua estima, e uma filha, que lhe fosse companhia.

O irmão não lhe respondeu.

Esta é a historia triste da senhora, cujo valimento Ruy de Nellas vai pedir a favor de seu genro.

Qual é o valimento da condessa em Lisboa? E' o prestigio da riqueza, e da belleza ainda.

Quarenta e seis annos, com trinta de amarguras, e ainda formosa! E' que ha mulheres de tamanha alma, que primeiro o fel da desgraça ha-de enchel-a antes que o corpo se alquebre.

Das masmorras de 1793 sahiam formosissimas mulheres para a Guilhotina.

A mulher de Luiz XVI tinha pequena alma, sonhára vinganças mesquinhas, e por isso lhe encaneceram os cabellos n'uma hora.

Madame Roland, a scismadora das revoluções uteis, ia formosa no seu carro de morte.

Carlota Corday illuminou-se de formosura mystica ao ver-se espelhada no aço do alfange.

XVI

Ao cabo de cincoenta dias estava o processo prompto para entrar em julgamento. Dominava em Coimbra a opinião de ser inevitavelmente condemnado Casimiro de Bettancourt. A innocencia, que algumas pessoas apregoavam, era em geral recebida, a riso, como um paradoxo.

A alma de Christina confrangia-se, e os labios sorriam ainda. Era ella só quem ainda simulava esperanças; mas que supplicios surdos lhe custava a dissimulação!

Ladislau e o vigario em vão queriam imital-a. A sua tristeza era como as trevas do cego que resistem ao tremer convulso das palpebras. Queriam esperançar-se, e de toda a parte lhes soava como irremediavel a sentença. Rosnava-se em compra de jurados: não era preciso arguir ao suborno a condemnação. Casimiro estava sem defeza: o seu silencio impressionava favoravelmente as almas distinctas; o vulgacho, porém, que havia de julgar das provas, daria importancia nulla á mudez do réu. Os protectores de D. Alexandre eram os mais graudos fidalgos de Coimbra e cercanias. Por Casimiro Bettancourt ninguem pedia. O padre e o cunhado reduziam-se a sollicitar o andamento rapido do processo, pagando liberalmente as despezas e actividade do procurador. Isto era bastante; mas faltava muito.

Ruy de Nellas affligia-se a cada nova carta desanimadora que recebia; entretanto, a solução favoravel em Lisboa era um respiradouro para elle e para os poucos amigos do preso.

Designado o dia do julgamento, o pai de Chris-

tina escreveu a sua irmã, contando-lhe os pormenores do casamento da filha, as desventuras do genro, a sua innocencia no crime assacado, a indefeza pertinaz em que elle se pozera, o mysterio do homicidio, a certeza de que o silencio de Casimiro Bettancourt era um heroismo de honra, talvez novo. Rematava pedindo á condessa de Asinhoso que patrocinasse em Lisboa sua sobrinha, que era mãi, e esposa extremosa.

Na antevespera da audiencia, travaram desordem uma malta de academicos richosos com as patrulhas nocturnas. Alguns estudantes retiraram feridos, e invocaram Guilherme Lira, em nome da honra academica. O chefe da Sociedade da Manta respondeu que, n'uma das proximas noutes, seria vingada a academia.

No dia immediato, entrou Guilherme no escriptorio de um tabellião, e pediu meia folha de papel sellado. Assignou-se no fundo da lauda, e fez que o notario lhe reconhecesse a assignatura.

Recolheu a casa, e deteve-se algum espaço, escrevendo no branco da folha assignada e reconhecida. Fechou em fórma de officio, lacrou, e escreveu algumas palavras no involucro. Depois fez algumas cartas: uma sobrescriptada a D. Joaquina Soares de Lira sua mãi, residente em Evora; outra a sua irmã, casada em Extremoz; e ainda uma terceira brevissima, dirigida a uma senhora, que tinha o segredo da ferocidade d'aquelle homem. Terminava assim: «Não te cito para o céu nem para « o inferno. Chamo-te diante do teu proprio remor« so. Viste-me um anjo aos dezoito annos; e fizes« te de mim isto que sou. Não te accuso: lá tens « dentro d'alma o teu algoz. E' tempo de acabar.»

Deitou as cartas na caixa postal, e foi á cadeia, segundo o seu costume quotidiano, ver Ca-

simiro. Eram quatro horas da tarde. Estava o jantar na meza. Guilherme sentou-se ao lado de Christina, e comeu com appetencia. De uma vez inclinou-se ao ouvido da senhora, e disse-lhe :

— A'manhã já v. exc.ª janta em casa com seu marido.

Christina soltou um brado de alegria.

— Que é ? !—inquiriram todos.

Guilherme fitou-a, e descahiu as palpebras.

Era impor-lhe silencio, e ella abafou a revelação, que lhe crispava nervosamente os labios, e archejava o seio.

Esperaram, breve tempo, a resposta com anciedade. Christina fitou os olhos supplicantes no academico, e elle, erguendo-se, disse :

— Póde fallar, minha senhora, d'aqui a instantes.

E abraçou Casimiro, beijando-o nas faces ambas; abraçou Christina osculando-lhe a fronte; apertou affectuosamente as mãos de Peregrina, Ladislau, e padre João ; affagou as duas creancinhas, e sahiu de golpe.

Casimiro chamou-o com vehemencia, e elle não voltou.

Referiu Christina o que lhe ouvira. Casimiro concentrou-se, pensou alguns minutos, e disse:

— Não mentiu. A'manhã jantaremos em liberdade.

Pediram-lhe o sentido das palavras do academico. Bettancourt respondeu :

— A'manhã.

Notaram todos que a tarde e noute d'aquelle dia foram as mais tristes horas de Casimiro na sua prisão de dous mezes. E, comtudo, Christina escondia o seu contentamento.

Eram dez horas da noute, quando Casimiro

ouviu grande grita e o estrondo de alguns tiros. Estava já sósinho, passeando febrilmente na saleta, e disse entre si:

— E' agora.

O alarido e o tiroteio continuaram.

Collou o ouvido ás portadas da janella, e ouviu dizer na rua:

— Mataram o Lira.

Meia hora depois recahiu tudo em silencio quebrado pelas passadas das patrulhas em tresdobro. E o carcereiro bateu de manso á porta de Casimiro, e disse:

— Dorme?

— Não. Póde entrar.

— Venho contar-lhe o que vai. O seu amigo Lira espancou as patrulhas, que encontrou desde o bairro alto até á rua do Coruche. A Sociedade da Manta appareceu em armas, atacou o reforço, que sahiu do quartel. Quando ia retirando para o monte Arroio a estudantada, debaixo de fogo, o Lira ficou atraz, sem arma nenhuma, a não ser o varapau de choupa que mettia ao peito dos soldados. Tinha elle recuado até ás grades de Santa Cruz, quando cahiu morto com uma bala atravessada de fonte a fonte. Meu filho vem de o observar. Faz dó ver um homem tão valente assim morto como se mata qualquer poltrão!...

— Obrigado á sua noticia.

— O snr. ficou triste deveras! — tornou o carcereiro — Tem razão, que elle era seu amigo d'uma vez!... Boas noutes, snr. Bettancourt. A'manhã é o dia da grande batalha. Espero em Deus que...

O carcereiro tão certo estava da condemnação, que não ousou mesmo concluir a phrase da esperança em Deus.

Mal se abriram as portas da cadeia, entra-

ram Christina e os amigos a contarem o successo. A justiça ia tomar conta do espolio do morto. Coimbra estava agitada de terror. Receava-se grande lucta da academia com a tropa no acto do enterro de Guilherme. Suppunha o padre que se não abrisse o tribunal, para obviar o azo da desordem. Contou Ladislau que o estudante, na vespera, tinha ido reconhecer a sua assignatura a um tabellião. Christina, que tudo sabia, esperava que seu marido fosse salvo por alguma declaração de Guilherme. Eram, porém, nove horas, e não apparecia alvará de soltura, nem contra-ordem de julgamento.

A's dez horas, chegou o official do juizo para acompanhar o réu ao tribunal.

Logo á sahida do carcere, ouviu Casimiro dizer:

E' preciso ir acabando com os assassinos. Um já lá vai; este não tarda; os outros hãode ir, quando lhes chegar a vez.

Quem tão sisudamente discreteava era o cidadão honesto da Couraça dos Apostolos, em cuja cabeça Guilherme deixára um signal inutil para a morigeração da pessoa.

Sentou-se Casimiro no banco dos réus. Christina, Peregrina, o padre e Ladislau ficaram fóra da teia. D. Alexandre de Aguilar, como parte, sentara-se entre o seu advogado e o representante do ministerio publico. Na acareação de author e réu, perguntado o primeiro se reconhecia em Casimiro Bettancourt o sujeito que o espancara, o fidalgo respondeu:

— Não podia ser outro.

— Pergunto a v. exc.ª se é aquelle, e não se podia ser outro — replicou o juiz.

— E' aquelle.

Sahiram a depor as testemunhas da accusação.

Eram concordes em dizer que viram entrar em casa do réu o sujeito que matára um homem, e deixára o outro estendido. Recordaram todos as precedentes aggressões que o réu fizera contra o author, já no botiquim da rua Larga, já na Ponte. O cidadão honesto sobreexcedeu a má vontade das demais testemunhas, dizendo que o réu era sujeito de tão máus costumes que roubára uma filha a um fidalgo seu bemfeitor, e com a filha roubára as joias da familia.

— Esse infame está a mentir! — exclamou Christina.

Casimiro voltou-se para o lado onde estava sua mulher, e encarou-a fito, com severo olhar.

O juiz disse:

— A senhora não póde aqui fallar.

— O que ella diz não se escreve — acrescentou a faceta testemunha, sorrindo do alto da sua probidade.

— Querello da testemunha — disse o advogado do réu.

— Eu não querello da testemunha — emendou Casimiro.

— Em tempo competente resolverão — admoestou o juiz.

Convergiram todos os olhares sobre Casimiro.

Um dos jurados disse:

— Eu já não condemno aquelle homem!

— Por quê?! — perguntou o visinho.

— Aquelle homem está innocente ou é doudo.

— Qual doudo? aquillo é um grande farcista! Elle não querella da testemunha, porque sabe que roubou as joias.

Terminou o depoimento da accusação por parte do author e do ministerio publico.

Esperavam-se testemunhas de defeza: o escrivão disse que não estavam inscriptas nenhumas.

— E' doudo ou não? — disse o jurado bem intencionado.

— Qual doudo? replicou o outro — E' tão patife que não tem quem o defenda.

Ia levantar-se o patrono de D. Alexandre, quando o administrador do concelho entrou na sala do tribunal, e entregou ao advogado do réu uma carta em fórma de officio.

O orador, que já tinha dito: «Snrs. jurados!» suspendeu-se.

O patrono do réu leu uma meia folha de papel, e disse, em pé, com os cabellos hirtos:

— Snr. doutor juiz de direito, v. exc.ª dirá se o debate deve continuar, depois de ler a declaração que remetto á consideração de v. exc.ª

Machinalmente ergueram-se todos, auditorio, e jurados.

O juiz leu mentalmente, e passou o papel ao delegado. Trocaram breves palavras, e deram ao official de justiça o papel.

— Leia o snr. advogado do réu — disse o juiz — Eu por mim intendo que terminou o debate.

— Sou de igual parecer! — ajuntou o ministerio publico.

O advogado de Casimiro, limpando as camarinhas do suor, leu com voz tremente de alegria e commoção d'alma:

« Declaro eu Guilherme de Noronha e Lira,
« estudante do 5.º anno de direito, que fui eu quem
« matou, na noute de 16 de janeiro do corrente anno
« de 1840, um criado de D. Alexandre de Agui-
« lar, e empreguei os meios de matar tambem o
« amo. Não tinha contra algum d'elles motivo de
« odio pessoal; mas, como inimigo jurado de pol-

« trões covardes, e sabendo eu que elles espreita-
« vam ensejo de matar Casimiro de Bettancourt,
« mancebo tão honrado como valente, protestei
« livral-o de tão miseraveis inimigos, atacando-os
« sósinho e sem mais arma que um páu de choupa,
« no momento em que elles tinham arrombado a por-
« ta de Casimiro para o irem matar entre sua mu-
« lher e sua filhinha d'um anno. Declaro mais que
« fui eu quem afugentou a companhia, postada ás
« portas de Casimiro, na intenção de o arrancar ás
« garras da justiça; mas o meu amigo não quiz
« fugir, assegurando-me que se havia de salvar sem
« pôr em risco a minha segurança. E por tanto,
« resolvido a acabar com a vida, poucas horas an-
« tes de me deixar matar, faço esta declaração, e
« peço a Casimiro Bettancourt perdão de o ter in-
« felicitado, quando cuidava que o beneficiava com
« o meu zêlo guardador da sua preciosa vida. Peço
« tambem perdão da inexplicavel fraqueza que me
« tolheu de eu ter feito esta declaração desde o mo-
« mento que o meu amigo entrou no carcere. Eu sei
« que elle me perdoou; mas volto as minhas supplicas
« para a esposa attribulada, que tantas vezes, com
« um sorriso de amiga, devia execrar o causador
« das suas calamidades! Faço esta declaração de
« baixo dos olhos de Deus, e juro pela virtude de
« minha mãi que é verdade o que digo, e será infa-
« me quem me não acreditar. Coimbra 19 de mar-
« ço de 1840. *Guilherme de Noronha e Lira.* »

D. Christina perdêra o alento nos braços de Peregrina. Muitos academicos romperam de salto a teia, e vieram parar no meio da sala. O advogado do réu, esquecido das praxes, foi abraçar o cliente, que parecia dar levemente conta da agitação do auditorio, e applicava o ouvido aos soluços da esposa. Os jurados limpavam as lagrimas, excepto

um que tinha recebido uns vinte mil réis de D. Alexandre. O fidalgo-author acachapara-se de modo, que parecia querer sumir-se debaixo da meza. O seu advogado lia a declaração, e carecia de coragem para impugnar-lhe a validade. O juiz dizia ao delegado:

— Deviamos esperar isto, ou cousa semelhante. Este homem, sem provar nada, tinha provado a sua innocencia.

E o delegado confirmava:

— Eu espero a minha vez de abraçal-o!

O cidadão honesto da Couraça dos Apostolos ia a sahir, quando Casimiro, que parecia absorto, disse:

—Snr. juiz, peço a v. exc.ª a graça de ordenar áquella testemunha, que se demore um instante.

— Quer querellar! — bradou o patrono.

— Não quero querellar — acudiu Casimiro, desabotoando uma carteira, d'onde tirou um papel, e acrescentou:

— Disse a testemunha que eu roubára as joias da familia de minha mulher. A testemunha faltou á verdade. Peço licença para ler, e offerecer ao exame das pessoas, que me escutam, a seguinte declaração de meu sogro: «Ruy de Nellas Gamboa de Barbedo, de Pinhel, declaro que minha filha Christina Elisiaria não subtrahiu de minha casa valor algum, nem os seus proprios vestidos e adresses, quando fugiu para casar com Casimiro Bettancourt. E por isto ser verdade, mui espontaneamente, e com juramento aos Santos Evangelhos o declaro agora e sempre. Pinhel 22 de abril de 1839. *Ruy de Nellas*, etc.

— Meu sogro está vivo para confirmar esta declaração.

— Confirmo! — bradou uma voz d'entre as

turbas comprimidas na teia. E logo um gentil ancião de veneraveis cans, e nobre aspeito, com as faces arregoadas de lagrimas, entrou na clareira que a multidão lhe abria, e chegou á beira de Casimiro, e repetiu com a voz quebrada de soluços:

— Confirmo! confirmo! honrado moço, meu filho amado!

E abraçou-se n'elle, e logo na filha, que se lhe lançou aos pés, e em Ladislau e no padre, e na irmã, e em todos quantos vinham com olhos humidos, porque alli quantos choravam, e choravam todos, elle adoptava como amigos, como quinhoeiros da sua alegria!

Que momentos aquelles! Aquelle jubilo febril não matou, porque era santo, porque a Providencia divina se comprazia em contemplal-o!

XVII

Ia turbulenta a comitiva, que seguiu até casa de Bettancourt. A faisca electrica do enthusiasmo, recebida nos lances do tribunal, conflagrou animos juvenis, em bellicoso arrebatamento contra a policia e tropa; sendo que, as duas familias levavam um prestito de centenares de mancebos, urrando vivas á academia, e morras aos futricas e aos soldados. Casimiro parou algumas vezes no intuito de arengar aos moços; porém, a cada palavra conciliadora respondia o fremir de muitas vozes, a pedirem sangue e vingança!

— Parecem-me canibaes! — dizia Rūy de Nellas ao vigario — Esta rapaziada não tem quem a governe!? Pobres paes e mães!

Conseguiram entrar em casa, e acommodar os pequenitos, que vinham chorando de medrosos da vozeria, Mafalda nos braços do avô, e o filho de Ladislau nos do padre João.

Casimiro sahiu á janella a dizer expressões de reconhecimento que a turba desattendia, clamando sempre por vingança, e pedindo ao academico que tomasse o commando dos estudantes para vingar a morte do valente, que o defendera a elle.

Por entre os amotinados circulavam pessoas de respeito, pacificando os animos, ou enganando-os para mais azado lanço. A custo, porém, se dispersaram, compromettidos a reunirem-se no sahimento de Guilherme Lira.

Aquietou-se a rua.

O velho sentou-se entre a filha e o genro, lançando-lhes os braços em volta do pescoço. Alegremente conversou, ora queixando-se de o não terem muitas vezes importunado com rogos de perdão, ora promettendo-lhes em redobro a amisade, que lhes não déra mais cedo.

— Nada de Coimbra—dizia elle a Bettancourt — Vamos para Pinhel, que tu não tens necessidade de ser official com tanto trabalho. A legitima de tua mulher vai augmentando, sou eu que a tomo a juros; e, em quanto eu viver, estareis em casa, sem dispender do vosso. E' preciso pagarem-se as dividas de dinheiro, que as de amor nunca se pagam. Este Ladislau é um grande moço, é o pai no rosto e no coração. Este padre João sei eu bem o que elle é: creou-se debaixo das minhas telhas, e ha-de vir a ser bispo, se a virtude é qualidade para ser bispo. Em quanto á cachorra da Peregrina, esta, se não fosse do Ladislau, havia de casar commigo, que está guapa, esbelta, e uma perfeita dama. Vocês riem-se? Talvez pensem que se

eu quizesse dar madrasta á minha Christina, andaria muito tempo a farejar nas boas familias da provincia!.. Ora agora, tu Casimiro, deixa-te de mathematicas, faz-te lavrador, toma á tua conta os cazeiros da nossa casa, melhora-me os bens livres quanto pudéres, bemfeitorias e mais bemfeitorias nos prazos de nomeação, que eu quero deixar o menos que possa ser ao D. Sueiro, áquelle vil enroupado em habitos fidalgos. São uns lacaios todos, desde o morgado até D. Alexandre, e a minha Guiomar lá se fez com elles, que nem já se dignou escrever-me no dia dos meus annos! Deixai-a commigo... Vamos a saber: vocês não jantam? O contentamento é uma boa iguaria; mas sempre vejam se me guizam o contentamento com umas batatas, e uma fatias de presunto. Vocês comem o contentamento, e eu o resto.

Sahiu Ladislau a tomar o jantar no Paço do Conde, visto que em casa ninguem atinava a saber onde estavam as panelas.

Entretanto, continuou o infatigavel fidalgo:

— Vou logo escrever a minha irmã, a contar-lhe o succedido. Tenho vontade de a vêr; não queria morrer sem a vêr! Foi para Lisboa aos treze annos: era um lyrio de brancura, e galantaria. Nunca mais a vi... Velha não póde estar, que eu levo-lhe vinte annos de vantagem... Bella vantagem, não tem duvida!.. Talvez a convide a vir passar comnosco em Pinhel alguma temporada; mas ella sahe lá de Lisboa! Disse-me um deputado que a condessa vive lá no ultimo fausto, e é visitada por tudo que tem um nome grande na aristocracia e na politica. Será ella constitucional? Isso lá me custa; mas, em fim, o marido era-o; e justo é que ella herde as convicções de quem herdou seiscentos mil crusados em dinheiro, que os vinculos foram a quem

tocaram. Fez uma asneira minha irmã em enviuvar sem filhos.

Ninguem lhe cortava a jovial parlenda ao velho, até que chegou Ladislau com dous moços carregados de vitualhas. A' excepção de Ruy de Nellas, os convivas debicaram levemente nas iguarias. Casimiro comêra regularmente no dia em que fôra preso; e, solto, entretinha-se a repartir o prato entre os pequenos. Não parecia ter a satisfação da alma que lhe tornava fastidioso o alimento; pelo contrario, revia-lhe o semblante uma extraordinaria melancolia.

E' que o moço via diante de si continuadamente a imagem de Guilherme, que, vinte e quatro horas antes, tinha dito a Christina: « A'manhã já v. exc.ª janta em casa com seu marido. » E abstinha-se de revelar a sua mágoa para não compungir a esposa e amigos, que tão alegres estavam, e perdoavelmente esquecidos do commensal do dia anterior, áquella hora amortalhado!

Era já proposito de Casimiro sahir da Universidade, e ir buscar sua vida em qualquer parte ou mistér. Era aquelle anno o segundo já perdido. Entrou-se da certeza que a desgraça lhe atravancava o caminho das sciencias. E elle amava o estudo, deleitava-se nas asperidões da mathematica, e ia desatar-se para sempre e saudosissimo dos seus livros, das suas oito horas de estudo, da sua banqueta de pinho pintado, e de toda aquella pobreza limpa, que as mãos de sua mulher transformava em jaspes, mognos, razes, e ouro.

O convite de ir para Pinhel, com o sogro, seu amigo, entrar no goso das honras da illustre familia, ostentar a benemerencia da sua probidade, regendo a avultada casa, vingar-se assim pacificamente dos de Miranda, nenhum d'estes incitamentos lhe

descontava nas dores. Será paradoxal o dizer que Bettancourt mais se queria refugiar no casal de Villa Cova, com sua mulher e filha, e antes de melhor rosto acceitaria o seu prato á meza de Ladislau? Pois é uma sublime verdade esta! Casimiro olhava em Ladislau, no vigario, e sua irmã, e dizia-se: « O' meus amigos, a minha dôr inconsolavel será deixar-vos. Eu hei-de fugir sempre para as vossas serras, em quanto tiver vida para me lembrar o que fostes para mim e minha mulher nos dias do desamparo! »

— Cuidei que te vinha trazer mais alegria, Casimiro! — dizia o fidalgo.

— V. exc.ª desculpe a minha tristeza — respondeu Casimiro — Enterra-se hoje um meu amigo.

— Pois sim, bem sei que deves ter pena do rapaz; comtudo, cada coisa tem seu lugar. Conversa com a gente, abre um riso nesse rosto, e faz que eu me não persuada que sou aqui de mais para a tua satisfação.

Casimiro levou aos labios a mão do velho, e disse:

— V. exc.ª está gracejando; mas, ainda assim, magoa-me. Eu podia esperar muitas melhorias á minha sorte, que ainda hontem era desgraçadissima no dizer do mundo; porém a vinda de v. exc.ª, com tão amoravel perdão, tamanho bem é que eu nem sonhava. V. exc.ª dirá se eu...

— Não me dês sempre *excellencia*, Casimiro; chama-me alguma vez pai, se queres que eu te chame filho.

Beijou-lhe de novo a mão, em quanto Christina, tomando o maior quinhão do contentamento d'aquella adopção paternal, abraçou-se ao pescoço do velho, e acariciou-o infantilmente.

Ao anoitecer, Casimiro pediu licença para sahir.

— Onde vaes ?! — acudiu Ruy de Nellas.

— Vou acompanhar o cadaver de Guilherme Lira.

Encararam-se mutuamente, e voz nenhuma contrariou a piedade do amigo.

Ladislau, tomando licença de sua mulher, seguiu o compadre. O vigario ficou em companhia de Ruy e das senhoras.

Christina, ao despedir-se do esposo, no patamar da escada, disse-lhe em modelação supplicante:

— E se houver desordem ?..

— Eu farei que haja paz, minha filha.

— Então vaes na ideia de te envolveres na desordem ?

— Não, filha; vou na ideia de evital-a. Limpa as lagrimas, Christina: não appareças assim diante de teu pai, que me accusará de duro para ti. Bem sabes que sagrado dever eu vou cumprir, minha filha.

Sahiram.

Raro academico faltou ao sahimento do cadaver. As alas negras moviam-se vagarosas, tristes e com os olhos em terra. Ao lampejar das tochas rebrilhavam muitas lagrimas.

Guilherme Lira morrera propugnando pelos brios academicos, diziam : era um engano. Guilherme morrera, suicidando-se. E' verdade que, no correr de quatro annos, mão terrorista pesára sobre a gente coimbran, avêssa aos academicos, de cujo pão vivem. Soldados e verdeaes respeitavam a batina, porque Guilherme Lira vestia uma. Sobravam razões de gratidão áquelle desgraçado ; mas o seu morrer , o derradeiro arrojo não era já valentia ; fôra um ir metter o peito ás espingardas que o abocavam.

Foi o cadaver lançado á cova. N'este acto, Ca-

simiro sahiu de entre a multidão que rodeava a sepultura, e lançou sobre o cadaver a primeira pá de terra. Depois cruzando as mãos sobre o peito, e sem desfitar os olhos da cabeça empannada e ensanguentada do morto, disse:

« Alli está a mocidade, e a força; alli está um mancebo, que deixou mãi n'este mundo; n'isto parou o grande alento d'onde os infortunios da vida desviaram as torrentes dos influxos do céu. Este homem seria o anjo do bem, se melhores condições da mocidade o não houvessem saturado de odio contra o mundo. Eu sei a historia d'esta existencia perdida, senhores. Este moço era bom; derramou inutilmente os balsamos do coração; achou-se vasio de amor; e repletou-se de peçonha e odio. Cansou-lhe a coragem para a resignação; sobreveio-lhe o delirio da vingança, cega vingança, sêde voraz de sangue; mas observai, senhores, que a tentação nem sempre venceu o instincto do céu com que fôra dotado este moço. Aquelle homem teve tantos amigos, tantos que, entre vós, um só não ha que se peje de mostrar as lagrimas. As minhas seria vergonhoso que se não vissem: eu hei-de choral-as longo tempo.... Vós sabeis que as portas do carcere se me abriram hoje, porque esta sepultura vai ser fechada. E eu, na presença de centenares de testemunhas, e por aquella redemptora cruz vos juro que acceitaria a minha prisão perpetua em troca da vida d'este homem, que era vosso, assim como tinha sido o meu defensor...

— Vingança! vingança! — bradaram algumas vozes de estudantes, que agitavam os gorros, e as tochas. Espectaculo para terror era aquelle em volta de um cadaver! E um brado, conglobado de mil brados, respondeu.

— Vingança!

Casimiro ergueu a mão, pedindo silencio, e exclamou:

— Paz! paz! é que eu vos peço, em nome de vossas mães! em nome das cans do velho pai, que espera amparar-se em vosso braço! em nome de vossas irmãs que fiam do vosso auxilio o seu futuro! em nome das almas candidas que vos sorriem ao coração dias de maior felicidade. Paz vos peço eu, meus amigos, apontando-vos este moço que está por aquelles labios frios contando o que é a desordem, o que é a guerra, o que é o desencaminhar-se um homem da estrada, onde ha espinhos, para tomar pela estrada onde ha abysmos. Que util lição, que excellente preceptor nos está sendo este cadaver! Lembrai-vos, senhores, que este moço tem mãi. Entrai com o espirito no coração das vossas. Avaliai o amargor das lagrimas que verterá cada uma das santas do amor, se um de vós cahir n'aquell'outra sepultura. Consenti que eu falle n'este instante pelo brado de todas, e vos peça o que ellas supplicantes a cada um de vós pedem: «Paz, meu filho!»

Callou-se Casimiro. Respondeu o ciciar da respiração alta do immoto auditorio. Retirou-se elle da margem da cova, e caminhou triste por entre a multidão, que deixára pender o braço sobre a arma escondida sob a capa. D'ahi a pouco, os academicos debandavam em grupos, e o silencio d'aquella sepultura estendeu-se pela face da cidade.

Ao sahir do cemiterio viu Casimiro diante de si a esposa, o sogro, o vigario e Peregrina.

— Viemos ouvir-te, filho — disse commovido o velho.

— E' superior á nossa admiração, snr. Casimiro!— disse o vigario.

— Eu sou apenas superior aos maus pela vir-

tude de os lastimar — respondeu Casimiro, dando o braço ao sogro, cuja sensibilidade lhe quebrantava as forças.

Desde logo, a pedido de Ruy de Nellas começaram as senhoras os aprestes para a jornada no dia immediato á tarde. O velho futurava o rompimento de alguma revolução academica, a intervenção pacificadora de Casimiro, e a fortuita desgraça de ser empenhado pela honra a coadjuvar o partido dos estudantes.

A esta hora, meia noute seria, D. Alexandre de Aguilar, infamado, despresado, e solitario na sua angustia, esvasiava garrafas de cognac, no intento de aturdir-se e responder com a gargalhada do ébrio ao grito da vergonha. Os deploraveis perdidos, que se valem d'esta triaga, parece que a si propriamente se estão castigando com mais crueza do que poderia castigal-os a justiça humana. Noute alta, o ébrio batia com a cabeça nas vidraças de suas janellas, farpava a face nas arestas dos vidros, e rugia imprecações contra Deus. As patrulhas acummulavam-se á sua porta, e gargalhavam das estupidas objurgatorias do moço. Acudiam os academicos visinhos, e bradavam-lhe:

— Calla-te ahi, miseravel; afoga-te em cognac; não appareças mais á luz do sol; mas calla-te, besta, que, para seres féra, só te falta a bravura.

O tumulento fitava o ouvido, e respondia com roucos insultos, requintados em obscenidades de alcouce.

De madrugada, o neto dos Parmas d'Eça acordou de frio que tinha o peito ensopado no proprio vomito.

Sentou-se, circumvagando os olhos espavoridos por sobre a desordem que o rodeava. Ergueu-

se cambaleando, recahiu n'uma poltrona, escondeu o rosto entre as mãos, e chorou.

Oh! aquellas lagrimas é que não eram infames!

O desgraçado lembrou-se que, cinco annos antes, tinha mãi, e que a profetica senhora muitas vezes lhe dissera: «Presagia-me o coração que hasde ser desgraçado, meu filho.»

— Porquê?—perguntava elle.

— Porque tens dezesete annos; sahiste hontem do collegio, e já hoje escarneces a religião de teus paes. Assim tão cedo deixaste estragar o coração!.. D'aqui a annos, nem por amor do teu nome, nem por calculo, serás honrado!

E, cinco annos depois, e só então lhe lembraram as palavras de sua mãi!.. Era o seu anjo da guarda que as recebera então, e agora lh'as offerecia á memoria, como lenimento unico d'aquella funda ulcera de descredito, desgraça, e infamia.

Na noute d'esse dia, D. Alexandre desappareceu de Coimbra, foi caminho de Lisboa, d'ahi pediu sua legitima a D. Sueiro, e sahiu de Portugal. Ha vinte e tres annos que foi, e não voltou.

XVIII

A's duas horas da madrugada do dia seguinte ao das scenas descriptas no anterior capitulo, chegou á porta da hospedaria, chamada *Paço do Conde*, uma carruagem, tirada por duas parelhas. Abertas as portas, apeou uma senhora, dando a mão a um padre velho que descêra primeiro, e logo uma creada. O padre, respondendo á pergunta do crea-

do do hotel, disse que a senhora condessa de Asinhoso tomaria um caldo de galinha, e voltou a receber as ordens de s. exc.ª

— Pergunte padre Francisco — disse ella — se hoje foi o julgamento de um academico chamado Casimiro de Bettancourt.

O padre foi comprir, dizendo entre si: «que importa á senhora condessa o julgamento do academico, chamado Casimiro de Bettancourt? Pois será para assistir á audiencia que ella vem a Coimbra com jornadas forçadas?!»

Volveu o padre, dizendo:

— E' uma historia interessante, que parece novella, a do tal academico, senhora condessa. Em resumo, conta o estalajadeiro que, estando para ser julgado o reo, e forçosamente condemnado, appareceu a declaração d'outro academico, que mataram antes de hontem, confessando-se o matador. Em consequencia do quê, o tal Bettancourt foi posto em liberdade.

— Graças, graças, meu Deus! — exclamou a condessa, ajoelhando.

O padre petrificou-se, e encarou na creada tambem petrificada: nenhum ousava tugir um monosylabo.

Ergueu-se a condessa, e enviou de novo o capellão pedir ao dono do hotel a bondade de fallar com ella por alguns minutos.

O estalajadeiro vestiu a casaca, e esperou na sala a senhora condessa de Asinhoso.

Interrogou-o ella ácerca de todas as miudezas concernentes á soltura de Bettancourt. O informador relatou-as todas, desde as severas lições que o academico dera a D. Alexandre, até ao *lindo discurso*, dizia elle, que o amigo de Guilherme Lira improvisára á beira da sepultura; e n'uma especie

de apostilla á narrativa contou a esquecida circumstancia de ter rompido inesperadamente pelo tribunal dentro o fidalgo, sogro do estudante.

— Pois elle está em Coimbra?! — interrompeu vivamente a condessa.

— Vi-o eu, minha senhora! E' um velho bonito! basta vel-o para se dizer: «aquelle é um fidalgo dos antigos tempos!»

— Sabe onde mora Casimiro Bettancourt?

— Sei, minha senhora.

— De manhã tem a bondade de me guiar a casa d'elle?

— Pois não, senhora condessa?..

O capellão, cujo quarto era sob o pavimento dos aposentos da condessa, apesar de contuso e moido dos solavancos da carruagem pelas barrocas da estrada real de 1840, não pôde adormecer, ouvindo até á madrugada os passos da illustre dama, e o abrir e fechar das portadas d'uma janella. Certo fôra que a condessa nem se quer encostára a face ás almofadas do leito, e, de quarto em quarto de hora, ia impaciente abrir a janella a ver se rompia a alva.

Assim que aclarou o céu, já a senhora despertou a creada para lhe dar do bahu outros vestidos e ornatos.

Ao nascer do sol, estava s. exc.ª vestida a rigor de viuva opulenta: modestia elegante, pompa meio velada pela côr escura do estofo.

O padre, que perdera a esperança de adormecer, levantou-se, e foi á ante-camara receber as ordens da condessa. Sahiu ella a dizer-lhe que tomaria uma chavena de café, e ás nove horas sahiria acompanhada de sua reverendissima.

Sua reverendissima, vendo-a assim adereçada, consentiu que o demonio da maledicencia lhe encavalgasse o espirito. «Dar-se-ha caso, dizia elle com-

sigo, que a condessa esteja namorada deste Bettancourt? Querem ver que esta senhora, aos quarenta e seis annos, tresvaliou, e vai destruir o bom nome que está gosando?!.. Mas não! — monologava elle, tornando sobre si— Vai-te espirito aleivoso que me tentas! Aqui ha segredo que eu vou saber logo! Esta senhora é o typo da honestidade, e o modêlo das viuvas honradas!»

A's nove horas sahiu a condessa, com o seu capellão e o estalajadeiro.

Chegaram defronte da pequena casa da Couraça dos Apostolos.

— E' aqui —disse o guia.

— Obrigada. Póde ir, que eu demoro-me.

Subiu a dama a declivosa escadinha, e bateu á porta do topo. O capellão seguiu-a, gemendo.

Abriu uma criada a porta.

— Posso fallar ao snr. Ruy de N'ellas? — disse a condessa.

Foi a criada á saleta em que as duas familias estavam almoçando, e noticiou que era uma senhora ricamente vestida a perguntar pelo snr. Ruy de Nellas.

— Quem póde ser?!—reflectiu o fidalgo.

— Abre-lhe o meu quarto de estudo, e diz á senhora que entre— disse Casimiro.

Quando a criada sahia da saleta, já a condessa estava á entrada, dizendo:

— Não sou de ceremonias, vou entrando, porque já conheci a voz do mano Ruy.

Levantaram-se todos. O velho abriu os braços, e ficou de braços abertos, e bocca tambem aberta.

A condessa chegou-se ao alcance do abraço, e disse:

— Parece que o mano duvida...

*

— Duvido... — balbuciou elle — pela mesma razão que não devia duvidar... Tu tens vinte e cinco annos, Eugenia! Estás quasi como te vi sahir de Pinhel!

— Cuidei que lisonjas taes eram desusadas entre irmãos, Ruy!.. Pois eu dir-te-hei que estás bastante alcançado. A vida de provincia é menos salutar do que dizem as pessoas que envelhecem na corte. Senta-te, Ruy, e dá-me uma chavena do teu café.

— Tu aqui, mana!.. tu aqui!.. — voltava o fidalgo — Deixa-me convencer bem de que estou acordado!.. Quem é aquelle senhor?..

— E' o meu capellão.

— Sente-se, snr. padre capellão, sente-se.

— Qual d'estas meninas é tua filha! — perguntou a condessa.

— E' esta, aqui tens a minha Christina.

A condessa beijou-a, abraçou-a, e mandou-a sentar.

—Este é meu genro—continuou o velho, apresentando-lh'o.

Casimiro deu um passo, e curvou reverentemente a cabeça.

— Este é que é o snr. Casimiro Bettancourt? —disse a condessa apertando-lhe a mão.

E a mão ardia, tremia, e apertava extraordinariamente.

— As outras pessoas, — concluiu Ruy — são filhos do meu coração: aquella é a minha Peregrina, e aquelle o meu padre João. Lembras-te, Eugenia, do José Ferreira da Rechousa, nosso caseiro?

— Lembro.

— Pois são filhos d'elle que eu herdei. Aquell'outro, que alli vês, é Ladislau, marido de Peregrina.

— E estas duas creancinhas?

— Uma é minha neta e tua sobrinha, primogenita e unica de Christina, a outra é filho de Ladislau.

A condessa, ouvindo o irmão, a cada instante relanceava os olhos a Bettancourt, unico da comitiva, que ficára de pé, no intento de servir a hospeda, e dar a sua cadeira ao capellão.

— Senta-te, Casimiro — disse o velho — Aqui tens, Eugenia, o meu orgulho, a minha glória, o meu Casimiro sem mancha de culpa, com a sua honra illibada! Não foi preciso appellarmos para Lisboa. A justiça de Deus veio mais cedo do que a esperavamos. Eu te conto como isso foi...

— Sei tudo — atalhou a irmã — Já me informaram na hospedaria.

— Mas como estás tu aqui, mana? — tornou Ruy — Vinhas munida, talvez, de cartas para alcançares a absolvição de teu sobrinho em Coimbra?

— Não, Ruy — tartamudeou a condessa.

— Então que palpite foi esse de te botares ao caminho, sem saberes a decisão do julgamento?!

— Dizes bem, Ruy... foi um palpite...

— Bem hajas tu que vieste dar o remate á nossa satisfação! Agora vaes comnosco para Pinhel, não é assim?

— Irei. E hoje janto comvosco.

— Isso estava sabido!.. pois então?!

A condessa disse a padre Francisco:

— Póde ir, e descansar á sua vontade, padre capellão, que eu passo aqui o dia. Queira dar esta parte á criada.

Sahiu o padre, e todos passaram ao quarto de estudo de Casimiro, que era a parte mais alegre e arejada da casa.

— Estou entre amigos! — disse com um pro-

fundo suspiro a condessa — E' a primeira vez na minha vida que digo isto!

Ruy comprehendeu a irmã, relembrou a mocidade dolorosa de Eugenia, e fez um gesto compassivo, e outro que significava: «não lembremos o que lá vai».

Porém, Casimiro impressionado d'aquellas palavras, disse respeitosamente:

— As felicidades de v. exc.ª não devem ter sido invejaveis!.. Em volta da riqueza, da formosura, e de um nome distincto costumam reunir-se muitos amigos... ou, pelo menos, muitos que o parecem...

A condessa encarou n'elle com penetrant olhos, e disse:

— Lastima-me, não é verdade?

— Minha senhora — balbuciou Casimiro — peço perdão... não quiz dizer que lastimava v. exc.ª... Quaesquer que tenham sido suas magoas, a sua elevada posição não consente que eu me condôa...

— Está bom, está bom — atalhou Ruy — não se falla aqui em magoas, nem dó, nem lastimas! Este meu Casimiro tem uma propensão para discursos tristes, que nunca vi!.. Olha que hontem á noute, mana, o que elle disse á beira da sepultura do Guilherme, ia arrancar ao fundo do coração as lagrimas de quem nunca tivesse chorado!

— E' porque eu dava o exemplo, chorando, snr.ª condessa — ajuntou Casimiro.

— E deve ter chorado muito! — disse ella.

— Pouco, minha senhora. Sou um homem muito resignado, ou muito forte. A mim as grandes angustias levemente me abalam. Algumas vezes tenho chorado por cousas insignificantes. Posso ver a olhos enchutos morrer minha filha, e não pode-

rei ouvir sem lagrimas o piar de uma ave, a quem mataram os filhos no ninho. Isto será deformidade de organisação; mas dureza de alma não é, minha senhora... Meditando na minha indole, vim a considerar que para mim o incentivo das lagrimas, é uma certa poesia funebre e maviosa, sensação que eu não sei d'outro modo definir; ao passo que as desditas positivas, cerradas e suffocantes regelamme a alma.

— Elle ahi está a fugir para a tristeza! — interrompeu o fidalgo.

— Deixa-o fallar, mano... — pediu a condessa.

— S. exc.ª tem rasão... — disse Bettancourt — eu sou incorrigivel, e tenho contagio. Aqui está a minha Christina absorvida tambem na sua meditação...

— Não! — accudiu Christina — eu estava a pensar com alegria nas tuas tristezas passadas, meu Casimiro.

— E todos com o passado ás voltas! — clamou Ruy — Fallem no presente, descubram o futuro, e não me afflijam, que vai aqui tudo razo! Querem ver que a minha Eugenia tambem é melancolica? Em pequena eras muito, menina! O teu gosto eram sombras de arvores, fontes, ver o céu de noute... Aqui estou eu tambem a fugir para traz trinta e tantos annos! Bem diz o Casimiro que a sua scisma é pegadiça!..

— Mas olha, mano, deixa-me conversar com o teu genro, ainda que o passado te aborreça...

— O que eu observo, Eugenia, é que tu sympathisas grandemente com elle!...

— Porque não!?

— Beijo as mãos de v. exc.ª — disse Casimiro.

— Isso, quando se faz, diz-se.

— O quê, senhora condessa?

— Disse que me beijava as mãos... então... beije.

Casimiro inclinou-se, e beijou de leve a mão da dama, que lhe apertou vertiginosamente a d'elle.

Este visivel estremecimento impressionou Christina e Peregrina, que se encararam de um modo que poderia ser duvidar do bom senso da condessa.

— Vamos conversar, snr. Casimiro — disse Eugenia. — Queira sentar-se ao meu lado. Meu mano já me disse que o snr. era filho de um militar, que morreu no cêrco do Porto.

— Sim, minha senhora, sou filho de Duarte Bettancourt.

— Conheceu seu pai? Onde estava quando elle morreu?..

— Conheci meu pai. Vi-o em 1830 pela ultima vez. Estava eu no collegio dos Nobres, quando elle morreu.

— Sabe em que anno nasceu?

— Sei-o dos proprios apontamentos de meu pai.

— Escriptos por elle mesmo?

— Sim, minha senhora.

— Dá-me licença que os veja?

— Por que não, snr.ª condessa? Aqui está a velha carteira de meu pai...

A condessa tomou da mão de Casimiro, com soffrega ancia, a carteira, que folheou.

— Onde é? — disse ella convulsiva.

— Aqui, minha senhora — respondeu Casimiro, indicando-lhe a pagina, que a condessa leu:

Meu filho Casimiro nasceu em 15 de janeiro de 1816. Foi baptisado em S. Domingos de Santarem aos 22 do mesmo mez. Foi creado no Cartacho d'onde sahiu em 1820...

A condessa murmurava ainda; mas não lia o restante da nota. Fechou a carteira, e volteou-a nas mãos, remirando-a. Depois, pregou os olhos no rosto de Casimiro, e permaneceu n'este spasmo alguns minutos, até que muito do fundo do seio lhe sahiu um grito estridente, e uma explosão de lagrimas em que a luz da vista parecia innevoar-se.

— V. exc.ª soffre!.. — disse Casimiro.

E acercaram-se todos da condessa, que, tomando a mão de Bettancourt, ergueu-se de impeto, e disse-lhe:

— Leve-me a uma janella... dê-me ar, e uma gotta d'agua.

— São nervos! — observou Ruy — é da casa, que é abafada... Abram todas as janellas... Queres tu descer ao quintal? Vai com ella, Casimiro... Vamos todos.

— Estou melhor — atalhou D. Eugenia — Já respirei...

— Costumam dar-te estes accessos, mana?

— Costumam...

Sentou-se de novo, reparando na carteira, e outra vez se lhe tingiu de escarlate febril o rosto.

— Mysterio! — disse o vigario ao ouvido do cunhado.

— Que cuidas?! — perguntou Ladislau.

— Esperemos.

A condessa affastou das fontes os cabellos empastados de suor, e disse cortando as palavras de suspensões, que pareciam o abafar de mão estranha na garganta:

— Casimiro esteve no collegio dos Nobres até...

— Até 1834, minha senhora — respondeu o filho do major.

— E depois...

— Como perdi meu pai, fui a Pinhel procurar amparo de parentes pobres.

— E nunca viu no «Diario do Governo» um annuncio perguntando se existia um filho do major Duarte Bettancourt?

— A Pinhel nunca chegou esse jornal — disse Casimiro — E quem se interessava em saber se eu existia?

— Quem?..

— Sim, minha senhora.

— Era eu.

— V. exc.ª! — acudiu Casimiro com assombro.

— Com que fim eras tu, Eugenia? — perguntou o fidalgo.

A condessa fitou a vista incendiada no irmão, e disse:

— Com o fim de saber se existia... meu filho!

Assim devia ficar uma familia de Pompeia, de subito, empedrada na invasão da lava fulminante. Uns a outros, com olhos pavidos, pareciam pedir o claro sentido d'aquellas palavras.

Casimiro sentiu lavaredas no seio, e descerrou os labios á expedição do lume. Estrondeavam-lhe no encephalo umas allucinações de ebrio. Dos olhos de sua mãi afuzilavam umas como frechas que lhe cortavam de lampejos o curto espaço de ar intermedio. Para os outros, ha só o termo estupefacção que os descreva. A condessa oscillava outra vez assoberbada pela commoção nervosa; já se não sustinha, com as mãos apoiadas nas costas da cadeira. Levantou-as, estendeu os braços como a pedir amparo. Encontrou o seio de Casimiro, e n'elle inclinou a face, exclamando:

— Meu filho!..

— Mas isto é tudo um sonho! — disse Ruy de Nellas, levando as mãos ás fontes.

Casimiro ajoelhou com a mãi nos braços. As duas senhoras, sem segura consciencia do que faziam, foram amparar a condessa. O vigario poz as mãos em attitude de quem ora. Ladislau cruzou os braços no peito contemplando o grupo.

De subito, Casimiro affastou um pouco a face, contemplou o rosto pallido da condessa, beijou-a na fronte, e disse:

— Tenho mãi, meu Deus!.. Eu sabia que a tinha, e havia de encontral-a!..

Então, chorou, a torrentes!

Se não chorasse, enlouquecia.

XIX

Decorridas algumas semanas, o casamento de Casimiro Bettancourt com sua prima carnal D. Crhistina de Nellas era validado pelo Nuncio apostolico, dispensando no parentesco, e saneando a ignorada irregularidade. A condessa perfilhava Casimiro para lhe segurar a successão de seus grandes cabedaes. Casimiro, porém, com quanta delicadeza e respeito a ternura filial lhe inspirou, disse que só acceitava a perfilhação para ser seu filho, e não seu herdeiro. Ficou interdicta, e alheia da intenção da resposta, a condessa. O filho esclareceu assim a propria demencia:

— Minha mãi herdou de seu marido: eu, filho de outro homem, que morreu pobre, peço licença para ser estranho aos haveres do snr. conde de Asinhoso. Eu sou filho de D. Eugenia de Nellas. Minha mãi ainda tem a sua legitima n'esta casa de Pinhel. Essa acceito-a como dote para egualar o patrimonio de minha mulher.

— Pois sim, filho, faça-se a tua vontade — disse a condessa.—Por minha morte ficarás agricultando algumas geiras de terra em Pinhel, que valerão doze mil cruzados. Ficarás sendo um lavrador dos menos abastados da comarca. Minha sobrinha Guiomar virá senhorear-se do vinculo e da casa que é vinculada. Tu com tua mulher e filhos irás viver no casal da Rechousa, ou n'outro semelhante, que ameaçam ruina.

— As paredes abaladas especam-se, minha querida mãi; a dignidade aluida é que nunca mais se repara. Eu amo a mediania, que é o refugio da paz. As lições da vida deu-m'as o lavrador de Villa-Cova. Minha mãi prometteu-me ir ver de perto a casa de entre serras, aquelle abrigo de honrados e de santos. Venha commigo alli estar uns dias, e v. exc.ª, olhando d'alli para o céu, dirá: «se ha paraizo na terra, se ha bem no mundo, é aqui».

— Iremos, filho; eu tambem o desejo. Já estou convidada para ser madrinha do segundo filho de Ladislau. Bem vês que ando a cuidar-lhe do enxoval.

E, logo na semana seguinte, partiram todos para Villa-Cova, e as meninas solteiras de Pinhel tambem.

Quem é este homem de jaqueta de pano azul e colete encarnado, e chapeu braguez que vai a pé, ao lado da egua em que monta a condessa?

E' mestre Antonio — o carpinteiro—. Alli vai conversando em obras, que é preciso fazer aqui e acolá, nas casas arruinadas do fidalgo. A condessa trabalha por tirar este homem do officio: offerece-lhe dinheiro para erguer casa, e comprar bens. Mestre Antonio responde:

— Fidalga, grande nau grande tormenta! Deixe-me cá com a minha vida que vou bem assim.

Meu filho brazileiro manda-me duzentos mil reis cada anno, e eu, a fallar verdade a v. exc.ª, tenho-os alli para uma gaveta, sem saber de que me servem. A minha alegria é o trabalho. Em pegando dous dias-santos, ando como tolo sem saber em que hei-de gastar o tempo.

— Mas gaste-o em trabalhar nos seus bens.

— Nos meus bens trabalho eu, snr.ª condessa.. Logo que me pagam o serviço, alguma cousa tenho dos bens em que trabalho.

Ficarás, por tanto, carpinteiro, honrado homem, mas homem honrado, toda a tua vida!

Custa a caber tanta gente na casa de Villa Cova! Armam-se leitos de bancos nos cazarões das tulhas. O quarto solemne dos padres é consignado ao fidalgo. A condessa occupa o de Peregrina. Que feliz barafunda alli vai! Os creados vem carregados de caça dos montes. O fidalgo quer ir á cosinha fazer umas troixas de ovos, cuja receita lhe deram os anjos. A condessa anda lá pelos campos a correr atraz da netinha. As irmãs de Christina sobem á lapa da Crasta e entram de lá a berrar que lhes accudam, que as comem os lobos. O capellão da condessa, acertando de encontrar na livraria dos padres Militões, as cartas manuscriptas de fr. Bartholomeu dos Martyres, persegue toda a gente para que lhe ouçam ler as cartas, e os commentarios soporiferos d'elle. Quem mais o atura é Casimiro, que foge do bulicio para a livraria defeza ás corrimaças das cunhadas.

Chega o dia do baptisado, e n'esse dia apparece inesperado em Villa-Cova um tabellião de Pinhel, a rôgo da snr.ª condessa de Asinhoso. Lavra-se uma escriptura. E' uma doação, que faz a mãi de Casimiro, ao seu afilhado Ruy, filho de Ladislau. Dôa-lhe quinze mil cruzados em inscripções

no Banco de Portugal, em virtude dos muitos e impagaveis favores que devia a seus paes.

Casimiro abraça sua mãi, e exclama :

— A virtude é engenhosa, minha qnerida amiga !

Os paes do menino beijam-lhe a mão, e Ladislau diz :

— Com a condição de que meu filho conservará o deposito como patrimonio dos desgraçados; mande v. exc.ª escrever esta clausula na escriptura.

— Ladislau — disse a condessa — já lh'a deve ter escripta no coração.

Alli se detiveram trinta dias. De Pinhel, em cada semana, vinham cargas de viveres. Ladislau sentia-se, e o fidalgo respondia :

— Isto é para o capellão da mana condessa, que lê muito as cartas do fr. Bartholomeu; chora de enthusiasmo ; mas não o imita na temperança. Seria capaz de engolir o santo, o bom do egresso, se o pilhasse ! Sem este contrapeso de vitualhas, amigo Ladislau, eramos todos victimas da gulodice do padre. Vamos lançando estes bocados ao Acheronte, que promette, ao contrario do outro, levar-nos para o céu, se não adormecer no meio do caminho.

A alegria dava graça ao velho, que, em geral, era semsaborão.

Na volta para Pinhel trouxeram comsigo a familia de Villa Cova, salvo o vigario que voltou ao amor do seu rebanho.

Sahiu para Lisboa o capellão da condessa com ordens ao procurador para vender o palacio, os trens, os primores da Asia, que opulentavam a triste vivenda da viuva. Triste, sem um amigo, como ella dizia. Ao mesmo tempo, o egresso cumpriu outras ordens com referencia ao ministro da justiça. Ultimado tudo, voltou o padre a Pinhel : ia relou-

cado de prazer, porque, á ultima hora, soubera que fôra nomeado conego da patriarchal. Beijou as mãos á condessa.

— Vá— disse-lhe ella sorrindo — vá imitar na pobreza ecclesiastica o seu predilecto Bartholomeu dos Martyres.

Na mesma data era nomeado conego da sé da Guarda o padre João Ferreira.

O vigario, avisado na sua pobre parochia, foi a Pinhel, depositou a mercê nas mãos da condessa, e disse :

— Perdoe-me v. exc.ª a recusa: eu não posso separar-me de minha irmã e cunhado. V. exc.ª não quer que eu morra de saudade nas delicias de um cabido. Consinta que eu me deixe alli viver á sombra das virtudes dos padres de Villa Cova.

— Eis aqui um padre novo, que destôa das doutrinas do meu velho capellão !—disse a condessa — Pois sim, padre João, vá para o seu presbyterio, e venha ver-me muita vez, e tome á sua conta a milha velhice.

Christina contou a sua tia e sogra os menores incidentes do seu namôro, e mostrou-lhe o José-pastor que tão util e leal lhe fôra.

Chamou a fidalga José-pastor e mandou-lhe que dissesse a razão por que fizéra aquelles serviços ao snr. Casimiro e á menina.

O rapaz respondeu:

— Era toda a gente contra elles, e eu disse cá c'os meus botões: ora deixa estar que eu vos dou nas ventas para traz.

— E nunca te deram nada ?

— Elles que me haviam de dar, fidalga?!

— Então fazias tudo sem interesse?

— O que eu queria era vel-os casados. A menina estava lá em cima fechada a chorar, e o snr.

Casimiro andava lá por longe escondido... fizeram-me muita pena! Foi o que foi.

— Queres tu ser padre? — perguntou a condessa.

— Padre?!

— Sim.

— Não, senhora. Antes queria ser sargento.

— Sargento!... mas tu és muito rapaz ainda para assentares praça.

— Posso assentar praça de tambor, que os tambores são do meu tamanho.

— E's tolo, rapaz! Queres tu estudar para depois seres official?

— Eu já sei ler, que me ensinou o snr. Casimiro.

— Poi sim; mas agora vais aprender outras coisas para Lisboa.

— E leva-se lá bordoada de cego?

— Não, patarata, ninguem lá te bate.

— Então, se a fidalga quer, e o fidalgo deixar, vou.

E foi para a Polytechnica de Lisboa, com recommendação da condessa.

D. Sueiro de Aguilar teve noticia d'estes successos estupendos. Sentiu guinadas de fazer as pases com a familia de Villa-Cova, e por um cabello se não descobre n'esta extrema de despejo. Guiomar ainda escreveu a sua tia, comprimentando-a pela sua chegada. A condessa respondeu: «Agradeço o comprimento de minha sobrinha, e faço votos pela sua felicidade».

Esta sequidão irritou D. Sueiro, que se desentranhou em apostrophes contra a canalha de Pinhel. A tia de sua mulher foi exposta á irrisão dos seus hospedes, na presença da sobrinha. Repetiram-se os velipendiosos amores que deram o filho natural, sobrinho do carpinteiro. Desde este fa-

cto, D. Guiomar odiou o marido, cuja hediondez de caracter só podia ser avantajada por D. Alexandre.

Tratou a condessa de casar suas sobrinhas, com auxilio dos seus haveres. Accorreram pretendentes das melhores casas das duas provincias contiguas, e casaram todas com morgados, homens de bem, vaidosos de seus apellidos, mas inoffensivos, e virtuosos mesmo por vaidade de imitarem seus avoengos. As senhoras dispersas por aquelles palacetes solarengos reuniam-se em casa de seu pai, nas festas do anno, nos natalicios, e no anniversario do casamento de Casimiro. Esta clasula fôra instituida pela condessa.

A tiro de peça de Pinhel, existiam uns casebres derrocados, onde nascera, segundo informações de mestre Antonio, seu cunhado Duarte Bettancourt, filho de um soldado da ilha de S. Miguel, que ficára na metropole, e alli estabelecera uma tenda. Comprou a condessa estes pardieiros aos possuidores, e mandou-os arrazar, e sobre elles edificar um obelisco, cintado por grossa cantaria, com portadas de ferro. Ia todos os dias ver a obra, que durou um anno, com os melhores alveneis rebuscados na provincia. Concluido o obelisco, foi entalhada na base uma lamina de ferro com esta legenda:

À MEMORIA

DE

DUARTE BETTANCOURT

MORTO NO SEU POSTO DE HONRA

em 1834

MANDOU ERIGIR SEU FILHO

CASIMIRO BETTANCOURT

em 1843

Ruy de Nellas, lá muito no seu interior, não gostou da lembrança. Era a natureza a puchar por elle.

N'este tempo, teve a condessa uma hora de muitas lagrimas.

Casimiro, de proposito e por veneração, nunca lhe mostrára duas cartas, que conservava entre os papeis de seu pai, assignadas pela inicial *E.*

N'uma tarde, como estivessem sentados na base da columna, Casimiro tirou da carteira dous papeis dobrados e amarellecidos.

— Que é isso, filho?

— Veja, minha mãi.

Abriu ella, e exclamou:

— E' minha a letra! Como possues isto?!

— Minha mãi já deve saber como as possuo.

A condessa leu soluçante, e beijou aquelle papel, que estivéra nas mãos de Duarte. Leu a segunda, e, em meio da pagina, susteve-se afogada de ancias e lagrimas.

Casimiro arrependeu-se da indiscrição, e acariciou-a, pedindo-lhe, pela memoria de seu pai, que vencesse a sua dor.

Era este o contheudo da primeira carta:

« Não soffras, D. — Conta com o meu valor.
« Parece-me que vou ser arrebatada para uma quin-
« ta do tio. Não sei qual. Eu te avisarei, a preço de
« tudo. O mais que podem é matar-me meus irmãos.
« A minha alma irá identificar-se á tua: viverei sem-
« pre comtigo na terra, e amando-te de um mundo
« melhor. Socega, meu amigo. Se Deus vê a nossa
« innocente paixão, elle nos protegerá. Se não ha
« Deus para nós, seremos um para o outro. Tua, *E.*»

Esta carta devia ter sido escripta antes da ida para Camarate.

A segunda dizia:

« E' horrivel esta oppressão! Tenho medo de
« morrer abafada pela angustia. Vem, aproxima-te,
« dá-me alentos, se não prefiro antecipar a morte.
« Ai! que soledade! que abandono n'esta hora!
« Vem, vem, D., que eu queria ver-te antes de mor-
« rer! *E.* »

Presume-se que esta ultima carta foi escripta de Recaldim para Torres Novas, quando Duarte desceu de Bragança, a receber das mãos de Brites aquella creança, que alli está agora com o rosto de sua mãi apertado ao seio.

Em seguida áquelle trance, a condessa acamou, e teve febres por longos dias. A presença do filho, magro, livido, triste como quem pede a primasia na morte ao lado de um enfermo em perigo, abrazou-a em supplicas fervorosas a Deus, pedindo a vida. Declinaram as febres, volveram esperanças e saude, e continuou o hymno de graças ao Senhor, entoado por aquellas duas familias que rodeavam o leito de Eugenia.

Segura a convalescença, a condessa, prevendo que por morte de seu irmão, a casa de Pinhel passaria á successora do vinculo, cuidou em construir um palecete, em nome de Christina.

Casimiro objectou que d'aquelle modo passava a seus filhos a casa do conde de Asinhoso.

A mãi respondeu:

— Quererás tu privar-me que eu beneficie minha sobrinha? Isto não tem nada que ver comtigo, Casimiro! As demasias da dignidade são uma impertinencia.

Conclusão

Passaram-se vinte e um annos.

Ainda que o contrário se affigure a pessoas, que tem a boa sorte de não escreverem romances, a conclusão d'um livro d'esta especie é dolorosa de fazer-se, quer os personagens tenham existido, quer vivessem, como chimeras queridas, na phantasia do escriptor.

E' doloroso, digo, porque ha ahi um facto formidavel, e horrendo, que tanto vinga nos personagens verdadeiros como nos imaginados: é a morte. O romancista historico tem de matal-os em nome da historia; o romancista inventor tem de matal-os em nome da verosimilhança.

Eu creio que o leitor denega sua fé aos successos, que lhe contei. E' injusto com a maxima parte d'elles. Ahi foram esboçadas umas pessoas, que viveram, e outras que vivem, com outros nomes, e em outras terras. E por isso redobra a minha mágoa por não poder dizer que vivem todos.

As duas sympathicas velhinhas, Brasia de Villa Cova e Brites de Recaldim, essas ha muito que já lá vão. Com isto privo o jornalismo do innocente gaudio de annunciar duas macrobias. Brasia morreu, como lá dizem, á imitação d'um passarinho, com oitenta e nove annos de idade, em seu perfeito juizo, e conformada com a vontade de Deus. Legou os seus ordenados de setenta e nove annos ao filho mais velho de Ladislau, e o seu ouro composto de cordão, cabaças, e anneis a Peregrina. E' verdade que estes valores não chegaram para as missas de que ella onerou os herdeiros por sua alma e por almas idas ha tanto tempo que ou Deus as tinha comsigo, ou o

descondemnal-as seria tardio intento. Brites lá se finou em Recaldim, poucos mezes depois da sahida de D. Eugenia para o Brazil. As desventuras da filha da sua menina minaram-na tanto que a saudosa velha, de dia para dia, se resvalou á sepultura, pedindo a Deus que a não castigasse por ter protegido a desgraçada senhora. Aquella Apollinaria da calçada dos Barbadinhos, que o leitor esqueceu, não esqueceu á condessa de Asinhoso. De volta do Rio de Janeiro procurou-a, achou-a pobre e cega, deu-lhe abundancia, empregou-lhe os filhos, e fez-lhe o enterro, annos depois.

Ruy de Nellas morreu em 1850, nos braços de Casimiro e Christina, unicos filhos que viu á hora da morte. O vigario de S. Julião d'Arga tão santos dizeres lhe fallou n'aquella tremenda hora, que o moribundo inclinou suavemente a cabeça, e expediu a alma ao seu creador, abençoando as filhas ausentes.

Ao nono dia depois do fallecimento, a casa estava vasia, e D. Sueiro entrava a empossar-se n'ella, instaurando logo demandas ás cunhadas, e articulando contra Casimiro Bettancourt um libello de subtracção de baixella vinculada : calumnia que nos tribunaes redundou em maior infamia do litigante.

Christina, Casimiro, e sua mãi passaram á casa construida. Ahi receberam, volvidos tres annos, D. Guiomar de Nellas, fugitiva do marido, que a martyrisava, tornando-a serva de suas creadas, com quem elle devassamente commerciava a morte lenta da esposa. Casimiro recebeu-a com respeito, Christina com amor, e a condessa com a virtuosa indulgencia que aprendera na desgraça. A perseguição de D. Sueiro alli mesmo lhe cravou a seta hervada, fazendo-a intimar para se ir voluntariamente estender no potro de torturas. Casimiro tomou sua cunhada á sua guarda, depositou-a n'um mosteiro de

Villa Real, e d'ahi requereu separação judiciaria, que conseguiu com illibados creditos. D. Sueiro, passados annos, morreu d'um tiro que por descuido se deu, andando á caça. Em Miranda vogava a suspeita de que o tiro lhe fôra desfechado por um irmão vingativo, inconciliavel com a fidalga deshonra de sua irmã. Guiomar tomou cargo da educação de suas filhas, que não tinham educação nenhuma, e vive em paz e devotamente no seu palacio de Pinhel.

Ladislau lá está em Villa Cova, saudoso do seu primogenito, que, ha dous annos, casou com Mafalda, filha de Casimiro, e foi viver em casa do sogro. Ruy, seu filho segundo, está-se ordenando para, no futuro, continuar a missão dos sacerdotes d'aquella casa. O matrimoniarem-se aquelles dous primogenitos era plano feito desde o berço, e sanccionado pelo ceo. Amaram-se desde infantes, e hoje adoram-se como seus paes.

Mestre Antonio tambem já lá está no mundo das almas generosas e puras. Acabou a vida quasi sem erguer mão do trabalho. Como intrevas e aos sessenta annos, mesmo sentado no leito fazia boccetas para doce, ás quaes dava consummo a condessa, arrumando-as em rimas, e pagando-as por um preço que o artista acceitava, sorrindo á piedede da fidalga. Nunca foi possivel demovel-o de sua casa e da sua officina! Ponha o compositor os pontos de admiração que lhe parecer.

Do vigario de S. Julião sabe tambem o leitor que não ha tiral-o d'alli. As virtudes do ultimo padre de Villa Cova é preciso lembral-as elle, que o povo, abençoando as que vê, esqueceu as outras. O egresso capellão da condessa, propendendo a bispo, fez-se politico, e fallava mais nos comicios eleitoraes que cantava no coro. Na vespera de ser nomeado, ceou com tres deputados de sua fabrica,

e rebentou de madrugada, com grande terror das creadas, que affirmaram não cheirar bem o conego: o que é possivel e sem que a sua alma perdesse por isso.

José Pastor, transformado em José de Castro Vieira e Silva (como elle arranjou isto!), é tenente de engenheiros, empregado nas estradas, com grandes vencimentos e creditos de habilidade. Estudou muito, fez a pontaria a engrandecer-se, não quiz saber de namoros, nem de theatros, nem de bailes, e medita em fazer-se deputado por alguma parte, no louvavel intuito de ser ministro das obras publicas: ministro, que eu hei-de defender, posto que eu o considero mais de molde para os estrangeiros em vista da diplomacia de telhado, que o vimos tirar a limpo ha vinte e seis annos.

A condessa de Asinhoso é ainda uma senhora robusta com os seus sessenta e sete annos. A felicidade é a saude. Em certos dias do anno vai visitar a memoria de Duarte Bettancourt, e depois vai, a pé, a S. Julião ouvir missa por alma d'elle. Respeitavel piedade, cujo quilate só Deus póde avaliar, a despeito da censura hypocrita com que nós fingimos representar os juizos do Senhor.

Aqui está o que podemos dizer d'estas familias. As outras filhas de Ruy de Nellas lá estão em suas casas, honrando seus maridos, e abençoando a mão liberal de sua tia, que, em vida, vai disseminando a sua riqueza, já muito diminuta em comparação do que foi. Parece que o anjo da felicidade anda, de casa em casa, saudando, ora o lavrador de Villa Cova, ora o lavrador de Pinhel, ora o virtuoso de S. Julião; e dos actos de todos vai dar contas ao Senhor, que o reenvia com benções novas.

Occorre d'esta historia, natural e concludentemente que o coração do homem, formado na sciencia e nos costumes antigos, encerra a urna dos balsamos para as chagas dos corações formados á moderna. Exemplos tres vezes bemditos: o vigario de S. Julião da Serra, Ladislau Tiberio, Peregrina, e Casimiro Bettancourt.

Excellente seria que tivessemos muitas d'aquellas reliquias dos tempos obscuros, as quaes nos servissem como de quebra-luz, a fim de que a brilhante claridade dos mil lampadarios da civilisação nos não ceguem de todo.

Aqui está, muito á flor da terra, a moralidade da historia, em que tentamos esboçar uma face do *bem* e outra face do *mal* d'esta vida, tão infamada por uns como glorificada por outros.

Senhor dos mundos! vós, quando creastes a brasa da sêde, que requeima os labios do caminheiro do nosso deserto, mandastes ás areias que se desentranhassem em fontes! As fontes correm. E o impio sequioso bebe, consola-se, e injuria-vos!

FIM